

FUNDAÇÃO ANTONIO MENEGHETTI

ONTOPSICOLOGIA

CIÊNCIA INTERDISCIPLINAR

VOLUME IV



FUNDAÇÃO ANTONIO MENEGHETTI
RECANTO MAESTRO - RS
2019



© Todos os direitos reservados à Fundação Antonio Meneghetti

Rua Recanto Maestro, nº 26 | Distrito Recanto Maestro
97230-000 | São João do Polêsine | RS | Brasil
Tel. (55) 3289-1136 | (55) 9 9641-0942

contato@fundacaoam.org.br
www.fundacaoantonioeneghetti.org.br

Fundação Antonio Meneghetti (Org.)

Ontopsicologia: ciência interdisciplinar - volume IV / Fundação Antonio Meneghetti (Org.) - Recanto Maestro, São João do Polêsine, RS: Fundação Antonio Meneghetti, 2017.

400 p.; 23 cm.

ISBN 978-85-68901-12-0

1. Ciência Ontopsicológica. 2. Ontologia. 3. Ciências Humanas. 4. Ciências Sociais Aplicadas. 6. Método - Análise.
I. Antonio Meneghetti. II. Título.

CDU: 01:37

Catálogo na publicação: Biblioteca Humanitas da AMF

APOIO



FUNDAÇÃO ANTONIO MENEGHETTI

CONSELHO DELIBERATIVO FUNDAÇÃO ANTONIO MENEGHETTI
– gestão 2016 - 2019 –

Presidente: Roberto Argenta
Conselheiro: Cláudio Corrêa Carrara
Conselheira: Helena Biasotto
Conselheiro: Horácio Shigueru Chikota

CONSELHO DIRETOR FUNDAÇÃO ANTONIO MENEGHETTI
– gestão 2016 - 2019 –

Diretor- Presidente: Almir Francisco Foletto
Diretor Vice-Presidente Administrativo: Carlos Alberto Gennari
Diretor Vice-Presidente Cultural: Mary Leda Baggio
Diretora Secretária: Patrícia Wazlavick

CONSELHO FISCAL FUNDAÇÃO ANTONIO MENEGHETTI
– gestão 2016 - 2019 –

Presidente: Ari Fernando Foletto
Conselheiro: Ademar Silva Junior
Conselheira: Maria Tereza Andreola

COMITÊ CIENTÍFICO LIVRO ONTOPSICOLOGIA:
CIÊNCIA INTERDISCIPLINAR - VOLUME IV

Presidente: Horácio Shigueru Chikota
Conselheiro: Wesley Lacerda e Silva

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

APRESENTAÇÃO DA COLEÇÃO

PARTE I

CIÊNCIA, FILOSOFIA E ONTOPSICOLOGIA

PRIMEIRO CAPÍTULO

EM DIREÇÃO A NOVOS PARADIGMAS DA CIÊNCIA: CONTRIBUIÇÕES DA CIÊNCIAS ONTOPSICOLÓGICA

Ricardo Schaefer

SEGUNDO CAPÍTULO

ASPECTOS FILOSÓFICOS DE UMA PEDAGOGIA DA AUTENTICIDADE OPERANTE EM ANTONIO MENEGHETTI

Bruno Fleck da Silva

TERCEIRO CAPÍTULO

FILOSOFIA PRÉ-SOCRÁTICA E ONTOPSICOLOGIA: UMA FUNDAMENTAÇÃO FILOSÓFICA

Breno Prado da Silva

QUARTO CAPÍTULO

FÍSICA E ONTOPSICOLOGIA: PRESSUPOSTOS FÍSICOS COMO HORIZONTES DE BASE AO CAMPO SEMÂNTICO

Patrícia Wazlawick

PARTE II

ESTUDOS TEÓRICOS E CONHECIMENTO ONTOPSICOLÓGICO

QUINTO CAPÍTULO

QUANDO LO STUDENTE SI CREDE SUPERIORE AL DOCENTE

Annalisa Cangelosi

SEXTO CAPÍTULO

A IMPORTÂNCIA DO SONHO EM NOSSA VIDA

Elena Lyutikova

SÉTIMO CAPÍTULO

**DA COMUNICAÇÃO TELE (J.J. MORENO) À INFORMAÇÃO
DE CAMPO SEMÂNTICO (A. MENEGHETTI): DIFERENTES
OLHARES PARA A MESMA INFORMAÇÃO EM CONSULTORIA**

Carmen Ivanete D'Agostini Spanhol

OITAVO CAPÍTULO

CONHECIMENTO E CORPO EM ONTOPSICOLOGIA

Ana Acosta

NONO CAPÍTULO

**O HOMEM COMO COEFICIENTE DE SOLUÇÃO NO DIREITO E
NA SOCIEDADE**

Luiz Victor Azevedo Gazzaneo

DÉCIMO CAPÍTULO

**CULTURA, EDUCAÇÃO E RESPONSABILIDADE SOCIAL: UM
ESTUDO DE REVISÃO TEÓRICA**

Danielle Saad

PARTE III

**PROJETOS DE INTERVENÇÃO SOCIAL,
CASES E ESTUDOS EMPÍRICOS**

DÉCIMO PRIMEIRO CAPÍTULO

**TRANSFORMANDO REALIDADES: A PEDAGOGIA ATRAVÉS DA
MÚSICA**

Claudio Carrara

DÉCIMO SEGUNDO CAPÍTULO

**PRINCÍPIOS DA PEDAGOGIA ONTOPSICOLÓGICA NA
EDUCAÇÃO DE UM FILHO**

Gabriela Mombelli, Fernando Belgravo Kohaut da Silva, Estela Maris Giordani

DÉCIMO TERCEIRO CAPÍTULO

ESCOLA DA VIDA: O INÍCIO DE UMA TRAJETÓRIA DE VALOR

Patrícia Michelotti

DÉCIMO QUARTO CAPÍTULO

PROJETO OIKOS: APRENDENDO SOBRE A RECICLAGEM POR MEIO DE ATIVIDADES LÚDICAS

Raquel Melo

DÉCIMO QUINTO CAPÍTULO

PEDAGOGIA ONTOPSICOLÓGICA NAS OFICINAS DE APRENDIZAGENS DO PROJETO CRIARE

Estela Mais Giordani, Elisiana Maria Cassol Tanscheitt, Darla Vargas

DÉCIMO SEXTO CAPÍTULO

PROJETO APRIMORAR: FORMAÇÃO DE EQUIPES DE OPERADORES DE TELEMARKETING ATIVO

Tainá Moreira da Silva, Vera Lúcia Rodegheri

DÉCIMO SÉTIMO CAPÍTULO

RELAÇÕES ENTRE DIREITO AMBIENTAL, MEIO AMBIENTE E SABER HUMANO: ANOTAÇÕES PROSPECTIVAS PARA UMA ANÁLISE

Mariana Brito Araújo

DÉCIMO OITAVO CAPÍTULO

PARCERIA ENTRE UMA EMPRESA BRASILEIRA E UMA HOLANDESA NO SEGMENTO DE LAVANDERIAS INDUSTRIAIS

Vagner Backes, Noemi Boer

DÉCIMO NONO CAPÍTULO

APRENDIZAGEM TÉCNICA E O DESENVOLVIMENTO DA FORMA MENTIS DE ESTUDANTES DE ADMINISTRAÇÃO: UM ESTUDO INTRODUTÓRIO

Karine Cristina Scherer

VIGÉSIMO CAPÍTULO

A TRANSFORMAÇÃO DIGITAL E O MERCADO DE TRABALHO

Tereza Cristina Melo de Brito Carvalho

APRESENTAÇÃO

A PARTE I DO LIVRO É COMPOSTA POR QUATRO CAPÍTULOS EM QUE OS AUTORES ABORDAM TEMÁTICAS RELACIONADAS À CIÊNCIA, FILOSOFIA E ONTOPSICOLOGIA

De autoria de *Ricardo Schaefer*, o capítulo que abre esta edição, reúne informações importantes para a compreensão dos paradigmas científicos, e da relação do homem com a ciência na contemporaneidade. Com o sugestivo título *Em direção a novos paradigmas da ciência: contribuições da ciência ontopsicológica*, o autor parte da visão clássica de ciência para chega à Ontopsicologia e aponta as contribuições dessa ciência com base na necessidade de se considerar a objetividade da subjetividade, excluída da ciência positivista. Em síntese, Schaefer defende que a motivação básica que conduz o homem à investigação científica está em sua curiosidade intelectual, em compreender o mundo que está a sua volta e, sobretudo na necessidade de compreender a si mesmo.

No segundo capítulo denominado *Aspectos filosóficos de uma pedagogia da autenticidade operante em Antonio Meneghetti*, o autor *Bruno Fleck da Silva* explica que a ciência ontopsicológica visa a recuperação do ideário da tradição filosófica greco-tomista em nível ontológico. Defende a necessidade de inserir esse conhecimento no âmbito da aplicabilidade científico humanista. Para isso, explicita a dimensão ontológica baseada em uma pedagogia da autenticidade em que o *Em si* ôntico torna-se real exatidão ou fenômeno da existência. Conclui que a potencialidade operante no universo é fruto do *logos* criador. Portanto, o homem se faz humano na medida em que cria, seguindo a mesma lógica da vida que é criação constante.

O texto, *Filosofia pré-socrática e Ontopsicologia: uma fundamentação filosófica*, de autoria de *Breno Prado da Silva*, integra o terceiro capítulo desse livro. O autor aborda as implicações de cunho filosófico-científico inerentes à fundamentação epistemológica da Ontopsicologia. Em vista disso, o autor discorre a respeito do pensamento pré-socráticos a partir de Heráclito (540-480 a.C.); Pitágoras (575-497 a. C.); Anaxágoras (480/463-428 a.C.); Protágoras (490-411 a.C.); Parmênides (515-440 a. C). Ressalta que, a partir do dito de Protágoras: “o homem é a medida de todas as coisas”, entra-se no critério da Ontopsicologia. Com Parmênides, o grande momento filosófico dentro do indivíduo é aquele em que há uma relação dialética em perfeita consonância de sentido entre sujeito e objeto.

De autoria de *Patrícia Wazlawick, Física e ontopsicologia: pressupostos físicos como horizontes de base ao campo semântico*, compõe o quarto capítulo desta obra. Nesse texto, a autora declara que, após seis anos de estudo entre Física (Mecânica Quântica) e Ontopsicologia, identifica similaridades que comprovam as aproximações entre essas duas ciências, com destaque ao Campo Semântico, uma das descoberta da Ontopsicologia. A autora informa que, a partir de agora, os estudos se orientam também ao que existe de novo neste momento pós-moderno, contemporâneo à Física Quântica nuclear e suas aproximações da ciência ontopsicológica, de modo especial, com o objetivo de estudar os conceitos de campo, realidade e informação.

A PARTE II DO LIVRO, DENOMINADA ESTUDOS TEÓRICOS E CONHECIMENTO ONTOPSICOLÓGICO COMPREENDE SEIS CAPÍTULOS, EM QUE OS AUTORES, CUIDADOSAMENTE, APROFUNDAM ESTUDOS RELATIVOS AO CONHECIMENTO ONTOPSICOLÓGICO. OS CAPÍTULOS SEGUEM A NUMERAÇÃO DA PARTE I.

Annalisa Cangelosi, no quinto capítulo denominado *Quando lo studente si crede superiore al docente* aborda um problema contemporâneo, que ocorre, principalmente, em escola brasileira: a violência contra o professor. A autora argumenta que, na carreira de qualquer professor, ocorrem situações em que ele jamais havia imaginado no início da profissão. Refere-se a situações em que o aluno se considera superior, pondo em dúvida a competência e a função social do professor. Com quase 20 anos de docência e com experiência em diversos países, *Cangelosi* trata com conhecimento de causa e apurado respaldo teórico a relação professor-aluno. Ressalta que, para alguns, o professor pode ser mais que pai e mãe porque colabora com o projeto de vida do aluno. Conclui que a arte da docência está em aprender a amar o aluno sem cair no *transfert* afetivo.

O texto de *Elena Lyutikova* compõe o sexto capítulo e tem por título *A importância do sonho em nossa vida*. A autora mostra que o sonho é o nosso melhor amigo, nunca nos enganar e sempre diz a verdade a respeito de nossa vida. Ressalta que, em seu trabalho de consultoria, confia mais no sonho dos clientes do que em suas palavras. No decurso do texto, apresenta os critérios sobre os quais baseiam-se os métodos ontopsicológico de interpretação dos sonhos. Na sequência, descreve os três princípios universais de interpretação dos sonhos que, se aplicados ao mesmo tempo, obtém-se a chave dos sonhos.

De autoria de *Carmen Ivanete D'Agostini Spanhol*, o sétimo capítulo denomina-se *Da comunicação tele (J.J. Moreno) à informação de campo semântico (A. Meneghetti): diferentes olhares para a mesma informação em consultoria*. Nesse texto, a autora articula o conceito desenvolvido pela teoria Psicodramática sobre a comunicação Tele com o conhecimento do campo semântico, descoberto pela Ontopsicologia. Para ilustrar a interpretação que faz a luz das duas teorias, a autora apresenta fragmentos de um *case* e conclui que o conhecimento das causas só é possível por meio da leitura do campo semântico.

O capítulo oitavo, *Conhecimento e corpo em Ontopsicologia*, de autoria *Ana Acosta*, destaca a relevância da compreensão integral do próprio corpo, tendo em vista que o conjunto corpóreo é o objeto de ação da alma na existência. Segundo a autora, o corpo é o primeiro fenômeno para a realização histórica. Em seu texto, ressalta que o corpo é o mediador do ambiente de maneira que pode colher informações que não dizem respeito à identidade pessoal. Por último a autora explicita as diferenças entre cérebro craniano e cérebro viscerotônico, este último também conhecido como segundo cérebro.

O nono capítulo, *O homem como coeficiente de solução no direito e na sociedade é de autoria de Luiz Victor Azevedo Gazzaneo*. Nesse texto, o autor descreve como ocorre o processo de formação do indivíduo no meio social e, de modo específico, elucida como o direito praticado na atualidade incide nesse processo. Em outras palavras, por meio de estudos teóricos, o autor estabelece relações entre a formação do indivíduo e alguns conceitos sociológicos da Ontopsicologia, que se mostram indispensáveis para analisar o homem como semovente social.

O décimo capítulo, *de autoria de Danielle Saad*, fecha a Parte II do livro. Em *Cultura, educação e responsabilidade social: um estudo de revisão teórica*, a autora destaca que as questões sociais e culturais têm adquirido importância no que tange ao desenvolvimento de uma sociedade. Para essa finalidade, é essencial o incentivo à cultura, educação e inserção social, por meio de projetos sociais. Reafirma que a cultura e a educação sempre estiveram intimamente ligadas, pois parte-se do pressuposto de que a pessoa educada também possui cultura.

A PARTE III DO LIVRO, COMPOSTA POR DEZ CAPÍTULOS, CONTEMPLA PROJETOS DE INTERVENÇÃO SOCIAL, RELATO DE CASES E ESTUDO EMPÍRICOS. OS CAPÍTULOS SÃO NUMERADOS EM SEQUÊNCIA À PARTE II DO LIVRO.

O décimo primeiro capítulo, que abre esta seção, redigido em linguagem afetiva e amigável é, antes de tudo, um convite de boas-vindas ao leitor. Denominado *Transformando realidades: a pedagogia através da música*, de **Claudio Carrara**, o texto refere-se ao pronunciamento realizado pelo autor na abertura da mesa redonda denominada **[escrever aqui o nome da mesa]**, que foi realizada durante o III Congresso Internacional: Uma Nova Pedagogia para a Sociedade do Futuro, em **setembro de 2018**. À frente da Orquestra Jovem Recanto Maestro, o autor destaca a importância do belo, da arte, da música, da ordem, como essência do Ser e como princípio da OntoArte.

Redigido de maneira leve, concisa e prazerosa, o décimo segundo capítulo intitulado *Princípios da pedagogia ontopsicológica na educação de um filho é de autoria de Gabriela Mombelli, Fernando Belgravo Kohaut da Silva e Estela Maris Giordani*. Nesse texto, os autores relatam as transformações que ocorreram no contexto familiar, a partir do momento em que os pais começaram a se apropriar e aplicar os princípios da pedagogia Ontopsicológica na educação de um filho. Destacam que o papel da mãe é de formar um filho cidadão, com responsabilidade, autonomia, com direitos e deveres construídos a partir de relações saudáveis entre a criança e os pais

O décimo terceiro capítulo, *Escola da vida: o início de uma trajetória de valor*, refere-se a um Projeto desenvolvido conjuntamente entre a Antonio Meneghetti Faculdade e a Fundação Antônio Meneghetti. A autora do texto, *Patrícia Michelotti*, descreve como são desenvolvidas as Oficinas voltadas à formação integral dos jovens que escolheram o Recanto Maestro para ser passagem de crescimento. A metodologia utilizada fundamenta-se na pedagogia Ontopsicológica.

Com o objetivo de sensibilizar crianças para as questões ambientais, *Raquel Melo*, autora do décimo quarto capítulo, denominado Projeto *OIKOS: aprendendo sobre a reciclagem por meio de atividades lúdicas*, relata atividades desenvolvidas no contexto de diversas escolas situadas em municípios da Quarta Região de Imigração Italiana. Nessas atividades, são utilizados materiais descartáveis para a confecção de bonecos e outros objetos. Segundo a autora, com isso, as crianças aprendem a cuidar do meio ambiente e entendem que os resíduos sólidos (lixo), quando devidamente reutilizados, são fontes geradoras de recursos financeiros que ajudam no sustento de muitas famílias.

Pedagogia Ontopsicológica nas oficinas de aprendizagens do

Projeto CriAre, de autoria de *Estela Mais Giordani*, *Elisiana Maria Cassol Tanscheitt* e *Darla Vargas* compõe o décimo quinto. As autoras têm por objetivo evidenciar as transformações ocorridas com o desenvolvimento do Projeto nos contextos de ensino, pesquisa e extensão universitária. O Projeto CriAre, conduzido pelo curso de Pedagogia da AMF, busca realizar a formação teórico-prática de docentes e acadêmicos, conforme os princípios da pedagogia Ontopsicológica. Em suas atividades, o projeto envolve também uma escola de Ensino Fundamental do município de Restinga Seca, RS.

O capítulo décimo sexto capítulo, intitulado *Projeto aprimorar: formação de equipes de operadores de telemarketing ativo*, de autoria de *Tainá Moreira da Silva* e *Vera Lúcia Rodegheri*, descreve o desenvolvimento de um produto que nasce da necessidade de capacitar uma equipe de vendas da empresa Explorer Call Center. Fundamentado nos norteadores do planejamento estratégico da referida empresa, o Projeto Aprimorar tem como orientação teórica o conceito de *Life Long Learning* e de competência competitiva descrita em diferentes obras que compõem a bibliografia de Meneghetti e em textos da FOIL.

Com conhecimento de causa e sensibilidade, *Mariana Brito Araújo* assina o décimo sétimo capítulo intitulado *Relações entre direito ambiental, meio ambiente e saber humano: anotações prospectivas para uma análise*. A partir de referências teóricas, análise documental e do relato de um *case*, autora aborda os elementos em questão, integrados por meio da leitura do campo semântico a cada momento. Conclui ser possível verificar as informações predominantes que possibilitam reconhecer as informações que são negativas à dignidade e à realização do projeto homem neste Planeta.

No décimo oitavo capítulo, *Vagner Backes* e *Noemi Boer* relatam um *case* que envolve a parceria entre uma empresa brasileira e uma holandesa no segmento de lavanderias industriais. Os autores narram o processo de parceria da qual resulta a constituição em uma nova empresa com a incorporação de um sócio estrangeiro, ou seja, uma *Joint Venture*. Relatam também experiências pessoais, jurídicas e empresarial vivenciadas pelo primeiro autor do texto. O enquadramento teórico do estudo utiliza autores contemporâneos e, principalmente, conhecimentos da Ontopsicologia. Os autores constatam que a parceria realizada possibilitou produção de equipamentos diferenciados e, com isso, a ampliação de negócios com reconhecimento no mercado nacional

Aprendizagem técnica e o desenvolvimento da forma mentis com estudantes de Administração: um estudo introdutório é o título do décimo nono capítulo. A pesquisa desenvolvida por *Karine Cristina Scherer*, tem o intuito de melhorar tecnicamente a formação dos estudantes universitários sem deixar de mensurar a aplicação de valores humanistas em suas vidas e na sociedade. Relata que a transformação dos jovens é observada no decurso de um semestre letivo, à medida em que a ordem estética adquirida em sua aparência se estende a uma ordem interior. Disso decorre também uma postura empreendedora.

Encerra esta obra, o estudo denominado *A transformação digital e o mercado de trabalho*, de autoria de *Tereza Cristina Melo de Brito Carvalho*. A autora mostra como tem evoluído a penetração das tecnologias digitais nas empresas e domicílios no Brasil e confronta o cenário brasileiro com o cenário mundial. Por decorrência disso, tem-se a digitalização crescente das atividades humanas, a transformação das profissões e do mercado de trabalho. São discutidas as oportunidades e os desafios decorrentes dessas transformações. Por fim, identifica a demanda de líderes guiados pela criatividade que podem potencializar a capacidade dos profissionais qualificados que buscam seu constante desenvolvimento e auto realização neste novo cenário do mercado de trabalho.

Recanto Maestro, junho de 2019.

Fundação Antonio Meneghetti

APRESENTAÇÃO DA COLEÇÃO

A PARTE I DO LIVRO É COMPOSTA POR QUATRO CAPÍTULOS EM QUE OS AUTORES ABORDAM TEMÁTICAS RELACIONADAS À CIÊNCIA, FILOSOFIA E ONTOPSICOLOGIA

De autoria de *Ricardo Schaefer*, o capítulo que abre esta edição, reúne informações importantes para a compreensão dos paradigmas científicos, e da relação do homem com a ciência na contemporaneidade. Com o sugestivo título *Em direção a novos paradigmas da ciência: contribuições da ciência ontopsicológica*, o autor parte da visão clássica de ciência para chega à Ontopsicologia e aponta as contribuições dessa ciência com base na necessidade de se considerar a objetividade da subjetividade, excluída da ciência positivista. Em síntese, Schaefer defende que a motivação básica que conduz o homem à investigação científica está em sua curiosidade intelectual, em compreender o mundo que está a sua volta e, sobretudo na necessidade de compreender a si mesmo.

No segundo capítulo denominado *Aspectos filosóficos de uma pedagogia da autenticidade operante em Antonio Meneghetti*, o autor *Bruno Fleck da Silva* explica que a ciência ontopsicológica visa a recuperação do ideário da tradição filosófica greco-tomista em nível ontológico. Defende a necessidade de inserir esse conhecimento no âmbito da aplicabilidade científico humanista. Para isso, explicita a dimensão ontológica baseada em uma pedagogia da autenticidade em que o *Em si* ôntico torna-se real exatidão ou fenômeno da existência. Conclui que a potencialidade operante no universo é fruto do *logos* criador. Portanto, o homem se faz humano na medida em que cria, seguindo a mesma lógica da vida que é criação constante.

O texto, *Filosofia pré-socrática e Ontopsicologia: uma fundamentação filosófica*, de autoria de *Breno Prado da Silva*, integra o terceiro capítulo desse livro. O autor aborda as implicações de cunho filosófico-científico inerentes à fundamentação epistemológica da Ontopsicologia. Em vista disso, o autor discorre a respeito do pensamento pré-socráticos a partir de Heráclito (540-480 a.C.); Pitágoras (575-497 a. C.); Anaxágoras (480/463-428 a.C.); Protágoras (490-411 a.C.); Parmênides (515-440 a. C). Ressalta que, a partir do dito de Protágoras: “o homem é a medida de todas as coisas”, entra-se no critério da Ontopsicologia. Com Parmênides, o grande momento filosófico dentro do indivíduo é aquele em que há uma relação dialética em perfeita consonância de sentido entre sujeito e objeto.

PARTE I

CIÊNCIA, FILOSOFIA E ONTOPSICOLOGIA

EM DIREÇÃO A NOVOS PARADIGMAS DA CIÊNCIA: CONTRIBUIÇÕES DA CIÊNCIA ONTOPSICOLÓGICA

Ricardo Schaefer

1 INTRODUÇÃO

A motivação básica que conduz o homem à investigação científica está em sua curiosidade intelectual, em sua necessidade de compreender o mundo a sua volta e, sobretudo, na necessidade de compreender a si mesmo. “Tão grande é essa necessidade que, onde não há ciência, o homem cria mitos” (KÖCHE, 2009, p.44).

A busca de respostas à questão como “onde está a verdade?” marcou a história da humanidade. Da necessidade de saber o porquê dos fenômenos que acontecem na natureza e no universo, aos grandes interrogativos que constituem o problema ontológico do ser humano – “quem sou?”, “de onde vim?”, “para onde vou?” – a história do homem é movida pela busca do conhecimento.

Para responder a essas questões, a humanidade se valeu de diferentes tipos de conhecimento: do conhecimento filosófico ao teológico, do vulgar ou empírico ao conhecimento científico. Ao longo dos séculos, esses conhecimentos foram usados pelo homem para analisar e interpretar a realidade, para chegar a entendimentos de si mesmo e do mundo a sua volta, a fim de entendê-lo e transformá-lo (GALLIANO, 1986).

Com características próprias que a diferenciam das demais formas de conhecer, a ciência “é um conhecimento que inclui, em modo ou medida qualquer, uma garantia da própria validade” (ABBAGNANO, 1998, p. 961). A busca pelo entendimento da realidade – do movimento dos astros ao funcionamento do corpo humano, das forças físicas da natureza às emoções humanas – conduziu o homem à criação das diversas ciências. Nesse processo de busca pela compreensão científica da realidade interna e externa ao ser humano, que possa levar à atuação e transformação de si e do mundo, Meneghetti (2010, 2013) ressalta que a multiplicidade das ciências nasce da variedade dos problemas aos quais o homem deve responder. Cada setor desenvolve uma técnica específica para resolver um determinado problema e nasce, assim, uma ciência ou disciplina.

Avançando na motivação do ser humano em produzir conhecimento científico, Meneghetti (2010, p. 27) evidencia que “fazer ciência significa escolher um espaço operativo e compreender suas causas para variá-las de acordo a funcionalidade”. Nesse sentido, a ciência deve trazer utilidade, função, vantagem, benefício ao ser humano e ao grupo que a produz. O conhecimento científico deve servir, por exemplo, à ampliação da qualidade de vida, ao progresso econômico e social, ao aumento da dignidade e do valor humano no contexto em que é desenvolvido e aplicado.

Por meio desse caráter instrumental da ciência, o conhecimento é utilizado para transformar a realidade e satisfazer as necessidades humanas. A ciência é assim “um *saber teórico* (explica o real) e um *poder prático* (maneja o real pela técnica)” (SEVERINO, 2010, p. 110). A ciência desenvolvida e aplicada, por meio do progresso tecnológico, pode trazer benefícios à sociedade. Esse processo caracteriza a inovação: um princípio científico, tecnologicamente aplicado, é passado à sociedade.

Para se compreender como nasce e se desenvolve uma ciência a fim de que produza conhecimento e gere evolução ao contexto social, é fundamental o entendimento do paradigma que a sustenta, como se observa a seguir.

2 OS PARADIGMAS CIENTÍFICOS

Os questionamentos que motivaram a humanidade ao longo da sua história tiveram, em cada período, diferentes respostas. A forma como as perguntas foram feitas e o modo como se procedeu para se chegar às respostas também se modificaram. Esse modo de proceder, a fim de produzir um conhecimento verdadeiro, é chamado de paradigma científico.

Etimologicamente, paradigma vem do grego *παράδειγμα*, vocábulo constituído de “*παρά*”, que significa “sob aquilo que está por baixo, que vai junto e sustenta”; e “*δεικνύω*” que quer dizer “demonstração”. Portanto, paradigma significa a base de sustento da demonstração racional, aquilo que está sob a demonstração, a garantia de um modelo para elaborar ciência e conhecimento de dimensão humana (VIDOR, 2014).

Severino (2010) destaca que, para se fazer ciência, não basta seguir um método e aplicar técnicas, é preciso, antes disso, referir-se a um fundamento epistemológico, que sustenta e justifica a própria fenomenologia. “Ao fazer ciência, o homem parte de uma determinada concepção acerca da natureza do real (pressupostos ontológicos) e acerca do seu

modo de conhecê-la (pressupostos epistemológicos). A sistematização dessas posições de fundo são os chamados paradigmas” (SEVERINO, 2010, p. 107).

O autor exemplifica esse entendimento comparando o modo positivista ao modo metafísico de compreender a realidade. No positivismo, como se percebe com mais detalhes nas sessões seguintes, o real é a natureza física (pressuposto ontológico ou modo de ser no mundo) e somente se pode ter acesso a esse mundo mediante uma abordagem experimental matemática das manifestações fenomênicas (pressuposto epistemológico). Já, segundo o modo metafísico de pensar e conhecer (concepção metafísica do real), a natureza física é posta e sustentada por uma dimensão transcendente, que constitui a essência das coisas, dos entes, dos objetos (pressuposto ontológico) e que pode ser compreendida por meio da razão humana (pressuposto epistemológico). Os pressupostos sistematizados de cada um desses modos de produzir conhecimento constituem o seu respectivo paradigma (SEVERINO, 2010).

Um paradigma científico é, portanto, um conjunto de pressupostos ontológicos e epistemológicos, que definem modelos explicativos, critérios, regras metodológicas e procedimentos utilizados para se produzir conhecimento científico. Esse conceito já era utilizado na Grécia Antiga para indicar um modelo ou exemplo a seguir. Com o desenvolvimento da ciência e suas diferentes disciplinas, o conceito assumiu um significado epistemológico e passou a ser usado em várias acepções. Na visão de Kuhn (1997), esses diferentes entendimentos podem ser reconduzidos a dois significados de base: a) em primeiro lugar a um conjunto das teorias, valores e técnicas de pesquisa compartilhados por uma determinada comunidade científica para definir problemas e soluções legítimos; b) em segundo lugar, um paradigma é entendido como o modelo exemplar alcançado por pesquisas estavelmente fundadas sobre um ou mais resultados de investigações científicas anteriores.

Capra (2006) generaliza a definição de paradigma científico de Kuhn a fim de obter um paradigma cultural, entendido como a “constelação de concepções, de valores, de percepções e de práticas compartilhados por uma comunidade, que dá forma a uma visão particular da realidade, a qual constitui a base da maneira de como a sociedade se organiza” (CAPRA, 2006, p. 24). Um paradigma, portanto, pode determinar a visão de homem, de ciência e de mundo, estruturando e direcionando toda uma sociedade.

Não existe, assim, uma única concepção da realidade, visto que também não existe uma única concepção de ciência e do seu modo de proceder para produzir conhecimento científico. A visão de ciência mudou ao longo do tempo e, como consequência, novos paradigmas científicos foram sendo criados. A seguir, será analisado esse processo de modo exemplificativo – e naturalmente não exaustivo, dada a diversidade dos modos de fazer ciência e conhecimento ao longo da história da humanidade.

3 A VISÃO CLÁSSICA DA CIÊNCIA

O nascimento da história das ciências coincide com o nascimento do pensamento filosófico grego, pelo menos no que se refere à civilização ocidental. Os filósofos da Grécia Antiga são as primeiras figuras históricas de intelectuais laicos, os primeiros a estudarem e entenderem o mundo sem fazerem referência aos valores sociais da sua época, apenas fazendo uso unicamente das próprias capacidades perceptivas e intelectivas (MENEGHETTI, 2010).

É, na Grécia Antiga, no período dos filósofos pré-socráticos, que ocorre a ruptura com o conhecimento mitológico, predominante em diferentes sociedades até então.

Os pré-socráticos começaram a substituir a concepção de mundo caótico concebido pela mitologia pela ideia de cosmos. Na concepção mitológica e antropomórfica, os fenômenos que aconteciam no mundo ocorriam de forma caótica, pois eram desencadeados por forças espirituais e sobrenaturais comandadas pela vontade arbitrária e imprevisível dos deuses. Na visão pré-socrática [Tales de Mileto, Anaximandro, Pitágoras, Heráclito, Parmênides, Empédocles, Anaxágoras, Demócrito] foi inserida a ideia da existência de uma ordem natural do universo, despidida da influência ou interferência da vontade imprevisível das divindades. O universo era ordem, era cosmos. E ele estava ordenado por princípios (*arché*) e leis fixas e necessárias, inerentes à própria natureza. Seus fenômenos estavam relacionados a causas e forças naturais que podiam ser conhecidas e previstas (KÖCHE, 2009, p.44).

Os gregos viam o mundo, portanto, dotado de uma ordem e estrutura natural que governava o cosmos e regia os seus acontecimentos, por meio do qual todo o ser adquiria sentido. Köche (2009) ressalta que, naquele período, não havia distinção entre ciência e filosofia como temos hoje, e ao cientista ou filósofo cabia a busca dessa ordem, apreendê-la, compreendê-la e demonstrá-la.

O método de pesquisa usado pelos primeiros cientistas ou filósofos foi a observação. E por observação, destaca Meneghetti (2010), não se entendia apenas o observar com a visão, mas com todo o sistema perceptivo (sentir os odores, tocar a matéria, sentir o gosto das coisas etc.), ou seja, todo o sistema perceptivo-cognitivo humano era usado como instrumento de conhecimento.

Entre os pensadores gregos, destacou-se Sócrates (470-399 a.C.), que tinha a tendência curiosa de observar e, depois, dialogar com os seus discípulos, usando um método dialético, dividido em dois momentos: a “ironia” e a “maieutica”. Com a ironia, fazendo-se ignorante diante do seu interlocutor, Sócrates o provocava ao diálogo. Com a maiêutica (ou a arte da parteira), o filósofo fazia emergir a verdade do íntimo do próprio interlocutor. Sócrates limitava-se a fazer questionamentos, a fim de que o seu interlocutor, oportunamente solicitado, tomasse consciência do problema de modo autônomo e descobrisse a verdade dentro de si (MENEGHETTI, 2010). Já, para Platão (428-347 a.C.), discípulo de Sócrates, todo conhecimento é uma recordação e a percepção do mundo é um estímulo à recordação de ideias inatas. O conhecimento se dá por meio de uma visão do intelecto, quando reconhece, na complexidade do mundo real, as formas essenciais e prototípicas, ou seja, as ideias. (NICOLA, 2005).

Se, para Platão, o conhecimento é reminiscência das ideias inatas, para Aristóteles (384-324 a.C.), seu discípulo, essa passagem é possível, porque a mente é capaz de observar e catalogar as informações de coisas ainda observadas (ilações). Aristóteles representa para os contemporâneos o fundamento científico da lógica racional. Perguntando-se como a mente funciona, como o homem mede o que observa, chegou à compreensão de dois momentos do intelecto humano aplicado como razão: o raciocínio indutivo ou processo de generalização (percurso racional do “particular” ao “universal” ou princípio geral) e o raciocínio dedutivo (percurso racional do “universal” ao “particular”, que permite, de um princípio geral, deduzir-se que um fato particular siga o mesmo princípio). Aristóteles representa o vértice de uma parábola de crescimento da cultura e do berço do intelecto que era o mundo grego (MENEGHETTI, 2010).

Todos esses filósofos e cientistas gregos partilhavam da concepção metafísica do real. Severino (2010) explica que esse modo metafísico de pensar e conhecer era fundado no entendimento de que o ser humano poderia, com as luzes da própria razão, chegar à essência das coisas, dos entes, dos objetos. “Cada objeto tem uma essência, uma natureza própria, imutável, responsável pela identidade específica desse objeto. Por um processo epistêmico, a abstração, nós chegaríamos a essa essência, conjunto de características permanentes que realizavam a identidade de cada ser” (SEVERINO, 2010, p. 109). Sob esse paradigma, nasceram e se desenvolveram na Antiguidade Clássica disciplinas como a física, a biologia, a antropologia, a ética, a aritmética, a metafísica, a estética, a política, a lógica, a medicina, a cosmologia, entre outras (KÖCHE, 2009).

Havia, desse modo, na Grécia Antiga e em períodos subsequentes, o pressuposto da capacidade da razão humana para conhecer a essência das coisas e, a partir dele, desenvolveram-se diferentes conhecimentos e disciplinas. Essa concepção metafísica do real predominou nos longos períodos hegemônico-culturais da Antiguidade Clássica e da Idade Média, ganhando desdobramentos próprios em cada época e civilização.

Na civilização romana, por exemplo, o pensamento grego foi assimilado e endereçou-se a um novo campo de pesquisa: a aplicação prática. A filosofia não deveria ser apenas especulação ou reflexão sobre os fatos, mas o começo de uma aplicabilidade prática, servindo como instrumento de desenvolvimento da tecnologia, providencial para a progressiva expansão e controle do império romano. Sucessivamente, na Idade Média, a concepção metafísica da realidade foi empossada pela Igreja Católica e a fé tornou-se prioritária em relação à ciência. As diversas ordens religiosas passaram a fornecer a base filosófica da verdade por meio da fé (MENEGETTI, 2010).

Esse período perdurou até o final do século XVI, quando a harmonia entre a ciência e a fé se rompeu. Ocorreu a chamada Revolução Científica, a qual gerou mudanças que, como o próprio nome indica, revolucionaram o modo de produzir ciência em relação aos séculos precedentes.

4 A IDADE MODERNA E A REVOLUÇÃO CIENTÍFICA

Entre a segunda metade do século XVI e o fim do século XVII, entre a publicação da obra *De revolutionibus orbium coelestium* (1543), de Copérnico (1473-1543), e os *Principia mathematica* (1687), de Newton

(1643-1727), toma corpo no continente europeu a Revolução Científica, caracterizada por uma profunda transformação da concepção do universo físico e um repensar do saber científico da época, dos seus métodos e dos seus escopos, a partir dos quais se originou a chamada ciência moderna (CAROTENUTO, 2009).

Descrevendo as mudanças que ocorreram nesse período, Carotenuto (2009) destaca importantes passagens como: - mudança dos conceitos de ciência e de verdade científica;

- crítica ao princípio da autoridade presente na Idade Média: a experiência e a razão são consideradas garantias maiores de verdade em relação às antigas doutrinas teológicas;

- afirmação da concepção mecanicista da realidade natural e humana, substituindo-se o finalismo da metafísica clássica pelo determinismo;

- superação da distinção entre a astronomia física celeste e a física terrestre, com a descoberta de que não são diversas por natureza, respondendo aos mesmos princípios;

- predomínio da cooperação entre pesquisadores e a produção de instrumentos passam a ter um papel determinante na pesquisa científica;

- substituição do ideal contemplativo da ciência clássica e medieval por uma mais forte consciência da utilidade prática do saber científico;

- nascimento da linguagem científica moderna, inspirada em exigências de rigor e clareza geométrica, deixa de sofrer do “caráter vago e alusivo” da terminologia filosófica e científica precedente.

Torna-se também central, na Idade Média, o problema do *método* para se produzir o conhecimento científico. Os estudiosos e as universidades passam a estabelecer um percurso metodológico que o pesquisador deve seguir para permitir que a sua observação também possa ser transmitida aos outros. Estabelece-se a relação prioritária entre causa e efeito: se um elemento varia, ao variar de um outro, significa que existe uma relação entre os dois. Os dois momentos da racionalidade humana descritas por Aristóteles – a indução e a dedução – passam a ser regulamentados pela *experimentação*, que consente a qualquer pesquisador *repetir e reproduzir* um determinado experimento (MENEGETTI, 2010).

Galileu (1564-1642), um dos primeiros teóricos do método experimental, introduziu a matemática e a geometria como linguagens da ciência e estipulou o teste quantitativo-experimental das suposições teóricas, como mecanismo necessário para avaliar a veracidade das hipóteses e definir a chamada verdade científica (KÖCHE, 2009). Na visão de Galileu,

cabe à razão apresentar para essa natureza organizada geométrica e matematicamente suas perguntas inteligentes, manifestadas através de hipóteses quantitativas, para que ela lhe respondesse quando forçada por um experimento. Ao homem competiria, com sua razão, teorizar e construir a interpretação matemática do real e à natureza caberia responder se concordava ou não com o modelo sugerido (KÖCHE, 2009, p. 49).

Os principais passos propostos por Galileu para o método experimental foram: 1. observação dos fenômenos; 2. análise dos elementos constitutivos desses fenômenos, estabelecendo relações quantitativas entre eles; 3. indução de hipóteses; 4. verificação das hipóteses através de experimentos; 5. generalização do resultado das experiências para casos similares; 6. confirmação das hipóteses, obtendo-se, a partir dela, leis gerais (MARCONI; LAKATOS, 2011).

Também buscando uma sistematização das pesquisas, Bacon (1561-1626), contemporâneo de Galileu, descreve que o método científico deveria seguir os seguintes passos: 1. experimentação; 2. formulação de hipóteses; 3. repetição da experimentação por outros cientistas; 4. repetição do experimento para testagem das hipóteses; 5. formulação das generalizações e leis. Pregador da necessidade do controle experimental, Bacon dizia que “não é de se dar asas ao intelecto, mas chumbo e peso para que lhe sejam coibidos o salto e voo” (KÖCHE, 2009, p. 49).

Ao lado de Galileu e Bacon, no mesmo século, surge Descartes (1596-1650), com o qual a necessidade do método da pesquisa científica encontra sua consagração. O cientista postula 4 regras para a aplicação do método científico (MARCONI; LAKATOS, 2011):

- a da evidência: não acolher jamais como verdadeira uma coisa que não se reconheça evidentemente como tal;
- a da análise: dividir cada uma das dificuldades em tantas partes quantas necessárias para melhor resolvê-las;
- a da síntese: conduzir ordenadamente os pensamentos, principiando com os objetos mais simples e mais fáceis de conhecer, para subir, em seguida, em seqüências de complexidade crescente;
- a da enumeração: realizar sempre enumerações tão cuidadosas e revisões tão gerais que se possa ter certeza de nada ter sido omitido.

Se houve uma revolução científica, isso se deve também muito à

revolução tecnológica. Severino (2010) explica que, com o método científico desenvolvido na Idade Moderna, a ciência alcançou grande êxito, e esse sucesso foi reforçado pelo seu poder de manipular o mundo mediante a *técnica*. “A ciência se legitimou por sua eficácia operatória, com a qual forneceu aos homens recursos reais elaborados para a sustentação de sua existência material. A técnica serviu de base para a indústria, para a revolução industrial, o que ampliou, sobremaneira, o poder do homem em manipular a natureza” (SEVERINO, 2010, p. 105).

Nos séculos seguintes, o Positivismo, corrente filosófica criada por Auguste Comte (1798-1857), proporcionou a legitimação do rigor metodológico. O Positivismo reconheceu o valor central das ciências e definiu os cânones universais do método científico, completando o percurso iniciado com Galileu. Antes de tudo, para ser definida como tal, uma ciência deve possuir um modelo preditivo, um objeto de estudo, um método e um fim. Deve ser experimental e, para tanto, os seus experimentos devem ser repetíveis e reproduzíveis, conduzindo a formulações de leis e explicações relativas aos fenômenos observados, com a rejeição absoluta de hipóteses não verificadas. Essa visão consente o êxito das ciências ligadas à aplicação do método que sancionam uma fé absoluta no progresso tecnológico. Esse processo acaba setorizando ainda mais os ramos das ciências, que se tornam cada vez mais especializadas (MENEGHETTI, 2010).

Os resultados alcançados geraram, assim, uma confiabilidade cega na ciência. “Pensou-se que se poderia, sem interferências de ordem subjetiva, teórica, ou metafísica, descobrir as leis ou princípios que comandavam os fenômenos da realidade” (KÖCHE, 2009, p. 57). Tinha-se, supostamente, chegado, portanto, a um conhecimento que havia alcançado a “objetividade”, ou seja, um conhecimento que era o espelho fiel da realidade, fundamentado nos fatos e não nas suposições da subjetividade humana (KÖCHE, 2009). E esse modelo, inicialmente físico, deveria ser adotado por todas as ciências:

Na modernidade, a ciência tornou-se instância hegemônica de conhecimento, ao se propor como substituto da metafísica, área filosófica que pretendia ser um modo verdadeiro e universal de se conhecer o real. Mostrando que essa pretensão não se sustentava, os modernos também conceberam a ciência como sendo a única modalidade de conhecimento válido, portanto, também universal

e verdadeiro. Por isso, a ideia deles é que também só existiria um único método. Foi sob esta perspectiva da unicidade metodológica que se formou e desenvolveu o sistema das Ciências Naturais. E foi também sob essa inspiração que vingou a proposta de se criar o sistema das Ciências Humanas, uma vez que também o homem e suas manifestações deveriam ser tratados como fenômenos idênticos aos demais fenômenos naturais (SEVERINO, 2010, p. 106).

Desse modo, adotou-se a negação da possibilidade de acesso à essência das coisas, tomando como conhecimento válido apenas aquele extraído dos fenômenos. Ou seja, só é possível conhecer aquilo que é dado à experiência sensível e que revela um conjunto de relações entre os objetos, que podem ser mensuradas com recursos da matemática, mas sem nunca chegar às suas eventuais essências (SEVERINO, 2010).

Emerge nesse processo um problema para as Ciências Humanas e para as Ciências Sociais. Nas Ciências Naturais, existe um sujeito observador e um objeto separado de quem observa, que pode, portanto, utilizar o método de modo supostamente destacado. Mas analisar um sujeito humano, inserido em um contexto, é mais difícil, pois o pesquisador está dentro da coletividade humana e vive as suas dinâmicas (MENEGETTI, 2010).

Essas constatações culminam na necessidade de novos modos de se conceber a ciência, novos paradigmas que permitam preencher as lacunas ou superar os limites deixados pelo modelo positivista, como se observará na sessão a seguir.

5 O HOMEM E A CIÊNCIA CONTEMPORÂNEA

Os avanços promovidos pelo método científico, desenvolvido na Idade Moderna, e a consagração do paradigma positivista de ciência levaram, por um lado, a progressos tecnológicos em uma velocidade até então não vista na história da humanidade: o homem passou a se comunicar em escala global, novos veículos de transporte permitiram deslocamentos cada vez mais rápidos pela terra, pela água e, agora, pelo ar, avanços importantes na medicina levaram ao aumento da qualidade e expectativa de vida, microscópios e telescópios cada vez mais potentes permitiram

novas descobertas no micro e no macrocosmos. Por outro lado, apesar de todos esses avanços tecnológicos, chegou-se à constatação de que o entendimento integral do ser humano, do seu modo de ser, pensar e agir, ainda apresenta grandes lacunas: as guerras aumentam, as doenças crônicas da humanidade permanecem, ocorrem divisões frontais entre grandes povos, a experiência crescente da depressão e da angústia, e a evidência de que, apesar do grande avanço do conhecimento científico moderno, o homem não se conhece e não resolve a própria problemática existencial.

A Primeira Guerra Mundial fez os cientistas e os filósofos compreenderem que o homem estava destruindo a si mesmo. Enquanto antigamente, até os sécs. XV e XVI, as guerras eram feitas entre blocos de diferentes religiões, as duas grandes guerras mundiais desenvolveram-se entre ‘irmãos em Cristo’. “Nós, ocidentais, com preeminência de civilização cristã, ao final sublimamos a arte da agressão. É preciso rever criticamente toda a epistemologia da nossa ciência. Depois de 2000 anos de história e de ciência, levamos o humano à hecatombe, colocamos o homem contra o homem” (MENEGHETTI, 2010, p. 104).

Essas constatações de diferentes cientistas e filósofos sobre os resultados da visão moderna de ciência e de seu método levaram à incerteza e à ruptura com o cientificismo defendido pelo paradigma positivista. Köche (2009) destaca algumas passagens-chave nesse processo:

- é no interior da própria física que se inicia a ruptura com o dogmatismo e a certeza da ciência;

- com o advento da mecânica quântica – teoria dos quanta, de Planck (1900), teoria da relatividade, de Einstein (1905), princípio da complementaridade, de Bohr (1928), novo modelo de átomo, de Schrödinger (1927), princípio da incerteza, de Heisenberg (1927) – desvaneceu-se a pretensão cientificista e dogmática do determinismo e do mecanicismo;

- quebrou-se o mito da objetividade pura, isenta de influências das ideais pessoais dos pesquisadores.

Os avanços no campo da Física, com a passagem da relatividade de Einstein à física quântica, colocam definitivamente em crise a mecânica newtoniana, que não pode mais ser aplicada universalmente. Em particular, o princípio de indeterminação de Heisenberg evidencia que a matéria, apresentando, em nível subatômico, contemporaneamente características corpusculares e ondulatórias, pode ser influenciada pela ação humana. O pesquisador não é mais um elemento neutro no momento do experimento, não é mais um observador destacado, mas determina o

seu andamento. Os grandes pesquisadores da época são os primeiros a compreenderem que a matemática e a física não são capazes de dar demonstrações determinísticas da realidade, mas se baseiam em hipóteses adotadas *a priori*, as quais não se consegue evitar. O objetivo de unidade de método nas ciências não pode mais ser perseguido e sustentado (MENEGHETTI, 2010).

Edmund Husserl (1859-1938) admitiu a impossibilidade de encontrar resposta aos interrogativos profundos do ser humano por meio das chamadas Ciências Exatas. Partindo da inicial observação de uma crise da humanidade europeia, o cientista denunciou uma realidade em ato ainda mais profunda, descrita na sua obra *Die Krisis der europäischen Wissenschaften und die transzendente Phänomenologie* (1976):

Segundo Husserl, o escopo natural dado à humanidade europeia pela filosofia grega havia sido perdido. Não obstante o desenvolvimento das ciências modernas, havia sido delineada uma crise interna a elas, que depois representava uma crise para a própria humanidade; a ciência, que se tornou , ???? havia perdido o interesse pelo conhecimento real do próprio mundo, da própria natureza. Havia diminuído o sentido filosófico do saber e com ele todas as respostas aos porquês e aos escopos últimos da existência. A ciência havia se distanciado de todos os problemas decisivos para uma humanidade autêntica, como o fundamento da própria existência. As ciências que substituíram o pensamento filosófico clássico haviam perdido de vista o movente da vida, o sentido da existência do humano (MENEGHETTI, 2010, p. 96).

Com o sucesso prévio do conhecimento científico para a explicação dos fenômenos naturais (físicos, biológicos, astronômicos) e em decorrência dos seus pressupostos filosóficos, a ciência tinha passado a encarar também o ser humano como objeto de seu conhecimento, da mesma forma que os outros fenômenos naturais. O homem tinha passado a ser visto como um ser natural como todos os demais (naturalismo), submetido às mesmas leis de regularidade (determinismo) e, portanto, acessível aos mesmos procedimentos de observação, experimentação e

mensuração (experimentalismo e racionalismo). Porém, na medida em que foram se desenvolvendo os estudos sobre os diferentes aspectos da fenomenologia humana, os pesquisadores começaram a perceber que o paradigma epistemológico único, representado pelo positivismo, não funcionava. “Rompe-se então o monolitismo do paradigma positivista e outros pressupostos epistemológicos são assumidos para fundamentar o conhecimento do homem. Por sua vez, essas novas posições epistemológicas carregam consigo outros pressupostos ontológicos” (SEVERINO, 2010, p. 112).

Essas novas abordagens ontológicas e epistemológicas que passam a ser investigadas e desenvolvidas, a fim de se gerar novos conhecimentos que expliquem e auxiliem o ser humano e a sociedade atual, marcam o espírito científico contemporâneo:

A ciência é um produto do espírito humano (...) Para que haja ciência, há necessidade de dois aspectos: um subjetivo, o que cria, o que projeta, o que constrói com a imaginação a representação de seu mundo segundo as necessidades internas do pesquisador, e outro objetivo, o que serve de teste, de confronto. Há leis tanto num quanto noutro. O objetivo é conhecê-las. E à medida que as formos desvendando, a ciência reformula, atualiza aqueles conhecimentos provisórios. Esses dois aspectos é que fundamentam o caráter inovador no espírito científico contemporâneo (KÖCHE, 2009, p. 77).

Severino (2010) destaca que a complexidade do fenômeno humano e a insuficiência do paradigma positivista para a sua apreensão e explicação fizeram surgir novas referências teórico-metodológicas na ciência, tais como o Funcionalismo, Estruturalismo, Fenomenologia, Hermenêutica, Arqueogenealogia, Dialética, Pensamento Sistemico, Complexidade, dentre outras. Entre os novos paradigmas que buscam trazer contribuições de valor humano para a ciência e para o conhecimento está a Ontopsicologia (MENDES, 2009; GIORDANI; MENDES, 2011; MONTENEGRO, 2012; SPANHOL, 2013; CARRARA, 2014; VIDOR, 2015; SANTOS, 2016; WAZLAWICK et. al., 2017; AZEVEDO, 2017; WEBER, 2018). As contribuições da ciência ontopsicológica e a possibilidade da objetividade e da subjetividade, por meio do seu método

científico, são descritos na sessão a seguir.

6 CONTRIBUIÇÕES DA ONTOPSICOLOGIA: A OBJETIVIDADE DA SUBJETIVIDADE

Como visto anteriormente, para a ciência que se reputa objetiva, segundo a abordagem positivista, não se levam em conta as condições subjetivas de quem produz a ciência. Consequentemente, permanece fora de consideração a situação subjetiva do cientista. Desse modo, “o homem deixou de esclarecer quem é o homem, excluindo a sua compreensão interna do seio científico, e preocupou-se em voltar seu olhar para o externo, construindo uma ciência tecnológica de domínio sobre a natureza e de poder para manipular o homem. Com esses conhecimentos, a ciência não tem acesso ao modo de ser e agir da forma humana” (VIDOR, 2014, p. 37-38).

Meneghetti (2011, p. 183) evidencia que “a objetividade de qualquer conhecimento se origina da subjetividade do pesquisador”. Se não se tornar exato quem mede, não se poderá ter um critério de verdade. O conhecimento deve partir do íntimo da inteligência humana. Quando, no contexto científico, diz-se que o parâmetro da objetividade é externo, é como dizer que o metro deveria aprender a própria objetividade das coisas que mede. Seguindo essa analogia, primeiro se deveria estabelecer a subjetividade do metro e, depois, a partir dessa subjetividade, poder-se-iam imposter todas as outras objetividades.

A Ontopsicologia investiga e opera diretamente na subjetividade humana:

Em qualquer ciência, a precisão da pesquisa se assegura, exclusivamente, à perfeição do instrumento, portanto, [...] é necessária uma subjetividade exata. De fato, defino a Ontopsicologia “ciência da subjetividade”, que comporta o aperfeiçoamento gradual, através de metodologia específica, do instrumento de conhecimento (o Eu) (MENEGETTI, 2011, p. 185-186).

A ciência ontopsicológica, ao enfrentar o problema crítico do conhecimento, elaborou um método que, se for aplicado, possibilita à consciência colher a raiz do acontecimento da ação-vida no aqui e agora, investigando como o intelecto pode colher a lógica do ser, dando

o fundamento ontológico à nossa consciência (WAZLAWICK, 2015; SCHAEFER, 2016; VOLKOVA, 2016; AZEVEDO, 2017).

Obviamente deste aspecto é imediato o problema crítico do conhecimento: o homem quando conhece é real ou é fictício? É memético? É fenomenologia? O conhecer do homem é sincrônico ao real? Qual real? A realidade é aquela que mais identifica, que mais é próxima ao homem enquanto objeto da realidade da natureza, das leis cósmicas. Estabelecida esta exatidão, nós podemos ver o escorrer daquilo que é o procedimento científico e cognoscitivo (MENEGHETTI, 2005, p. 367).

Ao apresentar o paradigma conceitual sobre a motivação e obra da ciência ontopsicológica, Meneghetti (2014, p. 308) desdobra a definição de Ontopsicologia em:

- “Psicologia”: conhecimento e lógica da atividade psíquica, entendida como: a) processos emotivos, b) processos intelectivos, c) processos voluntários.

- “Onto”: é a causalidade que autoriza e explica o efeito ou fenomenologia. “Onto” é a causalidade de toda fenomenologia, portanto, o mundo da causalidade da nossa vida e sociedade.

O autor avança na explicação, evidenciando que a consciência, “sede de reflexão cerebral individual física e lógica, é impressionada pelas imagens pré-fabricadas. Não há o nexo causal com o ‘onto’. Portanto, é necessário fazer metanoia com método ontopsicológico. Então, é possível o verdadeiro para o operador de conhecimento. A fenomenologia é como se fosse reflexão autêntica do verdadeiro ôntico” (MENEGHETTI, 2014, p. 308). Desse modo, a Ontopsicologia contribuiu para a refundação crítica da ciência.

A Ontopsicologia, ou Ontologia do homem, possui um objeto, um método e um fim específicos que a caracterizam enquanto ciência distinta das outras, mas, ao mesmo tempo, interdisciplinar (MENDES, 2009; SPANHOL, 2013; SCHAEFER, 2016; WAZLAWICK et. al., 2016; AZEVEDO, 2017; WEBER, 2018). Entende-se que Ontopsicologia é ontologia aplicada ao projeto humano com racionalidade científica. Caracteriza-se como uma ciência epistêmica, um conhecimento elementar que pode ser usado como preliminar à exatidão científica em geral. Seu objeto de estudo é a atividade psíquica em primeira atualidade, incluída

a compreensão do ser. Para essa investigação, estruturou um método capaz de restituir ao homem a possibilidade de atuar o nexo ontológico, ou seja, fazer coincidir o modo com que pensa e reflete (*psique*) com o modo do real (*onto*) (MENEGETTI, 2010).

O método científico utilizado pela Ontopsicológica é definido como *biológico*: “processo racional indutivo-dedutivo com novidade dos princípios complementares do campo semântico, Em Si ôntico e monitor de deflexão” (MENEGETTI, 2010, p. 131). O primeiro momento do método ontopsicológico (processo racional indutivo-dedutivo) é aquele utilizado pelo homem desde sempre, descrito já por Aristóteles na Antiguidade Clássica, como acenado anteriormente. Toda a história das ciências converge sobre este ponto: o homem usa um sistema de racionalidade que é indutivo-dedutivo. A Ontopsicologia acrescenta um segundo aspecto metodológico: o processo racional indutivo-dedutivo é necessário, mas não suficiente; para se ter uma racionalidade exata, é preciso integrá-lo com três descobertas da ciência ontopsicológica, três epistemes complementares, que são o campo semântico, o monitor de deflexão e o Em Si ôntico. Essas três descobertas, que são epistemes racionais, complementam o processo indutivo-dedutivo, consentindo a capacidade exata de leitura do real, ou seja, a exatidão de consciência (MENDES, 2009; MIRANDA, 2012; SPANHOL, 2013; BAZZO et. al, 2014; VIDOR, 2015; SCHAEFER, 2016; WAZLAWICK et. al., 2016; AZEVEDO, 2017; WEBER, 2018).

A consciência do homem, portanto, antes de produzir conhecimento, analisar e julgar, estabelecendo regras externas para a ciência, necessita de metanoia ou de consciência exata. “Não se trata de conformar a consciência a uma nova ideologia, mas de desfazer-se de opiniões infundadas para construir o saber que coincide com a ordem e a forma de ser da vida humana, trata-se de conformar a mente consciente a como se é” (VIDOR, 2014, p. 99). Para tanto, a Ontopsicologia revê e requalifica a posição de responsabilidade do homem enquanto tal, no seu posicionamento natural e original, ou seja, como o homem é constituído pelas leis da natureza. O seu interesse e escopo é a autenticidade, a exatidão do operador enquanto homem. Por consequência, configura-se como uma ciência interdisciplinar, pois, uma vez que o homem é exato, autêntico na hipótese de natureza, pode fazer as devidas ciências: física, biologia, filosofia, informática, etc. (MENEGETTI, 2005).

Tendo como objeto de estudo a atividade psíquica em conexão com a dimensão ontológica do homem, que é o sujeito de toda pesquisa

científica, a Ontopsicologia pode ser a epistemologia-base de toda pesquisa particular, isto é, fornece o critério e o método que certifica a exatidão cognoscitiva de qualquer práxis científica (SCHAEFER, 2016). “O fato de que a Ontopsicologia seja epistêmica a todas as outras ciências significa que pode dar as premissas a fim de que cada ciência seja exata, enquanto ensina a exatidão ao cientista e abre a exatidão da natureza das coisas” (MENEGETTI, 2013, p. 72).

Resgatando a origem etimológica de “ciência” na língua latina, temos que ciência é *scio entis actio*, ou seja, saber a ação do ser, saber como o ente age. O pensar, portanto, necessita refletir em coincidência com a variação do ser. A ciência não pode limitar-se à percepção de alguns sentidos externos para produzir conhecimento verdadeiro em função do humano. “O acréscimo que se pretende dar ao método é o de voltar o olhar ao interior mundo-da-vida, da atividade psíquica, como inteligente condutora do saber humano adequado para humanizar” (VIDOR, 2014, p. 41).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A compreensão da própria identidade, enquanto dimensão ontológica, sustenta a exatidão e o valor do conhecimento humano. Há um conhecimento para ser que é indispensável para o conhecimento que produz ciência.

Como se percebeu ao longo deste artigo, o homem construiu, com a evolução do método científico, um conhecimento unilateral por não se conhecer, servindo-se de um modo parcial de si mesmo, por desconhecer o próprio íntimo, que é a raiz do saber original humano.

A ciência da objetividade externa construiu um conhecimento tecnológico de avançado domínio sobre o mundo exterior. Elaborou uma metodologia fixa, mantendo-se restrita aos aspectos perceptíveis externos e presa à fenomenologia de efeitos. Porém, usando somente a sensorialidade externa, o conhecimento fica restrito e condicionado a uma percepção que não abrange e nem inclui informações provenientes da totalidade da mente da vida. Para que o conhecimento humano seja coincidente com a própria identidade e, portanto, função para o coletivo, o homem necessita resgatar a própria dimensão ontológica: aquilo que *sabe* deve ser coincidente com aquilo que *é*.

A dimensão interna da vida humana manteve-se desconhecida e impossibilitada de acesso por longos períodos da história da ciência. No entanto, existem objetos internos a serem compreendidos, informações

da vida subjetiva que devem ser consideradas para se ter acesso à forma original e autenticamente humana.

Assim, o conhecimento humano necessita reencontrar a unidade do saber, mediante a tradução do próprio ser. O mundo-da-vida reúne em si o mundo interno e o mundo externo, que se fazem presentes no modo de ser humano. Dessa maneira, o saber só promove ação de valor humano se estiver em conexão com o constituinte da natureza humana: ser, saber e fazer devem convergir em unidade.

A Ontopsicologia é a ciência que permite restabelecer o nexo entre a lógica da atividade psíquica e o ser do homem (nexo ontológico). É ciência interdisciplinar, porque reencontrou o constituinte-base que projeta o conhecimento científico, segundo a medida da dimensão ontológica humana, permitindo integrar as ciências e restabelecer o equilíbrio entre o homem e seus produtos. É ciência epistêmica, pois leva ao fundamento do saber, que é o critério para verificar o valor e a veracidade do conhecimento humano, permitindo, assim, o discernimento para examinar os limites da ciência constituída, eventuais imprecisões e aperfeiçoar o conhecimento funcional e útil à humanidade.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. Dicionario di filosofia. 3. ed. Turim: UTET, 1998.

AZEVEDO, E. L. **O método ontopsicológico na clínica psicológica contemporânea**. 2017. 329 f. Tese (Doutorado em Psicologia: Psicologia Clínica) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia: Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.

BAZZO, P. S.; RIBAS, F. T.; PEREIRA, B. A. D. Consulting as transforming practice: an analysis of the application of the ontopsyhological model on Brazilian companies. **Revista Brasileira de Gestão e Inovação** – Brazilian Journal of Management & Innovation, v.1, n.3, maio/ago. 2014, p. 48-62.

CAPRA, F. **A teia da vida**: uma nova compreensão dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix, 2006.

CAROTENUTO, M. **Histórico sobre as teorias do conhecimento**.

Recanto Maestro, RS: Ontopsicológica, 2009.

CARRARA, C. Entrepreneur's forma mentis as a factor of economic success. In: DMITRIEVA, V. (Org.). **The man in dialogue with the surrounding world: an ontopsycho logical approach**. São Petersburgo: Imprensa Universitária, 2014.

GALLIANO, A. G. **O método científico: teoria e prática**. São Paulo: Harbra, 1986.

GIORDANI, E. M.; MENDES, A. M. M. Pedagogia ontopsicológica na orientação do estágio dos anos iniciais do ensino fundamental. **Nuances: estudos sobre Educação**. Ano XVII, v. 20, n. 21, p. 43-62, set./dez. 2011.

KÖCHE, J. C. **Fundamentos de metodologia científica**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

KUHN. T. **A estrutura das revoluções científicas**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1997.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

MENDES, A. M. **Método para a gestão do conhecimento em iniciação científica segundo os pressupostos da Ontopsicologia**, 2009. 173f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

MENEGHETTI, A. **Da consciência ao ser: como im postar a filosofia do futuro**. Recanto Maestro, RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014.

MENEGHETTI, A. **Genoma ôntico**. 3. ed. Recanto Maestro, RS: Ontopsicológica, 2013.

MENEGHETTI, A. **Manual de ontopsicologia**. 4. ed. Recanto Maestro, RS: Ontopsicológica, 2010.

MENEGHETTI, A. **O residence ontopsicológico**. 3. ed. Recanto

Maestro, RS: Ontopsicológica, 2005.

MENEGHETTI, A. **Projeto homem**. 3. ed. Recanto Maestro, RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2011.

MIRANDA, C. S. **O processo criativo de uma agência publicitária a partir dos princípios da ontopsicologia e da ontoArte**. 2012. 144 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Arte e História da Cultura) - Universidade Presbiteriana Mackenzie.

MONTENEGRO, A. C. V. **A formação de líderes segundo a ontopsicologia**. 2012. 98 f. Dissertação (Mestrado em Administração de Empresas) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2012.

NICOLA, U. **Antologia ilustrada da filosofia**. São Paulo: Globo, 2005.

SANTOS, R. P. **O princípio da dignidade da pessoa humana como regulador da economia no espaço transnacional: uma proposta de economia humanista**. 2015. 568f. Tese (Doutorado em Ciência Jurídica) - Centro de Educação de Ciências Sociais e Jurídicas, Programa de Pós-Graduação em Ciência Jurídica, Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí. 2015.

SCHAEFER, R. A filosofia perene como conhecimento propedêutico à compreensão e aplicação da ciência ontopsicológica. **Saber humano**, Edição Especial: Cadernos de Ontopsicologia, p. 199-214, fev./2016.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SPANHOL, C. I. D. A. **Significados e sentidos da formação continuada, segundo o método ontopsicológico**: um estudo com professores do ensino superior. 2013. 225 p. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidad del Mar, Chile, Viña del Mar, 2013.

VIDOR, A. **Opinião ou ciência: tecnologia x vida**. Recanto Maestro, RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014.

VIDOR, A. **Filosofia pura**: a atividade psíquica deve manter-se em nexo ontológico. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015.

VOLKOVA, E.; DMITRIEVA, V.; MIKHALYUK, O.; VEREITNOVA,

T.; WAZLAWICK, P.; SCHAEFER, R.; SILVA, J.; SALLES, P. Sobre a socialização dos jovens modernos: breve discussão entre conceitos da Sociologia, da Psicologia Social e Histórico-Cultural. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, Rio Grande (RS), v. 33, p. 331-343, 2016.

WAZLAWICK, P. Quando se toma o todo pela parte: porque Ontopsicologia não é Psicologia. In: FUNDAÇÃO ANTONIO MENEGHETTI (Org.). **Ontopsicologia: ciência interdisciplinar**. Recanto Maestro: Fundação Antonio Meneghetti, 2015.

WAZLAWICK, P.; SCHAEFER, R.; VOLKOVA, E.; DMITRIEVA, V.; VEREITNOVA, T.; MIKHALYUK, O.; VOLKOVA, I. Ambiente formativo do Centro Internacional de Arte e Cultura Humanista Recanto Maestro. **Saber humano**, v. 6, p. 39-57, 2016.

WAZLAWICK, P.; SCHAEFER, R.; VOLKOVA, E.; DMITRIEVA, V.; VEREITNOVA, T.; MIKHALYUK, O. Para a definição do conceito de socialização positiva de jovens. **Revista Interdisciplinar Científica Aplicada**, Blumenau, v.11, n.2, p.78-100, 2017.

WEBER, C. **A Imagem fotográfica e seus usos: Aproximações da Ontopsicologia com a Ciência da Informação**. 2018. Tese (Doutorado em Ciências da Informação) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências da Informação, Escola de Comunicação e Artes (ECA), Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2018.

ASPECTOS FILOSÓFICOS DE UMA PEDAGOGIA DA AUTENTICIDADE OPERANTE EM ANTONIO MENEGHETTI¹

Bruno Fleck da Silva²

1 INTRODUÇÃO

No vasto horizonte de valores clássicos do Ocidente, encontra-se um modelo de solidificação das primícias da formação humana presentes no ideal grego de *paidéia*. O ideal socrático-platônico de educação dá início ao papel determinante da razão, como fundamento do saber ocidental (JAEGER, 2013), isto é, a estrutura compreensiva, em referência à realidade e ao homem, tem como medida no Ocidente o *logos*, princípio fundante, razão criadora, âncora de uma lógica do sentido, do Ser.

Decorrente desse cenário, a chamada *paidéia* grega solidifica princípios de Bem, Beleza, Justiça e Verdade, como estandartes de uma civilização nascente. À Ontopsicologia, por sua vez, enquanto ciência que visa a recuperar a ligação entre o existente real e o Ser, ou seja, de fazer cumprir o *nexo ontológico*, alvorece o ideário grego fundante da civilização do *logos* como anúncio do Ser, mediante fundamentos filosóficos que se expressam numa Pedagogia Ontopsicológica, portanto, uma pedagogia que visa a recuperar e tornar ação a identidade do indivíduo humano em conexão à causalidade lógica, que dá sentido ao próprio homem e à vida.

Diante do exposto, e considerando o que o ideário das diversas correntes pedagógicas defende, torna-se atitude natural indagar: a pedagogia atual, enquanto percurso formativo da educação humana, tem proposto ao homem contemporâneo o reconhecimento e o acontecer do

1 O presente texto foi originalmente apresentado sob a forma de comunicação oral para o III Congresso Internacional: uma Nova Pedagogia para a Sociedade Futura. A versão atual sofreu revisão e alterações por parte do autor.

2 É graduado em Filosofia com licenciatura plena pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas, PUC-Camp; especialista em Filosofia e Ensino de Filosofia pelo Centro Universitário Claretiano de Curitiba-PR, CEUCLAR; mestrando em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Maria, UFSM. Desenvolve pesquisa nas seguintes áreas: Fenomenologia, Hermenêutica e Ontopsicologia. É docente da Faculdade Antonio Meneghetti, AMF, Recanto Maestro, RS.

nexo ontológico? Permanece a dúvida, somada à constatação de uma insuficiência entre: *ser, saber e fazer*. É possível fazer sem o ser? Ou, de outro modo, é possível uma prática pedagógica que desconsidere o elemento ontológico como fundante de seu *logos*, isto é, do sentido reflexivo, bem como de sua prática formativa? A resposta é negativa.

Nesse sentido, é numa possibilidade de superação da crise dos ideais fundantes da racionalidade ocidental na prática pedagógica, crise que não se restringe à ciência pedagógica, mas que se situa no cerne da própria ideia de ciência, como fora já enunciado por Edmund Husserl, em *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental*³, apontando para uma crise em amplo sentido, isto é, da própria noção e fundamento de ciência, que o pensamento do acadêmico e professor Antonio Meneghetti surge com singularidade, por meio da Ontopsicologia, que, por sua vez, dá à Pedagogia Ontopsicológica, chamada de uma *pedagogia da autenticidade operante*, uma estruturação epistemológica.

A consolidação da ciência ontopsicológica visa a recuperar o ideário da tradição filosófica greco-tomista em nível de ontologia e inseri-lo no âmbito da aplicabilidade científico-humanista, em que se destaca o papel determinante da pedagogia como orientação do homem em direção ao seu próprio futuro, num processo formativo em duplo dinamismo: em dimensão *virtual*, isto é, identidade e dimensão *potencial* de crescimento existencial externo e visível nas suas ações (MENEGHETTI, 2014b).

A Ontopsicologia visa ao humano como fundamento, ação e objeto, isto é, trata-se de considerar que a construção de uma sociedade futura, pautada na responsabilidade e no dever, deve ater-se ao homem integral como fundamento. O dever e a responsabilidade são categorias racionais e morais próprias do humano, mais do que isso, são modos de efetivação de uma realidade mais essencial, aquela que o constitui: a condição de ser, isto é, o homem que se compreende existindo, em formação, evolução, autóctise a partir de um autocolocar-se, mediante esta realidade essencial: eu sou. De acordo com Meneghetti, “a intrínseca possibilidade de tornar-se, de ser, depende da essência formal do sujeito” (2014b, p. 44). Ou seja, **a ação, a responsabilidade e o dever são sempre possibilidades humanas dadas a partir de um elemento primordial, o estatuto ontológico do homem, ser.**

3 HUSSERL, Edmund. *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

Nesse sentido, procura-se refletir sobre alguns aspectos filosóficos de cunho ontológico que consolidam a epistemologia fundamental da Pedagogia Ontopsicológica: a relação entre princípio ôntico e prática formativa na evidenciação de um formar para a criação e autenticidade, isto é, uma pedagogia da *autenticidade operante* que tenha em vista o fazer sobre e com o ser, ou seja, onde o plano moral é alicerçado sobre o plano ontológico, ou seja, a ontopedagogia.

2 A DIMENSÃO ONTOLÓGICA

Visando a recuperar o elo perdido entre *Ser* e *Existir* na vida cotidiana, a Escola Ontopsicológica apresenta-se como crítica e fundamento, isto é, aponta para o erro e propõe um novo percurso, real e eficiente. O professor Antonio Meneghetti insiste em recuperar a dimensão ôntica na consciência fenomenal, necessidade evidenciada num mundo onde os grandes ideais da educação já não dizem muito, justamente, pela prática formativa, em grande parte, não humana, isto é, não referente ao que se é, mas somente ao que se “deve” ser ou, ainda, ao que se deve fazer. Desse modo, o erro reside no processo reflexivo, na tomada e determinação da consciência. Revisão crítica e autenticação são marcas epistêmicas da Ontopsicologia que insiste em “(...) pensare per come sei, e non per como si è stati educati” (MENEGETTI, 1997, p. 9). Nesse sentido, o processo pedagógico ontopsicológico, num primeiro momento, tem como fundamento epistemológico a *revisão crítica dos modos de determinação da consciência*. Antes de agir é preciso verificar os modos de pensamento.

Toda proposta pedagógica tem em si uma dimensão moral. Ou seja, todo ato de ensinar e orientar visa a um modo de ação. Em Ontopsicológica, “(...) o escopo prático é educar o sujeito a fazer e a saber a si mesmo” (MENEGETTI, 2014a, p. 14). A revisão crítica da consciência leva à constatação essencial de o humano ser alicerçado sobre a lógica da vida que lhe implica o estatuto ontológico de ser.

Em cenário semelhante ao da *crise da razão* que permeou o séc. XIX, após o auge dos ideais modernos, iluministas, a Escola Ontopsicológica, a partir do séc.XX, ganha destaque. Fundamentada na teoria de Antonio Meneghetti, trata-se de uma superação do racionalismo ocidental fixado sobre o fenômeno, e em sentido husserliano de um *retorno às coisas*

*mesmas*⁴, evidenciar a autenticidade humana, enquanto realização existencial de um ser, uno, enquanto estrutura fundamental de toda a ontologia universal, exata, ativa e diretiva por meio da individualização humana. Em outros termos, trata-se de aflorar a autenticidade do homem, na exatidão das múltiplas singularidades, que são a epifania existencial do todo, do ser. **Uma pedagogia da autenticidade é aquela onde o Em Si Ôntico torna-se real exatidão no fenômenoexistência.** A verdadeira e eficiente pedagogia de que necessita o homem contemporâneo é a de trazer ao real o Ser que se É, projeto exato, segundo a lógica da vida. Neste propósito, uma educação para a autenticidade ocorre mediante o percurso ôntico-existencial.

Recuperar o sentido real, exato e eficiente da pedagogia consiste em ater-se à ideia historicamente construída de *conhecimento*. Para o autor, há a necessidade de um conhecimento *ontológico*, um conhecimento *para ser*, em vista da superação de um conhecimento *para fazer* que nos fora dado historicamente e parece então insuficiente. Toda problemática em torno do aprender e do conhecer dirige-se a quem? Ao humano, certamente.

Caso se considere que toda a verdadeira filosofia é ontologia, isto é, uma filosofia perene, o fundamento filosófico da pedagogia ontopsicológica reside na compreensão de que todo plano de ação que o sujeito humano possa trilhar, *autóctise histórica*, deve estar firmado sobre sua condição própria de humano, sua dignidade ontológica. Portanto, uma pedagogia ontopsicológica é aquela que se atém, antes de tudo, à construção de uma consciência no humano, em que a ação e o dever devem acontecer em consonância com o ser, mais propriamente, trata-se, como afirma Meneghetti, de “saber ser fiéis artesãos da projeção em ato projetada pelo Em Si ôntico em situação” (MENEGETTI, 2015, p. 13). Nesse sentido, pode-se pensar uma *Pedagogia da Autenticidade Operante*, isto é, em que o sujeito é formado para atuar naquilo que é. De acordo ainda com o acadêmico e professor Antonio Meneghetti:

4 A fenomenologia de Edmund Husserl constitui-se no século XX como uma teoria do conhecimento filosófico. Parte do conceito cartesiano de evidência, afirmando que a consciência, em sua intencionalidade (conceito este vindo da Escolástica, recuperado por Franz Brentano) pode ater-se à manifestação das essências nos fenômenos. O retorno às coisas mesmas implica ater-se às formas como os objetos se entregam à consciência (ABBAGNANO, 1970), não a partir do que já foi determinado idealisticamente, mas como experiência de imersão no lebenswelt, o mundo-da-vida.

“Autonomia não significa indiferentismo independente. Autonomia significa regra conforme àquilo que se é. Logo, é a coerência da real autenticidade do sujeito; portanto, autóctise do próprio Em Si ôntico” (2014b, p. 159).

Para Meneghetti, há uma *ecceidade*, isto é, uma contemporaneidade onde se encontra ser e existência. Fazer é fenomenologia, ser é vontade, é preciso recuperar esse elo. É necessário sempre considerar que o acontecer, enquanto princípio pedagógico, deve considerar o ser (autoevidência), o fato de estar no mundo (ecceidade) (MENEGHETTI, 2007).

As pedagogias tradicionais detiveram-se sobre o fenômeno, enquanto dimensão exterior ao sujeito, isto é, *àquilo que este deve fazer, não àquilo que este é*. Naturalmente, o resultado é um fazer sem ser, um ideário que propõe seguimentos externos resultando numa pedagogia onde não ocorre aquilo que deveria ser o fundamental: a **criação**.

Portanto, o problema base de uma pedagogia ontopsicológica funda-se na indagação: *de que modo crio e faço a partir daquilo que sou?* Ainda mais: de que modo as propostas pedagógicas atuais apontaram para a plenificação do sujeito como partícipe de si próprio e operador no mundo da vida? A ciência pedagógica atual insiste na criação ou na repetição? A resposta dada pela Ontopsicologia, em sua dimensão pedagógica, tem implícita a consideração de uma **concepção antropológica radicada na ontologia**.

3 UMA ONTOLOGIA DA PESSOA

O horizonte de uma pedagogia ontopsicológica e, portanto, de cunho ontológico, sugere uma consideração particular à própria noção de pessoa em seu caráter essencial. Uma ontologia da pessoa é uma abordagem importante que se faz notar em muitos percursos filosóficos da contemporaneidade, entre os quais, perspectivas como a de Martin Heidegger, Emmanuel Levinás, Paul Ricoeur, entre tantos. Em Ontopsicologia, a noção de pessoa é sustentada pela noção de Eu, que é mais abrangente que a de pessoa, visto que, na arquitetura ontológica da Ontopsicologia, o “Eu é o determinante categórico de realidade” (MENEGHETTI, 2015, p. 161). Ou seja, a intencionalidade ontológica faz existência histórica e possibilita o Eu, sendo a pessoa, enquanto sujeito histórico, um eu encarnado na existência. Entretanto, sendo a categoria de pessoa o resultado dessa configuração ontológica, segundo o fundador da Ontopsicologia,

quando se trata de pessoa, “(...) não existe significado maior em referência ao homem” (MENEGETTI, 2015, p. 161).

Desse modo, antes de tudo, uma pedagogia da autenticidade operante, isto é, da potencialização da autenticidade, de sua confirmação no acontecer histórico do sujeito em formação, deve estar fundamentada na radicalidade ôntica que possibilita o ser pessoa, afinal, “o ser individuado não pode tornar-se, se o potencial não é já intrínseco na essência” (MENEGETTI, 2015b, p. 69). Ou seja, trata-se de evoluir conforme o que se é.

Tanto a noção de *pessoa*, como a noção de *Eu* são marcadas pela categoria antropológica da *individuação*. O objeto da pedagogia ontopsicológica é operar a autenticidade, é considerar a pessoa na sua dignidade ontológica de ser um ente único existindo, portanto, para visar ao potencial de uma *individuação*. Toda individuação é uma unidade de ação composta por matéria e forma, alma e orgânico numa essência histórica (MENEGETTI, 2014b). Nesse sentido, a Pedagogia Ontopsicológica, em sua compreensão antropológica, entende o homem segundo a maneira clássica do hilemorfismo, isto é, um ser composto de partes distintas e interdependentes que sustentam uma unidade. O acontecer histórico de tal unidade revela-se *individuação histórica*, o ser se faz existência: pessoa.

Toda individuação implica *responsabilidade*. É necessário que o sujeito humano torne-se responsável pela vida racional e potencial que lhe é inerente, que lhe confere uma dignidade, a de sujeito que pensa e reconhece a si como ser de razão e da práxis, isto é, de pessoa, sujeito humano que pensa e age. Uma pedagogia que fomente o reconhecimento disso é uma pedagogia ontopsicológica, tendo, portanto, “(...) a arte de formar o homem-pessoa na função social” (MENEGETTI, 2014a, p. 195). Portanto, ser pessoa é ser livre, um existente histórico possuidor de uma unidade de consciência, o que implica responsabilidade em agir conforme o potencial dado. De acordo com o acadêmico e professor Antonio Meneghetti: “Cada escolha, cada ação na vida do homem, se conforme à intencionalidade de natureza, é ganho de ser” (2001, p. 25).

A responsabilidade do sujeito histórico pessoa é resultante de um ato voluntário pensante, a pedagogia é sempre uma orientação a como escolher, ao que escolher. Em Ontopsicologia, é possível diversificar escolhas introvertidas e extrovertidas, ou seja, a partir de si, de dentro, e a partir de fora. O processo de responsabilização orientado pela Pedagogia Ontopsicológica é sempre o da escolha congrua e eficiente à própria

identidade do sujeito em formação (MENEGETTI, 2001). A escolha deve refletir a autenticidade de um sujeito em formação que reconhece uma interioridade que lhe sustenta o existir e que conduz suas escolhas.

Considerando que “[...] o homem nasce da realidade da natureza, mas é formado pela sociedade” (MENEGETTI, 2014b, p. 315), a ameaça à identidade é fato dado. O dinamismo social impõe ao sujeito modos diversos de ser, na maioria das vezes, dissociados de seu potencial ôntico. Ou seja, “[...] nenhuma criança aprende a vida dela própria, mas aprende a vida de tantos adultos em erro” (MENEGETTI, 2014b, p. 316). A constituição de consciência é dada pelo processo de formação de uma matriz, uma estrutura-base que orienta o modo de ver, pensar e viver no mundo, um modo conferido por um outro, introjetado. Trata-se de um outro que educa o sujeito já ao seu modo de consciência.

Nesse sentido, e na contramão do referido processo, uma Pedagogia da Autenticidade Operante, uma ontopedagogia, que implica a superação de um eu-fictício, de um eu não autêntico, para a formação de um eu (lógico-histórico), conforme a intencionalidade da identidade da pessoa. Portanto, o objeto dessa pedagogia é a livre e real consciência quanto à identidade, visando-se a uma formação mediante o eu *a priori*.

4 AUTENTICIDADE ENTRE SER E VIR A SER

Como mencionado na introdução, para Meneghetti (2015), é importante considerar a diferença entre *potencial* e *virtual*. O potencial prevê a realização de um outro que lhe é diferente, mas a noção de virtual implica tornar-se conforme se é. Como é possível vir-a-ser aquilo que já se é? Uma pessoa pode tornar-se ela própria? A resposta a essa questão, que nasce de dentro da própria ontologia, é respondida pela Ontopsicologia: as ofertas do mundo são desvios à autenticidade, um exemplo é o predomínio do consumo e da tecnocracia, onde ter e fazer são apelos contínuos a nossos jovens e crianças, em detrimento do ser. O consumo exacerbado, o predomínio da realidade virtual e a ideologia dominante da técnica tomaram conta de nossos lares, mas também das ideologias educacionais. Uma pedagogia ontopsicológica visa à congruência entre ser, saber e fazer num movimento trino e consubstancial, uma autenticidade de ação que saiba a si e pense para si, visando ao outro e ao mundo, existindo no mundo. Se, em ontologia clássica, a qualidade do ser é atribuída a de essência, uma ontopedagogia reconhece que o potencial

do sujeito histórico está no reconhecimento de *ser* pessoa, *ser* existente, aqui e agora atuando no mundo.

Segundo o criador da Ontopsicologia, o segundo aspecto a ser distinguido na Pedagogia Ontopsicológica é o de *Identificação e evolução do Em Si ôntico* (MENEGHETTI, 2014). Outro aspecto filosófico que aí se desenvolve é por que todo sujeito humano, considerando-se também aquele em idade infante, é entendido como “fenomenologia do espírito”. Cada devir histórico é impulsionado pela realidade causal, que filosoficamente e, segundo a lógica e a ontologia, deve constar no processo. Uma vez mais, o desenvolver-se por como se é.

Assim sendo, o telos da Pedagogia Ontopsicológica é a realização saudável do próprio princípio causal do sujeito histórico que vê, em sua própria realização, a teleologia, a própria razão pela qual se move. Segundo Antonio Meneghetti: “ponderando bem os efeitos que se observam na fenomenologia existencial, é o que chamamos de fim que motiva a própria causa agente”(MENEGHETTI, 2014a, p. 22). Portanto, assim como em Aristóteles, a felicidade e o bem configuram a teleologia eudaimonista do existir humano, a vivência de um humanismo que ressalte o dever e a responsabilidade de ser pessoa, segundo a autenticidade de seu projeto ôntico, que é tarefa fundamental da Pedagogia Ontopsicológica.

Uma pedagogia da autenticidade significa formar o sujeito à escuta do próprio íntimo, ou como se diz em Ontopsicologia, ascultar. O processo de formação implica orientar o sujeito para que possa sempre ater-se à verdade dada por sua lógica interna, o que significa que uma educação para autenticidade considera o dinamismo do ser da pessoa e não a fixação de ideias, modos de pensamento e ação, estruturas de complexo, mas sim a escuta da eterna novidade da vida.

A dinâmica da vida exige, portanto, contínua metanoia, isto é, mudança radical dos modos externos (pontecial) para manter a fidelidade ao modo interno (virtual). Acerca disso: “a metanoia ontopsicológica significa que o Eu lógico-histórico deve reconstituir-se na única intencionalidade do Em Si ôntico subjetivo: o homem deve mudar por como é” (Id. Ibidem, p. 217). Desse modo, o potencial histórico de cada pessoa deve conduzir em seu dinamismo o fundamento ôntico que lhe configura a radicalidade de ser para então existir. Se a vida, enquanto ato histórico, é pontuada pelo ser, a responsabilidade existencial é a de ser fiel ao projeto de natureza.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Visto que o homem perdeu o contato consciente com o princípio constituinte de sua identidade humana (VIDOR, 2013), a Ontopsicologia, por meio de uma Pedagogia Ontopsicológica, consolida-se a partir de pressupostos filosóficos radicados na condição ôntica de todo ser humano, sujeito histórico existente no mundo. É com vistas a essa dimensão que se pode pensar a formação pedagógica como formação para ser aquilo que se é, em ação na vida, isto é, autenticidade operante.

Ao anunciar a crise das ciências humanas, Edmund Husserl afirmou: “A fenomenologia pura ou transcendental não será fundada como ciência de fatos, mas como ciência de essências” (HUSSERL, 2014, p. 28). É na busca de tornar o *Eu lógico-histórico* síncrono ao seu profundo, o *sacro*, o Ser que se cumpre o objetivo da Escola Ontopsicológica. Para Vidor (2013): “Somente da mente humana autêntica seria possível a Ontologia [...]” Nela, soma-se o *contemplativo* e a *episteme*, isto é, a teoria e a exatidão prática, ela “[...] restabeleceria a consciência em contato com o próprio ser” (VIDOR, 2013, p.100).

Assim, uma pedagogia da autenticidade, isto é, que venha a evidenciar o Ser no real, enquanto processo educativo, deve pressupor uma ontologia da autenticidade. O percurso de fundamentação teórica para tal propósito, insuficiente em Husserl, é iniciado em Meneghetti. A necessidade de aprofundar-se passando-se do Real ao Ôntico é um processo que exige uma ciência transcendental. O que fora percebido é que: “[...] onde a realidade se impõe com mais verismo, a ciência é ausente” (MENEGETTI, 1997, p. 21).

Dessa forma, a constatação de si próprio, como realidade metafísica, a fenomenologia operante e o estatuto ontológico são os processos-base de uma pedagogia do humano pleno, integralizado à sua essência de criador real do ser. A fidelidade e o reconhecimento de si, enquanto parte de um todo maior, considerando a existência de um elo dado entre o ser existente, eu lógico-histórico e o Em Si Ôntico, universal e cósmico, permite ao ser-humano inúmeras possibilidades de ser e de existir. Todo humano é *individuação* do grande Todo sob a lógica maravilhosa da existência. Neste sentido, é-lhe permitida a **criação absoluta**, a autenticidade operante.

A potencialidade operante no Universo é fruto do *logos* criador. O homem faz-se humano na medida em que cria, assim como a lógica da vida é criação constante. Nesse sentido, a realidade interna do homem

necessita exteriorizar-se, a fim de que se cumpra a união metafísica entre ser e real existente, pois a Pedagogia Ontopsicológica ressalta tal necessidade, permitindo a cada subjetividade fazer-se ação e, nisso, firma-se o dever.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Metafísica**. 2.. ed. São Paulo: Edipro, 2012.

ABBAGNANO, N. **História da filosofia**. Lisboa: Editorial Presença, 1970.

CAROTENUTO, M. **A paideia ôntica: dos sumérios a Meneghetti**. Recanto Maestro, RS: Ontopsicologica Editora Universitária, 2013.

HUSSERL, E. **A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

HUSSERL, E. **Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica**. 5. ed. São Paulo: Ideias e Letras, 2014.

JAEGER, W. **Paideia: a formação do homem grego**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

MENEGHETTI, A. **Genoma ôntico**. Roma: Ontopsicologica Editrice, 1997.

MENEGHETTI, A. **Racionalidade ontológica**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015.

MENEGHETTI, A. **Manual de ontopsicologia**. 3. ed. Recanto Maestro, RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2004.

MENEGHETTI, A. **Pedagogia ontopsicológica**. Recanto Maestro, RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014a.

MENEGHETTI, A. **Da consciência ao ser**. Recanto Maestro, RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014b.

MNEGHETTI, A. **Projeto homem**. 3. ed. Recanto Maestro, RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2011.

MENEGHETTI, A. **Princípios de ontopsicologia**. Brasília: Ontopsicologia Editrice, 2001.

VIDOR, A. **Fenomenologia e Ontopsicologia: de Husserl a Meneghetti**. Recanto Maestro, RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2013.

FILOSOFIA PRÉ-SOCRÁTICA E ONTOPSICOLOGIA: UMA FUNDAMENTAÇÃO FILOSÓFICA¹

Breno Prado da Silva²

Bruno Fleck da Silva³

1 INTRODUÇÃO

No presente artigo, adota-se como problema de pesquisa a substância da fundamentação filosófica da Ontopsicologia, ou seja, de que modo a filosofia pré-socrática dá base a aspectos importantes dessa ciência. Uma vez que desse ramo do conhecimento pode-se colher muitos bons frutos – principalmente para o íntimo de cada pessoa –, neste trabalho, visa-se a trazer não apenas conhecimento teórico, mas também aspectos de sabedoria milenar que podem e devem ser valorizados na experiência diária de cada pessoa que busca o melhor da vida. Com isso, parte-se não de um dever moral, da cultura ou dos bons costumes ou da lei do Estado vigente, mas de um dever de natureza ética, de acordo com o qual o homem precisa, necessariamente, prover a si mesmo da melhor maneira possível.

No presente texto, tem-se como objetivo, então, em relação à fundamentação epistemológica da Ontopsicologia, observar as implicações de cunho filosófico-científico⁴ que lhe são inerentes. Além do mais, o próprio

1 O presente texto foi inicialmente escrito sob a forma de “Pequena Tese”, visando à conclusão da Disciplina Projeto Pequena Tese I, do Curso de Bacharelado em Ontopsicologia. Sua versão última, aqui presente, sofreu adaptações por parte dos autores.

2 É graduando do curso de Bacharelado em Ontopsicologia na Faculdade Antonio Meneghetti.

3 É graduado em Filosofia, Licenciatura Plena pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas, PUC-Camp; especialista em Filosofia e Ensino de Filosofia pelo Centro Universitário Claretiano de Curitiba-PR, CEUCLAR; mestrando em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Maria, UFSM. Dedicar-se à pesquisa nas seguintes áreas: Fenomenologia, Hermenêutica e Ontopsicologia.

4 De acordo com o Dicionário de Ontopsicologia, *ciência*, do latim *scio ens*, significa “sei o ser”; saber como age o ente; saber a ação do ser; saber a ação por como o ser ou a natureza a põe e a gere. Nessas definições, é preciso reconhecer que *ente* é aquilo que *é* e *está*, e que a natureza, em sua ordem intrínseca e metafísica, que rege todas as coisas, é *perene*, portanto *é*.

fundador da Ontopsicologia, o acadêmico e professor Antonio Meneghetti (2010), afirma que ciência nenhuma nasce improvisadamente.

A Ciência Ontopsicológica tem, para além e antes de um estudo científico da psique, uma fundamentação e estruturação filosófica. A base e o princípio da racionalidade da pesquisa ontopsicológica é a filosofia ou a especulação filosófica.

A Ontopsicologia inscreve-se no filão das psicologias humanista e existencial e pressupõe integralmente a pesquisa psicanalítica ortodoxa, trata de ambas as questões, mas busca conhecer o homem tal qual ele é *a priori*, ou seja, antes das diversas convenções culturais (MENEGHETTI, 2010). Nisso entra o papel da filosofia: o estudo do homem *a priori*. Para essa investigação, usa-se a racionalidade ontológica, que é exatamente ontologia e lógica (duas áreas majoritárias da filosofia), juntas e aplicadas.

A palavra ontopsicologia, cunhada por Skinner, Rogers, May, Maslow, Sutich, em uma reunião em Paris, em 1956 (MENEGHETTI, 2012), significa estudo da psique, mesmo que o método desenvolvido por Meneghetti não a classifique como uma corrente da psicologia, mas como uma ciência independente. Contudo, nesse âmbito do estudo do homem, Meneghetti (2009, p. 77) afirma:

O estudo da psique⁵, como o conhecemos hoje, é muito diferente daquele desenvolvido na Antiguidade pelos pesquisadores de toda grande cultura. Todas as civilizações antigas se ocuparam da Grande Psicologia, ou melhor, da pesquisa profunda de respostas às urgências metafísicas do homem.

Deve-se notar que ele não expõe um pensamento contrário aos estudos modernos e contemporâneos, mas introduz um conhecimento já obtido e consolidado com uma abordagem bastante autêntica: a filosofia antiga

⁵ *Psique* - do grego: eu sopro, respiro (verbo); princípio vital, força vital. Energia causal individuada em unidade de ação (na verificação humana).

(MENEGHETTI, Antonio. **Dicionário de Ontopsicologia**. Recanto Maestro. Ontopsicológica Editora Universitária, 2012.)

Psique - do grego: vida, espírito. 1) A alma ou a mente. 2) [Psicologia] Conjunto das características psíquicas de um indivíduo. = Psiquismo. 3) [Psicologia] Conjunto de fenômenos estudados pela psicologia. = Psiquismo. (**Dicionário Priberam**. Disponível em: <https://www.priberam.pt/dlpo/psique>. Acesso em 07/05/2018)

como base de sabedoria humana e geral - contrastando com a cultura positivista predominante. Em especial, a pré-socrática, pois se o ser humano é fruto e parte integrante da natureza, nada mais sábio que se estude a natureza tal qual ela é antes das convenções sociais. Assim, este estudo primário deve ser o ponto de partida para o desenvolvimento de qualquer entendimento profundo acerca de qualquer coisa que seja parte da *phýsis*, incluindo o próprio homem e tudo aquilo que se considere que esteja *além da phýsis*, ou de tudo aquilo que se considere que seja *metaphysis*.

Além do mais, como Ontopsicologia é ontologia aplicada ao estudo e desenvolvimento do homem, deve-se entender, ao menos em linhas gerais, o que é a ontologia (ou metafísica). Para Meneghetti (2014, p. 23), metafísica (do grego, significa além daquilo que é físico ou além da natureza física) é “a racionalidade elementar que se refere ao ser”, e que a “ontologia pura é metafísica”. Esse conceito pode parecer confuso à primeira vista, mas, considerando que *onto* vem do grego *ontos*, que significa *do ser*, que esse *ser* se refere à ação de ser, ao fato de ser, e que as aparências mudam (logo, *estão*) e as essências ou ordens da vida não mudam (logo, *são*), entende-se prontamente que a ontologia é o estudo das essências, da ordem da natureza, ou seja, é o estudo daquilo que *é*. Em outras palavras, é o estudo que levou Parmênides e Protágoras às suas célebres conclusões; respectivamente: “*O ser é, o não ser não é*” e “*o homem é a medida de todas as coisas, daquelas que são pelo que são, daquelas que não são pelo que não são.*”

Ontologia, de acordo com o Dicionário de Ontopsicologia (2012), é o “discurso, a racionalidade, o critério atinente ao real, ao ser e a qualquer fenômeno seu”. Isso significa que o estudo ontológico é aquele voltado à verdade intrínseca de cada individuação do ser, fenômeno ou intencionalidade, e ao próprio ser. Assim sendo, abrange tudo aquilo que existe e tudo aquilo que é, sendo, portanto, um estudo tanto metafísico quanto físico.

Em Direito, Consciência, Sociedade (2009), Meneghetti discursa sobre a relação entre ontologia e Ontopsicologia (capítulo 5). O autor principia-se pelo esclarecimento acerca das apropriações culturais: ontologia do direito, ontologia da política, ontologia da medicina, dentre outras, são modos linguísticos, não a ontologia de fato. Enquanto aquelas são erros concretos, esta é perene, “conhecimento elementar à percepção: esse est percipi!” (MENEGHETTI, p. 85). Uma pequena frase reveladora de uma verdade axiomática facilmente concebida por qualquer pesquisador ontológico e, simultaneamente, instigadora ao

raciocínio, ao cogito.

Essa afirmação, *esse est percipi*, significa “ser é ser percebido”, ou “o ser é o ser percebido” (no mundo contemporâneo, encontram-se ambas as traduções). Partindo do princípio de que toda informação que chega à consciência do sujeito é impactada e racionalizada do ponto único de vista do observador (que é sempre estritamente o próprio sujeito), isso implica considerar que aquilo que é, é tal qual é percebido por aquele que o percebe. Dito de outra maneira, uma geladeira é sempre alta para aquele que mede 1.5 metros de altura, enquanto é baixa para alguém que meça 1.9 ou 2 metros; enquanto que a aparência do objeto, no caso a geladeira, mude por conta do ângulo a partir do qual é observado e sua atribuição qualitativa varie (alta para um, baixa para outro), ele mantém sua identidade em si, sem quaisquer alterações de quaisquer espécies.

A verdade do objeto em si, portanto, depende da subjetividade do observador. Este, para ser exato, terá que inspecionar o objeto sob vários modos e com instrumentos de precisão, o que é feito nas ciências clássicas e, da mesma forma, terá que *intuir* a verdade daquilo que observa. Intuição é, pois, um saber exato, inalienável, indeformável. Essa é a proposta que Meneghetti defende, que se alie a técnica indutivo-dedutiva à técnica intuitiva. A necessidade da intuição para a real pesquisa ontológica (e consequentemente para toda pesquisa) é estrita, como está mencionado no referencial teórico deste artigo.

Por fim, mas não menos importante, neste artigo, tem-se o escopo de um real material de saber filosófico. Isso significa, em verdade, que há proposições e cadeias lógicas, bem como concepções de ontologia pura. Tais concepções são axiomas, verdades incontestáveis e indubitáveis acerca daquilo que é, portanto acerca do real modo das coisas; em especial, da mecânica natural do universo. Essas verdades são proposições-base que, se contestadas, colocam em crise toda possibilidade cognoscitiva e todo sentido de solidez e de existencialidade – como afirmou Descartes, o sujeito não pode duvidar, no momento em que duvida, de que está duvidando. Não há qualquer valor de vida na ação de contrapor-se logicamente a pressupostos essenciais da natureza. Fazê-lo é atentar contra a própria ordem de vida intrínseca a si mesmo.

Protágoras defende, como se verá neste artigo, que julgar a validade de uma proposição quanto ao seu grau de *utilidade* e *universalidade*” (CAROTENUTO, 2007, p. 18), estar-se-á fazendo a melhor filosofia que se poder fazer. Isso se explica pelo reconhecimento do limite

cognoscitivo da mente humana. Racionalmente, não se pode conhecer tudo, nem qualquer coisa, mas apenas aquilo que está ao alcance da racionalidade, ou seja, do pensamento lógico.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Como o tema desta pesquisa é a relação existente entre o pensamento pré-socrático e a Ontopsicologia e como aquele dá sustentação teórica a esta, estão considerados, , na sequência, os autores mais influentes desse período da filosofia para a Ciência Ontopsicológica.

2.1 HERÁCLITO (540-480 A.C.)

Nasceu em berço aristocrata, mas optou por seguir uma vida distinta daquela que o saber comum havia escolhido para ele. Ao invés de vida fácil, criação de leis e julgamentos, iniciou uma jornada em direção ao saber. Em sua busca da verdade, criticou o saber comum, como aponta Spinelli (2012, p. 151), afirmando que a “ (...) polimatia não instrui a inteligência”, pois o saber enciclopédico empodera a memória, mas não a inteligência e sua capacidade criativa, que são eixos estruturais fundamentais da mente humana; pode-se viver apenas de memórias, mas para alcançar um nível superior é preciso sempre um grande uso de inteligência e criatividade, independentemente do âmbito de ação. As críticas de Heráclito, contudo, não demonstravam que fizesse oposição à sabedoria popular, visto que teria dito também que “a Cultura é um segundo sol para as inteligências cultivadas”. Logo, ela é imbuída de enorme importância, mas não é a fonte primeira de sabedoria e bem viver.

Jaeger (2003, p. 224) explicita, em um fragmento de parágrafo, a relevância deste nobre pensador para a filosofia mundial, dando a ideia de que ele foi, ao menos dessa forma específica, um grande filósofo:

[...] Heráclito profere estas graves palavras: *A multiplicação dos conhecimentos não proporciona sabedoria*. E cria uma filosofia cujo sentido se encontra expresso na profunda máxima: *Investiguei-me a mim próprio*. É impossível exprimir a volta da filosofia ao Homem de modo mais grandioso do que aquele em Heráclito.

Já Carotenuto (2009) é precisa em seu breve discurso sobre Heráclito. Nele, ela pontua que o filósofo criticava os sábios e os *experts* de seu tempo, pois conheciam muito, mas não o *logos*, ou seja, a mais profunda lei natural e universal intrínseca a todas as coisas. Exatamente é esse o escopo da Ontopsicologia: agir e viver de acordo com essa lei, que perpassa todas as outras, que oportuniza a qualquer coisa ser do jeito que é e em perfeita harmonia com a ordem da vida.. Não é uma ciência com foco no problema e na sua resolução, mas na lei natural que consente ao homem a saúde, a vitalidade, a energia, a satisfação, a sensibilidade. Basta agir a vida no epicentro dessa ordem que se estará, a todo momento, sendo a ação do ser no projeto homem.

A partir de uma breve introdução ao pensamento e à ação intelectual de Heráclito, a autora rapidamente entra na profundidade da sua filosofia : *logos* é a lei universal por trás de tudo e é também a razão humana e a palavra; é o *logos* que dá expressão à *nous*, que é o intelecto; e “o verdadeiro *logos* é a linguagem que explica o significado mais profundo das coisas”. É essa racionalidade que se presencia na Ciência Ontopsicológica, uma racionalidade lógico-matemática, mas também intuitiva. A experiência de conhecer o *logos* por trás dos fenômenos (e, em um nível mais alto, o *logos* por trás das leis universais, o *logos* em si) é vivida apenas quando aquilo que está *fora* ressoa *dentro* – a ordem por trás de tudo é invisível, mas está em tudo, é tudo, e é também o sujeito.

Quanto a esse verdadeiro *logos*, Heráclito deixa claro que considerava o invisível que rege o visível, superior, pois é esse invisível, esse metafísico que coordena toda a dimensão física. Quando diz “a harmonia invisível é superior à visível” (SPINELLI, 2014, p. 168), refere-se a essa harmonia, à perfeita interação entre as leis da natureza que abre a possibilidade de conhecer o real, bem como de prever o que irá acontecer. Caso o caos reinasse, ou seja, se neste universo não houvesse ordem, seria impossível afirmar que, quando chove, a água cai do céu e que, quando chover novamente, cairá água do céu; é nosso conhecimento do *logos* real por trás da chuva que permite que se conheça a chuva e como ela funciona, e que se possa prevê-la e ser criativo quanto a ela – na construção de telhados impermeáveis, calhas, valas e canos de escoamento, etc. Assim ele conclui: “É, pois, um sábio: aquele que conhece o pensamento que governa tudo através de tudo” (SPINELLI, 2014, p. 168).

Por fim, um aspecto chave da Ontopsicologia já havia sido formulado

e praticado: a *práxis*⁶. Heráclito deixou para a posteridade estas célebres palavras, as quais transmitem uma sabedoria que aparenta ser simples, básica, lógica, mas que, por muitos, não é praticada. Sem ela, não se pode atingir o mais alto grau de grandiosidade, independentemente do campo de ação, pois “máxima virtude é ser sábios e a sabedoria consiste em dizer e fazer coisas verdadeiras, compreendendo-as segundo a sua natureza”.

2.2 PITÁGORAS (575-497 A.C.)

Estudou o número e sua presença e função no Universo, declarando o cosmo como “*proporção rítmica*, ou seja, *música*” (CAROTENUTO, 2009, p. 14). A música é exatamente número, proporção e ritmo – e, por trás da proporção e do ritmo, está o número; tudo é redutível ao número.

Pitágoras concebia a natureza como inteiramente cognoscível por meio da matemática, pensamento que, mais tarde, é adotado por Galileu Galilei (1234-5678), outro importante pensador para a Ciência Ontopsicológica e para as ciências em geral. Dizia, ainda, que ela é “*a via para o conhecimento da natureza mais profunda das coisas*, juntamente com a astronomia e a música” (CAROTENUTO, 2009, p. 14). Isso significa que a via para tal qualidade de conhecimento é exata e precisa. As hipóteses, portanto, servem apenas para se encontrar e se testar essa via exata, pois ela é a única a ir ao encontro do mais profundo que há. É esse rigor científico que, mais tarde, difunde-se em ambos os hemisférios do mundo moderno e contemporâneo. Da mesma forma, a Ontopsicologia é um instrumento exato para se chegar à real base intrínseca a tudo que existe.

Isso incentivou a pesquisa Ontopsicológica voltada para a música. Nesse âmbito, foi criado o movimento artístico OntoArte e publicada, além de Música como Ordem de Vida (2007), a obra Manual de Melodística (2018), que trata de teoria e técnicas para restabelecer, manter e fortalecer a ordem natural da essência do ser humano. Portanto, é musicalidade livre de estereótipos, convenções, projeções e patologias; é musicalidade que transmite apenas harmonia e vitalidade, a ordem vital imanente ao homem, apenas o mais puro da vida, a mais pura vida.

2.3 ANAXÁGORAS (480/463-428 A.C.)

6 *Práxis*, de acordo com o Dicionário Priberam de Língua Portuguesa, vem do grego *prâksis*, que significa ação, transação, negócio. Em filosofia, significa ação ordenada para um certo fim (oposição à teoria). Portanto, é a prática inteligente.

Com seu intelecto, o filósofo atinge um ponto chave do conhecimento do mundo, da forma como a natureza é. Ele é capaz de perceber a unicidade dos múltiplos do cosmos, como todas as coisas que parecem oposição direta para alguns (tais quais a vida e a morte, que podem ser vistas como diretamente opostas uma a outra, mas, na verdade, complementam-se – uma é extensão da outra). De acordo com Carotenuto (2009), Anaxágoras concebe a mecânica natural das coisas do mundo como sendo não uma passagem do não ser ao ser ou de um qualquer ao seu oposto, mas a concebe como um crescimento contínuo na qual cada coisa passa de um estado real para outro igualmente real. Tais estados podem ou não ser visíveis para o homem, mas, de todo modo, continuam perenemente reais.

Esse raciocínio se justifica claramente pelo seguinte silogismo: 1) o que existe interage apenas com o que existe; 2) o homem existe; 3) o homem interage com o calor; 4) o calor existe. Ou seja, o calor, que é invisível, interage com o sujeito e é capaz de alterar uma realidade visível - ele aquece o objeto, expandindo-o ; ele queima, alterando as propriedades físico-químicas de um objeto qualquer que é queimado.

É ainda, contudo, necessário justificar a primeira premissa, pois por que não se pode interagir o que existe com o que não existe? Bem, se algo não existe, simplesmente não pode interagir. Contudo, é comum que se pense em algo que não existe, imaginar algo fantasioso, irreal, inexistente. Portanto: 1) o que existe interage apenas com o que existe; 2) algumas coisas que existem não são concretas (radiação, ar atmosférico...); 3) embora não seja concreta, a imaginação existe na mente de quem imagina; 4) a imaginação interage com quem imagina (pois fantasiar sobre coisas agradáveis gera uma reação espontânea diferente do que elaborar imagens mentais desagradáveis); 5) a imaginação, portanto, existe. Logo, se um sujeito qualquer visualiza algo que não existe concretamente, solidamente no mundo, esse algo não deixa de existir, não deixa de ser real. Assim, toda vez que um arquiteto desenha uma casa, ele primeiro a imagina, depois coloca-a no papel, em seguida a executa - o real passa de uma forma para outra e para outra, mas é sempre real (deve-se notar que a primeira é visível apenas para um, a segunda para alguns, a terceira para muitos; mas é sempre real).

2.4 PROTÁGORAS (490-411 A.C.)

Conforme Meneghetti (2012, p. 78), Protágoras desloca o foco da

pesquisa filosófica para o homem, especialmente quando afirma que “o homem é a medida de todas as coisas, daquelas que são pelo que são, daquelas que não são pelo que não são”. Ele deixa claro que isso significa apenas que o próprio homem é a única medida exata para si mesmo, que nada é capaz de ser um critério melhor para o ser humano além do próprio humano. Nesta ótica, não há nada de antropocentrismo clássico, mas um modo de pensar no homem como centro de tudo para si mesmo, como centro da própria vida, da própria existência. Além do mais, é imprescindível conceber o fato de esse ser critério para si mesmo e ser válido exclusivamente “naquela circunstância específica, naquele momento específico” (MENEGETTI, 2010, p. 79).

Carotenuto (2009) deixa claro que, enquanto a verdade é o tema central do pensamento Protagórico, este o aborda de forma diferente: não se pode, para um humano, alcançar a verdade absoluta, mas a verdade de si mesmo, para si mesmo. De acordo com ela, o filósofo relativiza o conhecimento daquilo que é verdadeiro, pois o homem é incapaz de discernir com a precisão necessária a verdade contida nos discursos, “mas pode julgar sua validade em base ao seu grau de *utilidade* e *universalidade*” (CAROTENUTO, 2007, p. 18). Ou seja, uma proposição é válida se for útil em diversos pontos do tempo e do espaço, daí sua utilidade em contexto universal; isso acontecerá dessa forma, se as circunstâncias necessárias, para que tal proposição seja útil, ocorram mais de uma vez na história do universo. Como logicamente é possível que um contexto de utilidade exista apenas uma vez para uma dada proposição, infere-se que a concepção de validade de Protágoras é insuficiente para medir a verdade. Mantém-se, portanto, aquela que é absoluta, axiomática: “o homem é a medida de todas as coisas” com relação ao próprio homem.

2.5 PARMÊNIDES (515-440 A.C.)

De acordo com Spinelli (2012), Parmênides de Eléia, um pitagórico, vinha de família rica e usava várias expressões idênticas às de Heráclito. São, portanto, próximos por pensamento, ascendência e fatos linguísticos, embora tenham vivido em cidades muito distantes e não haja evidências de que entraram em contato um com o outro; provável é que Heráclito tenha se apropriado, direta ou indiretamente, de traços da filosofia de Xenófanes, tornando-se mestre de Parmênides – embora não haja segurança doxográfica quanto a essa característica (SPINELLI, 2012).

Sobre este e para este, Carotenuto (2009, p. 13) pontua que “*conhecer*

e *ser* são a mesma coisa, porque *o conhecimento é verdadeiro apenas se é conhecimento daquilo que é: episteme*”. Ou seja, qualquer conhecimento acerca da aparência fluida de algo – fluida, pois se desmonta e se remonta, transforma-se com facilidade e volatilidade – não é um conhecimento verdadeiro. Essa aparência é superficial, não demonstra o ser tal qual ele é em seu ponto imutável e que lhe concede sua identidade, por isso Parmênides se posiciona contra a opinião comum, pois ela é baseada em aparência e superficialidade.

Nisso, deve-se notar que a opinião comum difere de senso comum. Como consta em *Da Consciência ao Ser* (MENEGHETTI, 2014, p. 67-68), este é válido enquanto está de acordo com três critérios: 1) se é constante e universal, 2) se é conforme os princípios racionais e de inteligência e 3) se é livre de lugares ou trópicos que geram erros. Isso significa que um dado conceito ou pensamento, oriundo e constituinte do senso comum, é válido apenas se for consonante com as leis naturais e, portanto, válido em toda a natureza, em todo o universo, harmônico com o princípio de inteligência presente no ser humano e livre de erros de especificidade – como um juízo do senso comum que surge entre os cristãos e se direciona aos pagãos; este não é um juízo universal, mas específico e, por isso, não é válido como conhecimento verdadeiro por se atrelar a uma variável do mundo das aparências. Ou seja, se o senso comum não trai a mais íntima e profunda natureza humana, ele é válido.

Já a opinião comum é, de qualquer forma, inválida por ser opinião, ou seja, por ser um conhecimento baseado em superficialidade. Logo, usa-se a racionalidade para elaborar um pensamento sólido. Mas, apenas o processo dedutivo-indutivo não é suficiente. Como afirma Meneghetti, “de fato, ou se intui o ser, ou permanece a vacuidade memética de um *ipse dixit*” (2014, p. 306). Se há essa vacuidade, não há conhecimento epistêmico. É, de todo modo, necessário saber o real para atuá-lo com inteligência e precisão, agindo criativamente no plano da existência de maneira funcional, alegre, vencedora. Como diz o próprio autor, a “existência é um dom que exige toda a responsabilidade do existente” (2014, p. 307)”. Basta responder ao presente da natureza sendo presente na natureza de si mesmo.

2.6 O SIGNIFICADO PERENE DE PARMÊNIDES, DE ACORDO COM ANTONIO MENEGHETTI

No capítulo mais denso da obra *Da Consciência ao Ser*, o primeiro cientista ontopsicólogo transmite um nível de saber existencial do mais

alto grau. Quando o autor afirma (MENEGHETTI, 2014, p. 305) que “se somente o ser é, o existir é válido na medida e condição em que se conecta ou implica o ser”, expõe verbalmente uma situação delicada, pois, se só o ser é, a constante mutação dos fenômenos da existência constitui-se em constante *estar* no plano temporal. Contudo, em um ínfimo ponto-momento da dimensão existencial do ser, cada pequeno constituinte desse universo, desse cosmo, é. Quando se sai desse ponto, quando se erra esse ponto, erra-se a tensão ôntica de ser pleno na perenidade do ser.

Esse ponto exato se faz sempre exclusivamente no agora, no eterno devir do presente. Dentro desse constante e imutável epicentro de todo o existir, situa-se o Eu. O Eu está nesse epicentro e em nenhum outro lugar. Quando se projeta ao passado, por meio de lembranças, quando se projeta ao futuro, por meio de sonho ou expectativa, ele não é nesses momentos, ele não está nesses momentos: ele é e está no único ponto da história em que existe algo de fato: o agora. Nisso, Meneghetti afirma que, “se muitos acreditam poder raciocinar, hipotizar, imaginar, é somente psicodélico de memes sem orgânico, sem apoio” (2014, p. 305), porque o apoio é o que ocorre aqui e agora. O psicodélico de memes é mera projeção mental (do latim *me ente* = o ente que sou; a individuação, o ponto-força, a unidade de ação que é Eu); a mente não está no raciocínio, não está nas imagens que formula ou que aparecem para si, mas está fisicamente estritamente no aqui do agora.

Por isso, a chave do viver é estar presente, pois, quando um indivíduo está presente no que faz, ele vive com totalidade aquilo, sem estar psico-organicamente cindido entre aqui e lá. Quando se projeta, não está presente; assim perde o todo do real, pois este só há no agora. A presença é o todo da vida. Conforme Meneghetti (2014, p. 307), “mesmo o instante do Eu sou tem intrínseca toda a eternidade: circularidade total ao ponto que é”. Portanto, este instante do *Eu sou* é a completude de ser da pessoa, isto é, *Eu estou devir na existência, Eu sou perenidade no ser*.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com o embasamento teórico do presente artigo, evidencia-se que há muita sabedoria sublime capaz de moldar não apenas pensamento, mas também ação. Aprende-se com Heráclito uma práxis construtora de história ética e valorosa; de nada vale o conhecimento se este não impactar positivamente a humanidade. Com Pitágoras, entende-se que há uma

ordem natural e harmônica por trás de todas as coisas, e que a via para o conhecimento dessa ordem é exata; além disso, com ele se inaugura o rigor científico da matemática, o qual é levado para todas as ciências contemporâneas. Então, Anaxágoras traz a noção de que há uma continuidade nos objetos do mundo, ou seja, não existe uma divisão entre o molhado e o seco, por exemplo, mas um é a continuidade do existir do outro. A mente cataloga, separa, escolhe, mas, no mundo da vida, todas as coisas se constituem em uma só.

A partir de Protágoras, aprende-se a fazer ciência com autenticidade, pois se o homem é a medida, então é inútil desconsiderá-lo ao praticar qualquer pesquisa. Vê-se que é imprescindível considerar mais o pesquisador do que o pesquisado, pois é ele quem analisa, quem dita os resultados. O homem pode projetar-se para fora de si para ter uma noção de como é X para Y, por exemplo, mas a referência última, o ponto de vista primário será sempre ele próprio.

Parmênides, por sua vez, traz a síntese da ontologia ; a partir do estudo dele fica visível a discrepância existente entre opinião e ciência, ou seja, entre conhecimento falso ou superficial e conhecimento verdadeiro: aquele universal e fundamental, que permeia e norteia todas as coisas. É a busca da compreensão dessa ordem que se deve efetuar, pois, só assim, escapa-se dos falsos juízos e se vive no cerne da intensidade transcendental da vida, no núcleo da potência e do mover-se da existência e do ser, portanto, só assim se vive e se é plenamente.

Por fim, Meneghetti condensa todas as concepções acertadas, todos os modos funcionais de fazer ciência em uma tese única, dando ênfase a Parmênides. Ontopsicologia verdadeira é, afinal, ontologia.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Afinal, percebe-se que os juízos pré-socráticos contêm uma gama de concepções de valor intelectual, espiritual e prático. Diversos destes têm grande reversibilidade com tudo aquilo que a Ontopsicologia evidencia, desde o agir que, em conformidade com a harmônica ordem funcional da natureza para o homem, gera, para este, crescimento, paz, prosperidade. Nisso, pode-se dizer que a fidelidade de ação para com a ordem *a priori* da vida é o bem supremo, pois essa fidelidade é infinita criadora de bem-estar, de sentir-se pleno dentro da própria existência.

Com Heráclito, vê-se o aspecto de *última atualidade* com a qual a

ciência ontopsicológica trabalha. Embora defenda que tudo escorre e que é necessário praticar a filosofia, Heráclito se torna bastante próximo da Ontopsicologia, pois ela é aplicação da técnica no aqui e agora. Se tudo muda a cada ínfimo momento, o passado é válido apenas como fundamentação histórica daquilo que hoje é de tal modo.

Pitágoras discorre acerca das proporções que há no cosmo, pois este, um todo ordenado, é também proporção. Ele abre a mente humana para observar a natureza de maneira matemática, percebendo que cada objeto, independentemente de ser tangível, pode ser descrito com números. Pitágoras inaugura o olhar que, com precisão matemática, detecta a harmonia ou desarmonia decorrente das proporções das coisas. É esse modo de ver que permite a cientificidade da arquitetura e da música, mas, principalmente, sua passagem para ser construção humana na ordem do belo da natureza.

Anaxágoras, por sua vez, concebe o mundo como sendo um contínuo real. Com ele, aprende-se a observar como a morte não é o oposto da vida, mas continuidade desta. O sujo, o lúgubre e o pútrido são continuidades do que fora brilhante, resplandecente, vívido, como as flores em seu auge que, caso desfaleçam em meio aquoso, tornam-se pântano. Em cada contexto, há vida, ordem e proporção, mas algumas são mais íntimas à ordem de vida própria do ser *homo*.

A partir do dizer “o homem é a medida de todas as coisas”, de Protagoras, entra-se no grande critério da Ontopsicologia: *Eu*. apenas o indivíduo, sujeito às infinitas circunstâncias do mundo, pode ser a medida exata para *si mesmo*. Para qualquer outro, ele poderá ser boa medida, mas jamais com precisão absoluta.

Com Parmênides, conclui-se, por fim, que o grande momento da filosofia, dentro do ser individuado, é aquele em que há uma relação dialética em perfeita consonância de sentidos entre sujeito e objeto. Faz-se saber real quando se intui o ser, quando se desenvolve o saber daquilo que é por aquilo que se é.

REFERÊNCIAS

CAROTENUTO, M. **Histórico sobre as teorias do conhecimento**. Recanto Maestro, RS: Ontopsicologica Editrice, 2009.

DICIONÁRIO Priberam da Língua Portuguesa. Disponível em: <https://>

www.priberam.pt/dlpo/. Acesso em: 28 ago. 2018.

JAEGER, W. **Paidéia**: A formação do homem grego. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MENEGHETTI, A. **Da consciência ao ser**: como imposter a filosofia do futuro. Recanto Maestro, RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014.

MENEGHETTI, A. **Dicionário de Ontopsicologia**. Recanto Maestro, RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012.

MENEGHETTI, A. **Direito, consciência, sociedade**. Recanto Maestro, RS: Ontopsicologica Editrice, 2009.

MENEGHETTI, A. **Manual de ontopsicologia**. Recanto Maestro, RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2010.

SPINELLI, M. **Filósofos pré-socráticos**: primeiros mestres da filosofia e da ciência gregas. Porto Alegre: EdPUCRS, 2012.

PARTE II

ESTUDOS TEÓRICOS E CONHECIMENTO
ONTOPSICOLÓGICO

QUANDO LO STUDENTE SI CREDE SUPERIORE AL DOCENTE

Annalisa Cangelosi¹

1 INTRODUZIONE

Nel corso della propria carriera, prima o poi, qualunque docente si scontra con una situazione che non avrebbe mai immaginato all'inizio del proprio percorso lavorativo. Una realtà che anni di studio, formazione e ricerca – per giungere un giorno, finalmente, di fronte ad un gruppo di alunni – non sono sufficienti ad impedire. Neanche il professore animato dalle migliori intenzioni di compiere la propria “missione” in maniera ineccepibile, e che si mantiene in processo di aggiornamento continuo e regolare revisione professionale, può sfuggire ad una insidia che frequentemente pone a rischio la propria professionalità.

Sto parlando della situazione in cui l'alunno si prende la libertà di ritenersi superiore al docente, ponendo in dubbio – se non in vero o proprio ridicolo – la figura dell'insegnante, delegittimandone competenza e funzione sociale.

Quanto di seguito riportato nasce da un percorso di docenza quasi ventennale, con studenti di tutte le età e diverso ordine e grado (scuola, università, corsi di formazione etc.). Una esperienza internazionale, nel confronto con culture e società molteplici, in vari Paesi di tre continenti. Tutto questo, nel costante ed essenziale scambio di idee con colleghi che, come me, si sono trovati in questa situazione, ma non per questo hanno smesso di amare la nostra professione.

La problematica in questione può assumere varie forme, sfaccettandosi in molteplici aspetti. Per una sintesi esplicativa, ho riunito le differenti casistiche distinguendole in tre fasi principali: *denigrazione*, *vittimismo*, *minaccia*.

1 Doutora em Pedagogia Experimental (Università degli Studi di Roma “La Sapienza”, Itália); Especialista em Psicologia com abordagem em Ontopsicologia (Universidade Estatal de São Petersburgo, Rússia); Bacharela em Educação Física e Bacharela em Ciências Motoras (Università degli Studi di Roma “Foro Italico”, Itália); Docente nos Cursos de Graduação, Pós-Graduação e Extensão da AMF; Formadora em Ontopsicologia para estudantes e profissionais em instituições internacionais públicas e privadas.

2 DENIGRAZIONE

La prima manifestazione del problema avviene con la denigrazione della figura del docente. Qui rientrano tutte le forme di mancanza di rispetto verso il ruolo dell'insegnante, come ad esempio una *eccessiva confidenzialità*. È molto comune sentire giovani che si rivolgono a professori pluri-laureati come se fossero compagni di classe. Soprattutto oggi, un docente deve sapere che a lezione avrà a che fare con alunni che non percepiscono minimamente la distinzione di età, ruolo, esperienza etc. tra lui e loro. Studenti che si prendono la libertà di "farsi desiderare" quando devono consegnare un compito, giustificandosi con il fatto che "ho troppe cose da fare", magari per essere impegnati in uno stage di lavoro a tempo parziale.

Per un professore, oggi è più difficile farsi rispettare ed è comune cadere nell'ingenuità di conquistare il consenso a lezione ponendosi come "amici" degli alunni. È un po' ciò che accade negli ultimi anni all'interno delle famiglie, in cui il divario genitori-figli è praticamente annullato, con inevitabili ripercussioni sulla credibilità e autorevolezza degli adulti.

Certamente può essere simpatico scherzare con gli studenti, condividere esperienze personali etc. Ma è bene ricordare il rischio che tale familiarità sia in seguito fatta propria dall'alunno, che potrebbe illudersi di essere già "arrivato", mentre in realtà ancora è solo uno studente con tutto da dimostrare nella vita. Conseguentemente, spesso avviene che anche l'alunno più intelligente cada in questa trappola e perda l'umiltà del continuo apprendimento, sentendosi già professore.

Tempo fa un collega mi raccontava che, avendo ad ogni semestre due classi con la medesima disciplina, a volte si diverte a fare un test: con una classe si comporta da professore, con l'altra da amico degli alunni. Secondo la sua esperienza, la differenza di risultato è netta: il rendimento degli studenti si riduce fortemente quando il docente si pone sul loro piano e, oltretutto, è decisamente più faticoso mantenere la lezione sotto controllo.

Sintetizzando, *fare gli "amici" degli alunni non funziona*. Anche perché il rispetto e l'amore tra docente e discente è qualcosa di sostanziale, non dipende dal livello di confidenzialità, la quale invece è spesso l'anticamera della mancanza di rispetto. Soprattutto, il pericolo maggiore è per il docente, se dopo il momento di apertura non è pronto a ristabilire i limiti nella relazione con gli studenti, collocando dei "paletti" che ne impediscano l'intrusione sul piano personale. Altrimenti può trovarsi nella incapacità di gestire il gruppo, perché percepito come collega e non più

come educatore. A quel punto è facile che, nella comunicazione con il professore, uno o più alunni si prendano delle libertà inopportune, come battute infelici, allusioni di cattivo gusto etc. Si può giungere a vere e proprie irrisioni nei confronti dell'insegnante, considerato incapace di svolgere le sue mansioni, e verso cui, di conseguenza, si avanzano delle pretese che mai un alunno dovrebbe neanche immaginare. Una volta una mia giovane collega si è trovata ad avere a che fare con uno studente che esprimeva commenti sul suo abbigliamento, chiedendole se quello che indossava era un pigiama. Un'altra professoressa, con anni di carriera alle spalle, ha dovuto fronteggiare un alunno che, mentre lei lo stava correggendo durante una prova orale, l'ha apostrofata sarcasticamente davanti a tutti dandole del "tu". Ma uno dei casi che più mi hanno colpito è quello di uno studente di 18 anni che si è permesso di alzare la voce e puntare il dito, durante la lezione, contro il coordinatore del Corso (un professionista eccellente), accusandolo di non saper svolgere il suo ruolo.

Nel percorso lavorativo di un docente, questi casi sono frequenti. Racconto alcuni episodi che ho vissuto in prima persona.

Dopo una prova di fine semestre, invio agli alunni una email spiegando che avrei consegnato i risultati durante la lezione successiva, per discutere insieme l'andamento della prova e chiarire i punti che avevano suscitato maggiori difficoltà. Aggiungo che, in caso di necessità, avrei potuto fornire la valutazione personalmente o via email ai singoli alunni. Tra le risposte degli studenti, per concordare la modalità preferita, ricevo anche questo messaggio da parte di una giovane studentessa: "Buongiorno, professoressa Annalisa, gli alunni stanno esigendo la pubblicazione dei voti sul Portale, perché a breve cominceranno le discipline di ferie e manca questa votazione". "Esigendo", penso, "che scelta verbale interessante". Al di là del fatto che, in seguito, sono venuta a sapere che nessun collega aveva chiesto all'alunna di spedire questa comunicazione, ma era una sua iniziativa individuale, decido di rispondere inviando una email, non solo alla giovane in questione, ma anche a tutti gli altri studenti di quella classe:

"Buongiorno, ho ricevuto oggi il seguente messaggio da parte di una alunna del vostro gruppo: 'Buongiorno, professoressa Annalisa, gli alunni stanno **esigendo** la pubblicazione dei voti sul Portale, perché a breve cominceranno le discipline di ferie e manca questa votazione'. Al di là del fatto che il Calendario Accademico è stato alterato con la Risoluzione 02 del 30 maggio 2018, a causa della sospensione che abbiamo avuto per lo sciopero, quindi non siamo in ritardo, ma perfettamente nei tempi,

la questione è che io generalmente preferisco consegnare le valutazioni individualmente (personalmente o via email) prima della loro pubblicazione, anche per spiegare ad ogni alunno da dove nasce quel numero che trova sul Portale e per chiarire eventuali punti errati o non chiari della prova. Anche la consegna delle prove è parte della didattica e formazione dell'alunno, per lo meno così io lavoro da quasi due decenni". E concludo rinnovando le possibilità di consegna individuale dei risultati e confermando la pubblicazione delle valutazioni sul Portale.

Una delle strategie efficaci, quando si riceve una "frecciatina" da uno studente (che può essere celata dietro una semplice parola, come in questo caso il verbo "esigendo"), è quella di *ripetere platealmente la frase dell'alunno*, di fronte a tutti. In tal modo si "smaschera" la frecciatina, rispedendola al mittente, ed è anche un ottimo modo per mantenere il distacco e non farsi toccare dentro.

Un caso frequente è quello degli alunni che si lamentano per una valutazione, in alcuni casi considerata "ingiusta", se non addirittura "intollerabile" dal loro punto di vista. Tempo fa, uno studente che non aveva raggiunto la media minima di 7 per evitare l'esame, arrivando a 6,5 ed essendo stato aiutato in tutto ciò che era possibile nelle valutazioni, mi scrive reclamando che "mancava solamente 0,5" e alludendo alla probabilità di un suo ritiro dall'intero Corso qualora io non avessi aumentato il suo voto. Non accetto la provocazione, ma rispondo all'alunno che, per alzare di mezzo punto la media tra le due valutazioni, "mancava" 1, non 0,5 e aggiungo che, se lui ritiene di meritare una valutazione più alta, sono a disposizione per organizzare il suo esame.

In situazioni come questa, è importante *mantenere il punto* – naturalmente con garbo e parlando con i numeri alla mano – anche per rispetto verso l'impegno degli altri studenti. Altrimenti si perde credibilità e i discenti associano che, basta ipotizzare il ritiro dal Corso, e il professore corre ad aumentare la valutazione per non perdere alunni².

Un altro caso interessante è quello di un ragazzo molto preparato, che però per motivi non giustificati totalizza tre ore di assenza in più rispetto al massimo consentito. Teoricamente dovrebbe essere bocciato, ma trattandosi di uno studente brillante, decido – con l'accordo della Segreteria Accademica e della Coordinazione – di concedergli la possibilità di rispondere a tre domande (una per ogni ora) nel corso dell'esame di

2 Si veda a tal proposito il § 3 Vittimismo.

fine semestre. Inizialmente l'alunno concorda e ringrazia per l'opportunità. Ma dopo alcune ore, durante le quali non intercorre alcun tipo di scambio di messaggi tra me e lui, ricevo questo suo appunto: "Mah, professoressa, bocciare per assenze è una vergogna. Mezzo anno di studio e apprendimento escluso dal mio curriculum per non essere riuscito ad andare a lezione. Per non parlare del denaro investito". Non rispondo nulla, ma informo la Coordinazione che non avrei cancellato le tre ore in eccesso, nonostante la preparazione eccellente dell'alunno. La settimana seguente mi reco all'esame ed incontro lo studente ad attendermi davanti alla porta della sala. Testa bassa, sorriso di scuse. Lo guardo di sfuggita ed entro senza dirgli una parola. Mi segue. Si siede. Al lato ci sono alcuni suoi colleghi che devono sostenere l'esame. Inizio a porre domande a loro, senza minimamente calcolare l'alunno, il quale comincia a "sudare freddo" perché si rende conto che l'ha fatta veramente grossa. Ad un certo punto, mentre sto conversando con uno degli esaminandi sull'umiltà che i giovani dovrebbero possedere per entrare nel mondo del lavoro, mi volto verso lo studente e gli chiedo: "Per esempio, P., Lei ha qualche esempio da porre su questo argomento?" Semi-paralizzato, comincia a scusarsi in tutti i modi possibili e immaginabili. Accetto le scuse, e lo aiuto a coscientizzare la causa di quanto avvenuto e perché la "vergogna" è – eventualmente – inviare un messaggio del genere ad una professoressa, che oltretutto si è dimostrata disponibile ad aiutare ben oltre ciò che il regolamento istituzionale permette. Concluso l'esame con ottimo risultato (aumentando oltretutto la media che aveva), l'alunno ringrazia e ancora una volta rinforza le sue scuse per il comportamento inopportuno. Calorosa stretta di mano, concludiamo con un sorriso la vicenda.

Un'altra forma di denigrazione da parte dello studente nei confronti del docente (e, indirettamente, anche della istituzione) può evidenziarsi anche nell'*occupare gli spazi riservati ai professori*. Ad esempio, non è raro incontrare alunni che conversano tra di loro nelle sale o nei tavoli esclusivi dei docenti. Tutto questo, pur essendo chiaramente indicato che quei locali non sono per gli studenti e, oltretutto, avendo a disposizione molteplici altre opzioni di luoghi di aggregazione, come biblioteche, aule di studio, aree attrezzate con tavoli e sedie, e via dicendo. Spesso avviene che i docenti siano costretti a cercare altri ambienti di lavoro e tutto questo avviene sotto gli occhi di professori, funzionari, genitori di alunni, ma soprattutto altri studenti, che per imitazione iniziano a fare lo stesso.

Mi si potrebbe obiettare che tutto ciò non è altro che una “formalità” e che il rispetto di un alunno per un professore si dimostra in ben altri modi. Forse è così. Ma è lecito chiedersi *perché occupare proprio quei posti*, nonostante vi siano diverse altre soluzioni. Forse perché non si ritiene necessario che ai docenti vengano riservati spazi esclusivi? In fondo, “siamo tutti uguali”, non c’è distinzione tra un giovane studente ed un professore con anni di carriera di studio, lavoro, formazione, esperienza, sacrifici... In realtà, il rispetto delle gerarchie è essenziale e soprattutto il docente deve avere chiaro dentro di sé che non si trova sullo stesso piano dei discenti.

Il fatto di utilizzare gli spazi dei professori può anche celare un sottile disprezzo da parte dell’alunno nei confronti dell’università o scuola etc., per noncuranza del suo regolamento e delle sue disposizioni scritte. In sostanza, è un comportamento che non fa onore allo studente e medio-crisza l’immagine dell’istituzione *in toto*.

Un altro atteggiamento che indica mancanza di rispetto verso i professori, in modo più o meno velato, è quello delle domande poste “a trabocchetto” dal discente. Ad esempio, non tutti i chiarimenti che gli alunni richiedono nascono da una reale esigenza di conoscenza. Alcuni sono veri e propri “test” attraverso cui lo studente pretende di misurare la preparazione del docente. Chi insegna sa di essere sotto uno “scanner” continuo della propria personalità, dal modo in cui si veste al suo livello di competenza, ai lapsus che commette etc. In tutto questo non ci sarebbe nulla di male, se non fosse che, talune volte, questa “radiografia” dell’alunno supera i limiti, e la domanda non è più solo una verifica della conoscenza del professore su un certo argomento, bensì un modo per metterlo in difficoltà di fronte alla classe. Peggio ancora, quando la domanda diviene l’occasione per confrontare la risposta di un docente con quella offerta da un altro professore a cui l’alunno ha precedentemente posto il medesimo quesito. Ricordo una volta, in una lezione di MBA, uno studente che mi chiede un chiarimento su un argomento da cui scaturisce una accesa discussione, in cui l’alunno tenta in ogni modo di tirarmi fuori dalla bocca una considerazione contraddittoria con quanto stavo insegnando. Terminata la lezione, un gruppo di alunni mi si avvicina e mi spiega che quello studente, in una precedente lezione, aveva chiesto la stessa cosa ad una mia collega. Rispondo loro: “Ma la professoressa A. cosa ha risposto?” “Come Lei... ed è nata una forte discussione come oggi!” Sorrido e spiego loro che quel fatto conferma

la coerenza teorica di quanto insegnato nelle varie discipline del Corso.

Ma non sempre si è così fortunati. A volte capita di offrire risposte diverse da quelle di un altro professore, e bisogna sapersi barcamenare per salvaguardare tanto la propria immagine quanto quella del collega. Tempo fa mi sono trovata nella situazione di dover rispondere ad una domanda di uno studente su un argomento che non fa parte in senso stretto della disciplina che insegno, ma che conosco bene. Fornita la spiegazione, l'alunno e tutta la classe mi informano che la mia risposta è diversa da quanto avevano studiato con un mio collega. "Ma se avevate già chiesto al vostro professore, perché domandare anche a me?", penso io. Chiaro, per fare un confronto. Come reagire, in questi casi?

Innanzitutto è buona regola evitare di entrare in competizione con il collega, ma anzi mantenere agli occhi degli studenti un profondo rispetto per la visione dell'altro professore (anche se contrastante con la propria). Infatti, sostenendo il livello di credibilità del docente, ad esempio trovando un modo diplomatico di giustificare la differente risposta, si collabora alla salvaguardia della "categoria" *in toto*. Se poi si ritiene che possa essere utile, si può parlare privatamente con il collega, spiegando l'accaduto e confrontandosi sui contenuti.

Ad ogni modo, per prevenire questo tipo di "giochi" da parte degli alunni è essenziale *sottolineare la dignità dei colleghi professori in ogni circostanza*, anche in aspetti apparentemente "formali". Ad esempio, io li chiamo sempre "professore" o "professoressa", quando li nomino in presenza degli alunni, e richiedo che gli studenti facciano lo stesso. E quando alcuni di loro obiettano di avere una relazione di amicizia etc. con quel/la docente, che chiamano abitualmente per nome, ribatto che fuori possono fare come vogliono, ma durante le mie lezioni i docenti si chiamano "professori". Spiego che, nel rispettare la figura professionale di un docente, l'alunno dà onore non solo al professore, ma in primo luogo a se stesso. Posso garantire che, dopo le prime, immaginabili, resistenze da parte di alcuni studenti, questa norma, inizialmente impopolare, viene apprezzata e rinforza anche la nostra immagine.

Un ultimo aspetto che vorrei trattare in questo punto è la (iper)critica degli alunni nei confronti di un docente o di un corso in generale. Mi è capitato più di una volta di sentire studenti lamentarsi, in modo più o meno aggressivo, contro discipline, professori o corsi, ritenuti a loro parere "male strutturati", "inutili", "noiosi" etc. Una mia collega ha dovuto far fronte ad una vera e propria rivolta da parte di un gruppo di alunni contro

un corso, nata dal malumore di un ristretto nucleo di discenti che in seguito, anche grazie alla rapidità comunicativa offerta dalle attuali applicazioni telefoniche, si è diffuso a macchia d'olio in quasi tutti gli altri.

Ora, nessuno vieta ad un alunno di contestare professori, discipline e addirittura interi corsi e, in certi casi, può accadere che l'insoddisfazione di uno studente riveli un problema reale. Tuttavia, affinché la lamentela non sfoci in una inutile critica a vuoto, è imprescindibile che l'alunno mostri *responsabilità e propositività*, ad esempio offrendo il proprio contributo fattivo per migliorare nella pratica la situazione che non gradisce. È facile contestare senza offrire un'alternativa. Quindi, bisogna "inchiodare" l'alunno, chiedendogli come agirebbe lui concretamente e facendo "l'avvocato del diavolo" per far sentire sulla pelle del discente cosa si sperimenta quando qualcuno (iper)critica. Ad esempio, una professoressa di una scuola che conosco si è trovata in classe con una studentessa che scuoteva continuamente il capo durante la sua lezione, evidentemente mostrando il proprio disappunto verso la spiegazione. Dopo aver cercato di comprendere i motivi del malumore della ragazza, la quale invece non offriva chiarimenti ma continuava imperterrita a far "no" con la testa, la docente ha chiamato l'alunna alla lavagna e le ha chiesto di continuare la lezione. Dopodiché si è seduta al banco della studentessa ed ha cominciato a scuotere il capo ad ogni parola della ragazza. Alcuni potrebbero considerare questa misura didattica eccessiva, se non addirittura "sadica". In realtà, è una forma di responsabilizzazione affinché il discente acquisisca una *forma mentis* cooperativa nella relazione con la società, e non si strutturi in una rigida contestazione ad oltranza contro il mondo degli adulti.

3 VITTIMISMO

Successivamente o in parallelo alla fase di denigrazione, accade frequentemente che lo studente si faccia vittima del docente, il quale viene accusato di "insensibilità", "crudeltà", se non addirittura "odio" per gli alunni. A volte un professore rimane sorpreso nel vedere frainteso il proprio atteggiamento. Ad esempio, oggi è complicato riprendere uno studente per il suo comportamento in classe, perché la fermezza del docente è facilmente scambiata per "violenza" nei confronti del discente. Soprattutto le nuove generazioni, cresciute in un mondo "virtuale" e private dei naturali e sani sacrifici che le generazioni più adulte hanno invece conosciuto, si rivelano deboli nell'adattarsi alle situazioni e superare le difficoltà.

Qualunque fattore che crei una novità problematica è vissuto con ansia dal giovane, anziché essere percepito come occasione di crescita.

In termini pratici, ciò significa che un professore deve agire con estrema cautela quando corregge o rimprovera uno studente, per non essere etichettato come “cattivo”, “duro” o addirittura “sadico”. Racconto due casi che trovo emblematici di quanto qui brevemente accennato.

Il primo è quello di un alunno che ripetutamente svolge i compiti per casa in maniera differente rispetto a quanto richiesto e che, ad ogni mio invito a porre maggiore attenzione in fase di preparazione dei lavori, risponde con una sufficienza che nel tempo assume una parvenza di arroganza. Dopo due, tre, quattro, cinque volte, comprendo che è il caso di essere più diretta con lo studente, il quale evidentemente finge di non capire. “Buongiorno, Signor C.”, gli scrivo, “ho ricevuto i Suoi compiti sulle Autonomie e sull’inizio del capitolo delle Deviazioni della gioventù mondiale. Autonomie: io avevo chiesto di fare un riassunto di 10 righe al massimo e Lei ne ha fatto uno di due pagine e poi, quando Le ho chiesto di reinviare il compito corretto, mi ha spedito una sintesi di 20 righe. Deviazioni: avevo chiesto di sintetizzare in 5-10 punti-chiave (brevi, semplici frasi, non un riassunto) e Lei non ha spedito il lavoro entro la scadenza pattuita, e poi ha inviato un riassunto di 19 righe. Purtroppo non è la prima volta che Lei “modifica” i compiti proposti (i quali hanno una logica, Le posso garantire, sebbene Lei non la comprenda o non concordi) e muove anche critiche a tali compiti. Spero che sia l’ultima volta. Spero che sarà possibile lavorare in modo più cooperativo e funzionale. Aspetto anche i compiti corretti.” Risposta dell’alunno: “Buonasera signora Annalisa, penso che nell’iniziare un raziocinio su un argomento, nel corso dello stesso, lascio fluire e scrivo, però se vengo limitato nello scrivere solo e sempre dieci righe, sento la mia intelligenza e il mio raziocinio ridotto, e probabilmente svilupperò questa abitudine. Però non vedo nessun problema nel fare secondo come sta chiedendo, certamente lo farò! D’altro canto, sto facendo il Bacharelado per una realizzazione personale, visto che mi piace molto il tema e mi realizzo dentro questa azione. Pertanto, vorrei che sapesse che è la benvenuta se ritiene che io non abbia il profilo per questo, comprenderò e mi ritirerò dal Corso, senza nessun problema! Grazie per la comprensione!”

Non mi scompongo, ma serenamente avviso la Coordinazione del Corso su come intendo procedere ed invio una controrisposta, informando lo studente che “acquisire la capacità di elaborare sintesi è fondamentale nella formazione accademica” e che “ciò che Lei percepisce

come ‘limite’ è, invece, uno stimolo allo sviluppo intellettuale”. E sul secondo punto esposto nell’email dell’alunno, cioè la possibilità di ritirarsi dal Corso, ribatto semplicemente: “Non riesco a trovare nessuna relazione tra questa Sua affermazione relazionata alla permanenza nel Corso ed il mio suggerimento di essere più collaborativo e meno critico. Spero che i professori ancora abbiano la libertà di offrire suggerimenti agli alunni. In ogni caso, sono felice che a Lei piaccia molto il tema e si realizzi in questa azione. Buon lavoro a noi tutti.”

Oggi questo è uno degli studenti più rispettosi e cordiali, esemplare nel comportamento in classe e dotato di un senso di collaborazione e responsabilità ammirevole. È bastato mostrare sicurezza, senza cadere nel ricatto infantile del “se tu mi rimproveri, io me ne vado”, riconfermando l’autonomia e l’autorevolezza nell’esercizio del ruolo di docente.

A volte bisogna avere il coraggio di *mostrare fermezza*, anche a costo di rischiare di perdere un alunno. Se in ballo c’è la libertà di portare avanti un progetto pedagogico fondamentato sulla responsabilità, piuttosto che sull’assistenzialismo, non bisogna cedere alla pressione di uno con l’inevitabile conseguenza di pregiudicare gli altri studenti. Altrimenti si entra in un circolo vizioso mediocrizzante per tutti.

Un secondo caso, con ripercussioni più complesse del precedente, vede protagonista una giovane studentessa di 18 anni, valida, intelligente e anche bella. Durante una lezione sulle tipologie costituzionali, prendo ad esempio alcuni degli alunni presenti per mostrare “in vivo” le caratteristiche che stiamo studiando. Tra gli studenti scelti come “cavie”, chiamo anche questa alunna, tipica tipologia Minerva (MENEGETTI, 2008, p.232), quindi una donna che si distingue per la propria intelligenza e che custodisce nella propria intellettualità – e non nel proprio corpo – la maggiore forza e ricchezza. Visto che la lezione è un laboratorio aperto, e dal momento che, in contemporanea, stiamo studiando la fisiognomica del manager (MENEGETTI, 2014, p.31-35), quindi come utilizzare la propria fisicità e lo stile di abbigliamento in modo efficace nel lavoro, commento assieme agli alunni alcune tra le loro foto di profilo Whatsapp. Ad esempio, mostro che uno degli studenti ha cambiato la propria immagine, nella quale stava a petto nudo sulla spiaggia, con una in cui è vestito in giacca e cravatta, e spiego che è stata una scelta intelligente, considerando le sue ambizioni come futuro avvocato. Le aziende, pubbliche o private che siano, ormai verificano tutto di un probabile candidato, anche i profili Facebook e Whatsapp. Pertanto, è necessario essere prudenti con ciò che si “posta” su internet, per non

trovarsi in seguito in situazioni spiacevoli. A quel punto, invito i colleghi ad osservare la foto dell'alunna in questione indicando quale associazione immediata provoca in loro. Uno dei presenti commenta: "Provocante"; un altro: "Invita ad andare a letto". Allora intervengo chiarendo all'alunna che quella immagine non corrisponde alla sua vera natura e che lei, essendo una persona molto intelligente e seria, dovrebbe fare attenzione a non fornire una immagine di se stessa diversa dalla realtà, per non pregiudicare la propria realizzazione professionale. L'alunna risponde di essere sconvolta e che mai avrebbe pensato una cosa del genere. "Certamente", chiarisco, "Lei non ha messo questa foto con tale obiettivo, noi lo sappiamo, ma tale immagine provoca nelle persone questo tipo di reazione. Quindi, adesso che lo sa, può scegliere eventualmente una foto che meglio rappresenta la Sua intelligenza e serietà che noi tutti riconosciamo".

Apparentemente la questione termina lì. Una settimana più tardi, ricevo una visita della Coordinazione e della Direzione della istituzione per informarmi che la famiglia dell'alunna intende denunciarmi. Rimango basita. "Come è possibile?", penso, "Io ho offerto un servizio alla ragazza, aiutandola a coscientizzare i suoi punti di forza e l'ho premunita da problemi futuri... e lei mi vuole denunciare?" Sembra incredibile, ma è esattamente quello che è successo. Fortunatamente la famiglia non ha proceduto con la denuncia, ma devo ammettere che la mia stima per la studentessa – fino ad allora, una delle alunne che più ammiravo – è fortemente diminuita a seguito di questo evento, perché accusare la professoressa di "offendere gli alunni e farli vergognare per il loro abbigliamento, foto e personalità" non è onesto intellettualmente.

Ad ogni modo, anche queste sono esperienze che mostrano che *la prudenza non è mai troppa* quando si ha a che fare con gli esseri umani, soprattutto con le ultime generazioni a tipologia "gioventù dell'iPod" (MENEGHETTI, 2011, p.133-149). Oggi non è facile impostare una didattica meritocratica e realmente pedagogica, perché l'educazione ricevuta dagli studenti in casa è sempre meno responsabilizzante e più accondiscendente. Anche i genitori non sono più liberi di crescere i propri figli come vorrebbero, perché al primo schiaffo può scatenarsi l'autorità giudiziaria. A tal proposito, Meneghetti (*ivi*, p.75-76) osserva:

Comunque oggi c'è un assistenzialismo eccessivo, che sostituisce quel naturale sacrificio che poi ognuno deve imparare nella vita. Inoltre bisogna considerare che la

società attuale è molto pesante, tutto è sotto legge e non esiste quasi più una vita privata come c'era una volta. Un tempo, un figlio era esclusivamente dei suoi genitori ed era un'allegria. Oggi un figlio è prima dello Stato, poi della società e i genitori sono soltanto degli impiegati. Infatti, chiunque può accusare che un bambino non è sufficientemente assistito e intervengono subito assistenti sociali, polizia femminile, Telefono Azzurro [Servizio telefonico italiano di volontariato per la tutela dell'infanzia contro il rischio di abusi e maltrattamenti.], etc. Un motivo per cui i giovani della civiltà occidentale non si sposano è che lo Stato è entrato troppo nella famiglia primordiale, cioè un figlio è sorvegliato continuamente dalla scuola, dagli ospedali, dagli assistenti sociali, e non è più un piacere.

Però bisogna riflettere anche su un fatto. È inutile offrire tutto questo assistenzialismo ai bambini, dar loro sempre ragione, agevolarli in tutto, quando poi all'età di 14 anni c'è il carcere, le multe, la durezza di una società repressiva, etc. Non si entra in una società facile, quindi è meglio una pedagogia più severa e più responsabilizzante, per preparare i bambini ad una società molto dura e violenta come è oggi [...]. I geni nascevano più facilmente una volta – e non oggi – quando la pedagogia era dura, perché *le durezze nell'infanzia attivano reazione creativa*.

A livello accademico, tale contesto determina un *livellamento nella formazione*, con conseguente riduzione delle competenze degli studenti, nostri futuri politici, economisti, avvocati, giornalisti, medici e via dicendo. Questa situazione è già in avanzamento, e non è raro ascoltare, ad esempio alla radio o in televisione, discussioni in cui i partecipanti sono privi delle benché minime nozioni di cultura generale e abilità linguistiche. In passato non era così, chi aveva la possibilità di esprimersi attraverso i mezzi di comunicazione (giornali, televisione etc.) erano persone qualificate, e per verificarlo è sufficiente leggere testi o assistere a video di spettacoli di alcuni decenni fa. Questo non è tanto un effetto della “massificazione dell'istruzione”, come si potrebbe pensare. Perché estendere a

tutti la possibilità di studiare è una forma di arricchimento di una società, se al contempo è mantenuta l'opportunità per i migliori di distinguersi (meritocrazia). Il vero problema è la difficoltà che gli educatori soffrono nel dover attuare costantemente misure pedagogiche “diplomatiche” per non rischiare una denuncia o un licenziamento. Se poi consideriamo che i giovani sono dotati di “antenne” per captare i punti deboli degli adulti e sono iper-informati sui propri diritti (e molto meno sui propri doveri), ci rendiamo conto che dispensare uno “schiaffo terapeutico” ad uno studente oggi, in senso didattico, è praticamente impossibile.

Tutto questo può essere frustrante per chi crede nella docenza come professione-missione. Ma quel che è peggio è che ci si può sentire soli ed in pericolo nel proprio quotidiano lavorativo. Anche perché sappiamo tutti che qualsiasi professionista, se fa bene con cento persone, nessuno dice nulla. Ma se malauguratamente capita un problema con una, viene messo in croce.

4 MINACCIA

Il rischio di essere considerati “cattivi”, solo perché esigenti, fa sì che i professori sovente siano impediti o, peggio ancora, rinuncino a gestire la lezione con disciplina, anche in situazioni che richiederebbero un polso fermo. Da qui è facile giungere alla situazione paradossale – ma, ahimé, reale – in cui il docente viene sottoposto a minacce, se non a vera e propria violenza psico-fisica, da parte degli alunni (e, in taluni casi, anche dei genitori di questi ultimi).

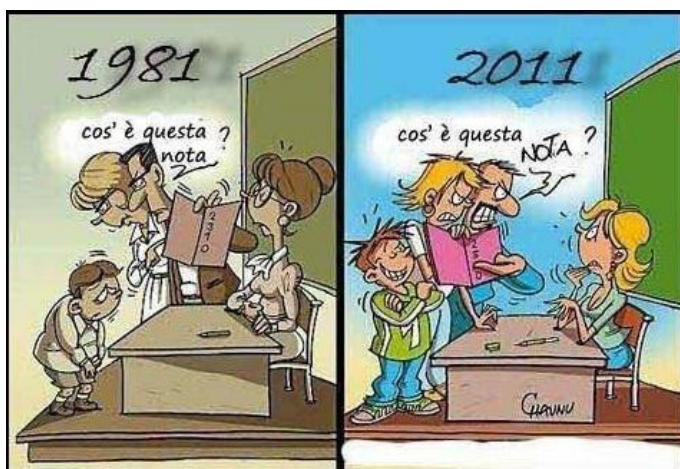


Figura 1

Per introdurre tale riflessione, riporto una vignetta (Fig. 1) apparsa alcuni anni fa in rete, che rappresenta in modo eccellente, e con amara ironia, la presente questione.

In pochi decenni, la relazione docente-discente si è trasformata, con la figura del professore che è passata da una posizione di autoritarismo ad una di sottomissione più o meno manifesta nei confronti degli alunni. Se poi a questi ultimi si alleano i genitori, la situazione può rivelarsi ancora più pesante.

Diversi casi, anche recenti, hanno sollevato l'indignazione dell'opinione pubblica, portando alla ribalta l'aggressività di cui diversi professori divengono oggetto, e costringendo a riflettere su come (re)impostare i rapporti di forza all'interno delle dinamiche educative.

Ad esempio, in Italia l'anno scorso si è parlato a lungo di una professoressa di una scuola di Velletri, alle porte di Roma, che è stata minacciata di morte da un alunno. Il ragazzo, durante un diverbio con la docente sul comportamento da lui tenuto a lezione, le intima di non procedere con una nota, altrimenti l'avrebbe "sciolta nell'acido". Tutto ciò viene ripreso con il telefono da un collega del giovane, tra le risate degli altri compagni di classe, e pubblicato su internet, dove rapidamente il video diventa virale.

Un'altra vicenda che ha suscitato accese discussioni vede protagonista un professore di Lucca divenuto bersaglio dell'ira di un alunno per una bassa valutazione. Nella scena, filmata da un amico del ragazzo, nell'iralità generale, lo studente prende e sbatte il registro elettronico del docente, urlandogli di "inginocchiarsi". Seguono poi altri studenti che si uniscono al giovane per affrontare minacciosamente l'educatore. Anche in questo caso, il fatto spopola in rete.

Interrogata sulla questione, l'allora ministra dell'istruzione, Valeria Fedeli, sostiene che "L'autorevolezza dell'insegnante si intreccia in modo stretto, agli occhi delle ragazze e dei ragazzi, con quella dei genitori", aggiungendo che andrebbero puniti non solo i protagonisti delle minacce, ma anche gli alunni che hanno ripreso con il telefono senza intervenire a difesa del professore. Affinché casi come questi non avvengano più, la ministra chiarisce che è indispensabile risollevare l'intera categoria: "La figura del docente deve essere adeguatamente

riconosciuta, rispettata, valorizzata” (BULLISMO).

Consultato sul caso di Lucca, Fabio Celi, psicologo e docente di psicopatologia dello sviluppo all'Università di Parma e Pisa, svolge un'acuta analisi sul comportamento del professore, il quale – come si osserva nel video – non reagisce alle minacce degli alunni, a differenza della professoressa di Velletri, la quale esce dalla classe a chiamare il preside della scuola. Perché tale atteggiamento? Afferma Celi:

Temo che la motivazione più credibile, in questo caso, sia quella dell'impotenza appresa [...] stanchezza e sfiducia in qualsiasi tipo di metodo, il meccanismo per cui ci rendiamo conto che tutto quello che facciamo ha conseguenze negative o nulle. [...] Il fatto che sia intervenuta la Magistratura è significativo: tutti gli altri enti preposti a erogare premi o punizioni hanno fallito. Un altro motivo per cui il professore potrebbe avere deciso di rimanere in silenzio è la consapevolezza che qualunque cosa si faccia, si può scatenare l'intervento di un avvocato. (COME)

Ebbene sì, oggi è rischioso difendersi, basta mettere un dito addosso a qualcuno e si può essere denunciati per percosse, anche se si tratta di “legittima difesa”.

Ma come avrebbe dovuto comportarsi il professore, trovandosi in quella condizione?

Un insegnante in una situazione simile dovrebbe ribadire con il contegno la propria autorità, senza mettersi sul piano del provocatore, mantenendo la calma. E, a sangue freddo, dopo la fine dell'episodio, programmare una punizione esemplare. Ma quello che si sente nel video rende questo discorso molto teorico e astratto: tutti gli altri ragazzi sghignazzano, l'autorità è già stata persa, e un intervento di questo tipo rischia di non avere possibilità di applicazione. (*Ibidem*)

Celi prosegue sulla relazione della scuola con le famiglie.

È necessario che dentro e fuori dalla scuola, e quindi a

casa, sia condiviso lo stesso codice. [...] La responsabilità della rottura del patto scuola-famiglia è di entrambe le parti. La scuola, in una enorme quantità di casi, non è stata capace di comunicare il significato dell'autorità, è stata oggettivamente ingiusta, in passato vessatoria [...] è difficile mantenere la credibilità". (*Ibidem*)

E sul ruolo che la famiglia dovrebbe giocare, in questo panorama: "Se i genitori non si fidano della scuola, fanno bene a cambiarla, ma se decidono che è adatta per il proprio figlio, allora devono allearsi con i suoi insegnanti, con l'obiettivo comune dell'educazione. Non devono diventare gli avvocati dei figli".

Vicende come queste sono comuni in tutto il mondo. Ad esempio, in Brasile, due episodi hanno suscitato forti polemiche negli ultimi tempi: quello di una professoressa di un collegio catarinense, alla quale nel 2017 è stato sferrato un pugno sul volto da un alunno (PROFESSORA), e il caso di un docente aggredito e umiliato in una scuola nello Stato di Rio de Janeiro, nel 2018 (DELEGADO). Una ricerca dell'Organizzazione per la Cooperazione e lo Sviluppo Economico, su un campione di oltre 100.000 professori e direttori di scuole del secondo ciclo di istruzione fondamentale e di istruzione media, mostra che il Brasile occupa la prima posizione nella classifica della violenza scolare. Secondo l'indagine, che interessa 34 Paesi e fa riferimento al 2013 (una nuova raccolta dati è prevista per il 2019), il 12,5% dei docenti brasiliani si dichiarerebbe vittima di intimidazioni e aggressioni verbali da parte di alunni, per lo meno una volta alla settimana (BRASIL). Un fattore allarmante e di cui è bene comprendere l'origine.

La ricercatrice Rosemeyer de Oiveira, della PUC-SP, individua nella *impunità degli studenti* la ragione di queste percentuali. "L'alunno che aggredisce il professore sa che sarà promosso. Può essere trasferito dal collegio, a volte è semplicemente sospeso per otto giorni. I regolamenti delle scuole nemmeno prevedono questo tipo di crimine. Perciò, quando avviene, non succede nulla" (*Ibidem*; traduzione mia).

Secondo la sociologa Miriam Abramovay, specialista in giovani e violenza nelle scuole, l'alunno scatena comportamenti violenti come risposta ad una sua esclusione dalla dinamica di classe. La studiosa ritiene che la scuola eserciti una "violenza istituzionale" tanto sui docenti quanto sugli alunni. Questi ultimi, quando posti in situazioni-limite,

reagiscono con aggressività contro la figura istituzionale più prossima, ovvero il professore.

Andrea Ramal, editorialista di G1 ed esperta di istruzione, attribuisce alla cosiddetta “sindrome dell’imperatore” la principale causa della sopraffazione dei docenti da parte dei discenti. “Non stabilire limiti, non dire quasi mai ‘no’ ed assecondare qualsiasi volontà dei bambini e degli adolescenti sono ingredienti-bomba” (*Ibidem*; traduzione mia). La radice di tale sindrome è nella famiglia, in cui i figli sempre più frequentemente assumono comportamenti dittatoriali sugli adulti, *in primis* sui genitori. Pertanto, la violenza nelle scuole, secondo Ramal, altro non è che un riflesso del tipo di educazione ricevuta in casa.

Su questa tematica si potrebbe parlare all’infinito, traendo esempi di ogni genere e dai più remoti angoli del pianeta. Certo è che le casistiche descritte offrono una visione della relazione docente-discente piuttosto avvilente. Siamo ben lontani dalla umiltà e dalla deferenza del discepolo verso il maestro, proprie ad esempio delle università medioevali, come egregiamente rappresentato da Dante Alighieri in una delle pagine più profonde della sua *Commedia*:

ché ’n la mente m’è fitta, e or m’accora,
la cara e buona imagine paterna
di voi quando nel mondo ad ora ad ora
m’insegnavate come l’uom s’eterna
(Inferno, Canto XV, vv. 82-85).

5 PROPOSTE DI SOLUZIONE

Come gestire queste situazioni? Come mantenere autorevolezza con gli studenti senza cadere in una forma di autoritarismo? Oltre a quanto già esplicitato nelle pagine precedenti, il punto-chiave consiste nel *restituire dignità e valore alla figura del docente*, rinforzando l’orgoglio dell’esercizio della nostra professione. Ogni insegnante è una realtà a sé stante, e pertanto deve affinare le proprie, individuali strategie. Ciononostante, alcuni suggerimenti dedotti dall’esperienza di uno possono risultare validi anche per gli altri.

1) Ricordarsi sempre dei sacrifici compiuti per arrivare ad insegnare, soprattutto degli ostacoli più grossi che si sono superati. Ad esempio, quando si viene a creare una dinamica di classe pesante, è sufficiente un

attimo di contatto con l'immagine di un traguardo importante per porre il resto in relatività e focalizzarsi nuovamente in se stessi.

2) Perfezionare continuamente la propria professionalità, mantenendo una profonda etica e correttezza con chiunque e in ogni circostanza. Ciò garantisce l'integrità della nostra forza interiore, che permette di gestire anche le situazioni più difficili con atarassia e successo.

3) Coltivare interessi, piaceri e – se compatibili – altri lavori al di fuori della docenza. Questo è importante anche per dare agli alunni per sovrabbondanza, non per compensazione. Il reale amore (MENEGHETTI, 2001, p.14) è offrire all'altro qualcosa che lo aumenta e che nasce dal proprio sovrappiù; non significa occupare l'altro.

4) Non aspettarsi il riconoscimento del proprio valore, ma saperlo. Già questo impone rispetto nelle persone che si relazionano con noi. Se vogliamo che gli altri ci rispettino, dobbiamo imparare per primi a rispettare noi stessi.

5) Essere cordiali e disponibili con gli alunni, ma mai ingenui, anche in caso di loro manifesta ammirazione. Un proverbio italiano recita: “Fidarsi è bene, non fidarsi è meglio”.

6) Custodire il proprio spazio di vita individuale, offrendo agli alunni unicamente il servizio tecnico nei limiti del rapporto professionale. Gli studenti spesso manifestano una curiosità per gli interessi, la casa, le relazioni personali di un professore, ma aprire loro le porte del proprio intimo non conviene, in quanto facilmente si crea confusione negli obiettivi della relazione docente-discente, con perdita da ambo le parti.

7) Affermare la propria autorevolezza in classe fin dal primo giorno di lezione, impostando il modo di relazione con gli studenti, definendo le direttive di convivenza. “Patti chiari, amicizia lunga”, si usa dire comunemente, ed è vero.

8) Non entrare in disputa con i discenti, in quanto ciò determina comunque uno spreco di energia e difficilmente arreca un vantaggio. Meglio “svicolare”, se necessario anche utilizzando l'ironia per sdrammatizzare una situazione di tensione, e poter individuare il momento più opportuno per “piazzare il colpo”, in senso didattico.

9) In caso di difficoltà con uno studente o un gruppo di alunni, informare prontamente i referenti dell'istituzione dove si lavora (coordinazione, direzione etc.), in modo propositivo, offrendo alternative di soluzione. Soprattutto, cercare di anticipare il problema sul nascere, prima che esploda in forma manifesta.

10) Revisionare la propria coscienza attraverso regolare consulenza ontopsicologica di autenticazione. L'In Sé ontico, ovvero il progetto di natura individuale di ciascun essere umano (MENEGHETTI, 2002), si interessa del soggetto a 360°, "radiografandone" l'esistenza momento per momento. In Ontopsicologia, uno degli strumenti di lettura dei comunicati dell'In Sé è l'analisi dei sogni, i quali nei docenti frequentemente trattano questioni didattiche, costituendo uno strumento prezioso ed estremamente economico di conoscere e gestire la propria vita (MENEGHETTI, 2003).

6 CONCLUSIONE

Naturalmente, quanto trattato nel presente scritto non riguarda la totalità degli allievi, ma solo una parte. Con la maggioranza degli studenti è un piacere poter condividere momenti di apprendimento-insegnamento, con crescita personale e professionale da entrambi i lati. Tuttavia, proprio per garantire un servizio efficiente agli alunni di valore, bisogna sapersi premunire dai rischi che scaturiscono quando lo studente si crede superiore al docente.

Personalmente, ogni volta che entro in una classe, ricordo a me stessa un consiglio, uno dei tanti, che ho avuto il privilegio di ricevere nei 13 anni di formazione e lavoro a fianco dell'Acc. Prof. Antonio Meneghetti. In una mattina di sole, sulla splendida spiaggia di Quatro Ilhas in Brasile, durante una conversazione su alcune lezioni che avevo tenuto presso la Faculdade Antonio Meneghetti, il Professore mi si rivolge con una frase che non ho mai dimenticato: "Annalisa, ricordati sempre che gli studenti all'inizio ti ammirano ed imparano... e poi ti disprezzano. E la società è fatta così".

Nonostante tutto, bisogna insistere, perché la nostra professione è preziosa. Noi formiamo medici, politici, ingegneri, giudici, amministratori, artisti, informatici, insegnanti etc., futuri responsabili del benessere e della convivenza pacifica dell'essere umano su questo pianeta. Qualunque professionista, per diventare tale, nel corso della propria vita passa per più docenti, i quali ne ausiliano la crescita in uno o più aspetti. Tutto questo è un alto contributo di valore per la società. Soprattutto nel caso dei giovani, poterli accompagnare nella loro formazione, collaborando affinché ciascuno di essi comprenda la propria specificità e si rafforzi nei doni di cui la natura l'ha dotato, è un piacere che riempie

di soddisfazione. Per alcuni, è più che essere padre o madre: significa collaborare con il progetto della vita. Apprendere come *amare l'alunno senza cadere nel transfert* che, prima o poi, in un modo o nell'altro (quasi) tutti gli studenti cercano di attuare: questa è l'arte della docenza.

Ogni insegnante certamente ricorda uno o più professori che, negli anni di scuola o università, hanno “lasciato il segno” – in senso positivo – nella sua vita. Persone da cui tanto è stato imparato e che ancora oggi permangono nella memoria in un sentimento di ammirazione e rispetto. Forse molti di coloro che stanno leggendo questo articolo si sono scoperti professori proprio grazie ad un insegnante speciale. A ciascuno auguro di poter essere lo stesso per i propri alunni, sempre mantenendo prudenza in relazione ai rischi insiti nella nostra professione.

REFERÊNCIAS

ALIGHIERI, D. **La Divina Commedia** (Lodovico Dolce, Coord.). Venezia: Gabriel Giolito de' Ferrari, 1555. 1^a ed. Originale, 1321. *Editio princeps*, 11 aprile 1472.

BRASIL é #1 no ranking da violência contra professores: entenda os dados e o que se sabe sobre o tema. Di Luiza Tenente e Vanessa Fajardo. G1. 22/08/2017. Consultabile su: <<https://g1.globo.com/educacao/noticia/brasil-e-1-no-ranking-da-violencia-contra-professores-entenda-os-dados-e-o-que-se-sabe-sobre-o-tema.ghtml>>. Ultimo accesso: 1 feb. 2019.

BULLISMO, nuovo allarme dopo Lucca. A Velletri minacce in classe a professoressa: “Ti sciolgo nell'acido”. La Repubblica. 19/04/2018. Consultabile su: <https://www.repubblica.it/cronaca/2018/04/19/news/pugni_in_testa_e_minacce_studenti_bulli_ai_domiciliari-194281671/>. Ultimo accesso: 1 feb. 2019.

COME deve reagire un professore alle minacce degli alunni? Di Monica Coviello. Vanity Fair. 19/04/2018. Consultabile su: <<https://www.vanityfair.it/news/approfondimenti/2018/04/19/lucca-professore-minacciato-da-alunno-video-perche-non-ha-reagito>>. Ultimo accesso: 1 feb. 2019.

DELEGADO de Rio das Ostras começa a ouvir alunos que humilharam professor em sala de aula nesta segunda. Di Arthur Leal. O Globo. 23/09/2018. Consultabile su: <<https://oglobo.globo.com/rio/delegado-de-rio-das-ostras-comeca-ouvir-alunos-que-humilharam-professor-em-sala-de-aula-nesta-segunda-23094221>>. Ultimo accesso: 1 feb. 2019.

MENEGHETTI, A. **Dizionario di Ontopsicologia**. 4 ed. Roma: Ontopsicologia Editrice, 2001.

MENEGHETTI, A. **I giovani e l'etica ontica**. 2 ed. Roma: Ontopsicologia Editrice, 2011.

MENEGHETTI, A. **L'Apprendista Leader**. 3 ed. Terni: FOIL, 2014.

MENEGHETTI, A. **L'immagine e l'inconscio**. 3 ed. Roma: Ontopsicologia Editrice, 2003.

MENEGHETTI, A. **L'In Sé dell'uomo**. 5 ed. Roma: Ontopsicologia Editrice, 2002.

MENEGHETTI, A. **La femminilità come sesso, potere, grazia**. 3 ed. Roma: Ontopsicologia Editrice, 2008.

PROFESSORA é agredida por aluno dentro de colégio em SC. Veja. 24/08/2017. Consultabile su: <<https://veja.abril.com.br/brasil/professora-e-agredida-por-aluno-dentro-de-colegio-em-sc/>>. Ultimo accesso: 1 feb. 2019.

A IMPORTÂNCIA DOS SONHOS EM NOSSA VIDA

Elena Lyutikova

“DIGA-ME O QUE SONHA E TE DIREI QUEM VOCÊ É PARA ONDE VAI.”

O que é o sonho? Antes de tudo, é o nosso melhor amigo, nunca nos engana, sempre diz a verdade sobre nós e sobre nossa vida. Não possui moral em sentido geral ou social. Como escreve Antonio Meneghetti em seu livro *A imagem e o inconsciente*: “O sonho faz parte da grande vida, é a praça, é a sala de espera, é a estase dos projetos, dos sinais, das palavras, das imagens, da arcaica original intencionalidade da vida nessa individuação”. Portanto, nosso eu pode ler a palavra, a fórmula da intencionalidade de natureza, essa fórmula é *código genético biológico* desse indivíduo. O ingresso, o saber científico da vida até o fim é somente *intelectivo*, todo o resto é instrumental. Através do sinal onírico nós podemos saber, momento a momento, se o sujeito está construindo, beneficiando si mesmo ou se está dividindo, contrapondo, interrompendo etc. Dizer todos os significados dos sonhos é muito difícil; eu tenho escrito alguns significados muito elementares. Aquelas poucas coisas que escrevi fazem parte de uma ordem elementar que não pode ser mudada por ninguém, voar ou caminhar, nadar no mar, na piscina, no rio, no lago. Nada por exemplo, significa que está indo bem, possui um bom grupo, há *feeling*, existem negócios, porém o mar é também perigoso, isto é, hoje é o “máximo”, amanhã vai ao furacão, etc.

Em meu trabalho de consultora confio muito mais nos sonhos do cliente do que em suas palavras. Antes de tudo, verifico sempre a minha diagnose com os sonhos. A maioria das pessoas até hoje não entendem a importância dos sonhos, ignoram essa informação, ainda que nossos ancestrais soubessem que quem possui a própria noite tem o poder da própria vida. A cada noite o nosso inconsciente e o Ser nos mandam a informação de como estamos, fazendo ver a causa de nossos problemas e a saída.

Muitas escolas psicológicas falam do significado essencial dos sonhos, começando a partir da psicanálise. A Ontopsicologia indagou de modo mais profundo e descobriu o código de leitura das imagens que aparecem em nossos sonhos. A corrente ontopsicológica demonstrou, por exemplo, como distinguir os sonhos falsos dos sonhos verdadeiros etc.

A prova da importância do sonho também está no fato que muitas obras de arte e descobertas científicas foram feitas durante a atividade onírica. A partir disso podemos concluir que no sonho somos capazes de continuar as nossas reflexões profissionais e criativas e encontrar a solução. Por exemplo, na história existem essas descobertas famosas: a invenção por parte do mecânico americano Elias Howe do princípio do trabalho da máquina de costura; a descoberta do químico alemão August Kekule da fórmula da molécula de benzeno; o físico dinamarquês Niels Bohr descobriu o modelo dos átomos, o farmacólogo alemão Otto Loewi descobriu o mecanismo mediante o sistema nervoso que regula as contrações do coração e no ano de 1936 recebeu o prêmio Nobel. As ideias de tais obras como a *Divina Comédia* de Dante, o *Fausto* de Goethe também nasceram no sonho.

No ano de 2005 fiz a pesquisa junto à Faculdade de Psicologia da Universidade Estatal de São Petersburgo argumentando sobre os sonhos: *O estudo do sonho como fenômeno e sua relação com os dados sócio-demográficos, as características pessoais e o estado psíquico dos sonhadores*. Nessa pesquisa demonstrei a presença da correlação positiva entre o conteúdo, forma dos sonhos e dos dados biográficos do sonhador como, por exemplo, idade, formação, as particularidades biográficas etc. Participaram 30 mulheres e 30 homens, com idade média de 25 anos, todos empenhados, russos, graduados em sua maioria. Foram usados os seguintes métodos de verificação: questionário pessoal de Eysenck (medidas somente tais propriedades como: a *extroversão*, *introversão* e *neuroticismo*), o teste das cores do psicólogo suíço Maks Luscher e o teste *Escala de ansiedade reativa e pessoal* de Spilberger. Por exemplo, as pessoas com alto nível de ansiedade com frequência sonham que são perseguidas etc.

O valor teórico dessa pesquisa consiste na análise vasta das principais abordagens no estudo do sonho. O valor prático, por sua vez, na elaboração do questionário que consente indagar os detalhes da atividade onírica.

Cada escola psicológica, graças às suas próprias descobertas introduziram algo de novo no âmbito do estudo dos sonhos (Freud através da descoberta do inconsciente definiu o sonho como a relação simbólica dos desejos reprimidos; Carl Gustav Jung graças ao profundo estudo da mitologia, parapsicologia e do inconsciente coletivo rastreou nos sonhos os arquétipos para toda a humanidade; Alfred Adler, graças ao seu conceito de tendência humana à dominação descobriu que os sonhos representam

os desejos de controlar o futuro e a necessidade de compensação de alguns defeitos, etc.); Antonio Meneghetti, considerando toda a experiência de seus predecessores e graças às próprias descobertas do *Em Si ôntico*, *Campo Semântico* e o *Monitor de Deflexão* que fez durante sua prática clínica, criou o próprio método de interpretação dos sonhos.

O sonho (do latim *se omnium*) significa um singular respeito a tudo e todos. Este é um reflexo holístico das atividades orgânicas e funcionais da nossa existência.

Interpretação ontopsicológica do simbolismo onírico, como “oniromancia” (do grego antigo: *oneiros* – imagem noturna, sonho; e *manto* – compreensão do significado, estudo, interpretação – essa é a arte da previsão dos sonhos) representa um contato substancial com a realidade energética, em relação a qual o sonho não é somente uma expressão alegórica, mas uma projeção simbólica de uma particular ação mental. Isto é, essa *interpretação* se baseia na consciência da *importância e do primado das imagens mentais*. Em seu livro *Imagem como alfabeto da energia*, Antonio Meneghetti (ano) escreve que a invasão direta na imagem consente à Ontopsicologia não só compreender acuradamente o símbolo a nível de causalidade mental, que é ativo “aqui e agora”, mas também de prever sua atuação. Diz ainda que também se o leitor não entende inteiramente o livro, o mais importante a se considerar para si próprio é a compreensão de que *é necessário estar muito atento aos nossos pensamentos, recordações e todo sorte de fantasias, porque nos condiciona*. “Antes que ocorra algo na nossa vida, a pessoa já o sabia ou pensava, consciente ou inconscientemente. A imagem é tão importante que causa a própria energia” (p...). Portanto, há uma declaração que aquele que possui o conhecimento das imagens tem o poder da energia da vida. O Professor Antonio Meneghetti ainda observa que: “A natureza é sempre a mais séria possível, não admite brincadeiras na mente...” (p...).

Tendo revelado uma falta de correspondência do símbolo com o conteúdo, como resultado, a pessoa torna-se incapaz de compreender a si mesma. A Ontopsicologia, baseada na realidade do *Em Si ôntico*, redefine o símbolo, compreendendo o seu verdadeiro significado (um exemplo ilustrativo e alegórico da inconsistência do símbolo é dado no livro *O Prontuário Imagógico* de Antonio Meneghetti (ano): pessoas que criaram um sistema de sinais em base aos seus significados, devido a um erro, uma falha na programação da máquina, cessaram de perceber a realidade assim como é, baseando-se exclusivamente no estereótipo).

A Ontopsicologia afirma que o inconsciente não é um conjunto de perversões e erros e instintos desfreados, mas representa, antes de tudo, a ordem perfeita de vida que está presente em cada pessoa (MENEGHETTI, ano). Essa compreensão do inconsciente é uma das diferenças da Ontopsicologia em relação às outras ciências.

Quero agora elencar os critérios sobre os quais baseiam-se os *métodos ontopsiológicos de interpretação dos sonhos*:

1. O método de interpretação, em primeiro lugar, baseia-se sobre aquilo que indica o primeiro componente, que formaliza qualquer individuação no presente – Em Si humano (é um princípio formal racional que implementa a autoprodução histórica, como o conceito de alma).

2. *O homem não sabe nada além daquilo que ele é, sabe somente isso.* Isso deve-se ao fato que o homem é uma unidade de ação, uma sorte de realidade energética auto-orientada. O mesmo sinal existente é gerado pela causalidade, que define em si, *a aparência de um sinal indica que existe um só destinatário.* Porque o Em Si, no seu desenvolver-se, concentra-se sempre sobre as causas, só uma razão pode corresponder a cada um dos signos.

3. A discrepância entre o sinal e o motivo por ele indicado é causada pela ação de uma grelha que distorce ou de um monitor de deflexão que historicamente acompanha uma pessoa. *O monitor de deflexão* é um programa acumulado nas células cerebrais, que opera sobre o princípio de intervenção especular, antecipando e distorcendo a percepção egoceptiva com a ajuda da imagem dominante capturada durante o período de aprendizagem da vida: na infância.

4. A eliminação da ação desse mecanismo cerebral consente a uma pessoa tornar-se uma expressão exata do próprio ser.

5. Um das principais razões do colapso da psicoterapia moderna é que não conseguia encontrar a chave de significado das mensagens do inconsciente (sonhos). O indivíduo, acreditando-se independente nas próprias decisões, na realidade segue somente a consciência que está já manipulada. Também Freud começou a falar desse problema,

sustentando que a psicologia, que não está em condições de explicar os sonhos, não pode pretender ter uma consciência holística de uma pessoa. O inconsciente ativo tem muitos sinais para identifica-lo, mas a pessoa continua a cometer erros na interpretação por dois motivos: a) a interpretação é sempre construída sobre uma projeção racional consciente e sobre sintomas analisados com base nos mesmos critérios racionais; b) o constante abandono do componente inconsciente não consente de obter uma imagem objetiva;

6. A Ontopsicologia permanece fora da condicionalidade de tudo isso que existe qualitativa e quantitativamente; *diz um sim incondicionado a todas as coisas, seja tanto sobre esse, como sobre o outro lado do bem e do mal: é uma recusa de cada censura no contexto disso que está ocorrendo.*

7. A Ontopsicologia ocupa-se do problema de ordenar os sinais sobre a base do real. Busca distanciar-se da sistemática dos sinais e voltar à linguagem de base da natureza, por meio do modo como ela fala um indivíduo através dos sonhos. Essa é uma outra inovação da Ontopsicologia na interpretação dos sonhos e o critério mais importante para interpretação – **a linguagem biológica dos sonhos**. A primeira descoberta revolucionária de Ontopsicologia é que no interpretar os sonhos, é necessário começar do efetivo significado biológico da imagem para a funcionalidade do sujeito que vê o sonho, e não a partir dos significados míticos, culturais ou estereotipados que são estranhos à ação natural. (MENEGETTI, 2012)

Ou seja, a Ontopsicologia descobriu que a linguagem que a natureza usa nos sonhos baseia-se em um código biológico, o que significa que qualquer símbolo que traz um benefício real a uma pessoa (em termos de funcionamento biológico) que vive sobre este planeta tem um significado positivo e vice-versa. Os símbolos positivos, por exemplo, incluem tudo o que trata de alimento, as imagens da natureza, o mar, etc. O dinheiro, ao contrário, é um símbolo negativo, embora possamos dizer que beneficia a pessoa neste planeta, mas é um produto da cultura, um sistema e não um fenômeno natural. Naturalmente, sozinho este critério não é suficiente para interpretar completamente o sonho, do momento que é também muito importante ter em consideração os efeitos que esta ou aquela imagem provoca no sonho.

Portanto, a Ontopsicologia identificou *três princípios universais de interpretação dos sonhos*, descritos por Meneghetti (2012):

1) A FUNCIONALIDADE DA NATUREZA DO OBJETO OU DO CONTEXTO PARA QUAL O SÍMBOLO APONTA DO PONTO DE VISTA DE UM SER HUMANO (A NATUREZA CAUSAL DO SÍMBOLO).

Esse princípio baseia-se principalmente em uma das descobertas ontopsicológicas – Em Si da pessoa e responde à pergunta: “*O que significa esse símbolo para mim como pessoa?*”. O significado do símbolo não depende das propriedades do objeto representado por esse símbolo, mas do seu real benefício para os seres humanos, a funcionalidade deveria ser correlata com o onto, Em Si na constante “H” (uma forma que especifica as manifestações do homem sobre este planeta). É muito simples determinar a funcionalidade de um indivíduo: funcionalmente, tudo aquilo que lhe dá prazer, o permite viver e desenvolver-se, o que influencia o seu interesse; a funcionalidade varia de acordo com os casos.

Por exemplo, se uma pessoa sonha que está comendo uma maçã, significa o sucesso na vida e o prazer que dele deriva. Ou vice-versa, do ponto de vista da sociedade, a imagem de uma virgem é um estado positivo de “pureza”, e do ponto de vista da natureza e da funcionalidade de um indivíduo, essa imagem simboliza a supressão, o confinamento ou a negação da vida.

2) EFETIVIDADE FUNCIONAL PARA O SUJEITO.

Esse princípio se sobrepõe em grande parte àquele precedente, mas em maior medida indica a funcionalidade das relações e responde à pergunta: “*Que ações executa esse objeto (ou quais ações são nele executadas) e qual é o seu resultado final?*” (MENEGHETTI, 2012, p. ...)

Por “resultado” aqui entende-se uma função específica ou um êxito positivo recebido segundo os cânones do organismo por meio da saúde existencial do sujeito. Por exemplo, se um sujeito sonha que está no mar, que, em termos de funcionalidade é um símbolo positivo, e improvisadamente inicia uma tempestade e o sujeito afoga-se – então nesse caso a imagem do mar não pode mais ser considerada uma imagem positiva, porque conduz uma pessoa à morte. Ou se o sujeito sonha estar afogando-se no poço, no qual a avó joga água, isso significa que a causa dos possíveis problemas do sujeito tem raiz nas relações com ela.

O princípio de funcionalidade com frequência entre em conflito com atitudes morais conscientes do indivíduo. Suponhamos que uma mulher casada sonha tomar um café com leite com um padre que conhece, e quando entre em relações íntimas com o seu marido, sonha que esteja lavando os pratos ininterruptamente. Isso significa que a vida informa essa mulher que quer voluntariamente entrar em uma relação com um padre, porque isso a agradaria e a faria satisfeita (café com leite – gostoso e nutriente), enquanto com o marido, lava constantemente os pratos empenhando-se em um exercício inútil. Isto é, nesses sonhos, a natureza nos indica que tipo de resultados pode ter uma particular relação com uma pessoa ou um grupo de pessoas.

Piscina – o que essa imagem pode significar? Espere um pouco e a iniciativa terminará mal. A causa? O teu amor por uma mulher errada, isto é, você está indo em direção a uma urina de vagina. “Mas como, o meu amor, mas como faço?” Está bem, sim, o teu amor é uma urina de vagina. Essa é a ordem genético-biológica. “Significa lógica da vida”. Qual lógica da vida? Aquela segundo a minha identidade, segundo a tipologia última, específica, do assim chamado DNA; genética, isto é, aquilo que me gerou, me gera, é inato a mim, é totalmente inato que me constitui, é o constituinte de mim, o constituído. É a mente geradora, a lógica da vida, genética biológica. O sonho tem em vista muitos elementares, genético-biológicos, isto é, é ou não-é, se é, está bem ou está mal, mas com muita indiferença. Porque o sonho é indiferente nas suas imagens? Porque ele, isto é, esse diálogo, essa palavra faz parte da cultura eterna: a carne que você come é já um outro morto, para você é festa, para o outro foi o fim e assim a erva, assim qualquer coisa. É um jogo sem fim. A vida interessa-se somente com quem vive. E o resto? O resto não há. *O sonho usa um código eterno universal e transversal do mundo da vida*, porque esses sonhos existem em âmbito árabe, em âmbito hebraico, em âmbito cristão, em âmbito ateu. É um código genético biológico pelo qual não interessa se você é chinês, africano, é o código base da raça humana.

3) CRITÉRIO SEMÂNTICO

Esse princípio de interpretação baseia-se sobre duas descobertas da Ontopsicologia: o campo semântico (a linguagem-base da comunicação que a vida usa entre suas individuações, a transferência de informação sem deslocamento de energia) e a monitoramento do desvio. Com base

no critério semântico, o verdadeiro sonho pode ser distinto do falso, isto é, um sonho que dá valores reais pode ser distinto de um sonho imaginário, no qual não existem dinâmicas inconscientes e que é, portanto, uma consequência da intervenção do monitor de deflexão. Se o sonho não cria um campo semântico, significa que o problema é inverossímil ou foi já resolvido no passado.

Guiados a partir desse terceiro princípio, podemos também responder à pergunta: “*Em qual direção move-se um objeto em um sonho e a quem interessa?*”.

Por exemplo, se o sujeito sonha com fogo, então, em primeiro lugar, deve verificar de que forma o sonha (em um incêndio ou em um agradável aquecimento do fogo na lareira), e em segundo lugar, se é um incêndio, a quem ocorre, etc. A ação está diretamente ali, onde vemos o símbolo. Não é suficiente ver o aspecto funcional enquanto tal, mas é necessário ver *a direção*.

Aprendendo a aplicar esses três critérios ao mesmo tempo, obtém-se a chave dos sonhos. A ausência de ao menos um desses critérios torna impossível interpretar plenamente o sonho. Esse é o critério que a nossa natureza usa quando nos fala através dos sonhos.

REFERÊNCIAS

ADLER, A. **Individual Psychology**. Local? Édition Robert Laffont, 1994.

FREUD, S. **The interpretation of dreams**. London: G.Aleen & CY, 1913.

JUNG, C. G. **Man and his symbols**. Renaissance IV Ewo-S&D, 1991.

MAY, R. **Dreams and symbols**. Basic Books, 1968.

MENEGHETTI, A. **Imagem como alfabeto da energia**. 5. ed. Recanto Maestro, RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2016.

MENEGHETTI, A. **Imagem e inconsciente**. 4. ed. rev e atual. Recanto Maestro. RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012.

MENEGHETTI, A. **Prontuário Imagógico**. 6. ed. Recanto Maestro, RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012.

DA COMUNICAÇÃO TELE À INFORMAÇÃO DE CAMPO SEMÂNTICO) : diferentes olhares para a mesma informação em consultoria¹

Carmen Ivanete D`Agostini Spanhol2

1 CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS

A Graduação realizada em Psicologia foi na década de 1980. Os enfoques do curso davam ênfase a duas concepções: Behaviorista e Psicanálise, com acenos para a abordagem Humanista. Naquele período, reuniam-se alguns alunos interessados em conhecer outras abordagens cujas atividades eram feitas com profissionais vindos de outros estados. Os professores da Graduação, ao tomarem conhecimento, ficavam indignados, pois eram conhecimentos não bem-vindos e muito menos reconhecidos naquele momento, como, por exemplo, atividades com a Bioenergética, o que gerou grande tumulto na universidade naquele momento.

Após a formatura, a busca por trabalho foi natural. A escolha por uma cidade do interior do estado do Paraná foi para sanar lacunas que permaneceram nas teorias estudadas na graduação.

Na especialização, o primeiro contato foi com o curso de Abordagem Comportamental. Em seguida, no Mestrado em Psicologia, houve o encontro com professores que seguiam diferentes concepções: Psicanalítica, Psicológica Humanista, Psicológica Corporal Reichiana, Psicológica Cognitivista, Psicológica Sócio-histórica, entre outras.

Tudo isso provocou enorme inquietação. Ouvir os clientes e, ao mesmo tempo, perceber que o conhecimento não era suficiente para dar conta daquela informação, fosse por meio de imagens e/ou por meio de sensações, gerava uma enorme insegurança naquele momento. . . Havia algo a mais que o cliente informava, mas, por outro lado, as teorias não davam conta para o auxílio necessário.

1 Reelaboração, em 2018, das reflexões realizadas para elaboração de trabalho de conclusão do Curso de Formação Livre em Psicodrama, em 2006.

2 Doutora em Educação (UDELAR-CL/Revalidação UFSCar- SP). Mestre em Psicologia (PUCRS). Especialização Profissional em Psicologia com abordagem Ontopsicológica (SPbU – RU). Docente da Faculdade Antonio Meneghetti – AMF. E-mail: carmenspanhol@gmail.com

Trabalhava-se com a “intuição”³ e não se sabia como utilizá-la, pois ainda não havia uma referência, um teórico que impactasse quanto à questão..

Mais tarde, surgiu o Psicodrama, teoria proposta por Moreno, em que ele aborda a temática da comunicação télica. Porém, ainda assim, não era possível compreender como acessar a linguagem denominada Tele, como era possível chegar à causa daquela comunicação que se recebia por imagens e sensações, enquanto o cliente verbalizava.

Naquele mesmo período, descobriu-se uma teoria que continha informações a respeito de Campo Semântico. Ainda no curso Formação de Psicodrama, os professores comentavam: “A Carmen virou do avesso”. Algo realmente havia mudado, isto é, o modo de acessar, com rapidez, aquelas informações que o cliente trazia e não dizia, expressava e não sabia, foi um divisor de águas na aprendizagem. A informação estava ali e se mostrava por outras vias, isto é, por meio do Campo Semântico, surgiu a Metodologia da Ontopsicologia⁴.

Assim, descrevem-se, neste trabalho, alguns aspectos que enriquecem os conhecimentos daqueles que buscam conhecer o que faz realidade⁵ em cada cliente, ou seja, acessar a informação real no aqui-e-agora daquilo que o cliente descreve e expressa verbalmente por meio do Campo Semântico.

Portanto, neste estudo, tem-se por objetivo articular o conceito desenvolvido pela Teoria Psicodramática relativa à comunicação Tele (MORENO, 1974;1987)) e ampliar o conhecimento para leitura e compreensão das informações por meio do Campo Semântico (MENEGETTI, 1993; 2010; 2015), proposto pela Ontopsicologia. Dessa forma, é fundamental permitir que as informações possam, de fato, produzir o verdadeiro conhecimento que tanto se busca, em outros termos, o conhecimento da causa.

Diante disso, nesta pesquisa, dispõe-se a fazer um estudo teórico e apresentar uma clarificação para o tema da comunicação/ informação em

3 Do latim *intus actionis* = o dentro ou íntimo da ação. Saber o íntimo da ação. Ver o fazer. Conhecer os modos ou estruturas interiores de um projeto de ação ou evento. Colher as coordenadas de uma *Gestalt*. Saber antes dos efeitos” (MENEGETTI, 2012, p.144).

4 Para aprofundamento, consultar Meneghetti (2010).

5 Realidade: “Propriedade que discrimina o ser do não ser; sucessivamente, especifica os vários modos do concreto” (MENEGETTI, 2012, p.232).

consultoria. O ponto de partida é a abordagem de Moreno (1974;1987)) sobre comunicação Tele e se completa com a leitura das informações de Campo Semântico, apresentado por Meneghetti (1993; 2010; 2015). Para compreender e ilustrar o estudo, apresentam-se fragmentos de um *Case*, vivenciado pela autora.

Na compreensão de Gil (2002), a variação instrumental tem o “propósito de auxiliar o conhecimento ou redefinição de um determinado problema” (GIL, 2002, p.139). Para o autor, o interesse do pesquisador não está diretamente ligado ao caso, mas sim, à sua utilidade para atingir determinados objetivos.

2 DESENVOLVIMENTO TEÓRICO – PRÁTICO

2.1 TELE

A palavra Tele tem origem grega e significa “distância,” ou agindo a “distância”. Define-se “como uma ligação elementar que pode existir tanto entre indivíduos como, também, entre indivíduos e objetos e que, no homem, progressivamente, desde o nascimento, desenvolve um sentido das relações interpessoais (sociais)” (MORENO, 1974, p.52).

Para se entender a comunicação télica, buscaram-se conhecimentos em Jacob Levi Moreno (1889 – 1974) e nas contribuições dos seus sucessores. Encontram-se, nos autores que sucederam J. L. Moreno, várias colocações sobre o tema, e as controvérsias estão presentes nas diferentes explicações, com diferentes maneiras de entender o que o autor propôs ao tratar do tema em questão..

Em Moreno (1974), consta que, a partir dos estudos dos processos grupais, desenvolvidos com crianças (1910 – 1914), prostitutas (1913-1914) e refugiados (1915-1917), o autor introduz a ideia de Tele, conforme mostra este excerto: “Um complexo de sentimentos que atrai uma pessoa para uma outra e que é provocado pelos atributos reais da outra – atributos individuais ou coletivos – tem o nome de tele relação” (MORENO, 1987, p. 286).

Em suas definições sobre Tele, o autor afirma que: “O tele pode, assim, ser considerado como fundamento de todas as relações interpessoais sadias e elemento essencial de todo método eficaz de psicoterapia. Repousa no sentimento e conhecimento da situação real das pessoas” (MORENO, 1974, p. 52).

Em 1914, Moreno escreveu um poema denominado “Convite ao

Encontro”, cujo texto representa o conceito de Tele. Esse poema descreve como cada participante do grupo pode se colocar no lugar do outro, enxergá-lo e perceber o que está sentindo.

Para Bustos (1979), o conceito tem uma amplitude que não se limita à percepção dos órgãos do sentido. A “tele” envolve aspectos ligados à socialidade, aos afetos, às reações e às sensações corporais, juntamente com a capacidade cognitiva.

Perazzo (1994), que toma como base um Relatório de Grupo do Primeiro Encontro Nacional de Professores e Supervisores de Psicodrama, afirma que os conceitos fundamentais de Moreno (1974;1987) são: Tele, teoria do papel e espontaneidade em que apresenta as seguintes afirmativas: “[...] não há como negar a necessidade de fundamentação teórica sólida do conceito tele. [...] é literalmente espantosa a contradição existente entre a complexidade do tema, sobre o qual é aparente a unanimidade de definição, [...] e escassez de literatura a respeito do assunto no meio brasileiro (PERAZZO, 1994, p.33). O autor também afirma que, muito facilmente, a Tele é conceituada como fator, como ramo, até como ramo da própria Tele, como relação, como efeito, como capacidade, como sistema e como sensibilidade. As diversas configurações encontradas para a definição e a compreensão do termo Tele impedem uma fácil compreensão.

Outra questão apontada por Perazzo (1994) é a ausência de discussões e de estudos a respeito do conceito de Tele. Argumenta que são poucas as discussões sobre o tema, pela maioria dos autores, e que cada um opta por uma das diferentes definições, ou seja, o assunto até hoje é evitado “[...] permanecendo confuso na cabeça dos psicodramatistas de maneira geral (PERAZZO, 1994, p. 34). Para Perazzo (1994), as argumentações de Moreno (1974;1987) sobre Tele ocorrem num determinado momento da relação e se definem como um fator próprio do indivíduo – assim como o fator “e”, de espontaneidade. Esse canal de comunicação, desobstruindo a transferência, viabiliza o encontro.

As controvérsias e a não clareza das afirmações para comunicação técnica, apontadas por Moreno (1974;1987) e pelos autores citados, remetem à busca de outros conhecimentos e abordagens que possibilitem acessar, com precisão, a informação da realidade do cliente em consultoria.

Assim, se forem considerados os estudos sobre Tele e se for ampliada a maneira de colher a informação de modo exato, por meio do Campo Semântico, ter-se-á uma possibilidade de entrar no mundo da vida, como dizia Edmund Husserl.

Nesses termos, foi a busca pela compreensão das imagens que permitiu compreendê-las. Esse fato proporcionou conhecimentos que respaldam a questão na sua origem. Assim, chega-se ao conhecimento do Método Ontopsicológico que compreende o Campo Semântico, uma das três descobertas da Ontopsicologia⁶.

2.2 CAMPO SEMÂNTICO ⁷

O Campo⁸ Semântico⁹ se define como “comunicação base que a vida usa no interior das próprias individuações” (MENEGETTI, 2012, p. 38). Considera-se comunicação base porque é uma informação que ocorre em antecipação aos símbolos: antes dos sentidos, das emoções e da consciência.

Para Meneghetti (2010), as individuações são continuamente geradas pela vida e imersas no contínuo dinâmico que denomina o agente universal. Desse modo, os seres humanos estão presentes em um único campo no qual cada individuação é ponto-força que polariza as informações que, motivadas por uma individuação, de modo consciente ou inconsciente, em um campo, são colhidas por outras individuações que se encontram nesse mesmo campo. Então, continuamente informam e são informadas.

O campo semântico é um transdutor de informações, como descreve o autor: “*É um transdutor informático sem deslocamento de energia: transmite uma informação, uma imagem, um código que, quando chega, estrutura em emoção qualquer coisa vivente, ou organizada em vida, comportando uma variante psicoemotiva orgânica*” (MENEGETTI, 2010. p. 183).

Na “transdução informática”¹⁰, não ocorre a transferência de energia,

6 Três descobertas da Ontopsicologia: Campo Semântico, Monitor de Deflexão e Em Si Ôntico. (MENEGETTI, 2010)

7 Parte do texto foi extraído de um dos itens da tese de doutorado da autora do texto (SPANHOL, 2013) com as devidas complementações necessárias ao enfoque atual.

8 Campo é um contexto hipotético ou definido por três coordenadas: espaço, tempo e individuação. (MENEGETTI, 2010, p.182).

9 “Semântico” (gr. Sema = Signo, traço. Mais partícula “ân” que os gregos inseriam para dar movimento à palavra. E “tico” = do verbo “ktizo” que significa posicionar, colocar). Posicionar um sinal dinamicamente. “Sinal da ação naquele lugar; o sinal enquanto se constitui (MENEGETTI, 2012, p. 40).

10 Transdução informática: o receptor tem variação psicoemotiva (modifica). Significa que o módulo dá a forma (*design*) da passagem à (para) energia, mas não dá a passagem da energia

mas “o módulo dá a forma de passagem da energia” (MENEGETTI, 2010, p.183-184). Isso significa que, ao receber a informação, o sujeito receptor varia a sua energia e se formaliza, segundo a informação recebida, e age com energia própria, a partir da informação colhida de um outro. A informação recebida é sempre neutra, no entanto, o receptor disponibiliza a sua energia para mover a informação recebida. A execução da informação poderá produzir efeitos positivos ou negativos ao executor. Essas consequências dependem da homogeneidade ou não daquela informação ao útil e funcional para a identidade do receptor executor.

Para complementar, Meneghetti (2010) diz que “com o termo ‘semântico’ entende-se um impulso que, enquanto se move, cria a forma que, depois, será própria como o significado pelo receptor ou pelo resultante, chamado efeito ou sintoma” (MENEGETTI, 2010, p. 183). Para o autor, é a partícula *an* da palavra semântico que fortifica o termo. Desse modo, o “outro” se faz presente dentro, antes que se colha o signo externo.

Por “semântico” (de *sema*) se entende um especificar-se da realidade. O real chega codificado de modo inequívoco: uma carícia, um pontapé, uma indiferença, um medo etc. A realidade do indivíduo não chega de modo caótico, mas é sempre um exato formalizado sensível. A vida não conhece o desperdício, move-se segundo princípios de economia energética: tanto serve para comunicar, como emana de impelência ou impedância energética, sempre formalizada ao detalhe e traçada em modalidade organísmica. Portanto, “semântico” no sentido de significância, para denotar que a comunicação é em ato (MENEGETTI, 2005c, p.37).

Para Petry (2003, p. 31), o conhecimento do Campo Semântico é possível, uma vez que, ao ocorrer o encontro entre dois entes, estabelece-se uma unidade de campo “onde toda a variação energética de um é interceptada pelo radar-corpo do outro”. Essa informação da variação energética ocorre mesmo que o indivíduo não tome consciência do ocorrido. Para ler as informações de Campo Semântico, o indivíduo deve usar o próprio corpo. Precisa atentar também para esse radar que colhe informações, em que uma se apresenta como prioritária a cada

momento. Convém apresentar um terceiro conceito proposto pelo autor, o qual diz que: “O campo *semântico* é *conhecimento sensório-viceal* e é uma informação que se estrutura no corpo como *medianicidade de intenção real*” (MENEGETTI, 2010, p.190, grifo do autor).

Em uma de suas explicações relativas ao tema, Meneghetti (1993) afirma: “Um campo semântico é o deslocamento de intencionalidade psicoenergética de um indivíduo (mandante) para outro (executor). O mandante (instigador ou primeiro ativante) expõe uma pulsão própria, consciente ou inconsciente, interiorizando-a no psicorgânico da pessoa colônia *partner* (MENEGETTI, 1993, p.9).

Por exemplo: caso se observe a ação de um portão movido por um controle remoto, ao se acionar o controle, ele emite um sinal que é captado no motor do portão, fazendo com que se mova com sua própria energia, e o portão se movimenta. Mas, para que isso ocorra, ambos – controle remoto e portão – precisam estar na mesma frequência, ou seja, em sintonia.

No executor-colônia, a ação-impulso sofrida é percebida e executada como motivação própria ou egóica. O semantizado executa o outro, isto é, o passivo identifica psicorganicamente motivações precisas de outro. Geralmente essa interação é filtrada e conduzida pelo poder constelador dos complexos no âmbito subconsciente. A capacidade causadora sobre o eu do passivo é tal que ele sente como pulsão instintiva própria aquilo que, ao invés, é a exigência psicorgânica do “partner” próximo. Trata-se de uma pulsão transferida de um organismo a outro (MENEGETTI, 1993, p. 9).

Caso se considere o exemplo do portão, para se compreender o comportamento dos seres humanos, ver-se-á que ele ocorre de modo semelhante. O indivíduo “A” dispara um sinal – intencionalidade –, o indivíduo “B” percebe um desconforto, mas não compreende e executa a ação da intencionalidade do indivíduo “A”.

Para Meneghetti (2015, p.13), “não podemos considerar objetiva nenhuma pesquisa sobre o humano, se o pesquisador não tem experiência dos campos semânticos.” O autor considera que os escritos sobre a teoria Ontopsicológica são incompreensíveis ao pesquisador se este não conhece a existência da realidade dos campos semânticos.

O autor salienta ainda que, durante a prática clínica, observava que

o paciente, à sua frente, era diverso daquilo que ele aparentava. “O paciente aparecia de um modo e existia de outro” (MENEGETTI, 2015, p. 16). Por mais que permanecesse em escuta atenta, frequentemente, surgiam distrações e fantasias. Assim, iniciou, de modo sério, a pesquisa sobre tudo aquilo que logicamente tendia a excluir: “*Não se tratava de anular a razão, mas de investi-la em zonas consideradas irreais, não existentes*” (MENEGETTI, 2015, p. 17, grifo do autor). Ainda, segundo o autor, “qualquer poder sobre a matéria está na ordem psíquica, porém é preciso primeiro aprender o acesso a ela. A psique tem leis que são as mesmas que regulam o universo” (MENEGETTI, 2013, p.51).

Nesse sentido, o autor explica:

Toda energia se baseia sobre um agente universal que é também vibração de espaço fluido. A sensação viscerotônica, ou cerebrotônica de um campo semântico, constitui-se por alteração ou variação dos elétrons dos corpos celulares de uma determinada zona (correspondente a uma exigência instintiva do emissor); a vibração causa deslocamentos sincrônicos e específicos no espaço fluido ambiente. A onda produzida no ambiente fluido, iguala-se aos elétrons dos corpos celulares de determinadas zonas do destinatário, correspondentes àquelas do emissor. O sistema de propriocepção do destinatário, recebe como sensação própria a informação do outro, desta adquire consciência própria e, na sua pseudoespontaneidade, se determina em resposta ao outro (MENEGETTI, 1993, p. 11-12).

Conforme escreve Vidor (2013, p. 60), “a variação de ondas percebidas pelo Campo Semântico especifica informações adequadas à vida humana, de variações que modificam a ordem e as funções organísmicas¹¹.”

11 Organísmico: implica a alma; ism deriva do grego εἶμί (verbo “ser”), do qual vem ὄντος (ôntico). É uma raiz particular que indica a espiritualidade, a qual se pode traduzir também em funcionalidade. Ver: MENEGETTI, A. Presença do Em Si ôntico no orgânico humano. 2010, p. 21; 2012, p.198. “Conjunto de funções materiais e psíquicas para uma unidade de ação. Contexto psicobiológico e espiritual” (MENEGETTI, 2012, p. 198). “Organísmico” é um termo próprio da Escola Ontopsicológica que define a unidade de consciência em ato orgânico. “O organísmico é o sincronismo entre a alma e corpo, percebido como tomada de consciência unitária” (MENEGETTI, 2005a, p. 29, 95).

O Campo Semântico se formaliza por imagens¹². O mundo é feito por imagens, tudo procede por imagens. *Para o autor, imagem é “como a forma age em mim ou em outro”* (MENEGHETTI, 2012, p.131 grifo do autor). Por imagem, Meneghetti não entende aquela que expressa atos de criatividade ou fantasias, mas a imagem que fala das estruturas que permitem quaisquer variáveis energéticas.

Assim, a energia se formaliza nas imagens e é um conhecimento sensorial-visceral. A informação de Campo Semântico se dá de inconsciente para inconsciente e é sempre neutra, ou seja, nem positiva, nem negativa. Contudo, será positiva ou negativa, segundo a posição do receptor ou dos efeitos produzidos no receptor. Experiencialmente colhe-se o Campo Semântico da seguintes maneira: a) recuperando a consciência sensório-visceral e a consciência holístico-organísmica; e b) com o cuidado (cura) do prazer estético (respeito com o corpo, imagens, jornais, etc. e higiene com função estética).

Com a recuperação da consciência com relação à “comunicação base que a vida usa no interior das próprias individualizações” (MENEGHETTI, 2012, p. 38), foi possível identificar as pulsões do inconsciente dos clientes. Na pesquisa deste tema, verificou-se a existência de duas realidades: uma pulsão que, quando seguida pelo cliente, tornava-o mais saudável, com maior vitalidade em progresso; e uma outra que indicava rigidez e repetição. Quando o cliente seguia esta segunda, regredia e adoecia. Por um lado, a pulsão que portava vitalidade e evolução foi denominada Em Si Ôntico; por outro lado, a pulsão que indicava rigidez, regressão, denominou Monitor de Deflexão. Assim, da prática clínica, o autor chegou às outras duas descobertas: Em Si Ôntico e Monitor de Deflexão.

3 INFORMAÇÃO NO CONTEXTO DA CONSULTORIA

O que é informar? O que é comunicar? A qual informação nos remetemos?

Ainda, no contexto da consultoria, como o profissional “decifra”, por assim dizer, o que o cliente informa ou comunica? Tudo o que o cliente diz é, de fato, significativo para sua existência? Qual é a verdadeira informação/comunicação e como acessá-la?

12 “O igual energético se especifica em vetorialidades, as quais se perfilam como projeção geométrica do colocar-se energético. *A imagem é a projeção geométrica de uma vetorialidade em ato*” (MENEGHETTI, 2010, p. 53).

A criança, enquanto não se expressa por meio de dimensão lógica e racional apreendida pela linguagem verbal, usa o recurso da sensação e percepção para compreender o meio que a circunda. Schutzenberger (1997, p. 85) explica que “as crianças e os cães da casa sabem tudo[...]” Uma vez que, na infância, ainda não sofreram as pressões conscientes impostas pela realidade social, as crianças são capazes de responder ao mundo pela informação base.

Uma informação¹³ que os adultos desaprenderam, porque não dão a devida atenção às novas variações organísmicas e enfatizam, sobremaneira, aquilo que a lógica racional permite ver. Assim, perde-se o básico da comunicação que não é verbalizado, não é expresso em atos, mas é vibração que se processa no campo das relações e que move, muitas vezes, com mais força do que palavras ditas.

Em relação à comunicação base, o autor, neste estudo, enfatiza:

O consciente é a reflexão do ato especificado da vida. Mas por causa do predomínio da instância sócio-histórica, o consciente não é mais a reflexão da exata do seu real especificado. O consciente, por ter sofrido a reflexão da exigência autoritária sócio-histórica, colhe o próprio ato somente segundo a ótica preferencial sócio-histórica e do social organizado, segundo todos os processos ou sedimentações de um coletivo em contínua metamorfose. Com esse contexto o eu ou o consciente, de fato, fica impotente perante o ato que afunda o existencial. O eu dividido do ato vida, padece a angústia, com a suspeita de um paraíso perdido (MENEGHETTI, 1993, p.17).

Convém ressaltar que comunicar é muito mais que a mente consciente consegue absorver, pois comunica-se, informa-se e recebem-se notificações de inconsciente para inconsciente. Essa é a comunicação base, que vem antes de qualquer emoção, de qualquer linguagem. Portanto, para que de fato a informação seja precisa, é necessário que se saiba lê-la.

Como foi apresentado anteriormente, Moreno (1974;1987) apresenta a comunicação Tele como uma ligação elementar entre os indivíduos. No contraponto, Meneghetti (1993; 2010; 2015) destaca que, pela leitura

13 Cf. MENEGHETTI, A. *Ontopsicologia Clínica*. 2005e, p. 275-278.

das informações do Campo Semântico, é possível que seja identificada essa comunicação. Assim, o autor pontua:

O erro essencial de toda a psicologia e pesquisa humanística conquistou na falta de exatidão de consciência. Quase todos os seres humanos, quando julgam, quando relevam, tem uma consciência não correspondente ao fato existencial. [...] Dei-me conta que a natureza projeta muitos dados, códigos de leitura, emoções estados biológicos, químicos, morais; isto é, como o homem é consciência, colhe somente alguns deles; além disso, os lê de maneira distorcida: a consciência não sabe ler de modo exato o apelo do instinto. [...] A tarefa universal da psicologia científica é tomar exato o Eu ou a consciência à percepção total do fato existencial (MENEGETTI, 2005b, p. 12-14).

De acordo com os argumentos dessa citação, cada indivíduo projeta o modo estrutural de sua presença no impacto com outro ser humano. Ele “faz comunicação” a partir do próprio configurado real que é uma comunicação física, uma vez que, no universo, cada coisa vivente está em comunicação, porque existem as vias da comunicação base da vida, que transmitem e recebem todas as informações. Ao homem é permitida a capacidade de colher essas informações por inteiro, pois cada sentido humano impacta sempre os outros reais. Para isso, basta que se resgates e se saiba como colher essas informações que são sempre coincidentes com o real.

Nessa linha de raciocínio, o autor reforça que a comunicação base que a vida usa ao interno das próprias individualizações denomina-se Campo Semântico. “É a informação base que acontece antes de todos os sentidos, antes de todas as emoções, antes de toda a consciência, em antecipação a qualquer símbolo” (MENEGETTI, 2012, p. 39).

As informações que tocam nosso corpo são colhidas de imediato pelo cérebro viscerotônico –um órgão exato. Diferente do cérebro, localizado no crânio, as informações que tocam o viscerotônico portam uma informação primeira, sem distorções, obsessões, estereótipos ou memes.

Então, caso se resgate e se desenvolva a primeira comunicação, a comunicação base que faz perceber aquilo que representa a realidade,, o que se opera, em verdade, na mente humana, será a compreensão dessa realidade veiculada,. Para isso, é necessário recuperar o conhecimento

organísmico, conforme consta nesta citação:

Para recuperar o primeiro critério objetivamente, o critério ôntico da própria verdade de natureza, a Ontopsicologia propõe a recuperação do conhecimento organísmico: saber ser íntima consciência do próprio orgânico de modo total. O corpo é a palavra de um projeto eterno: quem colhe o projeto, a estrutura, colhe o arquiteto. Nesta palavra que é o nosso corpo, se encontra a pedra angular sobre a qual está baseado todo o edifício da nossa existência (MENEGETTI, 2016, p. 388).

Retomando o trabalho de consultoria, um profissional, para compreender as informações emanadas pelo cliente, precisa estar exato com sua vida. Ao individuar a informação de modo preciso, auxilia o cliente a encontrar sua verdadeira estrada e reconhecer as informações que lhe permitem ir adiante ou regredir.

Desse modo, quando se utilizar toda a informação básica que se processa com base em estratégias adequadas na lógica consciente, estar-se-á usando todo o potencial para decidir adequadamente, sobre as escolhas que a vida propõe. Isso possibilitará viver dentro da real condição humana, enquanto Ser e existência, aquilo que é real¹⁴ faz realidade no ser, ao contrário, não existe.

De acordo com Meneghetti (2000, p. 462, tradução nossa): “para colher o campo semântico, é preciso ser saudável, isto é, precisa ser um instrumento quase perfeito, senão, não é possível colhê-lo. Com o termo ‘perfeito’, quero dizer que um sujeito é sadio, é bem feito para as suas necessidades, para a suas funções, é um ser humano que funciona por si mesmo”.

O homem é um projeto exato e perfeito da vida, mas, por perder a coincidência com o seu potencial de natureza, erra sempre e não se encontra conforme a identidade da natureza, por tantos erros cometidos ao realizar ações e escolhas no contexto da sua existência. Desse modo, perde a transparência de seu real potencial e se fixa em regras e normas que já se encontram incrustadas em seu viver, nas quais acredita

14 Real (do latim *res* = a coisa, *alea* = o lance, o ímpeto) significa: a noção como a coisa, tem a verdade quando lançada (MENEGETTI, 2014, p. 52). Todo real é um nexu ontológico formalizado (MENEGETTI, 2015, p.60).

e que orientam e guiam a sua vida. O ser humano vai sendo “formado de fora”, do que é externo a ele, o que lhe permite muitas funções, mas, ao mesmo tempo, não lhe ensinam a auscultar a si mesmo. É mais ou menos como a seguinte metáfora: “O automóvel é bom, mas é o sistema de direção, aprendido de ‘fora’, que é errado”. É bom lembrar que “esse automóvel” é como todo o potencial de vida humano. Por isso, a necessidade do ser humano ser sadio e exato com sua identidade de natureza, para poder, verdadeiramente, operar no sistema social, fazer as leituras das mais diversas informações com as quais impacta o conjunto das relações sociais e, então, produzir um critério de veracidade na ciência.

Dessa forma, no contexto da consultoria, percebe-se que saber ler o que o cliente comunica é também uma Arte, representada por quem está dentro de si mesmo. Entretanto, para estar em si mesmo, é preciso viver a autenticidade da vida que brota em cada um, o que permite colher a lógica da vida, o critério de natureza¹⁵ - Em Si Ôntico – para isso, basta ser simples. É preciso demonstrar que se é exato na sua existência e que se age em conformidade com o seu projeto de natureza, de forma circular a si mesmo (MENEGETTI, 2010, p.143).

O cliente comunica sua história, seus fatos cotidianos, mas quando o faz, engana a si mesmo, porque está sempre “se vendo com os olhos” que já conhecem todo o percurso. Ao dizer, não diz. Ao não dizer, fala, move-se como o sopro do vento que não aparece, mas que move tudo ao seu redor. E, quanto mais intensa é essa força, mais fortemente envolve quem está desatento e, então, entra no “embalo”.

Schutzenberger (1997, p.74) pontua que Freud já lembrava que “aquele que têm olhos para ver e ouvidos para ouvir percebe que os mortais não conseguem guardar nenhum segredo [...]. Aquele, cujos lábios se calam, fala demais com as pontas de seus dedos. Ele se trai por todos os poros”.

Fragmento - Case I

Na atividade de consultoria, atendeu-se a uma cliente que lamentava os seus projetos não realizados. Ela contava sobre o último projeto que havia sido rejeitado. Os insucessos eram tantos que ela já pensava em mudar de atividade, seguir os planos do marido e auxiliar nos afazeres dele, a cuidar dos seus projetos.

15 Critério de natureza é uma medida que procede por evidência[...]. É a intencionalidade de natureza quando e como se evidencia. (MENEGETTI, 2010, p. 147).

Meneghetti (2011) esclarece: “Enquanto ouço o cliente, não me sirvo apenas de todos os critérios racionais, mas também da leitura da semântica ôntica¹⁶. O sujeito que tenho diante de mim emana realidade, determina uma variação de campo, altera as minhas conotações informáticas, impacta-me determinando um sentido e uma situação interna” (MENEGHETTI, 2011, p. 219).

Retornando ao relato acima, enquanto o “eu profissional” estava atento em sua história, em suas preocupações, em uma sutil aparente distração, visualizou-se uma imagem, numa fração de segundos – uma *gestalt*. Um instante como num *flash* – e a imagem chamou: “uma garota de 3 a 4 anos, cabelos louros cacheados, com vestido rosa olhando um livro ou algo parecido, numa sala com uma estante e um homem ao seu lado”. Essa imagem conduziu o seguinte diálogo entre profissional consultor (PC) e cliente (C):

PC- “Como era seu cabelo quando criança?”

C- “Era ruivo”.

PC- “Cacheado?”

C - “Sim”.

PC - “E a sua casa, na infância... Nela havia uma sala com estante de livros?”

C - “Sim”.

PC - “Você tem lembrança de alguma roupa sua de quando tinha 3 ou 4 anos?”

C - [descreve um vestido cor-de-rosa tal com a imagem].

PC - “Lembra de seu pai estar com você nesta sala lendo livros ou contando histórias?”

16 Semântico: “do grego significa signo da ação naquele lugar; o signo enquanto se constitui. Significa: significância. Faz signo, especifica ação e se presencia. A energia se move segundo uma direção exata: escopo ao intrínseco objeto. Por semântico entendemos a virtualidade, a capacidade de pôr em ato efeitos segundo a informação exclusiva do intencionante vetorial, isto é, ato com efeito segundo o primeiro significante. É um impulso que – enquanto se move – cria a forma que, depois, será sofrida como significado pelo receptor. A energia se formaliza nas imagens. A imagem é o símbolo que a energia usa ao interno de si mesma para fazer qualquer variável”. [...] “Um campo semântico é emissão de informações com efeito psíquico, emocional, elétrico no campo de um outro organismo [...]. Cada um de nós é um campo semântico e se encontra entre múltiplos campos semânticos; cada um emana e recebe pulsões, comunicações com mensagens precisas. Nós somos pontos de referimento de um contínuo dinâmico” (MENEGHETTI, 2012, p. 40-43).

C - “Lembro que ele costumava me mostrar suas fotos de quando foi jogador de futebol”.

Naquele momento, a cliente retomou um fato histórico: seu pai fora jogador de futebol e parou de jogar porque sofreu um acidente, e lembra que ele lamentava por ser sua grande paixão, ou seja, transformou-se em um projeto frustrado.

Interpretação do case

À luz dos conhecimentos da Ontopsicologia, a imagem da menina de cabelos cacheados deu a direção para a compreensão exata do problema. A imagem, de acordo com Meneghetti (2010, p. 53), é “*o formal do quântico*. Quando se interpretam os sonhos, a psicossomática, os lapsos e tudo aquilo que é fenomenologia do sujeito, colhem-se os formais que especificam quânticos em ação. O traçado dos quânticos formais constitui a imagem”.

Na compreensão de Meneghetti (2000, p. 462), “o campo semântico aparece na consciência como uma associação livre, ou seja, surge uma imagem que parece não ter nenhuma relação racional, alterna-se de modo ilógico, não coerente. Além disso, é uma imagem que se forma, porém é gestáltica, isto é, uma forma que individua um lugar completo, vivo, não estático, em ação¹⁷.

Portanto, a imagem gratuita, sem sentido, se sustenta ao racional do sujeito. Para a qual formam-se duas estradas: uma racional e documentada, e a outra, é uma associação que faz intuir. Esta gestalt fisionomiza uma outra história, outra identidade que o sujeito naquele momento não entende minimamente. Isto é, o campo semântico associa a qualquer gênero de verbalização, de presença, um outro endereço, uma outra indicação que é substancial, o radical de todo o sujeito, de toda a situação (MENEGHETTI, 2000, p. 462).

Então, primeiro questionou-se que imagem era essa? “*As imagens são projetos quânticos¹⁸ em ação*. ‘Projeto’ é um arremessar para, dinâmica para, inexorável ao específico efeito” (MENEGHETTI, 2010, p.

17 É gestáltica, por isso é uma ação com imagens em ato, completa.

18 Quântico – implica variação de energia.

594-55)¹⁹. Portanto, estabeleceu-se uma hipótese para a situação relatada acima: a imagem vista pode ter algo a ver com essa cliente!

Segundo Meneghetti (2000, p. 463), “o campo semântico mostra-se antes como uma cena a si, em parte; naquele momento, trata-se de tomar uma decisão: deixar-se emocionar ou vê-la apenas. E boa regra é vê-la sem deixar-se emocionar, ou seja, imaginar como um holograma sobre um espaço que aparece vagante”.

A imagem gestáltica da informação que se processa e é colhida no inconsciente do outro – consultor -, manifesta-se no seu todo organizativo. Ao lê-la adequadamente, o profissional tem a chave-estratégia de racionalidade para aplicar a favor do cliente.

Então, começou-se a indagar, investigando primeiro, indutivamente, até chegar a deduções lógicas.

Portanto, enquanto se está falando ou escutando, é preciso ter presente estas imagens que aparecem ao improviso e depois desaparecem. Porém não é necessário fixar-se, é necessário permanecer o sujeito, mesmo por que estas imagens aparecem na medida em que se segue sempre o sujeito. A atenção deve estar sempre ao redor disto que o outro fenomeniza, porém, com este “terceiro olho”, se está atento à novidade desta imagem, porque a verdade última (...) aparece nesta imagem fugaz. E para ver, não precisa investir-se (MENEGETTI, 2000, p. 463).

Ao escrever a obra “Meus antepassados”, Schutzenberger (1997) traz uma citação de Dolto (1985, p. 446), que diz: “Todo filho é obrigado a suportar o ambiente em que cresceu, bem como os efeitos patogênicos, deixados como sequelas do passado patológico de sua mãe e de seu pai” (SCHUTZENBERGER, 1997, p. 46).

19 Imagem: “do latim – *in me ago*, ajo em mim. [...] Projeção geométrica de um quântico em ação; forma especular da ação em curso. A estrutura, portanto, é diferenciadora de um quântico energético. É a direção, o modo do quântico de uma energia. Projeção geométrica de um fato ou de um objeto. O sinal projetado pela ação ou coisa; e vice-versa, a ação ou coisa como se projeta, como se reflete na minha consciência” (MENEGETTI, 2012, p. 131).

Essa passagem encontra respaldo teórico em:

Somos afinal, de certa forma, menos livres do que acreditamos. Entretanto, podemos reconquistar nossa liberdade e sair da repetição, ao compreender o que aconteceu, ao distinguir esses fios no seu contexto e na sua complexidade. Podemos, enfim, viver ‘nossa’ vida e não a de nossos pais ou avós nem a de um irmão falecido, que vamos substituindo, consciente ou inconscientemente (SCHUTZENBERGER, 1997, p.11).

No entanto, cabe ressaltar que é, com a leitura de Campo Semântico, destacada por Meneghetti (1993; 2010; 2015), que se acessam as informações que permitem ver quando o indivíduo repete a história dos seus antepassados, conforme apontado por Schutzenberger. Assim, ao repetir a história, não cria a novidade de ser pessoa - *essere per si*.

Meneghetti (2000, p. 463) argumenta que: “A pessoa não saberá, nem verá destruição ou vantagem, porém, quase sempre, o campo semântico não entendido torna-se dano para o sujeito. Não compreender o campo semântico significa estar arruinado da própria vida, porque o sujeito. [...] se põe contra a verdade de si mesmo.” Nesse trecho, o autor acrescenta: “Não sigo as suas palavras, mas a sua realidade que ele não conhece”.

A informação é transmitida a cada instante pelo cliente. Ele não sabe ler, muitas vezes, por isso, distorce e vive mal sua história, porque vive o “outro” que não é ele, mas o vive como se ele fosse.

Schutzenberger (1997, p.10) destaca que “continuamos a cadeia das gerações e pagamos as dívidas do passado; enquanto não ‘se apagou a lousa’, uma ‘lealdade invisível’ nos impele a repetir, queiramos ou não, saibamos ou não, a situação agradável ou o acontecimento traumático ou a morte injusta, trágica até, ou o seu eco”.

Para Meneghetti (2010):

A forma é direção, o quântico e o modo de uma energia. ‘Forma’ é o percurso segundo o qual a energia deve acontecer. A vida, quando age, é sempre formal. Quando a energia se move, está em convivência com uma forma ou imagem que lhe dá a direção. ‘Imagem’ significa a ação que está me fazendo, ou que está sinalizando em mim. A imagem é a estrutura, portante e diferenciadora

de um quântico de energia; é o código que faz ser ou não ser aquele modo de energia; é o alfabeto de sentido do discurso energético, de modo universal – e específico – no ser humano (MENEGETTI, 2010, p. 57).

Portanto, ainda, segundo Meneghetti:

Partindo da imagem, eu tenho e posso controlar a dinâmica, o quântico dinâmico, o real, a densidade, a matéria, a energia. Partindo da dinâmica, eu tenho a energia, o quântico, a matéria e posso chegar à imagem. Imagem e matéria, imagem e dinâmica, imagem e energia, são *double face* de uma única realidade (MENEGETTI 2006, p. 265).

A análise que se faz aqui é que a imagem condensada que surge, quando a cliente se expressa, traz à tona uma informação recebida na infância, dinâmica, com a qual ela se move hoje. O pai informa sua frustração – projeto não realizado -, à filha ainda na infância. Essa informação a acompanha até aquele momento, o que a faz viver do mesmo modo que ele – tendo agora os seus projetos frustrados.

Para Meneghetti (2010), “a imagem é a ordem determinante da energia aplicada. Essa energia²⁰ não é ao acaso, mas tem um voluntarismo que a pré-estabelece em um modelo de comportamento. O comportamento é imagem. A energia sem imagem não pode existir, enquanto a imagem pode determinar também a energia” (MENEGETTI, 2010, p. 57).

Naquela situação, foi apontado à cliente a informação da infância que fez com que repetisse a história do pai. Ao compreender aquela passagem de sua vida, ela se retomou. A partir daquele momento, começou a agir de outro modo com seus projetos. Hoje, vive das suas atividades desenvolvidas a partir de seus projetos. Faz-se necessário, então, ser autêntico e ter espontaneidade, fazendo a novidade de ser a cada instante, sem viver a história por repetição.

Segundo Meneghetti (2010, p. 57), “quem possui o conhecimento das imagens tem o poder da energia. Possuir o código da imagem significa colher a *reversibilidade entre imagem e energia e entre energia e imagem*”.

20 Energia: “Do grego = o dentro do trabalho. Presença de força. Ecceidade da possibilidade Semovência de um quântico. Capacidade de efetuar” (MENEGETTI, 2012, p. 93).

No relato descrito, a cliente trazia em si uma informação que estava latente e que se movia sem que soubesse dela. Essa informação fazia com que vivesse uma história repetida, de um modelo que se instalou e que a absorvia repetidamente, mesmo que almejasse outra direção. Essa força contida na informação – informação à ação -, faz com que o indivíduo se mova contra si mesmo, proporcionando a autossabotagem.

Conforme Schutzenberger (1997, p. 66), : “As fontes de repetições ficam sem tomada de consciência ou racionalização do que se passa. Em compensação, os segredos de família se investem de libido e determinam profissões, escolhas de passatempos ou de diletantismos”.

Para Meneghetti (2006):

Toda a arte superior de alta psicologia é possível exatamente por este princípio. Tem-se o poder sobre a imagem na medida que se tem o poder sobre a energia e se tem o poder sobre a energia na medida que se tem o poder sobre a imagem. Caso se queira parar um estímulo, parar um instinto, deve-se destruir a imagem. É inútil colocar-se a contraestimar, é preciso ter a chave da imagem (MENEGETTI, 2006, p. 266).

Em relação a esse aspecto, pode-se dizer, com base em Meneghetti, que, pela informação semântica recebida, o indivíduo faz escolhas, segundo uma seleção temática que o aproxima do mesmo modelo diádico da primeira informação ou das primeiras informações vividas na infância. Embasada no modelo de díade vivido e aprendido na infância, pré-estabelece-se a coação e a repetição desse modelo nas demais relações que o indivíduo estabelecerá ao longo de sua vida, pois, a partir daí, delimitar-se-á o modo pelo qual ele passa a conhecer a si mesmo, aos outros, às relações e ao mundo.

Enquanto profissionais consultores, para se colhers adequadamente a realidade que move aquele ser, é preciso ter presente que as informações que se recebem, que se presenciam e que se auscultams, requerem um reconhecimento de que se acolhe o cliente como o todo do nosso orgânico, isto é, na dimensão orgânica, psíquica e espiritual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao se descreverem os fragmentos do *Case I*, ficou evidente que, para compreender a real causa que move os clientes, não é suficiente a

comunicação descrita por Moreno (1974;1987), que envolve o conceito de Tele. Entretanto, requer do profissional a compreensão da informação de campo semântico, conhecimento que possibilita ver o cliente de modo “transparente”.

Portanto, estar atento ao que o cliente diz ou manifesta na expressão ou nos movimentos auxilia o consultor a encontrar um caminho para acessar o seu interior, mas isso nem sempre é possível, pois o cliente foge do ponto que o limita. Portanto, nessa hora, a comunicação base é que dá a direção exata a ser seguida, porque a informação está presente a cada instante e emanam-se endereços a toda hora. A variação orgânica que se sente, mas nem sempre consciente, é sinal de que se está recebendo informações emitidas por outras pessoas.

Decodifica-se a realidade circundante (o mundo) ao redor por meio de imagens (do latim *in me ago* = ajo em mim). Recebe-se o externo (percepção exteroceptiva) por meio de sinapses, que são únicas para cada indivíduo (percepção propioceptiva), resultando um condensado de informações lidas pelo cérebro para, depois, serem expressas (percepção egoceptiva).

Ocorre que, como tudo se dá por imagens, cada indivíduo tem o registro de uma imagem matriz, que se antecipa à nova imagem, fazendo o recorte da realidade em uma nova releitura, segundo aquilo que já pré-existe. Então, essa nova realidade impacta o indivíduo, emociona-o e, por seleção pré-estabelecida pela imagem matriz, leva-o a repetir a possibilidade dos mesmos enganos.

Então, caso se colha a imagem antes de ela ser deformada, tem-se condições de atuar na causa em que se move a energia empregada para aquela ação. Assim, ao interferir na imagem, pode-se interferir nessa dinâmica e agir no processo, ou seja, se imagem e energia andam juntas, caso se mova uma, move-se a outra e vice-versa – num processo de reversibilidade. Portanto, ter o poder da imagem é possuir a fórmula para interferir na dinâmica em ação naquele indivíduo.

A proposta de considerar as imagens colhidas no processo da consultoria, articular o conceito desenvolvido pela Teoria Psicodramática sobre a comunicação Tele (MORENO, 1974;1987) e ampliar o conhecimento para leitura e compreensão das informações, através do Campo Semântico (MENEGHETTI, 1993; 2010; 2015) proposto pela Ontopsicologia, permitem tecer algumas considerações:

1 – o conceito de Tele indica um modo de comunicação pelo qual

os indivíduos comunicam algo que não se faz visível como fenômeno palpável pelos cinco sentidos da percepção;

2 – Moreno (1974;1987) não propõe um método para aplicar e utilizar a informação da comunicação télica;

3 – a proposta de Schutzenberger (1997), que atua em análise clínica grupal e no Psicodrama, com uma visão transgeracional e psicogenealógica contextual, apresenta um indivíduo que precisa “pagar dívidas” do passado. É uma espécie de “lealdade invisível com os antepassados. Porém, não é claro como acessar em antecipação as informações que causam danos;

4 – o conceito de Campo Semântico define, precisamente, o que é e como se processa a informação base que ocorre entre as individuações;

5 - Meneghetti (1993; 2010; 2015) propõe um método que possibilita ao pesquisador colher as informações-base. “Para objetivar com exatidão, o homem de ciência deve sair do mundo da objetividade e ser perene subjetividade; [...] Faz-se ciência exata quando a egoceptividade coincide com a propioceptividade” (MENEGETTI, 2010, p. 142);

6 – o uso adequado das informações colhidas permite acessar o real do cliente e dar-lhe a chave de acesso à causa para solucionar os seus “problemas”.

Assim, considera-se que o conhecimento proposto pela Ontopsicologia amplia a possibilidade de leitura das informações, pois permite ao profissional, na sua ação, “colocar-se em escuta das causas primeiras” (SPANHOL, 2017, p. 346) frente às demandas do cliente e, assim, efetivamente, propor diretivas que possibilitem o reencontro com a vida que cada um porta, permitindo o crescimento ou regressão por livre escolha na decisão existencial.

REFERÊNCIAS

BUSTOS, D. M. **O teste sociométrico**. São Paulo: Brasiliense, 1979.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas. 2002.

MENEGETTI, A. **Campo Semântico**. Porto Alegre: ABO, 1993.

MENEGHETTI, A. **La cinelogia**, Cinema e inconscio. Roma: Psicologia Editrice, 2000.

MENEGHETTI, A. **Manual de melolística**. Recanto Maestro, RS: Ontopsicologia Editrice, 2005a.

MENEGHETTI, Antonio. **Pedagogia ontopsicológica**. Conferência proferida no Recanto Maestro, 31 de dezembro de 2005 (Informação verbal de curso) (2005b).

MENEGHETTI, A. **Cinco lições de ontopsicologia**. Recanto Maestro, RS: Ontopsicológica Editrice, 2005c.

MENEGHETTI, A. **A psicossomática na ótica ontopsicológica**. Recanto Maestro, RS: Ontopsicológica Ed. 2005d.

MENEGHETTI, A. **Ontopsicologia clínica**. Recanto Maestro, RS: Ontopsicologia Ed. 2005e.

MENEGHETTI, A. **Imagem alfabeto da energia**. 4. ed. Recanto Maestro, RS: Ontopsicológica Editrice, 2006.

MENEGHETTI, A. **Manual de ontopsicologia**. 4. ed. Recanto Maestro, RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2010.

MENEGHETTI, A. **O projeto homem**. 3. ed. Recanto Maestro, RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2011.

MENEGHETTI, A. **Dicionario di ontopsicologia**. 2. ed. Recanto Maestro, RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012.

MENEGHETTI, A. **Genoma ôntico**. 3. ed. Recanto Maestro, RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2013.

MENEGHETTI, A. **Campo semântico**. 4. ed. Recanto Maestro, RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015.

MENEGHETTI, A. **O residence ontopsicológico: práxis e filosofia**

existencial. 4. ed. Recanto Maestro, São João do Polêsine, RS: Ontopsicológica Editora universitária. 2016. MORENO, J. L. **Psicoterapia de grupo e psicodrama**. São Paulo: Mestre Jou, 1974.

MORENO, J. L. **Psicoterapia de grupo e psicodrama: introdução à teoria e à práxis**. São Paulo: Mestre Jou, 1974.

MORENO, J. L. **Psicodrama**. São Paulo: Cultrix, 1987.

PERAZZO, S. **Ainda e sempre psicodrama**. São Paulo: Agora, 1994

PETRY, A. M. **A nova abordagem do complexo de Édipo**. 124 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) – Faculdade de Psicologia. Universidade Estatal de São Petersburgo, Rússia, 2003.

SCHUTZENBERGER, A. **Meus antepassados: vínculo transgeracionais, segredos de família, síndrome de aniversário e prática do genossociograma**. São Paulo: Paullus, 1997.

SPANHOL, C. I. D. **Significados e sentidos da formação continuada, segundo o método ontopsicológico: um estudo com professores do Ensino Superior**. 2013. 225f. Tese (Doutorado em Educação). *Universidad del Mar, Viña del Mar*, 2013. Revalidada pela UFSCar, 2015.

SPANHOL, C. I. D. **Narrativa autobiográfica: a escolha ótima, mediada pela percepção orgânica**. In: FUNDAÇÃO ANTONIO MENEGHETTI (Org.) *Ontopsicologia: ciência interdisciplinar*, Vol. III. Recanto Maestro, São João do Polêsine, RS: Fundação Antonio Meneghetti, 2017.

VIDOR, A. **Fenomenologia e ontopsicologia: de Husserl a Meneghetti**. Recanto Maestro, RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2013.

CONHECIMENTO E CORPO EM ONTOPSICOLOGIA

Ana Regina Acosta Gonçalves

1 INTRODUÇÃO

O acadêmico e professor Antônio Meneghetti¹ pautou a Ontopsicologia² no estudo aprofundado do ser e, por mais de 30 anos, teve por objeto de estudo o homem. Fundou e estruturou uma ciência nova alicerçada em três pilares: *Em Si ôntico*, *Campo Semântico* e *Monitor de deflexão*. Conceitua, ainda, que identidade é o ser aqui, agora e assim. Para isso se configurar dessa forma, Meneghetti propõe que o primeiro fenômeno seja o próprio corpo, isto é, por meio do corpo, a psique atua no real segundo do Eu-lógico histórico.

Por meio da metodologia Ontopsicológica, entende-se que o erro não está na sociedade, no homem, tampouco na vida. Está na consciência. Consciência inexata, reproduzida com interferência da *doxa societária* ou seja, sociedade enquadrada em estereótipos, opiniões e conceitos tomados como única verdade.

Mas como é possível alcançar a realidade? Como se pode entender o critério de natureza e viver o Eu *a Priori*³?

Levando em consideração as ponderações acima, no presente artigo, busca-se elucidar, de forma objetiva, como esse corpo se comunica com o eu, ou seja, como atua o critério organísmico. Não obstante, busca-se também entender a funcionalidade do critério organísmico com a utilização do cérebro viscerotônico, atuando no homem irresoluto.

1 “1936, Doutorado clássico em Teologia na Pontifícia Universidade Lateranense em Roma, Doutorado Clássico em Filosofia pela Universidade São Tomás de Aquino em Roma, doutorado clássico em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade São Tomás de Aquino. Láurea em Filosofia com abordagem psicológica na Universidade Católica Sacro Cuore em Milão. Gran Doctor Nauk em Ciências Psicológicas concedido pela Suprema Corte de Avaliação Interministerial da Federação Russa” (MENEGHETTI, 2010, p. 15).

2 “Pesquisa sobre a atividade psíquica na sua causalidade primeira. Pesquisa sobre o projeto lógico elementar que preside a atividade e fenomenologia psíquica” (MENEGHETTI, 2012, p. 191).

3 “Exprime a vetorialidade ótima da situação entre Eu e mundo, em vantagem do Eu integral ou Em Si organísmico. Constitui aquele possível ótimo a ser concretizado por sucessiva tomada de consciência e de vontade, para o nascimento constante do Eu histórico em progresso intrínseco” (MENEGHETTI, 2012, p. 105).

Com uma base histórica e filosófica, explora-se a relação do homem com o corpo na antiguidade, até adentrar à problemática central deste artigo: “De que maneira a percepção organísmica é um elemento estruturante da análise ontopsicológica?”

Para isso, abordar-se-ão os seguintes tópicos: O homem e seu corpo, aspectos históricos, que percurso a sociedade percorreu para compreender o corpo humano; O homem como um todo, conhecimento holístico, o conhecimento de todas as dimensões do corpo relacionado ao eu, ao outro e ao meio em que está inserido; Cérebro Visceral; A Percepção Organísmica, uma inteligência que não está no nosso cérebro; e Recuperação da Leitura Organísmica, os problemas da falta de exatidão no corpo e a solução ontopsicológica.

O estudo do presente artigo é de caráter qualitativo, em que tanto a problemática como as hipóteses e conclusões levantadas se deram a partir das reflexões apresentadas pela ciência Ontopsicológica, sobretudo, a partir das obras: Manual de Melolística, Dicionário de Ontopsicologia, Manual e Ontopsicologia e Ontologia da Percepção.

O HOMEM E SEU CORPO: ASPECTOS HISTÓRICOS

Como pressuposto para abordar o tema apresentado, é necessário compreender o percurso com base nos antigos pensadores acerca da compreensão antropológica, isto é, o que é o homem. Esse trajeto epistemológico é basilar para o entendimento de como e onde surgiram os primeiros questionamentos, nos quais eram buscadas respostas à problemática causada pela falta de compreensão de um conhecimento holístico corpóreo.

A sociedade, hoje, é fruto de uma estrutura de pensamento construída na Grécia antiga. Há milênios, o homem já buscava compreender indagações a respeito da existência humana. Partindo de uma incógnita que acompanha a humanidade até os tempos atuais, a origem do universo foi tema que inspirou o nascimento da mãe de todas as ciências: a Filosofia. Os chamados pré-socráticos - ou filósofos da natureza - buscavam entender a *arché*, o princípio, a unidade fundamental de onde tudo surge, inicialmente sendo representado pelos quatro grandes elementos: a água, o fogo, a terra, o ar, bem como pelo número e pela noção de indefinido. Contudo, os filósofos foram muito além. No que foi considerado o período antropológico, o objeto da filosofia deixa de ser o cosmos. Com o surgimento do grande filósofo Sócrates, o homem deixa de ser

somente sujeito, para ser também objeto nessa incessante busca pela verdade. Acerca disso, Antônio Meneghetti explica:

Não por acaso, na base do pensamento socrático há o dito γνῶθι σαυτόν “conheça-te a ti mesmo”, escrito na porta de do templo de Apolo em Delfos, onde o oráculo era consultado pelos grandes antes de tomarem decisões importantes. No fundo, para Sócrates, só “quem sabe não saber” coloca-se na exata atitude de pesquisa, enquanto quem acredita já saber a verdade nada faz verdadeiramente para buscá-la. Conhecer a si mesmo quer dizer cultivar a própria alma, que é a essência do homem. Sócrates não para na análise dos elementos visíveis, porque considera que exista um elemento que é mais que o calor, ou que o frio, um elemento que dá propriedade à matéria, que torna viva: a psique vivente, a alma (do grego *ψυχή*: sopro vital). Esta psique identifica a vida, é o elemento cuja presença indica a vida e cuja ausência indica que não há vida. Ela é o elemento-base que torna a matéria semovente (MENEGHETTI, 2010, p. 79).

Sócrates foi um marco na história da filosofia. A partir da filosofia socrática, “o que é o homem” passa a ser a indagação central da filosofia. Outro marco na compreensão ocidental sobre a relação entre o homem e seu corpo é o pensamento de Platão, seguidor de Sócrates. Platão, por sua vez, evidencia o dualismo entre corpo e alma. A sua concepção acerca da perspectiva antropológica divide o homem em *sôma-psíquē* (físico-psíquico), enfatizando a imortalidade da alma e transitoriedade do corpo. Todavia, na obra *Fédon*, Platão afirma que é preciso ao homem separar-se do corpo para aproximar-se da alma e, conseguinte, obter a sabedoria integral. O filósofo íntegro é aquele que não se influencia pelas necessidades corpóreas. Portanto, o corpo seria um empecilho para o alcance do pensamento puro (PLATÃO, 2005).

Discípulo e opositor de seu mestre Platão, o filósofo Aristóteles, em sua compreensão antropológica, nega e supera o dualismo no homem. A teoria do hilemorfismo, de Aristóteles, consiste na relação e complementariedade da alma com o corpo. Isto é, o corpo e a alma são realidades distintas, mas que só podem existir unidas, ou seja, formando uma unidade.

Na obra sobre a alma (ARISTÓTELES, 2010), o filósofo assegura: a técnica necessita da ferramenta. Com a analogia de que uma técnica de carpinteiro não pode se alojar em flautas, a alma requer um corpo adequado como sua ferramenta. Ou seja, a matéria é primordial para a forma e, com isso, denuncia a carência de um olhar ao corpo nos estudos anteriores, pois não seria concebível a alma alojar-se em qualquer corpo.

A era medieval, na qual a igreja foi a detentora do poder, fez predominar o Teocentrismo (Deus como o centro de tudo). Com a herança do cristianismo, ocorria a cultura de matar o corpo para salvar a alma. Mesmo havendo ambiguidade, dado o fato de que, em alguns momentos, o corpo foi idolatrado devido à encarnação de Cristo, existia uma grande dimensão negativa, sobretudo sobre os pecados da carne, assim como o trabalho braçal que era considerado castigo, uma vez que, no mito do pecado original, Adão foi expulso do paraíso e condenado a trabalhar para sobreviver. A concepção dualista do corpo foi rigorosa ao ponto de ocorrer, com frequência, a auto-flagelação, por meio do “silício”, com o intuito de purificar o espírito.

Por sua vez, dos séculos XV ao XVIII, o Renascimento direcionou os olhares novamente ao homem. No antropocentrismo, o corpo não é mais conceituado como pecado, pelo contrário, o corpo é fortemente exaltado, pois houve o entendimento de que o homem era a maior expressão divina, e não somente algo inferior que deveria idolatrar a superioridade de Deus, devido à grande visão humanista da época. Em pinturas famosas da Renascença, como, por exemplo: “A criação de Adão”, de Michelangelo, e “O nascimento de Vênus”, de Sandro Botticelli, há uma despretensiosa nudez que retrata a libertação do homem. E, a partir deste fato, a humanidade conquista um novo percurso, que é considerado um divisor de águas da história do conhecimento.

Foi, neste cenário extremamente vivaz, que um dos mais célebres artistas surgiu no mundo das artes: Leonardo da Vinci. Não obstante o seu talento em obras que, por séculos, seriam uma incógnita para muitos, da Vinci estudou com afinco a anatomia humana. Como resultado, a sua célebre obra: *O Homem Vitruviano*.

Da Vinci compreende que, para obter uma concepção superior dos detalhes do corpo, para assim refleti-los com mais precisão em suas criações, as pesquisas sobre a fisiologia humana eram significativas. Em seus escritos, Da Vinci afirma: “Para ser um bom fazedor de todas as posições e gestos que os membros adotam nos nus, é preciso que o pintor conheça a anatomia dos nervos, ossos, músculos e dos tendões, para

saber, de acordo com os distintos movimentos e esforços, que nervo ou músculo é a causa do movimento” (CARREIRA apud. CHEREM, 2005, p. 28). Os estudos de Da Vinci foram, sem dúvida, de imensa valia para posterior avanço dos estudos da anatomia e, a partir de então, acontece uma ruptura de paradigmas acerca do corpo.

Percorrendo brevemente por esse cenário sobre a relação entre homem e corpo no ocidente, cabe destacar a problemática epistemológica desta pesquisa e, portanto, questionar: Quanto o homem conhece de seu corpo? De que maneira o corpo atua juntamente com a dimensão psíquica? O que a Ciência Ontopsicológica tem a dizer acerca do conhecimento que pode ser colhido a partir do próprio corpo? Conduzindo o estudo por essas reflexões, a seguir, serão explorados alguns tópicos importantes desta temática.

O homem como um todo: o conhecimento holístico

Para aprofundar o conceito de conhecimento holístico, inicialmente mencionam-se alguns termos fundamentais descritos por Meneghetti (2012) no dicionário de Ontopsicologia:

“Orgânico: variável semovente com módulo (forma) constante” (p. 197);

“Organismo: conjunto de partes síncronas entre si, coordenadas a um ou mais efeitos, e dotado de semovência autônoma. Diversas forças com escopo funcional a si mesmo” (p. 199);

“Organísmico: conjunto de funções materiais e psíquicas para uma unidade de ação. Contexto psicobiológico e espiritual. Presença do Em Si ôntico no orgânico humano” (p. 198);

“Natureza: o que surge por nascimento. Como o nascido, o feito, escorre ou age *de per si*. O que é e faz por nascimento de leis universais aplicadas a um contexto preciso” (p. 185);

“Holístico: quando o indivíduo se uniforma ao *iso* universal” (p. 127).

A natureza é uma ordem. O organísmico é unidade de ação, é a união entre matéria (corpo) e espírito (psique). O organismo, ou corpo, é o fenômeno, isto é, o acontecer da intencionalidade desta natureza, pois todo o fenômeno possui uma causa. Em âmbito metafísico, o ser, a inteligência suprema que ordena, que cria e não possui forma, projeta a causalidade que se tornará existência física. O resultado da intencionalidade homem é o corpo, que é o mediador e que realiza a comunicação com o holístico ambiental. É a intermediação da ação da mente criadora e *autoctise* histórica, a qual resulta em *ecceidade*⁴.

4 Ser exclusivamente aqui (MENEGHETTI, 2012, p. 81).

Assim, a compreensão holística do homem é o entendimento de que todo esse conjunto corpóreo possui conexão com o intelecto, interligado com a natureza. Essa totalidade, por sua vez, é um todo com a função de captar informação, realidade. O corpo é um critério de coleta perfeito. O “Eu” de cada um de nós é, sobretudo, uma essência espiritual.

Dessa forma, é perceptível que o homem moderno não é doutrinado a entender a comunicação do seu corpo. O corpo se tornou um adereço e está sendo, dia após dia, cada vez mais objetivado, sobretudo nos jovens. Antônio Meneghetti denuncia: “Quem não tem transparência do corpo que lhe consente perceber com exatidão, não pode falar de inteligência” (MENEGETTI, 2018, p. 235).

O critério não é compreendido devido ao fato de que não existe uma ligação entre consciência e organismo. A falta de compreensão do real, de si mesmo, é refletida no organismo e logo acarreta doenças. A ausência de identidade, essa distonia com o que a natureza projeta para o indivíduo, decorre em psicossomática, devido à desintegração de psique e soma. Se houvesse uma sincronia entre o que uma mente exata projeta e o corpo executa, não aconteceriam as disfunções, as doenças.

A psicossomática é a confirmação da correlação entre corpo e psique. “A doença é um ato de acusação que a natureza faz sobre o sujeito estrategista incapaz, isso é fundamental: é preciso ver a estratégia que o doente usa, já que as alterações psicorgânicas são os efeitos” (MENEGETTI, 2003, p. 132). A doença não é coerente à perfeição da natureza. É no corpo que se manifestam todas as pulsões, consequentemente, é a matéria do inconsciente.

Nessa cultura, está fixada a ideia de que o cérebro craniano é o único capaz de informar as diretivas da vida. Porém, no interior da operatividade psíquica, existe um mecanismo capaz de distorcer as informações do real: o Monitor de Deflexão⁵. Essa estrutura faz com que o indivíduo não tenha clareza das suas ações. As intencionalidades que deveriam trazer sucesso e realização chegam alteradas na consciência, induzindo à autos-sabotagem. Essa interferência, que será preferencial nos sentidos,

5 “O monitor de deflexão é um programa acumulado no interior das células cerebrais que age com interferência especular, antecipando e defletindo a percepção egoceptiva com base em uma imagem dominante impressa durante o momento de aprendizagem da vida: a infância. Sucessivamente, o monitor renova continuamente essas imagens, por meio de sonhos, dos estereótipos, das instituições, da cultura selecionada” (MENEGETTI, 2012, p. 176).

deixa passar algumas informações prioritárias.

A consciência inexata é resultado da formação do complexo⁶ que ocorre logo na infância. A criança, ainda livre de estereótipos e complexos, busca realizar as pulsões intencionalizadas pelo Em Si ôntico⁷, ou seja, o princípio que atribui as escolhas otimais para o sujeito, portanto, ao ouvir um “não” do adulto-mãe, de maior referência afetiva em frustração, a criança compreende que não será mais amada e opera a primeira traição de si mesma ao não executar a sua vontade interna. Dado este fato, acontece a inserção do Monitor de Deflexão e a formação complexa que resultará em interferências nas escolhas futuras, baseadas na seleção temática complexual, isto é, as escolhas não funcionais do sujeito serão uma variação do complexo da cena primária. “O Eu se forma após o complexo; portanto, o complexo antecipa o nascimento e a formação da estrutura do eu” (MENEGETTI, 2012, p. 52). Entretanto, existe uma saída: entender a “barriga”.

CÉREBRO VISCERAL

Na região pélvica, encontram-se os órgãos fundamentais para o perfeito funcionamento do corpo humano. O esôfago, estômago, intestino delgado, intestino grosso, pâncreas, genitais e, no caso das mulheres, o útero. No entanto, há algumas décadas, a medicina realizou uma grande descoberta: a existência de um cérebro neugastroenterológico (CNGE).

Segundo a médica cardiologista Brunhilde Dander, após diversas pesquisas, cientistas perceberam que o intestino funciona de forma autônoma, resultante das mais de 100 milhões de células nervosas existentes nos órgãos endoabdominais, um número muito além das células nervosas, encontradas no sistema nervoso periférico. As células da região se comunicam entre si independentemente do cérebro, portanto, possuem uma “linguagem” própria, e isso se deve ao fato de que o CNGE possui

6 “T tecnicamente, é um precipitado psicoemotivo do monitor de deflexão; portanto, uma remoção feita por um Eu em formação sob a pressão do monitor de deflexão a partir de imagens do superego social e moralístico” (MENEGETTI, 2012, p. 52).

7 “A ecceidade do ato psíquico; o princípio dinâmico que organiza todas as possíveis dinâmicas do inconsciente e do organismico. O ponto primeiro do qual principia o determinar-se de uma individuação, o princípio que faz ser ou não ser, existir ou não existir” (MENEGETTI, 2012, p. 84).

uma elevada quantia de neurotransmissores que são muito semelhantes aos neurotransmissores do cérebro (DANDER, 2013). Porém, é possível encontrar diversos estudos, na área da medicina, sobre essa autonomia do CNGE, considerando-o o “segundo cérebro”.

Antonio Meneghetti foi muito além em suas pesquisas e defendeu que essa inteligência, gerada *a priori* na formação do feto no útero materno, antecede o cérebro. O Cérebro Visceral é definido, por Meneghetti, como “complexos de ações e reações determinadas por sinapses neurônicas alojadas no aparato intestinal” (MENEGETTI, 2012, p. 45). Para a Ontopsicologia, o cérebro visceral corresponde ao *primeiro cérebro* devido à inteligência corpórea funcionar de modo autônomo em relação à inteligência cerebral. O corpo é capaz de detectar variáveis previamente à racionalidade. O CNGE dispõe de 70% do sistema imunológico do organismo (DANDER, 2013).

Diferentemente do cérebro craniano, que é dotado de racionalidades, complexos morais, sistemas, Monitor de Deflexão, o cérebro visceral é extremamente livre de interferências, colhendo informações concretas. O corpo humano é um radar capaz de realizar interações com o ambiente, pessoas, músicas, entre outros variados aspectos, e informa se determinada situação é de valor para o indivíduo, ou não.

O homem da Antiguidade realizou diversas descobertas e sobreviveu na natureza sem as facilidades que se possuem hoje. A cura era feita por meio de elementos encontrados na própria natureza, sem qualquer tipo de inteligência superior. Com esse conhecimento, Meneghetti declarou:

O conjunto somático é o primeiro mediador do impacto energético com o contínuo ambiental, o primeiro dado que me certifica existente, o referimento constante a mim mesmo. Portanto, é o primeiro espaço onde acontece a interioridade do homem (poderíamos chamá-lo de “ambiente interno”). O segundo espaço é o ambiente externo. O corpo humano nos dá a medida do que acontecerá idêntico ao externo; os efeitos de cada ação externa nossa são já presentes no nosso corpo, na fluidez ou rigidez articular ou muscular, na motilidade livre ou dificultosa, na sensação de pertencimento ou estranheza em relação à própria realidade somática (MENEGETTI, 2018, p. 90).

As informações são percebidas pelo organismo através de campo semântico⁸, forma inconsciente na qual acontecem trocas de informações entre indivíduos que, do mesmo modo, a natureza comunica. Essa informação basilar antecede qualquer emoção e conscientização. O perfeito funcionamento do corpo humano é um exemplo prático do acontecer do campo semântico, pois cada célula atua perfeitamente conforme as necessidades da pessoa. Logo, é vital compreender o que a vida informa cotidianamente.

A PERCEPÇÃO ORGANÍSMICA

Visto que o corpo é a ferramenta do espírito, da psique, compreende-se que o conhecimento do homem e a interação com o ambiente se dão muito além da racionalidade e dos cinco sentidos. Ambos são fundamentais, porém o somático (corpo) é um espelho capaz de refletir nitidamente as variações ambientais, consequentemente, possui uma inteligência excepcionalmente capaz de informar situações que são de ganho ou perda para o sujeito. Contudo, é imprescindível a *percepção organísmica*, percepção é colher de fora. No livro *Ontologia da Percepção*, Meneghetti afirma: “Percepção são os infinitos modos de comunicação que temos com o mundo concreto; é a relação que instauramos através dos nossos cinco sentidos mais o sexto, o sentido interno” (MENEGHETTI, 2015, p. 26).

Dessa forma, acredita-se que a percepção se caracteriza por três níveis: exteroceptivo, propioceptivo e egoceptivo. A percepção exteroceptiva concebe as variações ocorridas a partir dos estímulos internos ou externos de todos os sentidos (tato, olfato, paladar, audição, visão, visceral e neurovegetativas) ainda setoriais. Por exemplo: ao tocar com a ponta do dedo em uma pedra de gelo, o primeiro estímulo será sentir o gelado apenas no dedo. A percepção propioceptiva é a unificação das informações da percepção exteroceptiva e diz respeito a todo o organismo, como se percebe no seguinte exemplo: após tocar a pedra de gelo, o sujeito irá sentir frio no corpo todo. Ambas as percepções ocorrem o tempo todo e são inevitáveis. A percepção egoceptiva é o resultado do quanto o Eu colhe das informações recebidas pelas percepções exteroceptivas e propioceptivas.

8 “O campo semântico é um transdutor de informação. Transmite uma informação, um código, uma imagem que, quando chega, estrutura em emoção qualquer coisa vivente, comportando uma variante emotiva orgânica. Não transfere energia, mas é com a energia” (MENEGHETTI, 2012, p. 38).

A ausência de compreensão sobre as informações colhidas pelas percepções extero e proprioceptivas decorre na formação do inconsciente, pois, em sua maioria, percorrem pela região na qual o Monitor de Deflexão atua, salva a percepção viscerotônica (MENEGETTI, 2010).

Quando se fala de percepção viscerotônica, é preciso compreender que internamente há o mais amplo conhecimento sensorio. Os órgãos viscerais operam como um local de percepção. A informação externa chega no corpo e é absorvida, e logo essa inteligência, contida nos órgãos viscerais, seleciona o órgão característico e, posteriormente, chega ao cérebro. Após ser lida pela consciência, impulsiona o órgão característico e à medula espinhal é reservada a função de mediar essas informações. O resultado são ações, desejos, decisões, entre outros (MENEGETTI, 2018).

Com a percepção, é possível reconhecer a informação interiormente. O corpo deixa de ser uma ferramenta somente de ação no sentido interno e externo e passa a ser instrumentalizado para perceber as atividades externas, possibilitando a compreensão das influências no orgânico.

Através do conhecimento organísmico, é factível conhecer-se, interna e substancialmente, o outro. Meneghetti afirma:

Além disso, os seres humanos têm entre si a mesma identidade de estrutura corpórea; por isso, se a lei da natureza é igual para todos os organismos vivos, é lógico e natural conhecer o outro de dentro. O organismo é um espelho vivo que registra as variações emotivas que recebe no contato com outro ser humano. O nosso corpo é o máximo radar de conhecimento, é necessário apenas redescobri-lo. Tão logo tiverem recuperado esse conhecimento, será natural saber com exatidão os fatos intrínsecos da natureza humana e aprenderão a arte de condicionar a realidade, isto é, aprenderão as infinitas táticas lógicas da mente, que consentirão medir com exatidão qualquer situação (MENEGETTI, 2015, p. 73).

Além do conhecimento de si próprio e do ambiente que o cerca, é possível o conhecimento do outro em si mesmo. Em clínica ontopsicológica – consultoria de autenticação⁹ – a percepção organísmica é um

9 “A psicoterapia e o residence de autenticação são instrumentos que a Ontopsicologia

método fundamental para compreender a veracidade das informações descritas pelo cliente. “Portanto, a primeira coisa que um ontopsicólogo deve ter é um corpo exato, não em sentido atlético ou fisiológico, mas exato como proporção emotiva. Ele deve ter toda a rede sensorial do corpo exata (todas as percepções orgânicas): a percepção cardíaca, erótica, pulmonar, olfativa, epitelial, etc.” (MENEGHETTI, 2015, p. 75).

No livro *Ontopsicologia Ciência Interdisciplinar III*, a Dr^a. Patrícia Wazlawick (2017) descreve um caso pessoal no qual é evidente a percepção organísmica, ou seja, sentir o outro em si. Wazlawick conta que, em uma dinâmica, no período em que cursava a faculdade de musicoterapia, ao ouvir uma música, sentiu uma forte emoção, porque dizia muito de si mesma, mas não exteriorizou. A professora, ao lado, chorou. Com isso, pode-se considerar que as variações do corpo podem dizer muito sobre o que acontece ao redor.

Portanto, um indivíduo exato, que compreende as percepções refletidas no organismo, obtém êxito para entender como a vida realmente funciona. É possível extrair as informações “não ditas”, mas que estão sendo comunicadas o tempo todo, em diferentes contextos, e são extremamente funcionais para a evolução de cada individualidade.

O organismo é uma unidade resultante de alguns conjuntos, dos quais o Eu deve ter sempre reflexo para ser função objetivante do Eu potencial ou Eu *a priori*. Trata-se de assumir uma posição de escuta humilde em relação a tudo o que suspeitamos ser instintamente natural. Deve-se usar a inteira individuação víscero-cerebral para obter um Eu em reflexão exata e cônica (MENEGHETTI, 2018, p. 103).

Compreende-se que é preciso ser fiel a si mesmo e ao próprio corpo, respeitando os instintos que são de lei natural. O cérebro viscerotônico é o grande responsável por confirmar a exatidão das ações humanas. A complementariedade entre racionalidade e intuição, ou seja, ordem interna e externa, considerando que intuição é saber a ação, torna qualquer pessoa passível de realização histórica.

usa para uma colocação no ponto exato da racionalidade do sujeito e para impostar a eficiência do Eu histórico-psicológico ao realizar a genialidade da própria existência, em qualquer aspecto” (MENEGHETTI, 2012, p. 30).

RECUPERAÇÃO DA LEITURA ORGANÍSMICA

Meneghetti (2018) descreve que, para alcançar a evolução autêntica, existe um tríptico de ordem que acarreta saúde, bem e êxito. Os três modos de paz do corpo: o primeiro modo é a *saúde em sentido médico-gimnico*, que se refere ao âmbito externo, ao seu perfeito funcionamento, livre de doenças físicas. O segundo modo, *psicológico*, é sobre o cuidado com as emoções, pois se entende a necessidade de uma saúde mental plena, no qual o sujeito compreende as suas reais exigências. O terceiro modo é alcançado com o auxílio de consultoria de autenticação, pois há uma necessidade de se livrar de estereótipos socialmente impostos, para, então, o corpo alcançar uma dimensão de espírito, na qual há um profundo conhecimento de si mesmo, desta forma, o corpo torna-se a morada de paz.

Como solução, a Ontopsicologia proporciona, entre outras ferramentas, a Melolística, que é uma espécie de dança, canto, com tambores que ecoam no ritmo do funcionamento do corpo, da corrente sanguínea e se assemelha ao perfeito funcionamento da natureza. O ritmo chega no tambor de ressonância que é o nosso aparato viscerotônico. A racionalidade é reduzida e a experiência pode trazer a transcendência para o indivíduo, pois há uma grande sintonia com a natureza. Em função disso, a melolística auxilia na retomada da compreensão do próprio corpo.

Para o êxito na recuperação da percepção viscerotônica, Meneghetti declara:

Para recuperar o inconsciente e a proprioceptividade, deve-se iniciar a recuperação do tônus visceral, os impulsos do útero e do estômago, as variações das genitais, as alterações epidérmicas. Não se trata de excluir a razão, mas de adicionar à razão intacta o critério víscero-emotivo; exatamente como quando ajudamos a visão com o tato, o olfato com o paladar” (MENEGHETTI, 2018, p. 103).

O ser humano é um ser diferenciado como espécie. A sua racionalidade tornou-o superior e levou a sociedade ao nível de hoje, com promissora ciência, tecnologia, economia, mas é preciso fazer justiça à maior das inteligências: a natureza.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da percepção organísmica, é possível aumentar a probabilidade de êxito quanto a determinadas decisões, porque a toda hora auto-questionamentos são realizados em relação a situações a serem resolvidas, pessoas a serem interpeladas, isto é, como se deveria proceder? Isso traria conforto e crescimento? Para essas indagações e suas respectivas resoluções, o corpo também poderá responder por meio de sensações, como um arrepio, uma dor no estômago por exemplo.

Por exemplo, caso se esteja na presença de uma pessoa e se advirta uma compressão no ânus, uma sensação de constipação nos flancos, algo que provoca frio, são informações que comunicam que aquela situação externa, naquele momento, não é funcional para nós. Em vez disso, uma sensação de alargamento, de calor, etc., significa que a situação é propícia (MENEGHETTI, 2014, p. 117).

Porém, para o estabelecimento desse proveito, é substancial o rompimento das influências da *doxa societária* enraizadas no modo de agir e pensar. Ou seja, é preciso abandonar o “mundo das opiniões”, livrar-se dos estereótipos do cotidiano para realizar a ausculta do próprio corpo. É preciso “despir-se”, tirar os véus em busca da própria verdade.

A vida é exigente e não espera. Cada ser humano é um projeto da vida, possui um caminho a percorrer. Assim como os animais, as plantas e o tempo se ajustam e agem conforme a necessidade natural de tudo, no homem, cada órgão do corpo e cada célula sabem exatamente o que fazer na hora certa, não é diferente com as situações externas, sejam elas de alerta ou de sucesso.

Dessa forma, entende-se que a natureza é exata e perfeita. Tudo funciona em perfeita harmonia. Com o homem, não poderia ser diferente, basta que tenha seriedade, respeito e alegria com a própria vida e, em especial, com a do outro... Assim a partir do estudo apresentado, é possível perceber que a maior parte da sociedade se tornou refém de si mesma. O inconsciente dirige a vida de cada um, e existe o engano de que cada um se conhece profundamente e ao próximo também.

No entanto, a Ontopsicologia surge como um divisor de águas e centraliza o que faltava na psicologia tradicional. Analisando a causa dos

problemas e não somente o efeito, o seu método único é capaz de tornar a pessoa autêntica e, ao atribuir importância à intuição, juntamente com o critério organísmico, estabelece uma sólida maneira de compreender o homem e auxiliá-lo a tornar-se um indivíduo de valor para toda a humanidade.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Sobre a alma**. vol. 3. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2010.

CHEREM, A. J. **Medicina e arte**: observações para um diálogo interdisciplinar. **Acta Fisiatrica**, Recanto Maestro, vol.12, n.1, p.26-32, 2015.

FUNDAÇÃO ANTONIO MENEGHETTI (org.). **Ontopsicologia: ciência interdisciplinar**. vol. 3. Fundação Antônio Meneghetti: Recanto Maestro, São João do Polêsine, RS, 2017.

MENEGHETTI, A. **Camposemântico**. 4. ed. Recanto Maestro, RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015.

MENEGHETTI, A. **Dicionário de ontopsicologia**. 2. ed. Recanto Maestro, RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012.

MENEGHETTI, A. **Manual de melolística**. 2. ed. Recanto Maestro, RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2018.

MENEGHETTI, A. **Manual de ontopsicologia**. 4. ed. Recanto Maestro, RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2010.

MENEGHETTI, A. **Ontologia da percepção**. Recanto Maestro, RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015.

MENEGHETTI, A. **Do humanismo histórico ao humanismo perene**. Recanto Maestro, RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014.

MENEGHETTI, A. **Psicologia empresarial**. São Paulo: *FOIL*, 2013.

PLATÃO. *Fédon*. São Paulo: Rideel, 2005.

O HOMEM COMO COEFICIENTE DE SOLUÇÃO NO DIREITO E NA SOCIEDADE

Luiz Victor Azevedo Gazzaneo

INTRODUÇÃO

Desde sempre o homem busca viver em sociedade. Nos tempos imemoriais, as famílias constituíam os primeiros grupos sociais e, com o passar do tempo e o desenvolvimento da espécie e o avanço tecnocrático, foram surgindo as sociedades e outros diversos tipos de organização social. Essa sociabilidade de natureza do homem é explicitada desde a Grécia Antiga, quando Aristóteles¹ profere que “o homem é um animal político”, em referência à polis, modelo de cidade existente na época do filósofo. Por que, então, o homem tem dificuldade para atuar seu potencial e ser realizado em meio social? Este trabalho busca investigar a formação do indivíduo em meio social e o que provoca a problemática supracitada, correlacionando a construção individual com o Direito, meio pelo qual as regras sociais se constituem e funcionam.

Esta linha investigativa é útil quando propõe-se correlacionar o desenvolvimento social com o ser humano. O indivíduo é o coeficiente que compõe, gere e atua no meio social, então é de suma importância compreender como ele se move neste e quais são os fatores que influenciam na sua formação. O estudo motiva-se pela ideia de propor um debate social fundamentado na realidade², ou seja, uma discussão que possa gerar compreensão, sobre como se move a dinâmica social e legal e como a pessoa deve se impostar para poder agir de modo a se realizar e a também contribuir para o desenvolvimento do todo.

O processo metodológico escolhido para a pesquisa é o estudo teórico, por meio da revisão bibliográfico e de outros materiais. O método consistiu basicamente na correlação entre o que ocorreu de fato e continua ocorrendo até hoje na sociedade e na formação do homem

1 384 a.C. – 322 a.C.

2 Para a Ontopsicologia, “propriedade que discrimina o ser do não ser; sucessivamente, especifica os vários modos do concreto”

enquanto ser social, da própria sociedade e do Direito com o vasto estudo que o Acad. Prof. Antonio Meneghetti realizou. Sendo a Sociologia uma ciência de interesse do autor, as leituras previamente realizadas e as experiências próprias foram de grande relevância na construção do background histórico utilizada para, com a novidade da ciência ontopsicológica, tecer as análises aqui apresentadas.

2 SER HUMANO, ANIMAL SOCIAL

É impossível não citar o Direito e o ser humano sem entender primeiramente a origem da sociedade e da socialidade humana, até porque estes conceitos estão todos interligados, como já mostravam os dizeres latinos “*ubi homo, ibi societas*” (onde está o homem, está a sociedade); “*ubi jus, ibi societas*” (onde está o Direito, está a sociedade); e “*ubi jus, ibi homo*” (onde está o Direito, está o homem).

Desde sempre, o homem busca viver em sociedade, e assim também é a natureza: as formigas se organizam nos formigueiros, as abelhas nas colmeias e a própria organização dos ecossistemas segue um padrão social. Nos tempos imemoriais, as famílias constituíam os primeiros grupos sociais e, com o passar do tempo e o desenvolvimento da espécie e o avanço tecnocrático, foram surgindo as sociedades e outros diversos tipos de organização social. Essa sociabilidade de natureza do homem é explicitada desde a Grécia Antiga, quando Aristóteles³ concebe o conceito de homem como *zoon politikon* (animal político), em referências às Polis, e complementa a expressão dizendo que é “evidente que o homem é um animal mais político [...] a natureza, como se afirma frequentemente, não faz nada em vão” (ARISTÓTELES, 2000, p. 146).

Outro autor que também defende a ideia da socialidade natural do ser humano é São Tomás de Aquino⁴, na Suma Teológica, sua *magnum opus*. O autor afirma sua tese também por meio da teologia e coloca que “o homem é, por natureza, animal social e político, vivendo em multidão, ainda mais que todos os outros animais, o que se evidencia pela natural necessidade⁵”.

3 384 a.C. – 322 a.C.

4 1225 – 1274

5 Santo Tomás de Aquino, Suma Teológica, I, XCVI, 4

Dado que a Ontopsicologia⁶ será a ciência mais utilizada na fundamentação do presente artigo, convém, antes de prosseguir, apresentar algumas definições. Segundo o Dicionário de Ontopsicologia, a palavra “Ontopsicologia” é formada a partir de três radicais gregos: οντος (Ontos), “ser, real”, ψυχή (psykhé), “psique, alma, mente” e λόγος, (lógos), “estudo, palavra, razão” (MENEGHETTI, 2012). Fundada pelo Acad. Prof. Antonio Meneghetti⁷, a Ontopsicologia individuou, a partir das três descobertas por ele realizadas (campo semântico⁸, monitor de deflexão⁹ e Em Si ôntico¹⁰) o método que consente ao indivíduo alcançar

6 A Ontopsicologia nasce como hipótese resolutive ao problema crítico do conhecimento. Se quem faz ciência é um homem, então é inexorável que este seja exato, correspondente às premissas lógicas da vida, para assegurar-se como operador de ciência e de sociedade. Portanto a Ontopsicologia se preocupa com o nexos ontológico, em como reportar a consciência do homem à reversibilidade com a realidade. Seu escopo sempre foi definir e abrir o significado, a presença do critério ontológico na existência, ou seja, responder à pergunta: “o homem pode saber o ser que é?”. Esse foi o problema constante de Antonio Meneghetti, o homem que restituiu a humanidade ao próprio homem. Disponível em: <http://www.antoniomeneghetti.org.br/home/>. Acesso em: 9 out. 2016.

7 Antonio Meneghetti (1936-2013), cientista italiano de rara formação, foi fundador e expressão máxima da Ciência Ontopsicológica. Sua busca científica, acadêmica e filosófica sempre foi o problema crítico do conhecimento. A partir dela nasce a sua experimentação clínica de mais de 10 anos de pesquisa no âmbito da racionalidade humana, as descobertas formalizadas pela Ontopsicologia e os Centros de Formação criados em vários países do mundo. Disponível em: <http://www.antoniomeneghetti.org.br/home/>. Acesso em: 9 out. 2016.

8 É a comunicação-base da natureza e ocorre anterior a todas as outras formas de comunicação (verbal, gestual, corporal etc.). Constitui-se como a forma primordial de conhecimento e interação que todo ser humano possui, porém que não conhece. A partir do campo semântico, é possível conhecer em primeira atualidade a dinâmica que uma realidade está operando. Disponível em: <http://www.ontopsicologia.org.br/>. Acesso em: 9 out. 2016.

9 Dispositivo que distorce e interfere na exatidão dos processos intelectivos e voluntários do ser humano, determinando consequências fenomenológicas regressivas, conhecidas pelo homem como doença, dor, angústia, falência socioeconômica etc. Disponível em: <http://www.ontopsicologia.org.br/>. Acesso em: 9 out. 2016.

10 Chamado pelos filósofos da Antiguidade de alma (em uma concepção laica, não religiosa), o Em Si ôntico é entendido como o projeto base de natureza que constitui o ser humano, especificando e distinguindo o homem como pessoa em âmbito biológico, psicológico e intelectual. Com base nesse princípio, descobriu-se que a natureza humana possui um projeto próprio, que é base de todos os fenômenos de ação do ser humano. A contribuição que a escola ontopsicológica dá sobre esse princípio é que conseguiu identificá-lo (dizer o que é), isolá-lo (caracterizá-lo) e aplicá-lo (como atuá-lo na história) utilizando para isso um percurso científico. Quando atuado na história, o indivíduo passa a seguir o seu próprio projeto de natureza, ou seja, aquela estrada

a realização individual, por meio da identificação e historicização do próprio projeto base de natureza.

O Professor Antonio Meneghetti, assim como Aristóteles e Tomás de Aquino, entende que o ser humano é essencialmente sociável:

Analisando o homem – enquanto indivíduo, pessoa, criatura – observa-se que tem tudo do seu intrínseco modo de existir para se definir *sociável*. Tem uma situação, uma constituição, um devir que o titula, compreende e define como “ente sociável”. Não se pode compreender o homem se excluirmos essa constatação. Essa sociabilidade é *inata*, estrutural, específica do humano enquanto existe por quanto se observa neste planeta” (MENEGHETTI, 2014, p. 71-72)

É necessária a sociedade para que o homem possa atuar a sua própria virtualidade, pois, em estado bárbaro, não existe a possibilidade de realização de uma dialética de valor para que possa haver desenvolvimento. O ser humano, ao agir em coerência ao projeto base da natureza, colhe resultados distintos para si e, progressivamente, se torna coeficiente de aprimoramento também em meio social, ou seja, existe uma relação de mutualidade entre indivíduo e sociedade: utiliza-se os instrumentos postos para o próprio crescimento, e depois retribui-se o ganho com evolução social.

Outro ponto interessante de se perceber é que, apesar de ser possível traçar paralelos entre a estrutura social humana e as demais estruturas sociais, algumas peculiaridades humanas reafirmam ainda mais a naturalidade do seu caráter social. “Todos os animais e as plantas, mesmo quando se organizam em grupo [...], a partir do próprio agrupamento, determinam somente um aumento de força, mas não de lógica. É um aumento de potência, mas não de criatividade” (MENEGHETTI, 2014, p.73). Reforçando a ideia de troca constante e potencialmente funcional entre homem e sociedade, Meneghetti também afirma que “O homem é sociável porque intrinsecamente é uma ecceidade inteligente plurirrelacional para outras inteligências” (MENEGHETTI, 2014, p.73).

A FORMAÇÃO DA SOCIEDADE E DO ESTADO

A partir da elucidação de que o homem é de fato um ser social por

essência, deve-se compreender então como ocorre a formação da sociedade e do Estado. Aqui, na sociologia clássica, existe a divisão entre naturalistas e contratualistas, ou seja, entre aqueles que defendem a ideia de que a formação social ocorre de maneira natural e os que acreditam que um contrato firmado entre os homens foi a gênese da sociedade.

Aristóteles era um dos que defendia a sociedade como uma construção que emana da própria natureza: “é evidente que o Estado é uma criação da natureza e que o homem é, por natureza, um animal político” (ARISTÓTELES, 2000, p. 146). Cícero¹¹ também formula uma visão naturalista da sociedade, ressaltando exatamente as habilidades relacionais do ser humano:

É também recorrendo à razão que a natureza aproxima o homem do homem, fazendo- os dialogar e viver em comum. Inspirando-lhe especial ternura pelos filhos, fazendo- os desejar reuniões e conservar a sociedade em si: por esses motivos ela os entusiasma a procurar todo o necessário para a conservação e comodidades da vida, não somente para mesmos, como para sua mulher, seus filhos e todos aqueles que eles amam e devem proteger. Estes cuidados trazem o espírito acordado, tornando-os mais capazes de atuar.¹²

As teorias contratualistas apresentam uma visão em que uma espécie de contrato social foi o ponto de nascimento do estado de natureza humano para o estado civil. Para os contratualistas, o homem não seria um ser essencialmente social, pois existe, para eles, um estado de natureza, bárbaro, que antecede a sociedade, e que esta é formada justamente pelo fato de que o ser humano não seria capaz de viver em comunidade sem regras que definam essa convivência. Ao Estado, que também é fruto do contrato, cabe o cumprimento das funções acordadas por todos os contratantes do pacto social. Thomas Hobbes¹³, Jean-Jacques Rousseau¹⁴ e John Locke¹⁵ foram os principais teóricos contratualistas.

11 106 - 43 a.C

12 Cícero, Dos Deveres, p. 34, nota 2.

13 1588 - 1679

14 1712 - 1778

15 1632 - 1704

Hobbes foi um filósofo e teórico político inglês. O pensamento dele foi fundamental para dar base ao desenvolvimento da política, filosofia e sociologia, principalmente no que se refere ao ideário de Estado. Ele explicita seu ponto de vista na obra “Leviatã”. Em posição contrária ao pensamento de Rousseau, Hobbes dizia que o homem era mau por natureza (“o homem é lobo do homem”) e, por isso, precisaria de um Estado forte para manter a ordem. Em estado de natureza, o homem, para Hobbes, iria sucumbir ao que ele chamou de “paixões exacerbadas”, ou seja, ele diz que o homem, por sua natureza vil, inevitavelmente entraria em guerras e, por consequência, ocorreria o extermínio da raça humana. Isso ocorreria porque, devido às “paixões exacerbadas”, o ser humano teria desejo de possuir todas as coisas existentes, mesmo aquelas que não lhe são devidas, e, por não existir uma força reguladora, não existiriam limites estabelecidos e a barbárie se instalaria (HOBBS, 2003).

Vale lembrar que Hobbes desenvolve sua teoria em meio a um estado de guerra civil, então esse contexto influenciou tanto a sua ideia sobre a natureza do homem como a solução estatista a seguir. Em meio ao caos da liberdade total, Hobbes defende que, por meio do Contrato Social, os homens se submetam ao poder do Estado para que a ordem possa reinar na vida em sociedade. Para o filósofo inglês, muito por influência da sua ideia acerca da natureza do homem, o Estado tem como função primordial garantir a segurança dos cidadãos. Por conta dessa troca consentida, em que as pessoas recebem a segurança como “prêmio”, a soberania do Estado é inquestionável, pois provém da vontade individual da recém-formada sociedade, em uma ideia de que qualquer ato de autoritarismo é legítimo e não violento, visto que, se o poder do Estado deriva do povo, é ilógico o povo praticar violência contra si mesmo. Para que essa ideia pudesse ser colocada em prática de maneira funcional, Hobbes defende que um Estado absolutista é o melhor, no que se refere ao cumprimento da ordem e proteção dos cidadãos, e por isso o fato do nome do livro ser o nome de um monstro: esse Estado se torna tão grande e tão poderoso que, de certa forma, oprime e ameaça o cidadão para salvaguardar os objetivos propostos no contrato social, mas, ao mesmo tempo, tem legitimidade para fazê-lo, pois foi fruto da vontade geral da nação (HOBBS, 2003).

Rousseau, foi um filósofo e teórico político iluminista, além de músico, nascido na Suíça. Ele se destaca principalmente pelas suas ideias no campo político, sendo um dos chamados “contratualistas”.

Um dos principais conceitos trazidos por Rousseau é o de que o homem é bom por natureza e é corrompido pela sociedade. No entanto, o filósofo suíço defende a vida em sociedade. A sua teoria parte do fato de que, no princípio, os homens eram livres e viviam no chamado “estado de natureza” e, dessa forma, gozavam da “liberdade de natureza”, ou seja, uma espécie de liberdade irrestrita, mas que, com o passar do tempo e com ideias como a propriedade privada surgindo no imaginário dessas pessoas, passou a ser potencialmente destrutiva para a vida humana, visto que o homem desenvolveu “necessidades” que vão além do verdadeiramente necessário. Nesse contexto, os homens colocam em prática o chamado “pacto social”, em que eles deixam a “liberdade de natureza”, abrindo mão de algumas prerrogativas desta, e passam a viver em “liberdade social”. A vantagem desta troca é que, a partir dessa mudança de estados (do natural para o social), a vida e segurança seria assegurada, pois passava a existir um governo, legitimado e escolhido pelo povo, e este era um ponto fundamental deste contrato: a soberania popular era o principal critério na tomada de decisões por parte do recém-formado Estado. O ser humano, no entanto, é corrompido em meio social, visto que ele reforça e cria novas necessidades e desejos.

Para Rousseau, nesse novo sistema, democrático, a população deveria participar dos rumos da sociedade, votando por meio de referendos e plebiscitos. Os governantes, da mesma forma, eram escolhidos pelo povo, ou seja, eram legitimados pela vontade soberana popular. Esta vontade era definida pela vontade da maioria que, segundo a teoria, seria o mais próximo possível do bem comum. Rousseau, quando discorria sobre grupos políticos, dizia que o melhor seria a existência de poucos, sintetizando os anseios de diferentes grupos. No caso de existirem muitos, o melhor, segundo o filósofo, é que existam uma quantidade muito grande, pois então todos os pequenos grupos estarão representados e, pela lógica, grupos com interesses semelhantes irão se coligar, formando um grande conglomerado de partidos para defender interesses comuns de um grupo.

Locke defendia o pacto social e a criação do Estado, mas, ao mesmo tempo, se posicionava no sentido deste Estado recém-criado ser minimamente intervencionista. Ele, como contratualista, faz a passagem do estado de natureza para o estado civil, mas, discordando dos dois supracitados, afirma que era um estado de relativa paz, e não caótico.

Segundo Locke (1996), a racionalidade humana permitia à espécie direitos naturais como o direito à vida, à liberdade, à propriedade e à

felicidade, e o Estado teria como principal função providenciar uma garantia sistêmica desses direitos, interferindo o mínimo necessário na vida dos cidadãos, sendo um estado liberal que permite a cada um trilhar o seu próprio caminho individual com o máximo de livre-arbítrio possível.

O Contrato Social se dá então pelo simples fato de que o homem só tem a ganhar. Em estado de natureza, para Locke, não se pode afirmar que eventuais conflitos serão resolvidos com imparcialidade e isonomia (afinal, o estado era de relativa paz, não de paz total):

Contudo, como qualquer sociedade política não pode existir nem subsistir sem ter em si o poder de preservar a propriedade e, para isso, castigar as ofensas de todos os membros dessa sociedade, haverá sociedade política somente quando cada um dos membros renunciar ao próprio poder natural, passando-o às mãos da comunidade em todos os casos em que não lhe impeçam de recorrer à proteção da lei por ela estabelecida. (1996, p. 131)

Em estado civil, o homem tem a possibilidade de construir relações funcionais em um meio organizado e tem o Estado, mínimo, para cumprir três funções:

1. Resolução de conflitos com imparcialidade;
2. Preservação dos direitos que já são naturais ao homem;
3. Garantia de proteção aos cidadãos.

Em suma, Locke via a sociedade e o Estado como necessidade, mas, ao mesmo tempo, se preocupou em criar mecanismos que pudessem proteger as pessoas desse Estado e evitar a criação de um Leviatã, como teorizou Hobbes.

A visão ontopsicológica converge para a visão naturalista pois, ao entender a socialidade como característica inerente ao ser humano, a formação da sociedade, por consequência, também é natural. O Estado seria, em última instância, a representação dos indivíduos que estão no poder. Meneghetti utiliza o livro *Chi è Stato* (Luigi Tivelli, Ed. Rubbettino, 2007), para explicar a sua visão: “No final, as mais fortes estruturas, as mais impressionantes instituições são movimentadas por pequenos homens, com as suas psicologias e patologias, com as suas culturas e experiências limitadas” (MENEGETTI, 2009, p. 37).

Por isso, é importante compreender o ser humano integralmente para propor mudanças sociais e estatais que de fato irão servir ao pleno desenvolvimento do homem. “A sociedade nasce para garantir um território de oportunidade e consenso” (MENEGETTI, 2014, p. 78), mas é necessário que existe reversibilidade entre essa teoria e o modelo de sociedade praticada no globo terrestre. Ainda sobre o Estado, Meneghetti reafirma que desde o pequeno servidor que cumpre suas funções estatais até os que ocupam os grandes cargos de destaque e de poder, é necessário um trabalho de aprimoramento pessoal e técnico, pois, hoje tem-se pessoas medíocres ocupando as salas de comando:

Homens aos quais falta a dimensão do mundo, destituídos de uma sutileza filosófica, de uma capacidade construtora de riqueza, de capacidade administrativa ou de comunicação na política. Obscuros empregados no coração do sistema, que se formam nessa *aurea mediocritas*, um burocrata exemplar. Eis quem é o Estado” (MENEGETTI, 2014, p. 38)

O DIREITO

O escopo básico do Direito, teoricamente, é a manutenção da ordem e do desenvolvimento, sendo a única garantia prática de regulação social. Por essa razão, o Direito constitui uma das áreas mais sensíveis e importantes quando se fala sobre plenitude de desenvolvimento humano, não por ser a verdade última da existência, mas por dar as diretrizes de funcionamento sistêmico em meio social. “O Direito é a exposição, são as “mãos” da sociedade e do Estado” (MENEGETTI, 2009, p. 43).

Dentro da grande moral sistêmica que não faz contato com o mundo-da-vida, Meneghetti diz que “O Direito é o meio-termo que ainda é metade homem e metade máquina” (MENEGETTI, 2009, p. 71) e, por isso, ainda é uma via possível na construção de uma nova sociedade. Dentro do estudo do Direito, deve-se ter sempre claro o Direito Romano, pois este ainda é o que se apresenta como primordial no sentido da aplicação humanamente correta e responsável. O Acad. Prof. Antonio Meneghetti destaca principalmente dois princípios que julga importantes: *Res clamat ad dominum* e *Ubi maior minor cessat*.

Dominus e *Res* representam uma relação de sujeito e objeto, na qual o

primeiro, o *dominus*, o sujeito, deve compreender a res, a coisa, o objeto, e agir em conformidade à natureza, realizando a escolha ótima naquele momento. É uma relação de sujeito e objeto na qual o objeto se justifica através do sujeito, e este representa o fundamento, o valor, a relação, o escopo: “*Res clamat ad dominum*: a coisa invoca o [seu] senhor, isto é, a coisa existe somente enquanto relativa ou em relação ao *dominus*” (MENEGETTI, 2009, p. 44).

A importância desse conceito reside no fato de que esta é uma lei da natureza: a coisa chama o seu dono, e este deve saber responder a cada momento da maneira mais coerente. Ao legislador e o operador do Direito, é necessário o conhecimento de causalidade das coisas, é necessário assumir a titularidade de *dominus*: O *dominus* é patrão do objeto pelo fato de que conhece a posição externa e interna do objeto, da situação, da coisa. “*Dominus*”, do qual o termo “domínio”, deriva do grego “*nó-mos*” = lei: é aquele que dá ou faz a lei, porque conhece e pode variar o objeto à própria função e utilidade (MENEGETTI, 2009, p. 46-47).

Por isso, o Direito (e os seus artesãos) devem, além exercerem a função de *dominus*, fazer de modo a ocasionar também aos outros cidadãos a capacidade de atuarem essa lei universal de utilizar os meios na medida do próprio desenvolvimento.

Se o *dominus* não sabe gerir a res, esta, ao invés de ser função de crescimento, se torna desgraça: “se um indivíduo, seja pequeno ou grande homem, não é o *dominus* que com inteligente responsabilidade conhece e articula a res (o dinheiro, o prazer, o corpo, as relações, etc.) a coisa, o objeto mata o sujeito: a pessoa cai em angústia, em doença, em frustração, sofre a inferioridade existencial. O objeto, a res que lhe foi oferecida como oportunidade de devir, de fazer autóctise qualitativa, torna-se starter de desgraça, doença e precocidade de morte (MENEGETTI, 2009, p. 57).

Há urgência de que cada um comece a se responsabilizar e compreender essa relação, pois, hoje, ela está perdida em meio ao Estado, que funciona como um monstro que devora tudo e todos, inclusive aqueles que trabalham nas suas próprias estruturas. Isto ocorre principalmente pela falta de conhecimento do homem acerca de si mesmo e

pela irresponsabilidade com a qual a grande maioria das pessoas gere a própria existência e o próprio contexto. Sem o conhecimento de causa e a tomada voluntária e coerente de responsabilidade sob a própria vida, não se pode tocar as leis de funcionamento universais como elas de fato são. Que fim levou o dominus hoje? É o Estado. Os cidadãos – tendo perdido a consciência ôntica e não existindo mais o [...] dominus inteligente que lê dentro para identificar a disponibilidade do objeto (se há), na conflituosidade de tantas opiniões – preferiram objetivar o dominus e constituíram o Estado (MENEGHETTI, 2009, p. 51).

O segundo princípio, *Ubi maior minor cessat*, significa “onde se encontra o maior, o menor cessa”. Isto está diretamente ligado ao conceito de seleção natural, regra basilar no pleno desenvolvimento de qualquer espécie ou instituição, pois o mais forte, mais inteligente, mais capaz, logicamente deve se sobrepor ao menos capacitado. O que ocorre hoje é que o assistencialismo inverteu essa regra, estimulando a desgraça alheia e dificultando a vida daqueles com os quais a vida foi mais generosa e que, por consequência, contribuem mais para o desenvolvimento socioeconômico.

Meneghetti defende um novo direito fundamentado no jusnaturalismo da identidade ôntico-genética, ou seja, no modo como o ser configura o homem. Este é o primeiro critério para se fazer o Direito. O segundo critério está baseado no conceito de *ecceidade*, de Duns Scotus: o Direito deve ser funcional àquela sociedade no “aqui, agora e assim”, de modo a responder às exigências concretas daquela sociedade naquele contexto de situação histórica. Portanto o Direito, se na sua essência se funda sobre a ontologia, na sua aplicação se configura e se fenomeniza segundo a exigência histórica, fluente, mutável da existência daquela população naquele lugar: de acordo com a situação, é necessário posicionar uma resposta, que é o direito (MENEGHETTI, 2009, p. 63-64).

Esses dois critérios são elementares no Direito: o primeiro fornece a diretiva fundamental e eterna, ontológica, que é conforme a constituição do ser humano; o segundo atesta que a situação histórico-territorial-cultural será determinante (como deve ser). A partir disto, observa-se também que o Direito deveria ser fluido e maleável para se moldar às constantes mudanças que cada sociedade experimenta continuamente.

O Direito, exatamente por ser garantia prática de regulação social, é uma “faca de dois gumes”: quando bem praticado, é função de valor para o homem; mas, quando disfuncional, condiciona todo o funcionamento da sociedade no mesmo sentido. A refundação do Direito deve ocorrer

no sentido de fazer com que este represente uma resposta funcional às necessidades ônticas da sociedade. O Professor Meneghetti apresenta o conceito de Autopoiético Ôntico-humanista: um auto fazer-se de si mesmo em sentido ôntico e humanista que, segundo ele, é garantia de funcionalidade de serviço e escopo para a ordem e o bem social.

HOMEM, O REAL SUBSTRATO PARA UMA SOCIEDADE FUNCIONAL

Analisando toda e qualquer estrutura social ou estatal, um elemento permanece sempre sendo comum em qualquer campo: o homem. A solução, então, é justamente resolver as problemáticas do homem para que este possa ser de fato coeficiente de valor na construção de uma sociedade funcional. Deve-se compreender também que as mazelas sociais são também fruto do inconsciente coletivo, que faz psicossomática no corpo social.

No final, tudo passa por um problema de psique e de mentalidade. Um exemplo crescente disto é a lógica punitivista que, ao que parece, só se fortalece no inconsciente popular, ignorando totalmente o fato de que a privação da liberdade, para qualquer ser humano minimamente são, é uma imposição já demasiadamente severa, tendo em vista a preciosidade da capacidade de agir e realizar e a infungibilidade do tempo. “Portanto, o homem é sociável e não se pode entendê-lo se não se admite que ele é sociável. A sociedade é um consequente ato de cada indivíduo humano” (MENEGHETTI, 2014, p.74).

A mudança, portanto, não é feita através de revoluções ou ataques ao sistema: assim como uma hidra, o sistema vai matar o seu inimigo ou se fortalecer a partir do ataque (ou ambos). A sociedade e o conjunto legal são pontas expostas de uma população formada majoritariamente pela massa, por indivíduos que não conseguem alcançar a realidade da vida e condicionam todo o resto. Nesse cenário, é inútil àquele que quer ser vencedor e também contribuir com o social o confronto direto. O trabalho deve ser individual, ou seja, aprimorar pessoas para que estas possam, estratégica e paulatinamente, efetuar mudanças. A partir da formação de líderes empresariais, políticos, intelectuais e artísticos é que a sociedade será posta na direção do desenvolvimento integral.

Para atingir esse objetivo, fica claro que é necessária uma mudança de atitude e mentalidade no homem, que não faz contato com a sua essência. Para isso, a Ontopsicologia intervém na intenção de “reimpostar

a ordem de natureza” (MENEGHETTI, 2013, p. 111). Para atingir este objetivo, um técnico ontopsicólogo, que, através da consultoria de autenticação¹⁶, faz a leitura das informações provenientes do Em Si ôntico do paciente e, a partir disto, é possível identificar tanto os erros cometidos pelo sujeito quanto a mudança resolutive que este deve efetuar na própria existência. Uma das formas de se fazer isso é por meio da análise técnica dos sonhos do paciente. Meneghetti diz que “como primeira coisa, o sujeito deve se corrigir, ou seja, eliminar as partes que ele não é” (MENEGHETTI, 2013, p. 112). Para se realizar o procedimento de autenticação, é preciso ser persistente e ter em mente que o processo é contínuo e diário, demandando atenção a cada decisão tomada.

Em tudo isso é necessário ser paciente e humilde consigo mesmo, porque, no fundo, cada um foi formado por aqueles que o amavam e que deram aquilo que *acreditavam* ser o melhor. Depois, o problema, contudo, é do indivíduo, por isso somente ele pode mudar, se quer agir coerentemente. Basta não trair a si mesmo (MENEGHETTI, 2013, p. 114).

A técnica da Ontopsicologia, então, é recolocar a lógica natural da vida na existência de cada um, fazendo com que a consciência esteja em harmonia com o projeto de natureza, refletindo-o, consentido, a partir disto, uma vida plena, realizada e alegre:

“Em tudo isso, a única saída é reencontrar a própria identidade original, da qual aprender como ser a si mesmo em modo sadio – em sentido biológico e psicológico – e poder chegar a uma exatidão de comportamento também sociológico: do modo como se operou bem para si mesmo [...] pode-se depois iniciar o investimento com sanidade construtiva para resolver o homem social em todos os seus aspectos” (MENEGHETTI, 2009, p. 59)

A partir da autenticação constante, o operador deve saber jogar os diversos jogos sociais de maneira inteligente e funcional. Para isto, o

16 Um dos instrumentos de intervenção da Ontopsicologia. Disponível em: <http://www.ontopsicologia.org.br/>. Acesso em: 9 out. 2016.

conceito ontopsicológico da dupla moral torna-se indispensável: saber instrumentalizar a moral sistêmica em vantagem existencial, mas sem nunca perder a moral ôntica da própria vida: “É necessário, antes de tudo, fazer transcendência do habitual, de tudo o que está impregnado no sócio-econômico-jurídico que nos direciona” (MENEGETTI, 2004, p. 164).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão de temáticas sociais sempre é válida para que se alcance o desenvolvimento, visto que cada tempo histórico é único e demanda novas análises e novas propostas resolutivas. Independente da época, no entanto, é claro que o homem é o fulcro para o progresso, pois tudo que é feito deriva da inteligência e da ação humana: se ele está bem, sadio e realizado, produz resultado de valor; se, ao contrário, está mal, ele e todo o corpo social colhe a desgraça.

Diante deste dado, é imprescindível que o homem reencontre a dimensão de contato com o seu íntimo interior, com a sua inteligência. Apesar das mudanças, as propostas devem se fundamentar não apenas nas condições do momento, mas também nas leis naturais de funcionamento do universo, pois só estas podem garantir a exatidão e a funcionalidade humana que depois irradia a própria funcionalidade nas instituições, na educação, na ciência, na medicina, na economia, filosofia e em quaisquer outras áreas, pois em todas elas, o homem é o elemento fundamental e constante.

A Ontopsicologia, apesar de não ser a única estrada para alcançar essa exatidão de consciência, é aquela que apresenta um método, reproduzível e com garantia de resultado. Por esta razão, a ciência ontopsicológica representa uma das mais eficientes vias resolutivas para as problemáticas humanas e, consequentemente, as problemáticas sociais, visto que a sociedade é formada inteiramente por indivíduos. Através do processo de autenticação, é possível o autoconhecimento e a capacidade de ação com máxima funcionalidade, pois é retomado o contato com o próprio íntimo, que fornece as diretivas a serem praticadas a cada momento. Além disso, a Ontopsicologia tem na responsabilidade um dos seus pilares: existe a técnica, mas a compreensão e a mudança são decisões que cabem somente ao indivíduo.

A partir do exposto, pode-se concluir, primeiramente, que é necessário um novo tipo de pedagogia para o homem, que o aproxime da

sua própria verdade. Hoje, a sociedade massificada, os estereótipos¹⁷ e a moral sistêmica tolhem a individualidade do ser humano e invertem a lógica natural da vida. Essa pedagogia envolve, fundamentalmente, dois princípios: o primeiro é responsabilizar o indivíduo sobre sua própria existência, suas responsabilidades e potencialidades; depois disso, a sociedade funcionar como um ambiente saudável e propício ao desenvolvimento integral, garantido por leis que regulam neste sentido.

Ademais, está claro também que não podemos compreender holisticamente o homem se desconsideramos a sua socialidade e, por isso, a sociedade e o Direito são peças fundamentais na compreensão do ser humano, e devem ser entendidas como tal. A disfuncionalidade social e legal, aos poucos, inibe a capacidade dos cidadãos de raciocinar, questionar e argumentar de maneira a produzir uma ideia ou ação concreta em prol do humano: em suma, ocorre uma massificação geral.

O ser humano, por fim, deve ser responsável e realizar tudo aquilo que faz com excelência e coerência, procurando sempre as melhores formas de aprender e de se aprimorar, aplicando o justo para cada situação e construindo a sua própria estrada individual da melhor forma possível, se aproximando daquilo que é, para si, bom saudável e funcional. Em síntese, cada um deve fazer o seu investimento próprio, pois, agindo desta forma, em concordância à realidade e à verdade interior, a vida provém um belo resultado que fenomeniza felicidade, bem-estar e progresso não só para o indivíduo, mas também para a sociedade.

REFERÊNCIAS

MENEGHETTI, A. **A crise das democracias contemporâneas**. Recanto Maestro, RS: Ontopsicologica Editrice, 2007.

MENEGHETTI, A. **Direito, consciência, sociedade**. Recanto Maestro, RS: Ontopsicologica Editrice, 2009.

MENEGHETTI, A. **Sistema e personalidade**. Recanto Maestro, RS: Ontopsicologica Editrice, 2004.

17 Um pré-estabelecido como unidade de medida ou de igualdade a outros. (MENEGHETTI, 2012, p. 99).

MENEGHETTI, A. **Dicionário de Ontopsicologia**. Recanto Maestro, RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012.

ARISTÓTELES. **A Política**. In Os Pensadores. SP: Nova Cultural; 2000. CÍCERO, M. T. **Dos deveres**. SP: Martin Claret: 2004.

HOBBS, T. **Leviatã**. SP: Martin Claret, 2003.

LOCKE, J. **Dois tratados sobre o governo civil**. Londres: Everyman's Library, 1966. ROUSSEAU, J. **Do contrato social**. SP: Martin Claret, 2002.

CULTURA, EDUCAÇÃO E RESPONSABILIDADE SOCIAL: UM ESTUDO DE REVISÃO TEÓRICA

???

1 INTRODUÇÃO

A cultura é um meio que busca contribuir para que os seres humanos possam buscar seu próprio desenvolvimento. Ao realizar uma busca minuciosa sobre a verdadeira essência da palavra cultura, se observa que sua função é formar o homem através da sua essência. Pode-se então dizer que a cultura imaterial são os bens e valores invisíveis que permeiam o ser humano.

Possibilitar o acesso à cultura como sendo uma ferramenta de aproximação das pessoas, desenvolvendo o social, e como forma de contribuir para uma redescoberta de si mesmo e trazendo desenvolvimento pessoal, são formas de alavancar novas perspectivas de vida.

As ações de cunho social buscam o fortalecimento dos valores e recuperar e resguardar a dignidade de cada ser humano como indivíduo, permitindo sua inclusão como atuante na sociedade.

Assim, essa pesquisa busca analisar os efeitos que a ação social acarreta na formação de um cidadão em relação ao desenvolvimento humano, decorrentes do resgate do patrimônio cultural.

Este trabalho classifica-se quanto aos objetivos como sendo uma pesquisa descritiva, pois conforme Gil (2010) esta tem por objetivo descrever as características de determinadas populações ou fenômenos, explorar e explicar ao fornecer informações adicionais sobre um assunto. Visa identificar, registrar e analisar as características, fatores ou variáveis que se relacionam com o fenômeno ou processo. Quanto aos procedimentos técnicos utilizados, classifica-se como sendo bibliográfico, porque segundo o mesmo autor a pesquisa bibliográfica é aquela desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros, artigos, teses, dissertações, internet, entre outros.

2 PATRIMÔNIO CULTURAL E DESENVOLVIMENTO HUMANO

Abbagnano (2012, p.261) define o termo *cultura* esclarecendo que possui dois significados, sendo o primeiro e mais antigo, a “formação do

homem, sua melhoria e seu refinamento”. Conforme a definição a priori do autor, a cultura é aquela que forma, que capacita o homem para que este seja melhor, mais refinado.

Houaiss (2009, p.1631) define *refinar* como “tornar mais apurado, mais requintado, aprimorar”. Conclui-se então, segundo a definição dos termos, a cultura serve ao homem, para que este seja melhor, mais requintado, mais puro de sua essência, mais aprimorado, mais qualificado, tornado melhor.

Abbagnano (2012, p.261) traz como segundo significado que cultura “indica o produto dessa formação, ou seja, o conjunto dos modos de viver e de pensar cultivados, civilizados, polidos, que também costumam ser indicados pelo nome de civilização”. Também elucida que “no significado referente a formação da pessoa humana individual, essa palavra corresponde ainda hoje ao que os gregos chamavam de *paidéia*¹ e que os latinos, na época de Cícero e Varrão, indicavam com a palavra *humanitas*: educação do homem como tal, ou seja, educação devida às “boas artes” peculiares do homem, que o distinguem de todos os outros animais”, e complementa que “as boas artes eram a poesia, a eloquência, a filosofia etc., às quais se atribuía valor essencial para aquilo que o homem é e deve ser, portanto para a capacidade de formar o homem verdadeiro, o homem na sua forma genuína e perfeita” (p. 261).

Pelegrini e Funari (2013, p.11) trazem mais um significado da palavra cultura como sendo “usada em latim, há mais de dois mil anos, para designar o cultivo da terra (de onde deriva o termo “agricultura”). O sentido é bastante concreto: plantar, cuidar da plantação, colher”.

Quando se analisa a origem dos termos, encontra-se o seu verdadeiro sentido, e na palavra cultura está enraizado o sentido da formação do homem puro, verdadeiro, do qual faz parte da sua essência por natureza. Cultivar seu próprio espírito, ou seja, plantar, cuidar, colher atitudes, pensamentos e sentimentos intrínsecos do próprio espírito. Ser fiel a si mesmo, ao seu desenvolvimento e seu conhecimento, de si e do mundo.

Pelegrini e Funari (2013, p.26) elucidam que “a noção de matéria está na palavra latina *materies* ou matéria: trata-se da substantivação da mãe (*mater*). Passou a designar algo bem concreto: a madeira (que a tudo alimenta, como a mãe)”. As autoras citam que juntando a palavra cultura com a palavra matéria tem-se a totalidade do mundo físico

1 Paidéia: Cultura. Educação através da cultura (Abbagnano, 2012).

apropriados pelas sociedades humanas. Tudo o que ele produz e o que ele transforma no decorrer do tempo.

Houaiss (2009, p.1049) conceitua imaterial como “que ou o que não tem consistência material, não é da natureza da matéria, impalpável”. Se a cultura tem a função de formar o homem através da sua essência, pode-se então dizer que a cultura imaterial são os bens e valores invisíveis que permeiam o ser humano.

Pelegrini e Funari (2013) demonstram que cultivamos o próprio espírito através de ações concretas, como boas leituras, imitação de grandes gestos, ouvir boa música. E quando “os antigos viam estátuas de cera de seus antepassados eram levados a segui-los como bons exemplos” (p.13). São ações externas, concretas e materiais que moldam e aprimoram o espírito, o imaterial do humano.

Pelegrini e Funari (2013) contam que o termo cultura passou por uma nova reformulação, perdendo o sentido de cultiva-se, aprimorar-se. Depois da Revolução Francesa, no final do século XVIII, os feudos entram em crise e surgem as nações. Porém, nem a própria língua era uníssona. Era preciso então unificar os valores e tradições da nova nação. As autoras citam que, para não empobrecer o termo cultura, os ingleses recorrem ao termo *lore* e criam o *folklore*: os costumes das pessoas. Porém, os alemães mantem a palavra cultura e a denominam em dois sentidos: a alta que é a erudita e de refinamento e a baixa que seria a quotidiana dos costumes.

A cultura, então, passou a ser uma palavra que, definida pelos gregos possui vários sentidos: o de aprimorar-se individualmente, passou a designar os costumes de um grupo, o cultivo da terra, etc., estudada pela antropologia, pela história, pela filosofia, psicologia, sociologia, e outras diversas áreas.

E, tudo o que determinado grupo faz, como comer, brincar, chorar, falar, dormir, pintar, cantar, etc., fazem parte das expressões culturais e são estudada, catalogadas e ensinadas de geração a geração. Mesmo havendo evolução, essas são incorporadas a tradição e readaptada.

Na origem da palavra Patrimônio está o latim (*patrimonium*), usada entre os romanos referindo-se a tudo o que pertencia ao pai, *pater*, pai de família. Incluía inclusive os escravos, a mulher e os filhos, já que na época as pessoas pertenciam ao senhor. (FUNARI; PELEGRINI, 2014).

Conforme cita Choay (2006) patrimônio histórico se refere a um bem destinado ao usufruto de uma comunidade. Obras, artes, trabalhos,

saberes, *savoir-faire*², que congregam por seu passado comum, revela-se como um patrimônio histórico.

Pelegrini e Funari (2013 p. 28) escrevem que “patrimônio cultural se associou, nos séculos XVIII e XIX com a nação, com a escolha daquilo que representaria a nacionalidade, na forma de monumentos, edifícios ou outras formas de expressão”. Esses autores entendem que “a ênfase no patrimônio nacional atinge seu ápice no período que vai de 1914 a 1945, quando as duas guerras mundiais eclodem sobre o impulso dos nacionalismos”. (PELEGRINI, FUNARI, 2014 p.20). Citam que os países foram buscar num passado bem distante vestígios para construir suas nacionalidades, e citam como exemplo a Itália, que usavam o que os romanos deixaram para edificar sua identidade, exaltando um domínio que esses tiveram no mundo e que hoje esse país é herdeiro.

Pelegrini e Funari (2013) mostram ainda que foi a partir de 1945 que a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) passou a promover estudos e reflexões sobre os bens culturais, sendo que em 1972 realizou a Convenção do Patrimônio Mundial. A “Carta de Haia” assinada em 1954 foi um marco pois propôs medidas para a proteção de bens culturais. Graças a esses esforços que cada país mobilizou-se para criar suas próprias leis de preservação do seu patrimônio.

Os autores mostram também que o patrimônio material sempre foi o maior alvo de preservação, porém o patrimônio cultural imaterial teve sua Convenção em 2003, sendo que foi definido como:

[...] práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. (CONVENÇÃO PARA SALVAGUARDA DO PATRIMÔNIO IMATERIAL, 2003. In: Pelegrini; Funari, 2013, p.46).

Varine (2012) diz que o valor do patrimônio não pode ser medido em espécie, encerrando nele um valor em si mesmo, sendo seu valor

2 *Savoir-faire*: competência adquirida pela experiência. Habilidade de obter êxito graças a um comportamento maleável, energético, inteligente; tino, tato. Dicionário Houaiss, 2009, p.1717).

histórico como parte indissociável do lugar em que está inserido. O patrimônio não pode ser dissociado do que é vivido no presente, pois mesmo que seja tido como algo que já existiu, ele faz parte do que é, e por consequência do que virá a ser, pertencendo também ao futuro. Se o presente não encontrar eco no patrimônio, ele não é real. Isso coloca o patrimônio em constante movimento, como se o patrimônio pudesse ir e vir dentro da história, unindo todos os elementos.

Varine (2012) complementa que o patrimônio pode ser a chave para compreender o DNA de uma comunidade humana, o conjunto que caracteriza a comunidade e seus participantes. Esse conceito leva de forma determinante ao desenvolvimento local sustentável, ou seja, é impossível um local, seja ambiente natural ou não, ser tomado como patrimônio sem a participação daqueles que o formam, das pessoas que constituem essa identidade local. Sem esses elementos, se desconfigura sua harmonia cultural.

Varine (2012) cita ainda que sendo a cultura de um povo um ativo imaterial, atacar e destruir essa cultura é uma forma de domínio sobre um povo; nesse sentido, a dimensão política de um patrimônio pode ser pensada como uma forma de exercer poder, por isso não deve jamais se distanciar da legislação e formas legais de preservar e proteger esse patrimônio. O autor cita também que o patrimônio deve se propor a formar pessoas, educá-las a observar em todo o lugar o potencial patrimonial, pois esse olhar muda a forma de interação, formando permanentemente os cidadãos, mais ou menos como tornar o agente um mediador entre a arte e o cotidiano.

Segundo a Constituição Federal de 1988, os artigos 215 e 216, referem-se ao Patrimônio Cultural como conjunto de bens e interesses que demonstram a integração do ser humano com o meio ambiente natural e artificial, como aqueles de valor artístico, estético, histórico, turístico, paisagístico ou arqueológico. De acordo com o texto constitucional, o patrimônio cultural brasileiro é formado pelos bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem as formas de expressão; os modos de criar, fazer e viver; as criações científicas, artísticas e tecnológicas; as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; e os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico,

paleontológico, ecológico e científico. A lei admite que esses interesses sejam defendidos em juízo pela ação civil pública, mas o seu cabimento não exclui a possibilidade de ajuizamento de ação popular, ou, em certos casos, até mesmo ação de responsabilidade movida diretamente pelos próprios lesados (BRASIL, 1988).

A união toma para si, juntamente com os estados e municípios a responsabilidade de proteger os documentos e os bens de valor histórico e os bens imateriais pertencentes a nossa nação.

Segundo Pelegrini e Funari (2013 p. 67): “à União, aos Estados e municípios é atribuído pela Constituição da República Federativa do Brasil o dever de proteger o patrimônio cultural brasileiro, por intermédio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, e de outras formas de acautelamento e preservação e de punir daqueles que cometerem danos e ameaças ao patrimônio cultural”. Todas essas tarefas foram atribuídas ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), criado na segunda metade da década de 1930, no governo Vargas. Este Instituto tem o poder de decisão sobre todas as esferas patrimoniais nacionais.

Pelegrini e Funari (2013 p. 69) mostram ainda que: “em consonância com as discussões internacionais e a Constituição do Brasil, o Iphan vem atuando mediante a distinção e preservação dos bens culturais brasileiros.

3 PATRIMÔNIO CULTURAL E O VALOR DO HUMANISMO PARA A SOCIEDADE ATUAL

Quando se analisa a diversidade cultural que existe no país, encontra-se uma enorme pluralidade de origens e folclores, que cultuam tradições, e que por sua vez reforçam a *forma mentis* no povo brasileiro.

As experiências culturais como assistir a uma peça de teatro, entrar no universo de um filme, participar de um show musical, assistir uma orquestra, apreciar uma dança são viagens no tempo e no espaço, que trazem memórias e sensações, evocando as próprias vivências e abrem espaços para novos aprendizados. Viver as potencialidades da cultura equivale a participar de uma época, de uma história, de um povo, de um país, de um momento específico do mundo. É celebrar, individual ou coletivamente, a experiência humana sobre a terra. (CORRÊA, 2006).

Meneghetti (2014 p. 49) cita: “é a análise e o estudo dos textos do

passado que representam a cultura humana, o homem em si e por si, para selecionar inteligência providencial ao momento contemporâneo: os humanistas criam, formalizam, identificam e especificam o *homem para o homem*”.

Ter contato, apreciar uma obra de arte, uma música, uma escultura, uma pintura, uma dança que tenha sido executada por uma pessoa que realizou-se, que soube construir uma vida de valor, faz a mente do espectador se abrir, esse contato traz prazer a todos os sentidos e torna o espectador uma pessoa também melhor. Tem-se então o verdadeiro sentido da cultura, aquela dos gregos, onde servia para qualificar o ser humano, torna-lo mais Ser. Conforme cita o autor Meneghetti (2014) quando se tem uma experiência de valor³ através de obras artísticas de pessoas que fizeram o seu melhor, isso alimenta a inteligência de quem aprecia, e sente-se também, uma pessoa de valor.

Meneghetti (2014) diz ainda que compreender a cultura, os legados deixados pelos que vieram antes faz compreender a força que reside em cada um e pode dar continuidade a esse mundo da vida povoado pelos humanos.

Quando se estuda a forma de viver de determinada região, conhecendo e entendendo a cultura dos antepassados se pode compreender como o homem é hoje, o porquê de algumas de suas atitudes, sua forma de agir e de pensar. Valorizar e compreender como foi construída essas ações, que formam o que se pode chamar de cultura atual, torna-se fundamental para compreender a si mesmo no contexto em que vive.

Meneghetti (2014 p. 74) ensina:

O Humanismo considera cada homem como uma criatura única e extraordinária, portanto todos os homens, mesmo se diversos, gozam da mesma dignidade. Retorna o princípio de Terêncio: sou humano é nada do que é humano é estranho à minha humanidade. A aceitação das diversidades é estímulo, portanto o Humanismo quer e ama as diferenças de culturas, línguas, pessoas, etc.

3 Valor: do latim *value*, estar em conformidade com a natureza, o que é digno de escolha. (Abbagnano, 2012, p. 1.177). Pela definição entende-se que valor são os bens matérias e imateriais, que uma pessoa escolhe que são conforme a sua natureza, que promovem crescimento em todos os aspectos: econômicos, sociais, intelectuais, emocionais e físicos.

De fato, viver⁴ é uma dádiva e toda história deste planeta foi construída por homens que deixaram legados. Se existe evolução, é porque sempre parte de um ponto findando em outro. O passado é sempre presente, pois a todo momento ele faz-se visto em tudo o que existe.

Meneghetti (2010) levanta um sentido ainda mais profundo ao dizer que as pessoas se nutrem das imagens e tornam-se aquilo que escolhem e veem, pois, as imagens, são portadoras de uma dinâmica, que pode ser de crescimento ou sem vitalidade, regressiva. É necessário prestar atenção em todas elas para verificar se são ou, ao contrário, se contribuem para diminuir a própria inteligência, que escravizam e não promovem abertura para a criatividade. Mas, quando essas imagens são de valor elas causam prazer podendo o homem alcançar os níveis metafísicos de prazer e abertura de consciência. “Contatar o significado de uma gráfica positiva abre um prazer que constrói vida e inteligência” (p.367).

Meneghetti (2011 p. 7) diz que: “quando alguém quer salvar as tradições, sim, mas não podemos salvar a doença, a inferioridade, a pobreza, o limite, as ignorâncias, das quais as tradições estão cheias. Isto é, não podemos salvar as tradições que humilham, inferiorizam o ser humano. Como dançam, como cantam, sim.” (MENEGETTI, 2011).

Como exemplo do texto do autor pode-se citar que na cultura gaúcha, assim como a mulher é vista com muito respeito, cantada em versos de profunda consideração e amor, por outro lado ela é a zeladora do lar, a mulher deve ser sustentada e mantida financeiramente pelo papel do homem. Dessa forma, a mulher não é protagonista, não tem a liberdade econômica para poder agir conforme sua identidade⁵. Portanto, deve-se preservar aqueles aspectos sadios da cultura, das tradições e avançar naquele ponto em que a cultura torna a pessoa perdedora.

Complementando a cultura pode conter elementos que, mantém o homem em uma estabilidade, pode reduzi-lo como pessoa ou ainda expandi-lo, depende da intenção que foi gerada. Pode-se considerar determinados elementos da cultura como inferiores quando desperta no ser

4 Viver: do latim *vis* que é força, *vivens* significa vivente. (Cunha, 2011, p.680). portanto viver é a força no vivente, no existir. Uma participação metafísica (força) e biológica (vivente, matéria) na vida.

5 Identidade: do latim: *id quod est ens* = o que o ser é aqui, assim e agora. É a forma que especifica em si o objeto ou indivíduo e o distingue de qualquer outro. (MENEGETTI, A. Dicionário de Ontopsicologia, 2012, p.130). INSERIR NAS REFERÊNCIAS

humano uma emoção fechada, hostil, mecânica, que, de certa forma, fere o sentimento de liberdade e de expansão, que não educa. Existe uma percepção interna no ser humano que serve como uma bússola orientando este a escolher o que lhe faz bem, que causa crescimento, que gera sabedoria e prazer existencial. E, distanciar-se do que lhe provoca dor, perda e patologia. Esse critério interno é uma boa fonte para selecionar quais aspectos culturais devem ser preservados e valorizados.

4 PROJETOS SOCIAIS: EDUCAÇÃO ATRAVÉS DA CULTURA

Como educar uma criança ou um jovem onde este cidadão vive no meio da marginalidade e à margem da sociedade, como educar este rapaz ou esta menina para que tenha civilidade, para que desenvolva seu potencial de natureza e assim, contribua com a sociedade, como se pode falar a estes cidadãos de cultura, de apreciar e valorizar as belezas da sua cidade se, a sua realidade é tão contrastante?

Educadores e cientistas buscam responder estas questões, pois, esta realidade é comum no mundo e, principalmente no Brasil. Há métodos que promovem a educação integral como forma de resposta para estas questões.

Conforme cita Dolan (2015), as últimas pesquisas da ciência do comportamento esclarecem que muito do que as pessoas fazem é fruto de uma ação não pensada, e a ocasião é determinante para os atos inconscientes, ou seja, se uma pessoa está em um ambiente que propicie a realizar algo que não queira, muito provavelmente ela fará a ação e nem se dará conta que fez, pois são atitudes geradas pela oportunidade do ambiente e antecipadas ao seu seu consciente.

Então, é necessário propiciar bons ambientes e poder desenvolver uma educação global, educação integral da criança e do jovem. Sobre este tema pode-se citar o filósofo Platão (2008), onde afirmava que uma educação completa e eficaz para a formação do caráter e da personalidade de meninos e meninas deveria contemplar também as atividades lúdicas, brincar e jogar.

Jogo ou lúdico conforme defini o dicionário de filosofia, Abbagnano (2012) tem sua origem no latim (*jocus*) e grega (*παιξία*) e são as atividades que “se exerce ou se executa por si mesma, e não pela finalidade à qual tende ou pelo resultado que produz” (p.677), e ainda complementa que Aristóteles compara o jogo à felicidade e à virtude, pois são

escolhidas por prazer, por si mesmas, não são atividades necessárias a sobrevivência. O autor também explica que lúdico, não se limita apenas a atividades físicas, mas inclui as atividades que são realizadas apenas pelo prazer.

Carotenuto (2013), ao citar Platão, elucida que educação, segundo o filósofo deve ser propedêutica para selecionar os melhores, que a duração total do ensinamento deve ir até os 50 anos e que “dos dez aos dezesseis anos os alunos estudam os autores clássicos, música, canto coral, dança, matemática e ginástica” (p.64).

Educação e Cultura sempre estiveram presentes na formação do homem ao longo da história. A educação sempre procurou lapidar o homem para o seu crescimento e para o convívio social.

Sobre educação destaca-se Morin (2006, p. 65), “a educação deve contribuir para a auto formação da pessoa (ensinar a assumir a condição humana, ensinar a viver) e ensinar como se tornar cidadão.” Referindo-se ao que o autor escreve, uma verdadeira educação deve ser aquela que contribui para extrair do ser humano seu verdadeiro potencial, a auto formação, bem como, que saiba respeitar os direitos sociais dos outros, tornando-se um bom cidadão.

Carotenuto (2013) faz um resgate da educação e da cultura desde os Sumérios até os dias atuais. Ela complementa que a educação na civilização grega traz a primeira forma de humanismo: “o homem não é simples ser físico, mas é figura social e espiritual, que se realiza uma vez que não se acomoda na sua situação, mas tende a realizar aquela forma de humanidade que a pólis indica como ideal do cidadão” (p.46).

Freire (2016) cita que uma educação sempre está inserida numa determinada cultura e que um educador não pode ter a pretensão de ensinar numa cultura diversa da sua. Pois a pessoa é, também, o conjunto da sua cultura. E conclui que “nós somos a relação entre a herança genética e a herança cultural e histórica. Nós somos estas relações” (p. 28).

Complementar a essa relação de indivíduo (ou cidadão) e sociedade, Morin (2006) defende que há uma relação triádica: indivíduos, sociedade e espécie. Portanto, para ele: “é a cultura e a sociedade que garantem a realização dos indivíduos, e são as interações entre indivíduos que permitem a perpetuação da cultura e a auto-organização da sociedade” (2006, p. 54). Com isso, é possível perceber que qualquer desenvolvimento humano significa, também, o desenvolvimento do conjunto das individualidades.

Sendo assim, Meneghetti (2005) afirma que para a formação do homem cidadão, é preciso conhecê-lo como um indivíduo intrínseco ao social, ou seja, ninguém se faz sozinho, sendo a sociedade o critério de valor que discrimina o indivíduo histórico.

Morin (2011 p.47) é bastante categórico e afirma: “o homem é, portanto, um ser plenamente biológico, mas, se não dispusesse plenamente da cultura, seria um primata do mais baixo nível. A cultura acumula em si o que é conservado, transmitido, aprendido e comporta normas e princípios de aquisição”. Para o autor é graças à cultura que se evolui, pois, pode se acumular saberes, que são transmitidos de geração para geração. E complementa dizendo: “o homem somente se realiza plenamente como ser humano pela cultura e na cultura” (p.47).

Quando se entende que a cultura é intrínseca à educação, então se começa a valorizar esta cultura e tudo o que a compõe. Se o ser humano é por natureza um ser social, então, o outro também faz parte de mim. Portanto, é necessária uma educação permanente do indivíduo, e que essa educação possa formar não somente conhecimentos técnicos escolares, mas que prepare o homem a produzir e a desenvolver-se como pessoa na sociedade.

Insere-se neste contexto as atividades filantrópicas, ONGs, Projetos Sociais, Fundações, Associações, entidades que tem por objetivo contribuir para a formação da criança e do adolescente, onde buscam estreitar distâncias entre sua realidade difícil e uma sociedade ainda preconceituosa.

Estas entidades costumam trabalhar com propostas culturais como a dança, a música, o teatro, atividades regionais, a poesia, como meio de educar, incluir esta criança ou este jovem na sociedade, uma forma de preservar a própria cultura, uma maneira de descobrir talentos, diminuir a delinquência, a marginalidade e a prostituição e ainda, como meio de auto conhecimento.

A cultura passa a ser, então, um meio para a educação, um modelo que contribui para a formação do indivíduo, conforme a figura 1. Esta figura apresenta uma visão da formação integral do ser humano através da cultura, propiciando ao indivíduo o desenvolvimento de uma mentalidade sustentável.

Figura 1 - Formação Integral do Ser Humano - Família, Escola, Projetos Sociais - Através da Cultura desenvolvem o ser humano com mentalidade sustentável. Fonte: elaborado pela autora

A figura 1 mostra que, através da cultura, os projetos sociais ajudam na formação do indivíduo tornando-o mais responsável, uma pessoa que, quando inserida no contexto social, saiba se desenvolver e contribuir para a evolução da sociedade. Além disso, valorize e respeite a cultura, seja protagonista da sua vida e não deixe que más influências e determinadas oportunidades o dispersem de sua evolução e auto conhecimento, pois se conhecendo pode desenvolver suas aptidões e caminhar na vida sendo uma pessoa realizada e feliz. Todo esse desenvolvimento gerado na criança e adolescente faz com que retorne para a escola, para a família e para a sociedade como um ser humano capaz de produzir ações de valor, de realizar crescimento primeiro para si mesmo e depois para os outros.

Ossona diz (1988, p. 41) “Tudo na vida é movimento: o universo move seus sistemas, e cada sistema seus sóis, estrelas, planetas e satélites”. Os animais trabalham, tudo se move, tudo está na ação.

O ser humano tem por necessidade estar em ação, e quando se é muito jovem o meio em que se vive influencia muito o que ele faz. Os projetos sociais, que conseguem encantar os alunos servem também como modo de ocupar o tempo de forma positiva. O uso do tempo livre com inteligência agregando conhecimento e valor para si mesmo.

Destaca-se aqui a dança, pois é uma oportunidade para entender os jovens, um desafio para transpor esse abismo entre as gerações, uma chance de melhorar o relacionamento deles com a família e a sociedade, corrigir essas expressões e descontentamentos tão alardeados em relação as suas atitudes.

Se Terpsichore⁶ foi criada para alegrar o coração de um deus, quando ela chega aos homens, eles se encantam, pois ela traz prazer, alegria e emociona o físico. Sim, a dança tem por natureza alegrar, por isso ela sempre fez parte da história da humanidade.

A dança com a formação ética, a adaptação social, a organização do trabalho, o tratamento da informação e com o desenvolvimento psicomotor do aprendiz, competências essas que são primordiais no cotidiano humano.

Ossona (1988) cita que no Japão a dança era vista como um vínculo

6 Terpsichore é a musa grega da dança, que nasceu em uma das nove noites de amor entre Zeus e Mnemósia para celebrar a grande vitória dos Olímpicos contra os Titãs. Musa e cantora divina, foi criada para alegrar o coração de Zeus e de todos os imortais, para presidir ao pensamento as formas de sabedoria, eloquência, persuasão, história, matemática, astronomia. (BRANDÃO, 1992, p.202 apud MARQUES, 2001).

entre o homem e os deuses. Para este povo a personalidade humana é exaltada quando dança. Na idade média a dança continuou tendo lugar de honra dentro dos cultos. Dançavam para honrar a Deus. Porém, depois o cristianismo deu ênfase na distinção entre o terreno e o celestial, o bem e o mal, o corpo e a mente, o espiritual e o carnal. O objetivo da existência era salvar a alma e o corpo passou a ser visto como um empecilho, a dança como sendo uma atividade física, que trazia prazer foi banida do culto religioso. Mas, essa arte continua no meio da aristocracia e Catarina de Médicis adota as danças de máscaras, que saem dos castelos para se realizarem durante o carnaval.

Do culto para as igrejas, dos castelos para as casas de famílias, as danças passam a fazer parte do cotidiano e serve como uma forma de representar o modo de vida e da tradição, que se popularizam e tornam-se folclore.

Conforme cita Ossoona (1988, p. 68): “os balés folclóricos, verdadeiros museus vivos alertas a todas as transformações e reconstruções”, onde conservam as danças folclóricas que tem sua origem em cerimônias de ritos tradicionais; danças populares que são do povo originadas em cada região e não tem relação com cerimônias, mas tem um estilo próprio e as danças popularizadas, vindas do meio aristocrático, que foram adotadas e adaptadas pelo povo, como as polcas, as mazurcas, as valsas e quadrilhas.

Cada cultura desenvolve uma forma peculiar de dança, mas que ao longo da história invasores e conquistadores deixaram suas marcas também nas artes, onde influenciaram os cantos, a música e a dança, mas também, recolhem material que levam para suas terras. Por isso a dança folclórica é “uma história dinâmica e condensada na cultura, ao mesmo tempo que é um produto cultural da história”. (OSSAMA, 1988, p. 72).

A dança movimenta o corpo, Nanni (2008) cita que é através do corpo que o sujeito sente e percebe o mundo, “eis o homem como existência”. “O diálogo com o corpo é a fase inicial e fundamental da relação com o mundo” (p.121). Mas, o homem precisa perceber, ter consciência das sensações que o corpo apresenta. A dança então é um instrumento que contribui para ter uma consciência deste corpo, ajuda o sujeito a perceber a si mesmo, o objeto externo a relação com o outro e com o mundo.

Meneghetti (2005) escreve sobre escutar o próprio corpo, pois é um radar preciso. “Substancialmente devemos retornar à casa, cada um ao nosso corpo: sabê-lo, compreendê-lo e auscultá-lo. é um cuidado interior de si mesmo”. (p.373).

Ter atenção no próprio corpo e sentir o que ele passa: é bom, não é bom, agrada, não agrada, são informações precisas, biológicas e funcionais para o sujeito.

5 CONCLUSÃO

O mundo atual onde as distâncias físicas são encurtadas em segundos pela tecnologia, onde as culturas podem ser acessadas por todos os cantos, as pessoas tem um pleno conhecimento de um todo, mas não perderam a identidade do grupo de origem, pois, as tradições e a tecnologia formam uma ferramenta imutável - uma serve a outra. Mesmo que se pensasse que toda essa massificação cultural fosse deteriorar a cultura local, pelo contrário elas foram reforçadas.

Ao compreender a origem da concepção da palavra cultura verificou-se que está enraizado o sentido da formação do homem puro, verdadeiro, do qual faz parte da sua essência por natureza. Ser fiel a si mesmo, ao seu desenvolvimento e seu conhecimento, de si e do mundo. Ao conhecer o mundo realiza um exercício para a própria inteligência.

Todos os bens materiais e imateriais, que geraram valor para o próprio homem é prioritário a sua preservação, para que possa projetar nas gerações futuras um conhecimento partindo de um conceito de onde vim, onde estou e para onde vou, sem esquecer o valor da essência humana.

Quando se analisa o passado e se percebe quantos livros, estudos, escrituras se perderam, e com eles quanto conhecimento se perdeu, quanta inteligência foi literalmente queimada por batalhas, por domínio, o homem entende o valor de preservar e deixar para as gerações futuras o que é gerado hoje e o que ainda resta deste passado.

Como seria não poder apreciar a Capela Sistina com o ideal humano trazido por Michelangelo Buonarroti se esta tivesse se perdido diante da não preservação? O homem é capaz de realizar tantas coisas belas e, quando se está diante deste belo produzido pelo homem, pode-se acesar a própria dimensão superior.

Partindo da compreensão da própria cultura e dos legados deixados pelos que vieram antes faz compreender a força que reside em cada um e para dar continuidade a própria historia do homem.

O trabalho voluntário desenvolve empatia, ensina a trabalhar em equipe, aprende-se o saber servir o outro e faz a pessoa sentir-se parte do todo. São essas características que o universo empresarial necessita.

Portanto, uma ação cultural desenvolvida por entidades sociais pode contribuir para preservação do patrimônio, o fortalecimento do indivíduo com a sociedade, promovendo a inclusão social e tornando esta numa pessoa mais participativa.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

BARBALHO, A. **Políticas Culturais no Brasil: primórdios (1500-1930)**. *V ENECULT*. Faculdade de Comunicação/UFBa, Salvador - Bahia. 2009.

BARRETO, D. **Dança: sentidos e possibilidades na escola**. 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

BRASIL. **Constituição** (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Organização de Alexandre de Moraes. 16.ed. São Paulo: Atlas, 2000.

CAROTENUTO, M. **A Paidéia Ôntica: dos Sumérios a Meneghetti**. Recanto Maestro; São João do Polêsine, RS: Editora Universitária, 2013.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Estação Liberdade/Unesp, 2006.

CORRÊA, M. B. Por que uma empresa deve investir em cultura? **Cultura e Mercado, 2006**. Disponível em: <<http://www.culturaemercado.com.br/site/pontos-de-vista/por-que-uma-empresa-deve-investir-em-cultura/>>. Acesso em: 15 maio 2018.

COSTA, E. H. da. **Fundamentos de responsabilidade social empresarial**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ventura, 2010.

CUNHA, A. G. da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.

DAMASIO, A. M. **O projeto social como resposta à questão social**. 4º SIMPÓSIO MINEIRO DE ASSITENTES SOCIAIS. Disponível em:

<<http://cress-mg.org.br/hotsites/Upload/Pics/ff/ff4abc60-cd6e-430b-abe1-cc5c5e7120dc.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2018.

DOLAN, P. **Felicidade construída**: como encontrar prazer e propósito no dia a dia. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

EBC. **Agência Brasil**. Internacional. Disponível em: <<http://agencia-brasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2017-06/onu-diz-que-populacao-mundial-chegara-86-bilhoes-de-pessoas-em-2030>>. Acesso em: 05 maio 2017.

FISCHER, M. *Marketing cultural*: legislação, planejamento e exemplos práticos. São Paulo: Global, 2002.

FREIRE, P. **Pedagogia da solidariedade**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro, Objetiva, 2009.

IPHAÉ. **Bem Tombado – Teatro Pezewodowski**. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado. Governo do Estado do Rio Grande do Sul. Disponível em: <<http://www.iphae.rs.gov.br/Main.php?do=Bens-TombadosDetalhesAc&item=18903>>. Acesso em: 17 mai. 2018.

KOTLER, P. **Administração de marketing**. 14. ed. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2012.

KOTLER, P. **Marketing 4.0**: do tradicional ao digital. Rio de Janeiro: Sextante, 2017.

LAASCH, O.; CONAWAY, C. **Fundamentos da gestão responsável**: sustentabilidade, responsabilidade e ética. São Paulo: Cengage Learning, 2015.

MARIÓ, E. G.; WOOLCOCK, M. (Orgs.). **Exclusão social e mobilidade no Brasil I**. Brasília, DF: Ipea, Banco Mundial, 2005.

MASLOW, A. H. **Motivation and personality**. 2. ed. New York: Harper & Row, 1970.

MARQUES, I. A. **Ensino de dança hoje: textos e contextos**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MENEGHETTI, A. **A psicologia do líder**. 4. ed. Recanto Maestro, Restinga Seca: Ontopsicologia Editrice, 2008.

MENEGHETTI, A. **Do humanismo histórico ao humanismo perene**. Recanto Maestro, Restinga Seca: Ontopsicologica Editora Universitária, 2014.

MENEGHETTI, A. **Imagem e inconsciente**. 4.ed. Recanto Maestro, Restinga Seca: Ontopsicologia Editrice, 2010.

MENEGHETTI, A. **Manual de Melolística**. 2. ed. Recanto Maestro, RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2005.

MENEGHETTI, A. **O Eu e a consciência em rede: acervo vídeo da Fundação Antonio Meneghetti**. Diostan, Russia, 2011.

MORCELLI, A. T., ÁVILA, L. V. **Responsabilidade Social**. Universidade Federal de Santa Maria, Colégio Politécnico. Santa Maria - RS, 2016.

MORIN, E. Epistemologia da complexidade. In: FRIED-SCHNITMAN, D. **Novos Paradigmas, cultura e subjetividade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

MORIN, E. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 12. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF, 2011.

NASCIMENTO, A. F. **Política cultural no Brasil: do Estado ao Mercado**. III ENECULT. Faculdade de Comunicação/UFBa, Salvador - Bahia. 2007.

NANNO, D. **Dança educação**: princípios, métodos e técnicas. 5. ed. Rio de Janeiro: Sprint, 2008.

NETO, M. M. M. **Marketing cultural**: das práticas a teoria. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna Ltda. 2005.

OLIVEIRA, L.L. **Cultura é patrimônio**: um guia. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

ONU. **Texto sobre os objetivos do milênio**. Disponível em: <<http://www.odmbrasil.gov.br/os-objetivos-de-desenvolvimento-do-milenio>>. Acesso em: 10 mai. 2018.

OSSONA, P. **A educação pela dança**. 4. ed. São Paulo: Summus, 1988.

PLATÃO. **A República**. 4a reimpressão. São Paulo: Martin Claret, 2008.

PEDROZO, E. A.; SILVA, T. N. da. **O desenvolvimento sustentável e a abordagem sistêmica**. *REAd*. Edição 18, vol.6, n.6, nov-dez 2000.

PELEGRINI, S. de C.; FUNARI, P. P. **O que é patrimônio cultural imaterial**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2013.

PELEGRINI, S. de C.; FUNARI, P. P. **O que é patrimônio cultural imaterial**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2014.

RADDI, R.; BARACHO, M. A. P. **O incentivo fiscal à cultura no Brasil**: breve exame dos estados brasileiros. IV ENECULT, Faculdade de Comunicação/UFBa, Salvador – Bahia, 2008.

RATTNER, H. **Uma ponte para a sociedade sustentável**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2012.

RATTNER, H. **Planejamento e bem estar social**. São Paulo: Editora Perspectiva. 1979.

RBA. **Sustentabilidade Empresarial**. Revista Brasileira de Administração. 2017. Disponível em: <<http://revistarba.org.br/>>

sustentabilidade-empresarial/>. Acesso em: 02 mai. 2017.

SACHS, J. D. **A era do desenvolvimento sustentável**. Lisboa, Portugal: Ed. Actual, 2017.

SAFRA, G. Memória e Subjetivação. **Memorandum**. Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos02/safra02.htm>>. Acesso em: 17 jun. 2018.

SCHULTZ, D. P.; SCHULTZ, S. E. **Teorias da Personalidade**. São Paulo: Cengage Learning, 2008.

SAVITZ, A.; WEBER, K. **A empresa sustentável: o verdadeiro sucesso é lucro com responsabilidade social e ambiental**. Rio de Janeiro – RJ: Ed. Campus, 2007.

UNDP. **Declaração do Milênio**. Disponível em: <<http://www.br.undp.org/content/brazil/pt/home/library/ods/declaracao-do-milenio.html>>. Acesso em: 06 mai. 2018.

UNESCO. Small Island Developing States (SIDS). Ciências Naturais – Áreas Prioritárias. Disponível em: <<http://www.unesco.org/new/en/natural-sciences/priority-areas/>>. Acesso em: 05 maio 2018.

UNRIC. **Perspectivas da Urbanização Mundial**. Centro Regional de Informação das Nações Unidas. Disponível em: <<https://www.un-ric.org/pt/actualidade/31537-relatorio-da-onu-mostra-populacao-mundial-cada-vez-mais-urbanizada-mais-de-metade-vive-em-zonas-urbanizadas-ao-que-se-podem-juntar-25-mil-milhoes-em-2050>>. Acesso em: 28 abr. 2018.

VALLANCE, S. et al. **What is social sustainability?** A clarification of concepts. *Geoforum* 42 (2011) p. 342–348. Disponível em: <www.elsevier.com/locate/geoforum>. Acesso em: 02 mai. 2018.

VARINE, H. **As raízes do futuro: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local**. Porto Alegre: Editora Medianiz, 2012.

PARTE III

PROJETOS DE INTERVENÇÃO SOCIAL,
CASES E ESTUDOS EMPÍRICOS

TRANSFORMANDO REALIDADES: A PEDAGOGIA ATRAVÉS DA MÚSICA¹

Claudio Carrara

Vivemos hoje em uma realidade global, cada vez mais digital, onde a tecnologia, sob o álibi de produzir serviço e bem-estar às pessoas, está condicionando a humanidade a uma civilização colônia-robô.

A máquina hoje é mais eficiente que o humano em:

- processar informações – Cloud Computing, Analitics, Big Data;
- calcular ;
- reconhecer e conectar – IOT;
- raciocinar – Inteligência Artificial;
- aprender – *Machine Learning*, *Deep Learning*.

Dado que todas as informações estão na nuvem, e que hoje todos temos um celular, o sistema sabe onde estamos, o que fazemos, o que consumimos, os nossos hábitos de vida, enfim, quase tudo de cada um de nós.

Dentre os vários efeitos futuros, mas já presentes, desta realidade, destaco dois:

Perda exponencial de postos de trabalho, para a máquina. O que antes era posto de trabalho mecânico, hoje, cada vez mais será trabalho “intelectual”, serem feitos por *software* e robôs.

Colonização e massificação do humano. O homem fez a máquina, mas hoje é a máquina que faz o homem. Teremos uma civilização produto da tecnologia, mais robótica, menos humana. A máquina está assumindo a tarefa da família na formação das crianças.

Isso tudo é um fato, e irreversível, e uma vez posto o mundo assim, qual a possibilidade de retomada para a humanidade não ficar fora do jogo?

Nas atividades citadas, anteriormente, (calcular, memorizar, reconhecer, raciocinar, aprender), a máquina já é e será superior ao homem, por característica intrínseca da tecnologia e do avanço dela. Sob este campo de jogo, o humano perdeu e perderá!

O homem, no entanto, possui uma virtualidade, que o funda como

¹ Pronunciamento proferido na abertura da Mesa, III Congresso Internacional: Uma Nova Pedagogia para a Sociedade Futura. Faculdade Antonio Meneghetti, Recanto Maestro, RS, 21 e 22 de set. 2018.

ser humano. Um núcleo essencial, que **o Professor, Acadêmico Antonio Meneghetti**, tendo estudado TODO o Homem de modo integral, isolou, individuou, caracterizou e denominou EM SI ÔNTICO. Aquele mesmo princípio que os antigos denominavam Alma.

Este princípio semovente inteligente é conectado ao mundo-da-vida, conhece as coisas por evidencia e contato interno, porque é ligado do íntimo, procede de dentro a dentro. Este núcleo-princípio é o diferencial humano, que pode, uma vez atuado conscientemente pelo EU do sujeito, promover a retomada ao humano original, como protagonista do seu tempo histórico.

Essa essência, o EM SI ÔNTICO, nos faz únicos como espécie e únicos como indivíduos, é o ponto resolutivo na sociedade máquina que vivemos, uma vez que pode antecipar a máquina e é impossível de ser antecipado por ela, por ser dotado de:

- **inteligência/ intuição**: capacidade de ler e ser dentro da ação;
- **vontade**: o exercício de intencionalidade, faculdade de atuar o ato em um modo, lugar e tempo.

Este Em Si Ôntico, participa do horizonte metafísico do Ser, porque em substância é ser. É ativo, presente no irrepetível mundo-da-vida que escorre e muda momento a momento.

Enquanto a máquina é padrão, standard, repetição, memorização, a inteligência humana é inovação, criação, contato, sensibilidade, e aqui chegamos no ponto do nosso tema:

ESTÉTICA: O SENTIDO DE BELEZA

Por incrível que seja, tem-se o senso comum, apoiado por instituições que tem por missão formar a pedagogia artística, que o belo seria uma convenção, uma opinião, um relativismo cultural.

Se assim fosse, não teríamos a evidência da natureza, das flores, dos animais, a perfeição da harmonia humana quando em estado de plenitude... o perfume, o sabor e o prazer das coisas naturais.

Quem é que arquitetou esta fenomenologia que chamamos mundo ou vida, tem um propósito **artístico estético**, ou seja, além da funcionalidade das coisas, promove a proporção das partes, a graça, o resplendor das formas, nos evidenciando o caráter estético do ser, como uma prioridade sua.

O homem, como criatura, ou seja, posto por uma inteligência anterior e maior que a sua, tem já um design próprio, uma forma, um projeto. Nós, como indivíduos, muito humildemente, não somos 100% livres

da nossa natureza original, a prova disto é que se saímos muito de uma tolerância média de comportamento, adoecemos e sofremos.

Então, esta inteligência original tem uma prioridade estética, uma atração, uma tensão ao belo. Por esse motivo, uma pedagogia pela Arte, é um caminho efetivo para educar as nossas crianças e jovens, ao **propósito** do Ser Humano. Não uma Arte qualunquista, que sublinhe a doença, a esquizofrenia humana, mas uma proposta artística que provoque o homem ao seu núcleo metafísico: **o Ser**. A esta arte, Meneghetti nomeou-a OntoArte.

ARTE COMO RECUPERAÇÃO METAFÍSICA DA EXISTÊNCIA

A Arte, é um dos caminhos que se pode chegar ao quem e ao porque das coisas.

Quem: que identidade sou eu, o que me é conveniente, o que me faz ser mais, aqui e agora de modo simples, concreto, cotidiano.

Porque: Qual o sentido da minha existência: porque e para que vivo? Qual a motivação, endereçada a que?

E, ao final, através do devir existencial responsável, sem saltos infantis ou fideísticos, resolvendo toda a problemática individual que a vida constantemente nos coloca, se chega à **maturidade** como resposta adequada, funcional à intencionalidade de natureza. Nos encontramos dentro do ser, uma palavra do ser, uma metáfora do ser, postos pelo ser para revelar o ser, para fazer e produzir valor nessa nossa única existência: MAIS SER.

A **Orquestra Jovem Recanto Maestro (OJRM)**, um projeto da Fundação **Antonio Meneghetti**, que completou 3 anos de existência, se funda no propósito da OntoArte: TOCAR PARA SER.

A música como uma revelação do Ser que é, e que somos. Difícil explicar com palavras, algo que é anterior e maior que a nossa lógica, sob o risco de reduzirmos o significado ou criarmos um conceito vazio. A proposta é sensibilizar o artista e o fruidor à experiência de viver a música, como um secreto prazer de colher a unidade e a proporção do Belo, quando se faz presença em toda a nossa alma e orgânico.

Sobre O propósito, TOCAR PARA SER, se fundam os 3 valores da OJRM:

Protagonismo responsável: a insubstituível realização da minha única existência, da existência de cada criança e jovem, como resposta

única ao chamado do ser, a realização do dom individual de cada um

A excelência: A busca inesgotável pelo ótimo, pelo supremo, pela perfeição.

A estética como ética: A Beleza, como um valor intrínseco, a tudo que somos e a tudo o que fazemos. Porque a ideia e a experiência do belo, produz inevitavelmente ordem, proporção, harmonia, unidade, bondade, verdade....Uma ética, um comportamento humano, sem mitos, superegos ou ideologias, baseado tão somente na diretiva do ser, simples e uno.

A tudo isto que foi dito até aqui e durante este III Congresso de Pedagogia, temos a evidência e a graça de estarmos caminhando, **em** uma estrada já pavimentada, começada, por poucos grandes **homens** da humanidade. Grandes místicos, grandes cientistas, grandes intelectuais, grandes filósofos, grandes empreendedores, grandes artistas. Grandes homens, que chegaram por caminhos diferentes a uma mesma visão: a de participarmos de uma realidade maravilhosa, que nos coloca em uma unidade, porque somos esta realidade e somos esta unidade.

De todos esses grandes mestres da humanidade, tivemos a oportunidade de conhecer um, o Prof. Antonio Meneghetti, que teve a enorme tarefa de uma vez chegado ao horizonte do Ser, traduzido o conhecimento essencial do homem por como posto pela natureza, em uma ciência: a Ontopsicologia.

Suas últimas palavras, foram endereçadas, não para aqueles que o seguiram ou que o amaram, mas para aqueles que o ESTUDAM.

PRINCÍPIOS DA PEDAGOGIA ONTOPSICOLÓGICA NA EDUCAÇÃO DE UM FILHO

*Gabriela Mombelli*¹

*Fernando Belgravo Kohaut da Silva*²

*Estela Maris Giordani*³

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo relatar as transformações dentro do contexto familiar a partir do momento em que os pais começaram a se apropriar e aplicar os princípios norteadores da Pedagogia Ontopsicológica. A família é o primeiro contato que a criança estabelece com a sociedade, é neste ambiente que ela começa a criar as suas primeiras impressões e concepções de mundo e de relações interpessoais. Daí a importância da compreensão e aplicação desta nova Pedagogia para educar a criança a fim de que, realizando o seu projeto de vida, seja também, útil e funcional à sociedade (MENEGHETTI, 2014). Partindo deste pressuposto, foram implementados alguns princípios simples dessa metodologia na vida da mãe e do pai com o filho. O resultado deste relato se deve as buscas de conhecimentos em leituras de artigos e textos produzidos por intelectos da área da Ontopsicologia, a fim de ampliar as práticas pedagógicas na educação dos filhos, principalmente porque os pais realizaram o “Programa Mãe Feliz”⁴, ministrado pela Dra Estela Maris Giordani em que possibilitou de forma intensa, significativa e simples colocar e visualizar os resultados eficientes desta abordagem pedagógica.

1 Pedagoga pela UFSM. Especialista em Gestão Educacional. E-mail gabimombelli@gmail.com

2 Graduação em Direito pela Faculdade de Direito de Santa Maria. E-mail: fernandobelgravoo@gmail.com

3 Pedagoga, Mestre e Doutora em Educação. Professora da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Pesquisadora, Professora e Coordenadora do Curso de Pedagogia da Faculdade Antonio Meneghetti (AMF). E-mail: estela@pesquisador.cnpq.br

4 Programa de formação de Pais, 100% Online, com suporte pedagógico “Programa Mãe Feliz”.

Nesse relato, contamos o caso de uma das autoras que, embora sendo acadêmica do curso de pedagogia da Universidade Federal de Santa Maria, e ao tornar-se mãe era algo que não a preocupava em termos de educação, pois ao estudar a pedagogia compreendia que possuía experiência e domínio de conhecimento suficiente para educar qualquer criança, inclusive seu filho. Na prática, com o passar do tempo percebeu que a pedagogia que estava vigorando naquele ambiente acadêmico não estava fornecendo base sólida para sua vida dentro de seu ambiente familiar e profissional. Ou seja, não estava conseguindo educar seu filho com amor e responsabilidade como de fato acreditava que deveria ser a educação das crianças.

Ao estudar a pedagogia Ontopsicológica, por meio do Programa online Mãe Feliz e dos estudos orientados no contexto dos estágios, depois como bolsista da professora que a iniciou neste estudo, começou a compreender como as crianças e os adultos de fato funcionam. Entendem quais são as ações e atitudes que nós, os adultos, de maior referência afetiva devemos praticar para possibilitar o desenvolvimento da criança conforme o seu potencial intrínseco de natureza. Considerando que o critério para fazer pedagogia é a descoberta do *Em Si ôntico*, esta mãe começou a se questionar: “qual é o meu projeto de vida? Quem de fato eu sou? O que realmente quero para mim?” Estas reflexões a levaram perceber que necessitava também ela descobrir a sua verdadeira essência vital, e verificar se o seu Eu estava construído conforme o seu projeto da natureza. E, foi então que iniciou uma investigação acerca dos seus sentimentos, dos seus valores, dos seus princípios e também passou a escutar o seu íntimo, perceber as suas ambições e dar a devida importância à elas. Desta forma, iniciou um caminho no sentido de assumir o controle de sua vida, de suas emoções, dos seus sentimentos das suas prioridades e se colocando em primeiro lugar, fundamentalmente começando a se autoconhecer (MENEGHETTI, 2014; VIDOR, 1977).

Pretendemos, neste estudo, ressaltar as contribuições que a pedagogia Ontopsicológica proporcionaram, principalmente na transformação da relação afetiva entre mãe e filho, bem como no desenvolvimento cognitivo, afetivo e motor da criança. Contextualizando o caso desta mãe com o filho de dois anos, sendo que a gravidez não foi planejada em meio ao curso de Pedagogia, por esse motivo ela foi sofrida, triste e angustiante. Na gravidez não teve alegria em poder gerar um filho, pois como o casal vivia sozinho longe da família a vida de ambos iria mudar muito e a mãe não estava preparada para tais transformações e

nem para a privação da liberdade e ainda ficar ligada a outro ser humano de forma tão intensa. O início foi muito difícil, pois a mãe olhava para aquela criança, somente chorava e pensava o que iria fazer com esta criança a vida inteira. Mas essa mudança tão drástica em sua vida lhe proporcionou outros caminhos que jamais pensou em trilhar, todo aquele sofrimento se transformou em oportunidade de transformar a sua vida ao conhecer a pedagogia Ontopsicológica.

A pedagogia Ontopsicológica lhe proporcionou compreender que em seu papel de mãe era também de formar seu filho como cidadão com responsabilidade, autonomia, com direitos e deveres, a construir relações saudáveis não somente com o filho, mas também com seu esposo. Através desta nova abordagem pedagógica e das contribuições que Meneghetti (2014; 2015; CAROTENUTO, 2013) os pais compreenderam que certos aspectos que pensava ser egoísmo do esposo eram importantes para a sua felicidade e para a educação saudável do filho. Hoje percebe que o esposo apenas buscava e busca a sua auto-realização e, com isso, proporciona à mãe e também ao filho a felicidade, pois ele sendo realizado e feliz também irradia a felicidade à mãe e ao filho. E, isso rompeu com alguns pensamentos fixos sem estar presos à convicções e sentimentos de dependência. A partir do momento em que começaram a colocar em prática estes princípios começaram a viver de modo que cada um é um, não tomando o lugar do outro em seus problemas e aflições, fazendo diferentemente de como era antes de aprender os princípios da ciência Ontopsicológica que constantemente substituíam o filho. Quando foi retirada a compensação que faziam sobre o filho, a qual era vivida como que se a felicidade dos pais dependiam da felicidade do filho, estes realmente começaram a buscar a felicidade individual e de casal. Compreenderam que a felicidade do casal não poderia depender do filho e que essa responsabilidade não era do filho e sim do casal. Houve uma retirada da projeção que faziam sobre o filho e, assim, passaram a responsabilizar o filho pelos seus próprios atos e conduzindo-o a sua autonomia. Neste relato vamos demonstrar como foi acontecendo este percurso de transformação do comportamento da mãe e do pai e também do filho.

2 DESENVOLVIMENTO

Por pedagogia compreendemos, conforme Meneghetti (2014, p. 14) “arte de como coadjuvar ou envolver uma criança à realização”, ou seja,

o adulto - pai ou mãe - devem conduzir a criança à tomar posse de si mesma, de se realizar conforme seu projeto vida e não, com sua existência, realizar os desejos ou projeções dos pais. A díade da relação estabelecida entre adulto e criança é no sentido, do adulto ir conduzindo paulatinamente a criança a autonomia e, por isso, sem ferir a dignidade e o orgulho da criança. Fundamentalmente “*o escopo da pedagogia é realizar um adulto capaz de ser verdadeiro para si mesmo e funcional para a sociedade*” (Grifo do autor) (MENEGHETTI, 2014, p. 211). O objeto de estudo e de análise da ciência Ontopsicológica é a atividade psíquica do ser humano, e conforme Meneghetti (2014, p. 12) “Fundamentalmente, a Ontopsicologia analisa o valor positivo e criativo presente em cada ser humano”. Dessa forma, os relatos que seguem referem-se a aplicação dessas premissas no contexto educativo e nas relações afetivas que os pais estabeleceram com o filho. Em primeiro lugar, portanto, coube verificar o lugar do evento vida, ou seja, como os pais estavam fazendo a condução de sua própria existência e de como estavam também conduzindo esta criança. Nessa primeira verificação, houve a constatação de que os pais, principalmente a mãe, não estava construindo o seu egoísmo vital, e que também as atitudes dos pais indicavam danos em relação ao filho realizar a sua existência como pessoa autônoma.

As crianças sentem tudo o que os adultos sentem e pensam. Quando esta criança nasceu, por ser muito rejeitado no início da gravidez, e porque a mãe sentia-se culpada o tempo todo por tê-lo rejeitado, a relação mãe/ filho tornou-se muito difícil. A mãe relata que ele mesmo não se sentia amado, nem desejado por ela e toda esta negação, se transformava em raiva, birra, desobediência e manipulação. Vidor (1977) preconiza:

A crítica ou a agressão à alguém tem como única justificativa real a descarga de uma opressão interior. Nós agredimos os outros para descarregar o mal que nos aflige a alma. Quem é agredido serve apenas como bode expiatório nosso. Há casos em que uma criança constantemente censurada, age mal ou se lança na delinquência para dar uma justificativa à culpa que continuamente lhe atribuem. (p. 42-43).

Então a mãe foi orientada a observar as suas atitudes bem como os seus sentimentos e pensamentos. E, fazendo uma análise do que estava

sentindo ela percebeu que suas atitudes e ações passavam uma informação em subcódigo⁵ que seu filho atrapalhava a sua vida e os seus projetos futuros, e que não conseguia estudar e nem fazer os trabalhos da faculdade por causa dele. Ela não percebia que a causa daquelas atitudes indesejadas de birra, desobediência e raiva eram por causa desta informação que transmitia ao filho e acreditava que somente poderia corrigir com uma palmada. Após ler e estudar os princípios da pedagogia Ontopsicológica percebeu que se resolvesse os conflitos em seu íntimo seria suficiente para corrigir os comportamentos do filho e também poderia melhorar a convivência com seu esposo. Portanto, todas aquelas atitudes do filho de bater nela, se jogar no chão, bater a cabeça na parede, de dar chutes, puxar o cabelo, arrancar brinco, chorar e gritar eram apenas reflexos dos seus sentimentos e pensamentos em relação à ele, era o modo que o filho respondia a informação que ela mesma emitia inconscientemente por campo semântico.

O filho era “bode expiatório” ou seja, o *outside* que expunha todas as suas frustrações, angústias, tristezas e decepções existenciais, embora, muitas destas, não se relacionavam diretamente com o filho. Também se sentia culpada por tudo que já tinha sentido por ele, mas não sabia como fazer para mudar e nem mesmo acreditava que houvesse como solucionar. Dessa forma, a distância física e emocional entre mãe e filho estava aumentando, e cada vez que se aproximava manifestando amor ele simplesmente a afastava com desprezo e ódio:

As modulações da voz, o contato físico e as atitudes da mãe condicionam mais fortemente a criança a ser de uma determinada maneira. O inconsciente da mãe influencia de um modo mais acentuado do que sua decisão consciente. A potencialidade do filho sempre se concretiza através da mãe. (VIDOR, 1977, p. 25).

Aos poucos a mãe foi percebendo que a criança se moldava em conformidade à ela e que não se dava conta que uma ação, uma atitude, um gesto, uma palavra ou até mesmo o timbre de sua voz influencia

5 Informação de Campo Semântico. O Campo Semântico é uma das três descobertas da ciência Ontopsicológica e significa “comunicação-base que a vida usa no interior das próprias individuações” (MENEGHETTI, 2012, p. 38).

definitivamente na vida do filho e que não apenas pode causar danos no presente mas estes podem desencadear problemas futuros nocivos para ele quando adulto. Pensando neste aspecto e nas contribuições que a sua postura iria impactar na vida do filho começou a modificar suas atitudes: *“convidei ele para conversar, coloquei ele sentado e falei com o espelho da minha alma, pedindo-lhe desculpas por tudo o que já havia pensado, sentido e falado, disse a ele: ‘você é importante para minha vida, mas a minha faculdade e outros afazeres são importantes também e eu me sinto feliz em fazer aquilo que eu gosto, espero de você a sua colaboração para deixar a mamãe estudar porque, é importante pra mim, como você é’”* (Relato da Mãe). A partir deste dia que pediu desculpas ao filho e que gostaria muito de sua colaboração, o filho começou a mudar, embora sendo pequenas, as crianças têm a capacidade de entender e compreender o que se fala a elas. A mãe aprendeu que quando iria falar com o filho a linguagem dos sentimentos deve ser clara e coerente (MENEGHETTI, 2014; VIDOR, 1977). Relata a mãe: *“neste dia sincronizei o meu pensamento com o meu sentimento naquilo que estava falando, ou seja, estava tentando ser o mais coerente possível naquela situação, então ele internalizou e assimilou muito bem a informação que eu estava passando a ele. E senti também que o meu pedido de desculpa não era apenas da boca pra fora, mas do meu íntimo”*.

Na função docente, esta mãe ao se inserir no contexto escolar presenciou muitas atitudes nas crianças em que os pais superprotegem os filhos e eles assim, não conseguem confiar e utilizar a sua essência vital e por consequência estas crianças, desde muito pequenas, acabam sendo derrotadas em seu íntimo (MENEGHETTI, 2014), a exemplo do que também fazia com o seu filho. Os métodos e princípios da pedagogia Ontopsicológica tem como escopo desenvolver um sujeito funcional e realizado interiormente, conduzir este indivíduo a tomar posse de sua vida, de seu potencial. As crianças devem ser livres, fazer escolhas, ser responsáveis, ter autonomia e quando são superprotegidas ela fica dependente emocionalmente, psicologicamente e biologicamente desencadeando o fracasso emocional, intelectual e psicológico. Vidor afirma:

Quando um filho está apoiado numa mãe demasiadamente possessiva e dominadora, facilmente ele se acomoda numa atitude infantil e por isso mesmo, se nega a esforçar-se para crescer. Caso ele se habitue a recompensas gratificantes

que infantilizam, não conseguirá mais desvencilhar-se desta situação cômoda, mas prejudicial. (1977, p. 29-30)

Nesse sentido, aplicando os princípios da pedagogia Ontopsicológica a mãe relata que houveram muitas conquistas: *“primeiro passo conhecendo melhor o nosso filho e como ele funciona, percebi que a mãe é o adulto de máxima referência afetiva, ele é o espelho de minhas atitudes, minhas emoções e sentimentos. Assim meu filho adora livros, músicas clássicas, não dá muita importância para os brinquedos, gosta muito de manusear madeira, pedra, terra e água, coisas que adoro”*. *“A hierarquia dos valores é sempre copiada do adulto”* (Grifo do autor) (MENEGHETTI, 2014, p. 54). Desta forma, ele observa os pais e como consequência os imita e atribui valor e importância para aquilo que ele está vendo neles. Diz a mãe: *“se queremos saber como somos como pais prestamos atenção em nossos filhos, as atitudes deles dizem muito do nosso comportamento”*.

Internalizando esta pedagogia aos poucos começou a entender que seu filho é outro ser, outra pessoa capaz de decidir e fazer suas escolhas. E, na medida em que faz isso, percebe que potencializa nele o livre arbítrio e o poder de escolher e sofrer com as consequências de suas escolhas. Ou seja, responsabilizando ele pelas suas atitudes se atribui ao filho o valor como pessoa para ele administrar suas ações, sem que os adultos, precisem dizer e fazer por ele, promovendo nele a sua capacidade de ser por si, ser pessoa *“Lat. per se esse = ser por si”* (MENEGHETTI, 2012, p. 211). Relata a mãe: *“aconteceu que ele queria subir no sofá. Obviamente ele consegue, mas a roupa que estava vestindo limitava os movimentos necessários para subir. Ele pediu para que o pai o colocasse lá. O pai respondeu: ‘sobe que tu consegue, tu já subiu aí’! Então ele pensou, foi no quarto pegou uma cadeira, levou até a sala e a utilizou como um degrau para subir no sofá”*. Essas pequenas coisas auxiliam a criança a pensar e encontrar soluções para os seus pequenos problemas e assim, os pais o preparam para enfrentar as adversidades que a vida vai lhe oferecer no amanhã. Conforme Meneghetti (2014, p. 88) a criança foi provocada em sua autenticidade criativa *“a esse nível surge o sentido genial da criatividade. Começa a gerar, a fazer autogêneses, autoproduções, autoctise histórica evolutiva”*.

A criança toma posse de si, do seu corpo e a partir de conhecer seu corpo é capaz de fazer as coisas por si mesmo. Conforme Meneghetti *“O Eu nasce do processo de conscientização do próprio corpo, nasce*

do processualmente no ter do próprio corpo” (2014, p. 177. Grifo do autor). A partir da posse de si, de conhecer o seu corpo, a criança tem a possibilidade de reconhecer suas potencialidades e limitações e então pode decidir ultrapassar limites ou permanecer acomodado. Quando os pais proporcionam à criança se autoconhecer estão investindo no seu crescimento e no seu desenvolvimento. Segue outro relato da mãe: *“o M. estava brincando com uma bolinha bem pequena e essa bolinha foi parar debaixo de um armário e ele foi tentar tirar a bola de lá. E, ao levar a sua mão e braço na primeira e na segunda vez que aconteceu isso, ele conseguiu pegar a bola, mas na terceira vez, a bola foi onde seu braço não alcançava. Então pegou um livro na tentativa de com ele poder pegar a bola debaixo do armário. E, assim foi testando vários objetos: livros maiores, canetas até um porta-retrato ele utilizou para tentar pegar a bola”*. A mãe percebeu que com isso além de fazer ele pensar em soluções para seus problemas, promoveu também a noção de espacialidade, noções de medidas, noção de distância, raciocínio lógico, funções que o intelecto precisa exercitar para que se desenvolva.

São situações práticas do dia-a-dia que visa desenvolver o ser humano integralmente, as crianças entendem tudo. Considerando este princípio os pais passaram a proporcionar a interação do filho com as mais diversas situações a fim de que ele buscasse encontrar a sua maneira de resolver os seus pequenos conflitos. A mãe conta que: *“estávamos em uma festa de aniversário de criança e haviam poucos balões de um certo tipo e o M. havia conseguido um para ele. Estava segurando e aproximou-se uma menina de 4 anos de idade para pegar o balão dele (ele na ocasião tinha 1 ano e 11 meses). O pai, vendo a situação, começou a reagir no intuito de pegar o balão para proteger para o M. Então eu disse ao meu marido: ‘se o M. quiser dividir, ele vai dividir, mas se ele não quiser ele vai ter que proteger; vai cuidar’! A menina pegou e puxou o balão da mão dele e, ele puxou de volta em sua direção e saiu correndo com o balão”*. Deste momento em diante, também o pai, começou a parar de superproteger o filho e assim, continuamente, estão progredindo no sentido de atingir o escopo prático da pedagogia Ontopsicológica com filho que é “educar o sujeito a fazer e a saber si mesmo: fazer uma pedagogia de si mesmo como pessoa líder no mundo, educar um Eu lógico histórico com capacidades e condutas vencedoras” (MENEGHETTI, 2014, p. 14).

A partir dos conhecimentos dos princípios da Pedagogia Ontopsicológica os pais foram auxiliando o filho a se construir com autonomia e

responsabilidade. A criança, por natureza, sabe identificar momento a momento qual é a conduta vencedora, e embora de modo muito primário ainda, começa a exercer a dupla moral, a distinguir quando se trata de atuar a moral ôntica ou a moral sistêmica. A moral ôntica é aquela conforme a sua essencial vital, agindo em conformidade com o seu projeto de natureza. A moral sistêmica é aquela constituída pela sociedade, família, religião, e está constantemente intrínseca no contexto no qual o sujeito vive. Agindo dessa forma, os pais começaram a proporcionar ao filho a capacidade de identificar qual moral seguir e escolher nas adversidades para sobressair naquela situação e tornar-se um verdadeiro líder (MENEGHETTI, 2014). A mãe relata situações em que demonstram que com as mudanças de atitudes que fizeram, perceberam que o filho tem a iniciativa de repartir aquelas coisas que tem suficientemente para ele e não repartir aquilo que se desse ficaria sem e sofreria com isso. Conta a mãe *“eu observei que na escola, ele voluntariamente oferece a sua merenda para os coleguinhas porque sempre leva mais do que o suficiente para ele, mas como nos casos do exemplo anterior do balão, ele busca proteger o que entende que é só seu e que se desse ficaria sem”*. Eis então, que começa a ter critérios de quando pode repartir ou não. Também aqui, podemos identificar o profundo sentido do amor, sendo apenas possível dar, aquilo que efetivamente possui.

A criança como um ser dotado de muita capacidade analisa e aprende dos adultos de seu convívio e a partir disso começam a agir em vantagem própria (identidade e utilitarismo funcional), percebendo as fraquezas e fragilidades da mãe e do pai ela age para conquistar o que ela quer. Conta a mãe outra situação: *“estávamos brincando no pátio com a bola, eu e o M., ele jogou a bola para debaixo do carro e pediu para eu pegar, respondi que ele havia jogado e ele tinha que pegar. Começou a chorar e fazer birra, afirmei: você jogou, pense em um jeito de tirar, a responsabilidade é tua. Após tentar entrar debaixo do carro e ficar por muito tempo tentando foi pedir ajuda ao pai, e o pai disse que ele tinha que tirar a bola, então ele começou a chorar para comover o pai, e o pai caiu na chantagem emocional e foi tirar a bola, e, antes de tirar a bola de lá eu intervi. Quando o M. percebeu que não iríamos fazer por ele, começou a procurar no pátio saídas para seu problema encontrou um galho, mas era muito pequeno, então sugeri que ele pegasse um maior; ele foi e pegou um menor... pois ainda não tinha noção de tamanho. Expliquei o que era grande e pequeno... ele foi e encontrou um galho*

bem grande para tirar a bola de debaixo do carro”. Neste exemplo a mãe percebeu que o filho os observa e age por vantagem própria, nem que com isso, tenha que manipular os sentimentos e emoções dos pais. E, não caindo neste jogo da “ditadura do bebê” (MENEGETTI, 2014), também é possível proporcionar a ele o desenvolvimento de noções de grandeza, espacialidade, tempo, persistência...

Outra aprendizagem que a mãe fez foi que ao nos direcionarmos para as crianças temos que ser leais e honestos, pois as crianças são capazes de entender a linguagem das nossas emoções e quando não utilizamos esses princípios a criança reage com birra, agressão, desobediência e choro. Ela conta outra situação: *“quando o pai saiu para comprar leite o M. queria ir junto, mas não o deixamos. Então ele começou a chorar. E, como estava no meu colo me agrediu. Neste momento, mantive-me calma, larguei ele no chão e simplesmente disse: ‘eu não quero conversar com você, estou muito triste e brava pelo o que aconteceu e, se você chegar perto de mim eu vou fazer o que nem eu e nem você queremos e, vai ficar muito ruim a nossa relação’.* Ele imediatamente saiu de perto não me procurou mais. Quando o pai chegou em casa ele corre na direção do pai, pega o leite e começa a me alcançar um por um os litros de leite, na intenção de reestabelecer a nossa relação amigável. No momento em que me dirigi a ele fui extremamente honesta e leal, falei com a linguagem das minhas emoções conforme o que estava sentindo”. Esse momento proporcionou a mãe a tomada de consciência de que as crianças são capazes de pensar e decidir, elas sabem também as consequências de suas ações e atitudes. Percebeu que quando age em desconformidade com seu íntimo e com aquilo que acredita e sente perde a autoridade com o filho e de qualquer outra criança ou até mesmo pessoa.

A mãe percebeu ainda que o filho imita os adultos, pois observam o adulto realizar uma atividade diária em casa como lavar louça, varrer a casa, escovar os dentes, e sentem a necessidade de realizar estas ações, na vida real. Ela sente prazer em fazer as coisas que os adultos fazem, conta a mãe: *“nosso filho é estimulado a escovar os dentes sozinho”*.

Segundo Meneghetti (2014), o ser humano é um curioso ativo, deste modo às crianças são cientistas naturais estão o tempo todo experimentando, testando, fazendo descobertas e o papel da mãe é auxiliar, conduzir e guiar essas descobertas. A mãe relata outra situação que revela que se deu conta de sua função: *“estávamos na pracinha e todas as mães estavam por perto cuidando de seus filhos, haviam algumas crianças*

mais velhas e outras mais novas, eu apenas observava de longe cuidando quais seriam suas atitudes e ações. Em um determinado momento, o M. começou a subir uma escada para descer o escorregador os degraus são longe e precisa esticar muito a perna para alcançar. Na primeira vez subiu dois degraus e desceu, na segunda subiu três degraus e desceu... na quinta vez, ele subiu todo os degraus e sentou esperando que eu ajudasse ele a descer no escorregador. Apenas lhe disse: 'M., desce devagar e se segura!'. Ele desceu e caiu. Veio chorando desesperado e eu lhe disse: foi só um tombo, vai lá e tenta de novo. De minha parte, acompanhei ele de mais perto e fiquei próximo dando a ele a segurança necessária para aquele momento ele criar coragem e por si mesmo, tentar novamente. E ele foi e conseguiu". Nessa experiência o seu filho fez várias aprendizagens: superar a frustração do fracasso que as demais crianças ou mães que estavam ao redor também viram que ele teve, conhecer seus limites, autoconfiança, respeitar a vez do colega sem intervenção do adulto (tenham mais crianças querendo descer no escorregador), novas emoções e sensações e proporcionou um amplo desenvolvimento motor.

A mãe conta outro episódio que revela a sua transformação como mãe: *"o M. sempre teve muito medo do aspirador de pó. Toda vez que íamos ligar o aspirador de pó tinha que ser em dois, um para aspirar e outro para segurar o nosso filho enquanto ele chorava e se agarrava, pois antes, nós aproveitávamos esta ocasião como gratificação de poder ter ele em nosso colo e 'passar segurança' a ele"* – jogo de gratificação infantil, da parte do adulto (MENEGETTI, 2014). Continua a mãe: *"estudando e compreendendo nosso filho, percebemos que ele é muito esperto, pois naquela situação de medo percebendo a gratificação recebido, mesmo nós dizendo que não precisava ter medo, ele sabia porque respondia a uma informação de Campo Semântico, nós intencionávamos como um momento muito bom que recebíamos seu carinho e ficávamos abraçados com ele"*, os pais portanto, percebem que buscaram a gratificação infantil do filho (MENEGETTI, 2014). A mãe complementa: *"e, como ele adora chimarrão e 'comer a erva', dei a ele para brincar, pois como as crianças imitam os adultos e nós tomamos muito chimarrão, ele também gosta de manusear a cuia, e espalhar pela casa a erva. Quando o pai chegou em casa, nós dois conversamos com o nosso filho: 'M. você espalhou a erva, agora vai ter que limpar a bagunça, vamos ligar o aspirador e você aspira'. Imediatamente ele responde: 'medo'. Com toda calma, paciência, tranquilidade e principalmente confiança falamos:*

‘não precisa ter medo’. Ligamos o aspirador e ele começou a aspirar a casa por onde havia espalhado a erva. Quando conversamos com o M., usamos as linguagens dos sentimentos e como um ser dotados de muitas capacidades compreendeu que nós estávamos confiantes e seguros do que estávamos falando e pedindo para ele fazer”. Conforme Vidor (1977) é a família que constrói na criança os medos e alimenta-os para ter as gratificações ou a compensação, percebemos no exemplo que os pais possibilitaram ao filho ser exatamente como ele é, com capacidades de enfrentar o seu medo e superar os desafios responsabilizando pelas suas atitudes e escolhas.

A criança propõe muitos jogos no comportamento e na sua interação com os adultos a fim de manipular e conseguir aquilo que elas de fato querem. Quando o adulto joga com ela percebemos que suas atitudes mudam. A mãe conta outra situação que ilustra este princípio: *“quando o pai chamava atenção do M. para algo que ele não deveria fazer, ele vinha até mim e dizia: ‘papai.... bigou M.! Emboia’. E, quando eu chamava atenção dele ele ia até o pai e dizia: ‘mamãe... bigou; M.! Emboia’. Até que, em um dado momento, o M. chega para o pai e faz esse mesmo jogo. O pai entrou no jogo dele, e lhe respondeu: ‘Mas tu vai embora com o que? De Motoca, bicicleta, ônibus ou a pé?’”*. Neste jogo estabelecido com o filho, fez com que ele parasse de ter essas atitudes, é simplesmente uma brincadeira, uma tentativa de manipulação, mas quando o adulto entende esse jogo pode de modo simples eliminar aquelas atitudes indesejadas que depois utilizará ao longo de sua vida.

Todos esses aspectos e momentos estiveram sempre presente o protagonismo responsável, aquele que desafia e potencializa a criança a pensar e agir por si mesma, a se mover por suas próprias capacidades, o protagonismo inteligente em contrapartida ao infantil. Esses crescimentos e desenvolvimentos que os pais a partir deste conhecimento começaram a oportunizar ao filho, primeiramente na busca do egoísmo sadio do casal (VIDOR, 1977; MENEGHETTI, 2014). Buscando a própria autorrealização como pessoas distintas os pais, demonstram confiar em suas capacidades e buscar a própria felicidade. Somente podem despertar a autoconfiança no filho quando passam a acreditar nele, na capacidade de decidir, de escolher e resolver os seus conflitos. O cuidado constante é oportunizar ao filho o crescimento e desenvolvimento conforme o seu projeto de natureza, o seu Em Si Ôntico, e não aquilo que os pais entendem e querem para as suas vidas.

3 RESULTADOS

Seguindo os princípios da pedagogia Ontopsicológica estes pais estão aprendendo a “arte do como coadjuvar ou em volver uma criança à realização” (MENEGHETTI, 2014, p. 14), proporcionando ao filho a experiência de ser sujeito histórico, conforme o seu projeto de natureza e sua essência vital, com capacidades e condutas vencedoras a fim de responder positivamente a todos os momentos de sua vida. Esta nova abordagem pedagógica propõe a constante construção histórica da consciência da criança em contato com o seu verdadeiro Eu. Os pais perceberam que o papel de adultos é auxiliar o filho a enfrentar por si mesmo, de modo responsável os momentos que o colocam em medo, dúvidas, desafios, dificuldades principalmente. Dessa forma, levam o filho a aprender em seu íntimo o critério baseado em si mesmo (capacidades, dignidade, responsabilidade, autonomia, confiança ...) e não ao que os outros querem (pais) – doxa societária (MENEGHETTI, 2014).

No Quadro 1, a seguir, fizemos uma breve síntese das transformações dos pais:

COMPORTAMENTO SEM A PEDAGOGIA ONTOPSICOLÓGICA		
PAI	MÃE	FILHO
Sempre gritando	Sem paciência	Birras
Sem paciência	Dava palmada	Choro
Ameaçando de dar palmadas	Rejeitava o filho	Agressão
Fazia todas as vontades	Sentia como um ser que atrapalhava na sua vida	Sem autonomia
Contestava tudo o que a mãe fazia para reprimir o comportamento do filho	Fazia tudo para o filho	Não obedecia
Excesso de carinho		Teimoso

COMPORTAMENTO COM A PEDAGOGIA ONTOPSICOLÓGICA

PAI	MÃE	FILHO
Falando com mais calma	Mais paciência	Parou com as birras, teimosia e choro.
Conversando e explicando	Conversando com calma e tranquilidade	É responsável
Parou de fazer todas as vontades	Sendo coerente naquilo que fala, pensa e sente.	Resolve seus conflitos, problemas e desafios.
Começou a dialogar com a mãe	Eliminou sentimentos ruins	Ouve mais os pais
Com mais paciência	Acredita na capacidade do filho	Tem autonomia
Confiando mais em si	Aprendeu a conhecer o filho	Tem autoconfiança
Não faz mais carinho todo o tempo para o filho	Se auto realizou	Faz escolhas
Em uma relação conjugal mais feliz	Em uma relação conjugal mais feliz	É mais feliz e realizado

Quadro 1 – *Comportamentos sem e com a Pedagogia Ontopsicológica*
Fonte: Autores, 2016.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com princípios da pedagogia Ontopsicológica percebemos que o adulto é a peça-chave, pois é ele que propõe por meio da díade que estabelece com o filho a evolução ou a regressão. Percebemos que fundamental é o adulto buscar o seu autoconhecimento e a sua autorrealização para então poder auxiliar o filho nesse processo de amadurecimento, crescimento e desenvolvimento. *“Somente os filhos que crescem em um sadio egoísmo de casal serão pessoas auto-realizadas, porque a primeira educação que receberam foi aquela da alegria e de como busca-la”* (Grifo do autor) (MENEGHETTI, 2014, p. 26). Os pais perceberam que ao fundamentar as suas ações na pedagogia Ontopsicológica oportunizaram ao filho encontrar-se com sua essência vital e o quanto isto tem favorecido o seu desenvolvimento integral e também para eles que são pais. A educação de um filho é uma experiência que traz grandes

mudanças e transformações na vida da mulher, do homem, e do casal. Com a chegada do bebê, algumas situações e momentos importantes e que traz a felicidade para cada adulto e ao casal acabam ficando para trás. E, ao estudar e conhecer esses princípios o casal reestruturou a sua relação em família de modo muito mais útil e funcional, não agredindo também a sua intimidade de pessoas adultas.

Os pais perceberam que, apesar do filho ser muito importante para eles, ele não é mais do que a si mesmos. A felicidade do filho está diretamente relacionada com a felicidade e a realização da mãe e do pai. Entenderam que a hierarquia de prioridade é a individualidade de cada um deles, depois o casal, e por fim, o do filho. Aprenderam a afirmar em todos os momentos a capacidade do filho escolher, de pensar e mover-se sozinho, de autonomia, de responsabilidade, de um ser totalmente capaz de se autoconstruir.

Esta nova abordagem pedagógica possibilitou uma construção de relações saudáveis, pois eliminaram as birras, desobediências, choros, gritos e principalmente o fazer as coisas por ele e para ele. Assim, os adultos devolveram à criança o seu direito de implicar-se nas suas descobertas, nas suas aprendizagens, nas suas decisões, nos seus conflitos podendo tomar posse de si, sua vida, seus conhecimentos, suas limitações e potencialidade a fim de se desenvolver integralmente e perceber as coisas e o mundo pelos seus olhos e suas experiências. Os pais aprenderam a favorecer que o filho faça as suas experiências sozinho porque julgam ser o melhor sem privá-lo da crueldade do mundo e dos perigos das coisas. Em alguns momentos alertam sobre alguns riscos, mas deixam o filho vivenciar tais situações, intervindo diretamente apenas quando existir algum risco de vida.

REFERÊNCIAS

CAROTENUTO, M. **A Paideia Ôntica: dos Sumérios a Meneghetti**. Recanto Maestro/RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2013.

MENEGHETTI, A. **Dicionário de Ontopsicologia**. 2. ed. Recanto Maestro/RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012.

MENEGHETTI, A. **Do humanismo histórico ao humanismo peregrino**. 2a. ed. Recanto Maestro/RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014.

MENEGHETTI, A. **Pedagogia Ontopsicológica**. 4. ed. Recanto Maestro/RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014

VIDOR, A. **Relação entre pais e filhos e origem dos problemas**. Passo Fundo: Berthier. 1977.

APÊNDICES

1 – Fotos do arquivo pessoal: Filho lavando o carro com seu Pai.

As fotos descrevem o momento em que o pai estava lavando o carro da família, ele também queria lavar a sua moto então demos esponja, balde e sabão e depois deixamos manusear a mangueira com água para tirar a espuma da moto.

2 – Fotos do Miguel aspirando erva mate que havia derrubado no chão (Arquivo Pessoal)

ESCOLA DA VIDA: O INÍCIO DE UMA TRAJETÓRIA DE VALOR¹

Patricia Michelotti 2 - Antonio Meneghetti Faculdade

1 INTRODUÇÃO

A Antonio Meneghetti Faculdade teve seu primeiro curso autorizado pela Portaria nº 1.071/2007-MEC, em dezembro de 2007. Desde lá, alcançou seu quinto curso de Graduação, em 2017, atuando, também, na pós-graduação. Em pouco mais de 10 anos, multiplicou 16 vezes a quantidade de seus alunos, segundo dados da Secretaria Acadêmica da Instituição de Ensino Superior (IES), e viu-se, cada vez mais, acolhendo alunos oriundos de diversas regiões do estado e do Brasil. Valorizando a população local, investe fortemente na inserção de alunos do interior – especialmente moradores da Quarta Colônia de Imigração Italiana do RS. Nesse tempo de atividades, professores e gestores da Antonio Meneghetti Faculdade vêm constatando, dentro e fora da sala de aula, que os jovens chegam cada vez mais “crus”, sem experiência profissional e voltados para um mundo cheio de imagens e tecnologia, mas distantes da realidade em que vivem. Os jovens adentram na IES sem consciência da lógica social, que ensina que o ganho só vem com o ônus – do trabalho, do estudo, da boa convivência. Voltados para fora de si, esquecem-se de explorar suas potencialidades e, acostumados com o assistencialismo das famílias, não valorizam seu mérito.

Observando a vida de muitos jovens, nota-se uma constante fuga de si mesmos e pouco a pouco as circunstância, a sociedade, a vida os consomem. Depois, ao improviso, se pretende conseguir, vencer, ganhar, ser realizados; e às vezes um sujeito acredita que seja importante uma coisa que na realidade é estúpida, isto é, coloca formas de importância onde na realidade não existe (MENEGETTI, 2017a, p. 102).

¹ Trabalho premiado no...

A partir dessa experiência, a Fundação Antonio Meneghetti, em parceria com a Faculdade Antonio Meneghetti (AMF), desenvolve, desde 2017, o Projeto Escola da Vida. O Projeto busca um resgate de valores humanistas, trazendo elementos que instiguem uma nova forma de ser, em que os jovens se emancipem e tragam resultado de valor para o ambiente em que estão inseridos. Junto desse resgate, o Escola da Vida caminha para atingir a Agenda 2030, dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), estabelecidos pela Organização das Nações Unidas (ONU). Neste trabalho, portanto, tem-se por objetivo demonstrar como o Projeto Escola da Vida promove uma cultura humana e de valorização integral da vida dos jovens acadêmicos que residem no Recanto Maestro. Além disso, os objetivos específicos apresentam cada uma das oficinas ministradas; trazem a importância do trabalho e do bom uso do tempo livre para os jovens e demonstram os resultados gerados com a primeira edição do Escola da Vida.

Para alcance dos objetivos, neste trabalho, configura-se uma pesquisa descritiva das ações e resultados já alcançados com as oficinas. No primeiro momento, então, serão apresentados o contexto de realização do Projeto, posteriormente, a forma de ação com as oficinas específicas e, por fim, os resultados já alcançados.

2 PEDAGOGIA ONTOPSICOLÓGICA E DESENVOLVIMENTO INTEGRAL DO INDIVÍDUO

A AMF surgiu com a proposta de inaugurar um novo cenário do ensino superior brasileiro, que une o desenvolvimento humano ao progressivo crescimento econômico e social. É uma instituição pautada na lógica da cultura humanista, da interdisciplinaridade segundo a abordagem ontopsiológica proposta de ensino, que visa a preparar homens aptos a resolverem as constantes demandas da sociedade em contínua evolução.

Esta escola, este projeto, quer dar uma possibilidade de responsabilidade. Isto é, chamarmos novamente, recordamos desta palavra: responsabilidade. Porque também o nosso filho, a nossa criança possui uma alma, um gênio, um Em Si ôntico, possui a presença do deus da vida, e deve revelar-se, deve sofrer. Então, já iniciar uma formação, uma escola, sem ser de nenhuma forma racista – procurem compreender – a vida possui uma única pedagogia, nós podemos mudar

quanto, como quisermos, de acordo, mas a vida possui uma única escola: a seleção do mais forte. O mercado é a seleção do mais forte, a política é a seleção do mais forte, não há nada o que fazer (MENEGETTI, 2011, *apud* ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ONTOPSICOLOGIA, 2014).

A Pedagogia Ontopsicológica, já trabalhada há mais de 10 anos na AMF, tem a missão de incentivar o desenvolvimento dos jovens na proporção da sua real força de trabalho e estudo. Para isso, a Faculdade já investe numa educação integral dos seres humanos. Conforme o livreto Cultura e Educação, a AMF traz, na sua prática, os valores humanistas.

São suscitados os valores da sociabilidade, vida ativa, dignidade do homem e a liberdade e, para isso, não se restringe apenas à formação técnica, mas em portar um sentido de valor na formação integral dos educandos, utilizando para tal a literatura clássica, a poesia, o teatro, a dança e a música clássica como atividades formativas complementares à técnica profissional (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ONTOPSICOLOGIA, 2015, p. 37).

Pensando sempre em atender a essa proposta e identificar os problemas que vinham junto com os alunos ingressantes, a IES buscou alternativas para caminhar ainda mais ao encontro de seus princípios. Foi, então, que surgiu a parceria com a Fundação Antonio Meneghetti, para o início do Projeto Escola da Vida. A Fundação Antonio Meneghetti tem como finalidade primeira do seu estatuto “desenvolver a cultura humanista segundo os preceitos da Organização das Nações Unidas” (ESTATUTO DA FUNDAÇÃO, 2010), para isso, apoia instituições e ações que tenham objetivo de qualificar a cultura humana. Dessa forma, a parceria com a Fundação veio para dar corpo e formato ao Projeto Escola da Vida.

Para relatar como o Projeto Escola da Vida colabora para a visão de um ser humano integral, desenvolve-se esta pesquisa que descreve o Projeto, seus objetivos principais e sua forma de atuação. São descritas, portanto, cada uma das oficinas ministradas, trazendo o ponto central da temática. Por fim, os resultados foram analisados em base de dados quantitativos, obtidos pelas chamadas e documentação entregue pelos participantes, e qualitativo, por meio de depoimentos anônimos dos alunos.

3 O PROJETO ESCOLA DA VIDA

O projeto Escola da Vida faz parte das atividades atribuídas aos alunos ingressantes na AMF que façam uso de um ou mais dos seguintes benefícios oferecidos pela Fundação Antonio Meneghetti:

- a) Bolsa Identidade Jovem (residindo no Recanto Maestro);
- b) Casa do Estudante – Residência Pedagógica;
- c) Desconto para estudantes nos condomínios residenciais.

As oficinas são ministradas, atualmente, quatro vezes na semana, no período matutino, e, essencialmente, têm como objetivo tirar os jovens que estão iniciando a graduação da inércia e colocá-los em um movimento físico e intelectual, tendo como escopo a colocação no mundo do trabalho e da ação. Por meio de aulas, prepara-se o jovem para buscar oportunidades de trabalho ou desenvolvimento pessoal, através de assuntos atuais, sem esquecer da importância de aprimorar-se dia a dia. Entendendo também que a falta de visão e a dificuldade de aproveitar oportunidades é um problema de parte da geração que atualmente adentra ao ensino superior, manteve-se o projeto como critério para a manutenção dos benefícios apontados. São dispensados das atividades os alunos que começam a trabalhar, mediante apresentação de um atestado que comprove a situação.

As aulas surgem, principalmente, como proposta de bom uso do tempo livre dos jovens que não estão trabalhando, proposta já apontada pelo Acadêmico Professor Antonio Meneghetti.

Muitos jovens vivem o tempo livre sem fazer nada de simpático para si mesmos [...]. Ao invés disso, é importante melhorar alguma coisa do próprio *habitat* e fazer naquele dia aquilo que se faria amanhã. Se, depois de tudo isso, sobra ainda tempo, então se pode iniciar uma outra estrada, aprender uma oportunidade a mais: ler um livro, estudar uma língua, aprender a tocar, a cantar, a vestir-se, estudar para um novo diploma, especializar-se em um setor etc. Trata-se de investir o tempo em alguma coisa de providencial para si a fim de aumentar a própria oportunidade de trabalho e de liderança, e os modos são tantos (MENEGETTI, 2017a, p. 107).

Majoritariamente, as aulas são ministradas por alunos da graduação ou pós-graduação da Faculdade, ou seja, também jovens, mas com uma trajetória um pouco mais longa e já com experiência de trabalho e estudo. Além disso, são convidados professores e profissionais que atuam dentro e fora do Recanto Maestro para o desenvolvimento das aulas.

Barbieri (2014) aponta a função de organizar oficinas com ministrantes que incentivem os jovens.

Embora o jovem sinta e tenha consciência de ser um grande potencial, este ainda não foi concretizado, é apenas uma possibilidade. Para se tornar real, deve trilhar um longo caminho, deve conquistar e demonstrar concretamente esta potencialidade. Mais do que isso, os adultos, mesmo que imperfeitos, podem dar passagens e instrumentos que o jovem poderá utilizar com qualidade superior num futuro (BARBIERI apud Associação Brasileira de Ontopsicologia, 2014, p. 60-61).

A grande diversidade de ministrantes se dá pela necessidade de demonstrar aos jovens a variedade de habilidades que podem ser desenvolvidas, trazendo oportunidades e ganho. Assim, os ministrantes são técnicos competentes nas áreas que se propõem e que estão descritas na próxima seção.

4 AS AULAS: GRUPOS DE CONHECIMENTO

Com o andamento do Projeto, foram feitas experiências de temáticas com professores, alterando frequência e duração das oficinas. Mas tem-se, de maneira já consolidada, uma base de princípios e temáticas. Dessa forma, enquadraram-se essas oficinas em projetos já existentes na Fundação Antonio Meneghetti, com temáticas que, portanto, estão alicerçadas nos valores humanistas, de formação de um ser humano integral. Os temas ministrados das aulas seguem descritos abaixo, com o aporte teórico que justifica sua execução.

4.1 ESTILO DE VIDA

As aulas que trazem relatos de profissionais bem-sucedidos, falando sobre sua trajetória e sobre recursos que utilizaram para conquistarem

sua realização pessoal, são incentivadas. . Por meio de casos e situações do cotidiano, instigam-se os alunos a buscarem sua excelência e perceberem que os bons resultados virão de sua dedicação e esforço, com muito trabalho e estudo.

Aquele “vazio” que coisa se torna? Um espaço para encher, para “esculpir”, uma página branca para escrever. Naquele ponto, a vida se ilumina de imensidão e cada um se sente no centro do universo, ainda que os outros não o saibam . Mas ele é (MENEGHETTI, 2017a, p. 110).

Dentro desse grupo, os alunos recebem aulas sobre apresentação pessoal, incentivando-os a buscarem uma forma coerente de vestir-se de acordo com o ambiente em que estiverem inseridos. Outra temática abordada, em consonância com o estilo de vida, vem por meio de alunos da AMF que já realizaram viagens de estudo em âmbito regional, nacional ou internacional., convidados a compartilhar suas experiências e a importância da internacionalidade na formação dos jovens.

Também entendendo a nossa alimentação como parte compositiva do que somos, os alunos do Escola da Vida recebem aulas sobre princípios de Cozinha Viva: organização do espaço, cuidado com a origem dos alimentos, companhia para as refeições e cuidado com o que é preparado. Meneghetti (2017a) traz um trecho que exemplifica a importância dessas oficinas para os jovens:

Cada dia nos nutrimos, e com o comer e o beber estamos em constante metabolismo basal com o nosso planeta: estamos neste planeta e vivemos deste planeta. Saber selecionar com bom senso e bom gosto – portanto, com arte – o nosso alimento significa nos tornarmos presenças artísticas (MENEGHETTI, 2017a, p. 113).

Além do preparo de almoços, essas oficinas também dão conta de que os próprios alunos limpem e organizem o espaço após o utilizarem.

Entre outras temáticas, essas aulas têm o objetivo de dar a dimensão do poder que cada jovem pode assumir, investindo em si mesmo.

Esta oficina busca trazer bases gramaticais e de literatura para o conhecimento integral dos jovens. Usam-se, ainda, essas oficinas para

trabalhar a lógica da construção textual, especialmente em textos acadêmicos. Os alunos têm contato com produções científicas e são incentivados a fazerem suas próprias produções, estudando as principais partes de cada gênero selecionado, para que possam expandir os conhecimentos adquiridos dentro da IES para a comunidade e demais instituições. Busca-se trazer, também, um conhecimento de literatura clássica, resgatando grandes autores e grandes narrativas consagradas mundialmente.

4.2 NÚCLEO DE ESPORTES

Partindo da premissa de que qualidade de vida implica um corpo saudável, o esporte é prática dentro do Escola da Vida, incentivando os alunos a cuidarem de sua principal morada – seu corpo. O professor Antonio Meneghetti, em suas conferências, também ressaltou a importância do esporte no tempo livre, especialmente esportes em grupo:

O tipo de atividade esportiva que aconselho é um esporte de autoliberação feito com um grupo de amigos. Esse é o verdadeiro esporte vital. Não é uma atividade agonística, mas qualquer esporte de grupo, porque o grupo faz socialidade, dialética, conjunto e cria um reforço de personalidade (MENEGETTI, 2017a, p. 103).

Além disso, o esporte dá vazão a diversos sentimentos, possibilita um autocontrole e autoconhecimento essenciais ao desenvolvimento integral do ser humano.

4.3 TEATRO

Para incentivar os alunos a terem mais conhecimento sobre si e seu corpo, ao mesmo tempo em que ameniza a timidez, foram inseridas no projeto aulas de técnica teatral. Além do benefício individual para o aluno, essas aulas têm o objetivo de criar um grupo forte de teatro que represente a AMF em festivais estudantis.

4.4 JOVEM E TECNOLOGIA

Sabendo que o domínio de alguns recursos tecnológicos é imprescindível para a entrada no mercado de trabalho, também são organizadas oficinas de informática básica que trabalhem com planilhas e editores de texto; além de recursos em nuvem e *hardwares* de computadores.

4.5 OIKOS: RECICLAR E PRESERVAR

O Oikos é projeto de educação ambiental que parte do princípio de que o meio ambiente é nossa casa, portanto é essencial que se tenha responsabilidade e cuidado com ele. Por meio dessas oficinas, os alunos de graduação, participantes do Escola da Vida produzem e cultivam hortas no Recanto Maestro, podendo, posteriormente, consumir as hortaliças. Quando se fala de sustentabilidade, fala-se no “crescimento que atenda aos requisitos ecológico-econômico-social-cultural” (FUNDAÇÃO ANTONIO MENEGHETTI, 2018, p. 15). Portanto, trazer ao homem a lógica de sustentabilidade é promover a ecobiologia. Ao encontro disso, Meneghetti (2017b) aponta: “A vida é sempre ordem e hoje o problema não é o homem: é este planeta. Se o humano saberá amá-lo segundo as suas intrínsecas leis, então está garantido o bem-estar também para todos os humanos” (MENEGHETTI, 2017b, p. 20).

As aulas de educação ambiental, assim, visam a trazer a lógica de cuidado com o espaço onde o homem habita, promovendo, por consequência, o seu bem-estar.

Os grupos de conhecimento, assim organizados, estão ainda em fase de experimentação, sendo que são adaptados conforme as demandas dos alunos. Mas os resultados apresentados até o momento demonstram que as oficinas têm sido um passo ao encontro do desenvolvimento integral dos alunos da AMF, propiciando a abertura de novas perspectivas e a consequente valorização do trabalho e estudo. Os ganhos obtidos até o momento são explicitados no item a seguir.

RESULTADOS

De maneira quantitativa, podem-se fazer algumas análises que demonstram resultados efetivos do projeto no desenvolvimento dos alunos. Durante a primeira edição, ao longo de 2017, o Projeto teve um fluxo muito grande de participantes. As primeiras oficinas contavam com cerca de 80 alunos que ingressaram no primeiro e segundo semestres letivos de 2017. Algumas evasões aconteceram por motivos diversos, mas a grande maioria dos alunos que saiu do Projeto justificou sua desistência, já que começaram a desempenhar alguma atividade profissional, como estágios e, até mesmo, efetivações. No final do segundo semestre, o número já estava bastante reduzido e, ao final do ano, cerca de 24 alunos não estavam inseridos no mercado de trabalho, sendo que,

desses, cerca de 14 tiveram alguma experiência profissional ao longo do ano. Por meio do registro de presenças e documentações de justificativa de falta, constatou-se que, ao final da edição de 2017 do projeto, 67% dos alunos participantes conseguiram uma colocação no mercado de trabalho já no primeiro ano de graduação, demonstrando a mudança de postura pela qual passaram.

Em uma análise qualitativa, trazida pelos próprios participantes, que perceberam a importância dos conteúdos para sua formação profissional e acadêmica, a estatística gerou depoimentos de alunos beneficiados pelo Projeto, na edição de 2017, em um questionário anônimo, ao final do 1º semestre.

É um ótimo projeto envolvendo alunos que estão sem emprego, e são ótimos professores, a Patricia [coordenadora do projeto] é muito legal ela entende todos alunos e nos ajuda um monte, sempre de boa vontade e carisma [...] (Depoimento Anônimo).

Estou bem satisfeita, pois estou ocupando meu tempo com atividades somáticas, que só tem a agregar na minha formação (Depoimento Anônimo).

Estou achando muito interessante, nos fazer sair da nossa zona de conforto, aprender coisas que não sabemos e nos faz lembrar dos assuntos que tínhamos esquecido, e quanto aos professores são ótimas as palestras (Depoimento Anônimo).

Adoro o projeto, é uma motivação para acordar cedo, estou me desenvolvendo e perdendo o medo de perguntar e falar em público (Depoimento Anônimo).

No final do mesmo ano, os alunos responderam novamente ao questionário e, dessa vez, tinham a opção de identificar-se ou não:

O projeto foi de grande importância, para mim, pois aprendi como fazer um currículo, de como se comportar para uma entrevista de emprego, as aulas de português

para lembrar alguns pontos , as aulas práticas de informática, esporte e também ajudou muito na parte de conhecer novas pessoas, as aulas foram muito boas pois os professores são muito bons e legais. Para mim o projeto foi de grande valia e agregou muito no meu conhecimento para meu curso (sic) (Aluna 1 – Aluna do Curso de Administração).

No começo achava um pouco desnecessário, e não tinha muita vontade de ir. Depois comecei a trabalhar e parei, então, de frequentá-lo. Mas durante o meu estágio vi que no projeto eu aprendi a me portar muito melhor com as pessoas, pois eu precisava trabalhar com pessoas o dia todo, e esse foi o ponto que mais me ajudou (sic) (Aluna 2 – Aluna do Curso de Direito).

O projeto Escola da Vida teve uma grande importância na minha vida pessoal, profissional e acadêmica, como já traz no nome este projeto é uma escola a qual nos ajuda na formação para a vida. Através dele obtive diversos conhecimentos em relação à vida acadêmica os quais não tinha por ser meu primeiro semestre na faculdade, ao longo do ano, com a participação no projeto, fui me desenvolvendo mais em relação ao trabalho e foi através da Escola da Vida que consegui meu primeiro estágio na Fundação Antonio Meneghetti, onde permaneço estagiando, e esta experiência tem me trazido muitos aprendizados, tenho muito a agradecer ao projeto, pois foi através dele que tive a oportunidade de trabalho (sic) (Aluna 3 – Aluna do Curso de Direito).

Acredito que o Projeto Escola da Vida seja essencial na vida de todo o jovem que ingressa em uma faculdade, pois estamos entrando em um mundo totalmente novo, são novas pessoas, novas oportunidades, novas obrigações e precisamos nos preparar para sabermos gerir tudo isso, e o projeto nos ajuda muito nesse novo passo (Depoimento Anônimo).

O Projeto Escola da Vida foi de grande importância para mim pois com ele tive oportunidades de aprendizado em que não teria em outras instituições. As aulas ministradas por diversas pessoas nos trouxe muitos conhecimentos e experiências de vida e principalmente de trabalho. Com isso pude aplicar em meu dia a dia tais conhecimentos em minha vida profissional e também acadêmica (sic) (Aluna 4 – Aluna do Curso de Administração).

O projeto Escola da Vida propicia espaço para o aluno desenvolver seus conhecimentos dentro da área de atuação que deseja além de integrar propostas que abrangem à todos os cursos. O aluno possui também abertura para sugerir atividades que dinamizem as aulas e complementam o seu desenvolvimento, tem a oportunidade de trabalhar em equipe, desenvolver a oralidade, a criatividade, e também a criticidade [...] (sic) (Depoimento Anônimo).

Atualmente estou trabalhando, e este semestre não participei das atividades do Projeto. Mas ele foi essencial para que eu pudesse me adaptar à vida acadêmica e também para procurar por meu primeiro emprego. Pois o Projeto trouxe temáticas muito importantes, como apresentação de trabalhos, resenhas, artigos, bem como as aulas de entrevistas e emprego, como se organizar financeiramente. O Projeto é uma forma do jovem que está chegando se adaptar às novidades, e também faz com que se tenha uma vida mais ativa, principalmente acordar mais cedo de manhã e não desperdiçar o dia, também traz esportes, teatros, enfim, é um projeto de boas-vindas aos jovens a esta nova etapa da vida. Com certeza é um projeto de muito valor (Aluna 5 – Aluna do Curso de Administração).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, encerram-se estas poucas considerações, embasadas em um trabalho sério e comprometido de duas grandes instituições, que acreditam e valorizam o trabalho humano, que traz ganho e vida. Não há

como apontar os próximos passos do Projeto, mas não se pode negar a grandeza do que foi feito até agora. Acreditar, investir, incentivar e persistir na formação integral de jovens é a forma de, humildemente, continuar um trabalho voltado para uma nova sociedade, formada por seres humanos artífices e capazes de ser a mudança necessária. A proposta da Pedagogia Ontopsicológica é para todas as idades, mas ganha força e concreitude nas ações desenvolvidas junto aos jovens que escolheram o Recanto Maestro para ser o porto em que se amplia o crescimento intelectual.

É importante ressaltar também que o que se faz na AMF não anula todas as outras formas de ensinar a ser e a fazer, mas merece atenção, à medida que propõe o protagonismo daqueles que mais têm força e tempo para construir. “Esta nova proposta não pretende julgar o valor de propostas pedagógicas oriundas de ideologias ou das psicologias existentes, mas visa a acrescentar novos aspectos baseados num novo nível de percepção oriundo de informações vitais” (VIDOR *apud* Associação Brasileira de Ontopsicologia, , 2014, p. 69).

A proposta de responsabilização por benefícios adquiridos e exploração de diversas temáticas para e com jovens é uma forma de termos um futuro – e presente – mais coerente em direitos e deveres, responsabilidades e benefícios e, principalmente, por resgatar a força vital que move os jovens cheios de ação e de inteligência.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO Brasileira de Ontopsicologia. **Cultura & Educação: uma nova pedagogia para a sociedade.** Recanto Maestro, RS, 2015.

FUNDAÇÃO Antônio Meneghetti.. **Anuário de Projetos educacionais e culturais 2017.** Recanto Maestro, RS, 2018.

FUNDAÇÃO Antônio Meneghetti.. **Estatuto Social.** Recanto Maestro, RS, 2010.

MENEGHETTI, A. **Jovens e realidade cotidiana.** Recanto Maestro, São João do Polêsine, RS: Fundação Antonio Meneghetti, 2017a.

MENEGHETTI, A. **Projeto Terra.** Recanto Maestro, São João do Polêsine, RS: Fundação Antonio Meneghetti, 2017b.

APRENDENDO SOBRE A RECICLAGEM

*FERREIRA, Raquel de Melo¹ – Fundação Antonio Meneghetti
KLÜSENER, Ricardo Henrique² - Fundação Antonio Meneghetti
FRIEDRICH, Tainara Bruna³ - Fundação Antonio Meneghetti*

INTRODUÇÃO

Quando falamos em meio ambiente, imediatamente passa em nossas cabeças como algo novo e recente, porém, isso não é verdade, o meio ambiente vem sendo transformado desde que surgiram os primeiros seres vivos na Terra, principalmente os seres humanos. Como forma de sobrevivência o homem sempre precisou dos recursos naturais como o solo, à água, as plantas e os animais que fornecema matéria prima para alimentação , proteção e conforto ao ser humano, com isso ocorre a necessidade de transformação da natureza para o surgimento das grandes civilizações.

Sabemos que a riqueza da vida na Terra é imensa e ainda por mais que se pesquise não se sabe com exatidão quantos tipos de organismos vivos existem no planeta Terra, porém, sabemos que há uma grande variedade de espécies que compõem a teia da vida no planeta chamada de biodiversidade. Mas o que é a biodiversidade? Ela é tudo o que os seres vivos são e fazem mais a soma das interações (ações e reações) com o meio ambiente em que vivem: clima, água, solo etc. Podemos dizer de uma forma mais resumida que é a composição dos termos vida mais variedade. (AUTOR, ano)

Variedade esta que para que haja vida na Terra é necessária das três esferas que compõe a Terra que são hidrosfera, litosfera e a atmosfera e é este conjunto que constitui a biosfera que é o espaço em que há vida na Terra, pois ela reúne todos os ecossistemas do planeta, e a essa multiplicidade de espécies que é dado o nome de biodiversidade. (AUTOR, ano)

1 Graduada em Pedagogia pela UFSM/RS e em Serviço Social pela UNICID/SP com licenciatura pela FATEC/SP e Pós Graduação em Gestão em Terceiro Setor pela Universidade MACKENZIE/SP. raqueldemelo@yahoo.com.br

2 Técnico em fruticultura e Bacharel em Engenharia Florestal UFSM e acadêmico do curso de licenciatura em Educação no campo UFSM. ricardohenriquek@gmail.com

3 Acadêmica do curso de Pedagogia Ontopsicológica /AMF. tainarafriedrich25@gmail.com

Sendo assim para que haja vida salutar na Terra precisamos que todo ocorra em plena sintonia, porém, com o desenvolvimento do processo de industrialização e o crescimento da população em meados de 1700 a biodiversidade – ou melhor, dizendo a vida no planeta – passou a sofrer cada vez mais alterações, principalmente porque o ser humano vem retirando grandes quantidades de recursos do meio ambiente, para o seu consumo de forma desenfreada levando o esgotamento do pau-brasil, mogno e outros e criando grandes quantidades de resíduos e o que nos preocupa não realizando o descarte adequado de todos os resíduos gerando assim uma grande poluição no planeta. (AUTOR, ano)

Porém, o planeta já vem demonstrando sinais de esgotamento destes recursos onde já se percebe a extinção de muitas espécies animais e vegetais. Todos os dias recebemos várias informações sobre as futuras consequências que estas atitudes estão levando o planeta e pedindo a conscientização da população para os reais problemas ambientais que o planeta está e poderá enfrentar em futuro próximo onde será prejudicial para todos.

Desde o ano de 1983, outro termo vem sendo muito utilizado que é o termo Desenvolvimento Sustentável e ele foi usado pela primeira vez após a criação da Comissão Mundial sobre Meio Ambiente (CMMAD) que é um órgão ligado à Organização das Nações Unidas (ONU). O termo surgiu com o objetivo da comissão de discutir propostas que pudessem orientar políticas de desenvolvimento econômico aliadas à conservação ambiental. Porém, para que realmente o desenvolvimento sustentável aconteça e seja alcançado é necessário que haja planejamento que todos reconheçam que os recursos naturais são finitos e que tenhamos qualidade em vez de quantidade que haja a redução do uso excessivo de matérias-primas e produtos e ocorra o aumento da reutilização e da reciclagem. Mas também que possamos utilizar mais os recursos renováveis proveniente dos recursos naturais. (AUTOR, ano)

Os recursos naturais, tema trabalhado com os alunos do Projeto Oikos é um tema que faz parte do currículo do terceiro ano do Ensino Fundamental I, das escolas, pois as crianças conseguem falar sobre suas próprias vivências e do que está em torno do seu cotidiano.

Consideramos como recursos naturais “todos os elementos da Terra utilizados por todos os seres vivos. Parte deles é produzido constantemente pela natureza e, por isso, são chamados de renováveis[...] e outra parte não é reposta e tem um estoque fixo, limitado. São chamados não renováveis como o petróleo[...]”(AMARAL, 2013 , p. 9).

Os alunos são instigados a relatar o que faz parte do dia-a-dia deles e o que eles já viram ou conhecem, porém devemos lembrar que:

todos esses recursos estão aqui desde o surgimento do planeta e a renovação depende de outros recursos. Por exemplo, o crescimento das árvores depende do solo rico em minerais, águas e de luz solar. A matéria que compõe a madeira da árvore é o carbono e, antes de fazer parte da árvore, ele estava no ar, na forma de gás carbônico. (AMARAL, 2013, p.11).

E é este o diferencial das aulas do projeto Oikos que é mostrar que o meio ambiente e assuntos como recursos naturais, coleta seletiva e outros não são algo distante, eles fazem parte da vida de cada um de nós. Para simplificar a explicação para os alunos podemos dizer que os recursos renováveis são aqueles que de alguma forma voltam para a natureza, seja pela própria renovação ou pela ação do homem, como as plantas. O sol, vento e água, são consideradas energias limpas. Já os recursos não renováveis são aqueles que não podemos repor isto é, uma vez retirados e usados pelo ser humano não retornam à natureza e são considerados energia suja como o petróleo e o carvão mineral que produzem muita poluição aumentando o efeito estufa. (AUTOR, ano).

Os alunos desde o segundo ano do Ensino Fundamental I vão aprendendo que para começar a transformar esta realidade é necessário que utilizemos mais a energia renovável e façamos o uso da coleta seletiva.

Tema este primordial em nosso projeto e a base deste artigo, pois foram realizadas várias atividades com os alunos referente à coleta seletiva, mas como explicar para as crianças onde muitas residem em lugares distantes do centro das cidades e que nem mesmo o caminhão de lixo normal passa e as crianças acabam vendo seus pais e/ou responsáveis queimando os lixos? Ou como muitos questionam que separam os resíduos, porém, os garis misturam tudo! Sabemos que na maioria dos municípios isso acontece, porém, alguns municípios já vêm mudando esta realidade ocorrendo cooperativas que recolhem estes resíduos de forma seletiva e já conseguem destinar para os lugares corretos e até mesmo o trabalho do projeto Oikos no Recanto Maestro que recolhe mais de 120 kg de resíduos sólidos por semana levando para o transbordo de Restinga Sêca contribuindo com a cooperativa Mãos Fortes e orientando todos

os moradores, colaboradores e estudantes do Recanto Maestro sobre a importância da coleta seletiva. Mas sempre temos muitas perguntas como: O que é coleta seletiva? Como devemos separar?

É um sistema de recolhimento de materiais recicláveis ou reutilizáveis, tais como papéis, plásticos, vidros, metais e orgânicos, previamente separados na fonte geradora. Esses materiais são encontrados às indústrias recicladoras para serem reaproveitadas na produção de novos objetos. (GARCEZ, 2010, p. 12).

É importante saber que existem quatro principais modalidades de coleta seletiva que são a domiciliar, em postos de entrega voluntária, em postos de troca e por catadores. A domiciliar é a que ocorre atualmente no município de Agudo e no Recanto do Maestro onde há dias e horários para o recolhimento. Em São João do Polêsine e em alguns municípios temos a coleta em Posto de Entrega Voluntária (PEV) ou em Locais de Entrega Voluntárias (LEV) onde os cidadãos depositam os seus recicláveis e por catadores. Essas modalidades de coleta ocorrem em todos os municípios em que o projeto Oikos está presente.

As crianças compreendem que o lixo não é algo desprezível que ao contrário ele pode ser reutilizando sendo fonte geradora de recursos como a biomassa e de recursos financeiros sustentando várias famílias.

Cabe lembrar que o sucesso da coleta seletiva depende da participação efetiva da sociedade e está diretamente associado aos investimentos feitos para a sensibilização e conscientização da população. Normalmente, quanto maior a participação voluntária em programas de coleta seletiva, menor é seu custo de administração e maior seu sucesso. Preocupação essa que atinge os municípios da Quarta Colônia que vem se mobilizando em encontros regionais, mesas redondas e diversas reuniões para discutir o assunto e tentar resolver da melhor forma possível.

Ao trabalhar o tema os alunos são orientados a respeito dos benefícios da coleta seletiva como a diminuição da destruição de florestas nativas, redução da extração dos recursos naturais, diminuição do desperdício, cria a oportunidade de fortalecer cooperativas, previne enchentes e muitos outros benefícios.

A reciclagem de materiais é muito importante, tanto para

diminuir o acúmulo de detritos quanto para poupar a natureza da extração inesgotável de recursos, Além disso, reciclar causa menos poluição ao ar, à água e ao solo... O Brasil é um dos líderes mundiais quando o assunto é reciclagem em alumínio. (GARCEZ, 2010, p. 15).

Com as atividades do projeto Oikos, as crianças desde pequenas compreendem a importância de separar os resíduos sólidos e que misturando os resíduos somente iremos prejudicar a reciclagem, atrapalhando o ciclo e é esta seleção que irá facilitar as industriais podendo reaproveitar cada vez mais, evitando também a poluição do meio ambiente.

DESENVOLVIMENTO

O Projeto Oikos está realizando suas atividades hoje em 14 escolas em 6 municípios da Quarta Colônia, sendo: EMEF Santos Reis, EMEF Santos Dumont, EMEF Santo Antonio, EMEF Três de Maio, EMEF 7 de Setembro, EMEF Olavo Bilac, EMEF Alberto Pasqualini e EMEI Paraíso da Criança todas no município de Agudo. EMEF Antonio Luiz Barchet em Dona Francisca, EMEF Santa Rita de Cássia em Faxinal do Soturno, EMEF La Salle em São João do Polêsine, EMEF Manuel Albino de Carvalho e EMEF Dezidério Fuzer em Restinga Sêca e EEEM Afonso Pena em Paraíso do Sul. Totalizando assim mais de 800 alunos.

Os alunos do 6.º ao 9.º ano realizam aulas práticas, principalmente na confecção de hortas, sendo elas horizontais, verticais ou de colina, confecção de composteiras e no embelezamento de jardins e de vários espaços livres das escolas utilizando até mesmo garrafas PET como forma de reciclagem de materiais.

Os alunos do 2.º ao 5.º realizam aulas teóricas sobre o meio ambiente, desta forma quando as crianças estiverem no fundamental 2 já irão possuir uma maior conscientização sobre o meio ambiente, fato já constatado com o desenvolvimento do projeto Oikos nas escolas que já possuem o projeto pelo terceiro ano.

As aulas teóricas têm como base assuntos que muitas vezes os professores não conseguem trabalhar de forma integral devido a carga horária. Dessa forma, no projeto podemos desenvolver de uma forma mais ampla ou assuntos que não são tão trabalhados em aula, como água, recursos naturais (energia renovável e não renovável, etanol), abelhas,

alimentação saudável, florestas, coleta seletiva e outros assuntos. Todos eles sempre sendo direcionada a realidade das crianças.

O tema da coleta seletiva é um dos temas mais trabalhado e que as crianças conseguem absorver melhor já que faz parte do seu dia-a-dia e que nos possibilita trabalhar de uma forma lúdica.

Mas para que os alunos possam começar a compreender o que é coleta seletiva são realizadas várias atividades acerca o que é e como devem ser realizada de forma correta a coleta seletiva tendo como base o descarte correta em contêineres apropriados seguindo os padrões mundiais de coleta seletiva:

Azul – papel e papelão , Amarelo – metais, Vermelho – plástico, Verde – vidros, Preto – madeiras , Marrom – resíduos orgânicos, Roxo – resíduos radiativos, Laranja – resíduos perigosos, Branco – resíduos ambulatoriais e de serviços de saúde, Cinza – resíduo geralmente não recicláveis, misturado ou contaminado, não sendo possível de separação

São realizadas atividades de colorir, jogos como caça palavras, quebra cabeça, jogo da memória, caça o lixo, textos e outros sempre de uma forma simples e real para que a criança entenda o porque da separação. Este ano foi criado a caixa de resíduo sólida chamada que “Resíduo é este?” todos os alunos tinham que tirar um resíduo da caixa e colocar nas placas que simbolizavam os contêineres sendo na cor verde, vermelho, azul, amarelo e cinza .

Outra atividade que ocorreu de forma muito prazerosa e que aguçou a imaginação das crianças foi à confecção de bonecos realizados com potes de xampu ou condicionador, potes de iogurte ou qualquer outro pote plástico que a criança tinha vazio em sua casa.

A atividade já foi realizada em várias escolas e as crianças primeiramente faziam um protótipo de como queriam criar seu boneco e desenhavam no papel, depois levaram os potes, retalhos e outros adereços e de forma comunitária iam trocando materiais e criando seus personagens, onde criaram fadas, bruxas, atletas, soldados e etc., logo após tiveram um tempo para poder brincar e falar sobre os seus personagens.

O Projeto Oikos juntamente com o Projeto de Leitura da Fundação da Antonio Meneghetti realizou uma oficina de Meio Ambiente na EEEM Tiradentes no Município de Nova Palma em 2018 criando outra metodologia de ensino em que foram realizadas três oficinas sendo uma coordenação motora para os alunos do primeiro e segundo ano com tema coleta seletiva, os alunos do terceiro e quarto ano participaram da

oficina de origami (animais) e os alunos do quinto ano participaram da oficina de jardinagem limpando e plantando os espaços livres da escola. Antes de iniciar as oficinas, os alunos assistiram uma peça teatral denominada Terra e a Lua que aborda a falta de cuidados dos humanos com a preservação do meio ambiente. No final das oficinas, os alunos participaram de uma atividade de avaliação em que verbalizam o que acharam das oficinas e principalmente debatendo os assuntos propostos.

RESULTADOS

Os resultados relativos à conscientização da coleta seletiva é um processo gradativo que ocorre com o passar do tempo, pois jogar lixo no chão, não separar os resíduos sólidos é algo cultural. No entanto, podemos notar que a sensibilização das crianças participantes do Projeto Oikos vem aumentando a cada dia. As escolas também possuem as lixeiras /contêineres e auxiliam em campanhas de coleta consciente o que também auxilia para um resultado positivo.

Na oficina realizada na EEEM Tiradentes no município de Nova Palma na hora do intervalo do dia da atividade os alunos começaram a coletar os resíduos sólidos que estavam espalhados pelo pátio e depositaram, de forma correta, nos coletores.

Então, conseguimos observar que as crianças já conseguem distinguir o certo do errado que mesmo muitas vezes não tendo como descartar de forma correta como queriam já vem tendo a conscientização e buscando orientar os adultos que estão a sua volta da importância da preservação do meio ambiente e de uma coleta seletiva e principalmente estão aprendendo de forma lúdica o que propicia uma aprendizagem para o resto da vida, porque não é imposto é interiorizado de forma real e cotidiana.

A criança educada pela pedagogia Ontopsicológica aprende desde o início da sua educação a importância e a progressão do Eu, assim, ela sente-se parte do meio ambiente, pois faz parte dele.

A vida se aprende através da vida. A vida gere a si mesma no seu fazer-se e no seu conhecer-se. Os instrumentos, através dos quais conheço, ensinaram primeiro a mim. Primeiro a função, depois o órgão e, sucessivamente, uma poliedricidade de atos reflexos constituíram o nascimento e progressão do Eu. (MENECHETTI, 2014, p.42).

Dessa forma, as crianças são educadas vivenciando, sentindo, criando, tocando e sentindo-se pertencentes ao cotidiano em que vivem e não achando que o meio ambiente é algo distante, elas são partes integrantes e o EU para a sociedade que estão inseridas é de suma importância.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falar do que você vivencia é muito mais fácil e prazeroso, criar o seu brinquedo e poder soltar a imaginação é melhor ainda! Assim as crianças do projeto Oikos aprendem sobre o meio ambiente. São educadas a preservar e a reciclar com consciência. Entendem que o menos é mais e que preservam hoje terão amanhã e que acima de tudo são guardiões deste planeta maravilhoso que vivemos.

Escutar uma criança verbalizar que o dia mais legal do projeto Oikos foi quando ela produziu seu próprio boneco nos deixa muito felizes, pois ele não era de marca famosa, não havia tecnologia ele era somente um pote vazio de xampu que iria para os aterros ou tomara para uma cooperativa para ser reciclado, porém, foi para uma estante como forma decorativa ou para a caixa de brinquedo de uma criança possuindo o mesmo valor sentimental ou até mesmo maior, pois foi ela quem produziu aquele brinquedo ela deu vida ao seu personagem e acima de tudo percebeu o valor da importância da preservação do meio ambiente.

Ver uma criança ensinando a outra sobre o descarte correto dos resíduos de forma segura ao verbalizar para o outro e perceber que ela não decorou ela realmente interiorizou o assunto e desta forma ela irá levar este conhecimento para o resto da vida de forma normal pois já está interiorizado nela nos deixa muito feliz pois demonstra que o objetivo foi realizado e que com certeza serão adultos conscientes e agentes transformadores hoje e principalmente no futuro.

REFERÊNCIAS

MENEGHETTI, A. **Pedagogia Ontopsicológica**. 3.ed. Recanto Maestro, RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014.

MENEGHETTI, A. **Dicionário de Ontopsicologia**. 2.ed. Recanto Maestro, RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012.

GARCEZ, L.; Garcez, C. Lixo: **planeta saudável**. São Paulo: Collis, 2010.

AMARAL, A. C. **Protegendo o meio ambiente**: reciclagem e coleta seletiva. São Paulo: Núcleo Edições, 2013.

NANI, E. L. **Meio ambiente e reciclagem**: um caminho a ser seguido. Curitiba: Juruá Editora, 2012.

LUCCI, E. A., **Vida e sustentabilidade**: Projeto Ciência. São Paulo: Atual, 2014.

PEDAGOGIA ONTOPSICOLÓGICA NAS OFICINAS DE APRENDIZAGENS DO PROJETO CRIARE¹

Estela Maris Giordani²

Elisiana Maria Cassol Tanscheitt³

Darla Vargas⁴

1 INTRODUÇÃO

No Projeto CriAre, existem Oficinas de Aprendizagem (leitura, compreensão e produção textual e desenvolvimento do pensamento lógico) todos os dias do Projeto (três vezes por semana) e cada dia da semana, intercalados por uma das oficinas: Teatro ou Dança ou Artes Plásticas. As oficinas de aprendizagem, teatro, dança e artes, ofertadas para alunos do 1ª ao 5º ano, objetivam que as crianças exercitem sua própria autonomia, responsabilidade e que possam ser protagonistas responsáveis de sua vida. E, para a equipe de professores e bolsistas, o objetivo é aprender e exercitar os princípios da pedagogia Ontopsicológica.

Nste artigo, temos por objetivo apresentar as transformações ocorridas nos quatro primeiros meses do Projeto (abril-julho/2018) especialmente nas Oficinas de Aprendizagem. Embora ainda em fase experimental, evidenciamos a importância da vivência dos princípios da pedagogia Ontopsicológica nas práticas pedagógicas escolares. A finalidade é garantir não apenas o sucesso escolar das crianças, mas principalmente o respeito e dignidade de serem tratadas como pessoas capazes de saber fazer suas próprias escolhas, para que sejam idênticas, úteis e funcionais ao seu projeto de natureza (MENEGETTI, 2014). Um dos princípios elementares da pedagogia Ontopsicológica é a formação ao

1 O Projeto CriAre está inserido no contexto do Curso de Pedagogia da Antonio Meneghetti Faculdade e é financiado pela Fundação Antonio Meneghetti.

2 Estela Maris Giordani. Coordenação do Projeto CriAre e do Curso Pedagogia AMF. Professora da UFSM. estela@pesquisador.cnpq.br

3 Elisiana Maria Cassol Tanscheit. Pedagoga nas Oficinas de Aprendizagem do Projeto CriAre. elisianacassol@hotmail.com.br

4 Acadêmica do Curso de Pedagogia Faculdade Antonio Meneghetti. Bolsista do Projeto CriAre. darlasilvavargas@yahoo.com.br

protagonismo responsável. Este tem sido implementado em diferentes graus de profundidade em todas as esferas do projeto CriAre, seguindo uma complexidade: a) equipe (professoras e monitoras do curso de Pedagogia) que trabalha nas oficinas pedagógicas no contraturno da Escola Municipal Sete de Setembro, da Vila Rosa, em Restinga Seca (escola do campo) com todas as crianças dos anos iniciais do ensino fundamental; b) crianças dos anos iniciais do ensino fundamental, do turno da manhã e do turno da tarde (1º ao 5º ano); c) equipe de professores, gestores e de funcionários da escola; d) pais e a comunidade e e) equipe da Secretaria Municipal de Educação de Restinga Seca. Trata-se de um Projeto de Ensino, Pesquisa e Extensão que possui o compromisso formativo de todos os envolvidos a partir dos princípios da Pedagogia Ontopsicológica.

2 A PEDAGOGIA ONTOPSICOLÓGICA EM NOSSAS PRÁTICAS

Nossa prática no Projeto CriAre tem se guiado por alguns princípios, os quais serão expostos de modo breve. Partimos do conceito de educação, conforme Vidor (2014, p. 7), cuja educação “não pode ser reduzida a um micro processo de adaptação aos valores de uma cultura e de uma sociedade”. Ela não apenas deve cultivar os valores das leis e regras das formas de vida estabelecidas nas instituições sociais como as famílias e as escolas. Educar “significa conduzir para fora o valor íntimo do educando.” Cada ser humano nasce único e, construindo-se nesta sua irrepetível forma de ser, pode evoluir em seus dons interiores e tornar-se patrimônio vivo de outro ser humano, pois a garantia de um ser humano é sempre outro ser humano (MENEGETTI, 2012). Fazer pedagogia significa a “*arte de formar o homem pessoa na função social*” (grifo do autor) (MENEGETTI, 2014, p. 195). Buscamos a formação integral da pessoa, em seu valor único e inexorável, e que esta pessoa possa, a partir da construção do seu valor, tornar-se função ao outro. Como explica Meneghetti (idem):

Significa como extrair o *homo civis* do potencial do indivíduo humano: tal qual humanismo cívico desenvolver do humano. Humano é unidade específica de natureza; humanismo é a forma de valor ôntico e de capacidade histórica para a identidade de natureza, pessoa, e sociedade; cívico significa função de relação no habitat histórico-geográfico.

Nossas oficinas visam a construir o valor da pessoa do aprendiz, considerando-o como um protagonista responsável, sendo ele o centro do seu processo de aprendizagem. Consideramos, ao longo das nossas práticas, que somos seres humanos e fazemos parte do universo da vida e, portanto, informamos aos outros o que somos e também os outros nos informam o que são. A atitude de ausculta interior é fundamental, pois nossa atividade psíquica – que é o que pensamos, sentimos, imaginamos, intencionamos, desejamos, fazemos etc. – informa o outro e também dá a direção de nossas ações, do quanto somos ou não, sincrônicos ao nosso projeto de natureza. Talvez esta seja a aprendizagem mais difícil, porque aprendemos sempre a olhar o mundo exterior e não o mundo interior – o mover-se da nossa atividade psíquica, que é a primeira realidade de cada existente. E, para que a criança se torne um protagonista responsável, é necessário principalmente trabalhar a partir da intencionalidade da vida, do Em Si Ôntico – da criança-aprendiz e do adulto (o professor e o bolsista). A radicalidade de nossa atividade psíquica é constituída pela “intencionalidade da ação-vida, ou ação-ser” (MENEGETTI, 2014, p. 11) que é o Em Si ôntico. Isso significa que o ser humano tem um modo, uma intenção. Essa intenção é o que o move no universo da vida, no contexto maior como parte do ser e o conecta com os outros seres.

A Pedagogia Ontopsicológica possui como fundamento e critério o ser, o Em Si ôntico da pessoa (aprendiz e do pedagogo). Essa pedagogia parte das descobertas da ciência Ontopsicológica que significa “o estudo dos comportamentos psíquicos em primeira causalidade, incluída a compreensão do ser” (MENEGETTI, 2014, p. 14), ou seja, é a intenção do ser, nós somos parte do ser. Realidade psíquica significa que, antes que aconteça o fenômeno, existe uma intencionalidade. Metaforicamente é como intencionar a palavra por meio do pensamento antes de ser expressa pela fala. Isto é, antes de o fato existir já havia sido arquitetado.

No Projeto CriAre estamos atentos ao mover-se das intencionalidades psíquicas. Por exemplo, quando notamos o comportamento de uma ou mais crianças que estão agitadas, começamos a evidenciar que estas são fenomenologias de uma intencionalidade anterior. Por isso, refletimos para compreender se o que está acontecendo parte da realidade psíquica do aluno ou é uma informação emanada pelo inconsciente do professor ou do bolsista, que está intencionando essas formas de comportamento. Conforme Meneghetti (2014), as crianças são como esponjas, absorvem toda a realidade psíquica na qual estão imersas e expressam, em

seus comportamentos, aquelas informações preponderantes emanadas pelo ambiente, especialmente pelo adulto de referência naquela relação diádica⁵. Por exemplo: tínhamos um aluno bem agitado e geralmente toda a turma também se agitava. Não sabíamos o porquê. Começamos a observar a atividade psíquica e, investigando o seu mover-se, compreendemos que era porque nós, antes de chegar à sala de aula, conversávamos entre nós, considerando que “seria uma bagunça”. Entrávamos na aula com esse pensamento, que emanava uma informação de campo semântico⁶ estruturando a realidade psíquica daquelas crianças, e estas executavam esta informação. Quando começamos a auscultar o que falávamos, pensávamos, sentíamos em relação àquelas crianças, começamos a modificar nossas atitudes, quando interagíamos com a turma, tendo presente este princípio. Este modo de nos posicionarmos diante daquelas crianças fez-nos perceber que a Pedagogia Ontopsicológica tem a ver com “a arte de como coadjuvar a criança à realização” (MENEGHETTI, 2014, p. 14), ou seja, existe um modo de interagir com a criança que pode promover ou não a evolução da pessoa (do professor e do aprendiz). Utilizando o que aprendemos em sala de aula, mudamos nossos pensamentos e comportamentos e não tivemos mais esses problemas. E, quando acontece alguma situação de “agito”, novamente lembramos deste princípio e modificamos logo nossas atitudes e, com isso, conseguimos modificar aquela situação porque compreendemos que o que percebemos, no mundo exterior, deriva de uma causalidade anterior e interior e que, se ingressamos no universo das causas primeiras, conseguimos variar a sua fenomenologia.

3 COMO CONDUZIMOS E OS RESULTADOS DAS APRENDIZAGENS

Ao conduzir as Oficinas de Aprendizagem do Projeto CriAre, observamos que o “conteúdo” de nossas práticas em sala de aula é estruturado pela “ação-base das modalidades do pensamento e da motivação do existir humano, até a exteriorização somática” (MENEGHETTI, 2012, p. 26). Entendemos que, primeiramente, o professor, como pessoa, deve mudar o modo de se relacionar com o aluno. Inversamente do

5 Diáde para Meneghetti (2012, p. 73) significa “movimento a dois, no qual o movente não pode agir sem o coincidente heteromovente” (grifo do autor).

6 Campo semântico, conforme Meneghetti (2012, p. 38) significa “comunicação-base que a vida usa no interior das próprias individuações”.

que a cultura escolar e o senso comum consideram, isto é, que o adulto reage conforme a criança, começamos a pensar que é o contrário. Por exemplo, quando o professor for realizar alguma forma de reprovação a algum comportamento lesivo à dignidade de ser pessoa da criança, em sala de aula, a criança percebe o estado de humor daquele que está falando - se transmite a informação com amor, com estresse, com ódio ou rancor, ou se está manifestando interesse e respeito pela criança.

Então, se isto acontece conosco, paramos e analisamos o problema que está no exterior, mas principalmente no nosso interior. Buscamos encontrar serenidade e avaliar a situação com destaque emocional a fim, especialmente, de evitar projetar naquela criança os pré-julgamentos e insatisfações que temos dentro de nós e de que não nos damos conta. Evidenciamos que, por exemplo, quando formos fazer uma advertência e, aparentemente, no nosso exterior, estamos tranquilas, mas, no interior, estamos furiosas, a criança vai perceber este estado de humor e tenderá a provocar ainda mais para nos desestabilizar. E, sem que consigamos notar na hora o efeito dos nossos atos, eles geram um resultado contrário do que havíamos desejado. Compreendemos, então, que o aprendizado não deve ser imposto para criança/aluno, mas sim proposto para que ela possa compreender que o conhecimento e as aprendizagens que ocasionamos são uma vantagem e não uma obrigação, auxiliando-a a projetar-se como pessoa.

É preciso ensiná-la a aprender e metabolizar a processualidade histórica, sem saltá-la, de outro modo perde a sua autopoisição mundana. Provocá-la a aprender bem o jogo externo porque assim, quando grande, saberá realizar os jogos do ser e da existência, não terá a necessidade de nenhum mestre, porque saberá sempre fazer a síntese perfeita entre o seu Em Si e o verbalizado histórico, a síntese que dará novamente a sincronia entre o existir e ser (MENEGETTI, 2014, p. 21).

Entendendo e aplicando esse princípio, aproximamo-nos das crianças de forma respeitosa e as estimulamos a aprender as regras deste jogo, capazes de serem elas mesmas, a tomarem posse de si e se desenvolver. O professor ou o adulto deve, sim, auxiliar e acreditar na capacidade da criança em aprender o que somente é possível quando ela, por

si mesma, o faz. Provavelmente, na primeira tentativa, ela o fará de um modo que não consiga obter um resultado esperado, talvez não só uma vez, mas quantas forem necessárias para que aprenda a realizar sozinha suas tarefas. Passamos a desenvolver, em nossas práticas, atitudes que evidenciam que ela é capaz de conquistar, com as suas tentativas, sua autonomia, satisfação exercendo o protagonismo responsável e não o protagonismo infantil⁷. Comumente, entendemos que educar é igual a instruir, ensinar, corrigir e adaptar. Essa é a forma pela qual aprendemos os valores da cultura e da sociedade, conforme Vidor (2014). Mas a educação tem um outro sentido, que é realizar uma provocação do aprendiz para que descubra o mundo por si mesmo, e não somente aprenda a obedecer às formas impostas pelos adultos.

A criança, desde cedo, ao aprender o modo de pensar, a língua, a moral, da influência e opinião alheia, é formada pela família e pela sociedade. Não aprende a ler as linguagens do próprio organismo e até é levada a esquecer as sem importância e valor para o próprio Eu construído (VIDOR, 2014, p. 9).

Em nossas práticas, evitamos fazer as coisas pela criança, quando notamos que é capaz de realizar sozinha. Auxiliamos, quando evidenciamos que possui dificuldades, então orientamos, mostramos, mas deixamos que faça por si mesma. Assim, estará se descobrindo como pessoa, como ser capaz e protagonista responsável por seus próprios resultados, desejados ou não. Por exemplo: na oficina de aprendizagens, trabalhamos a leitura compreensiva e a produção textual⁸ e as aprendizagens do pensamento lógico matemático de formas diferentes. A partir do trabalho que

7 Significa pretender ser sempre substituída de forma prioritária pelos outros, exercendo uma espécie de tirania e de absolutismo do seu querer sem merecer.

8 A leitura, interpretação de texto é realizada por meio da metodologia da “leitura inteligente”, desenvolvida por Giordani (2011) cujos princípios são conforme a pedagogia Ontopsicológica. Esta metodologia desenvolve as funções mentais superiores dos aprendizes o que lhes favorece a facilitação da aquisição global das aprendizagens escolares. A leitura inteligente consiste em um passo a passo que aprimora a leitura e a compreensão profunda do sentido do texto bem como o raciocínio lógico, as habilidades de concentração, além de ampliar o vocabulário e a expressão verbal dos aprendizes. Esta metodologia também possui como sustentação que cada aluno se torne protagonista de sua própria aprendizagem.

realizamos com o texto informativo e com o dicionário, o aluno lê em voz alta uma parte do texto, devendo fazer uma pergunta sobre o que diz o texto e, ao mesmo tempo, respondê-la. Quando consegue fazer isso, a etapa seguinte é anotar a essência da ideia que leu. No final do texto, então, é capaz de fazer o resumo e de reconstruir as informações do texto de forma lógica e com as suas próprias palavras. Por meio desta técnica, o aluno atinge uma aprendizagem significativa sem precisar depender de um adulto, exerce uma aprendizagem ativa e autônoma.

Modificamos muitas formas de conduzir os processos de aprendizagem das crianças, desde o *layout* da sala de aula (em formato de meio círculo, de modo a favorecer a interação e o diálogo entre os alunos e a sua participação mais ativa e colaborativa com seus colegas, professora e monitora) até o modo de aprender e de se relacionar. Nas aprendizagens da matemática, trabalhamos de modo que as próprias crianças construam seus jogos, desenvolvam as habilidades de raciocínio lógico, concentração e realizem cálculos mentais com agilidade na resolução de problemas. Por meio dos diversos desafios que são realizados todos os dias nas oficinas, as crianças são provocadas a aprenderem de modo que realizem por si mesmas.

4 RESULTADOS DAS OFICINAS DE APRENDIZAGENS

Os alunos, considerados com falta de atenção, começaram a apresentar vontade de aprender, no momento em que a professora demonstrou o porquê de aprender, quando deu um motivo para isso. Toda a criança precisa ter consciência do porquê de ter que ir para a escola. Ela precisa construir um sentido para ter estímulo para aprender, achar um propósito nisso e, por isso, nós pedagogos, quando interagimos com elas, buscamos indicar o porquê daquilo que estamos fazendo.

No início, eles tiveram algumas resistências, mas, quando foi explicado o motivo, eles faziam as atividades propostas. Com a confecção de jogos - nas quais eles faziam tudo, desde desenhar as letras, números, recortar até montar e jogar, apenas com a observação e apoio da professora e monitora - começou a surgir interesse e a fazerem perguntas.. Por exemplo, com as medidas das régua, o que os riscos significavam, começaram a usar as régua medindo o que estavam fazendo. Quando utilizavam a régua, aprendiam também as medidas, i mas, porque eles começaram a sentir interesse por aprender, não porque alguém lhes sugeriu. No primeiro e segundo ano, isso aconteceu com as letras com que tinham dificuldade e que

não conheciam. Eles perguntavam como fazer e, com os dedos dos alunos, mostramos na classe como era o traçado da letra e eles passavam para o papel. Usamos uma forma simples que facilitou a rápida compreensão. A professora do 1º e 2º anos relata o que observou em seus alunos:

Analisando de forma processual o desenvolvimento dos meus alunos de 1.º e 2.º ano, é possível considerar que a mesmos estão desenvolvendo-se no processo de ensino e aprendizagem. É visível a satisfação das crianças, de participarem do Projeto CriAre, salientando que existe uma boa interação, entre as professoras do projeto e a escola, pois as mesmas são extremamente dedicadas, é fundamental dizer que existe uma troca de experiências entre nós. As professoras do projeto estão sempre dispostas a sugestões influenciando diretamente na aprendizagem dos meus alunos, posso afirmar que estou vendo o projeto como uma grande oportunidade de ampliar o conhecimento dos alunos. Vejo o Projeto CriAre como abrir horizontes, porque muitas de nossas crianças, não teriam oportunidades de ampliar seus conhecimentos além do contexto escolar. É de grande valia o projeto, cada dia as crianças vão desenvolvendo seus potenciais e podemos ver de forma muito positiva dentro do âmbito escolar. É notável ver a diferença da criança que frequenta o projeto, das que optaram em não fazer parte do mesmo (Professora do 1º e 2º ano).

A criança tem a característica de querer ajudar, de se sentir sempre útil, mas se os adultos não percebem isso e se fazem por elas, acabam inibindo essa vontade e, ao invés de se tornarem protagonistas, tornam-se dependentes. Construímos nossa prática seguindo as características das crianças:

A característica de toda criança é esta: capacidade, autonomia de pessoa e amor, vontade de ajudar, de dar, de ser, isto é, de ser alguém de modo superior, para ajudar, por amor, por necessidade de vida. Capacidade em si mesmo e vontade de dar, de saber dar. Nenhuma criança quer ser pequena, todos querem ser mais, como a vida é mais (MENEGETTI, 2015, p. 24).

Nas oficinas, estimulamos como seres únicos, não os comparando com os demais. Procuramos trabalhar as dificuldades de cada um, mas, essencialmente, focamo-nos no que podem fazer, no que cada um tem de características únicas e em que mais se sobressai positivamente. Utilizamos essas características para que auxiliem algum colega que, eventualmente, necessite de um apoio, mas aquele que tem alguma dificuldade também vai auxiliar outro colega no que tem facilidade. Como, por exemplo, em todas as turmas há os que se apropriam das aprendizagens de modo mais rápido e com maior facilidade que os outros. Então, estes auxiliam os colegas com dificuldades no que eles são mais eficientes. Notamos que ocorrem situações em que alguns alunos vão bem em português, mas não vão bem em matemática ou vice-versa. Então, todos sempre têm a oportunidade de auxiliar o colega e, com o apoio do outro, sentimos que eles demonstraram mais vontade de aprender. Com este procedimento, os aprendizes compreendem que, capazes e úteis aos colegas e com uma autoestima mais elevada e melhor autopercepção positiva de si mesmos, reduzem-se o *bullying* e as atitudes agressivas entre os colegas.

Com os jogos, conseguimos instigá-los à descoberta de sua vontade de estudar, pois fica mais fácil e divertido aprender - por exemplo, batata quente (multiplicação, adição, divisão e a subtração), os dados numéricos e os tabuleiros. Isso fez com que dessem mais valor, quando criavam e jogavam seus jogos. Conforme o depoimento da professora:

Durante o semestre, foi possível perceber que os alunos do 4º ano, além de gostarem muito de fazer parte, desenvolveram sua linguagem sua expressão oral, para os mais tímidos então foi maravilhoso, pois sente-se que estão superando suas barreiras. Acredito que o projeto tenha muito a contribuir para o desenvolvimento tanto no lado cognitivo, como na integração social, fazendo com que se tornem cidadãos críticos e capazes de mudar sua realidade social (Professora do 4º ano).

Atribuímos a elas no contexto do projeto pequenas tarefas, como, por exemplo, limpar o ambiente da sala de aula alguns minutos antes do término do horário das oficinas. Com isso, aprenderam a cuidar mais do ambiente escolar durante os momentos das atividades, pois sabem que

são eles que terão de, posteriormente, deixar limpa e organizada a sala de aula. Essa mesma forma de proceder agora se tornou uma rotina da escola, incluída no Projeto Político Pedagógico da escola. Toda a escola está adotando horários em que todas as crianças realizem pequenas tarefas que auxiliem na limpeza, organização e embelezamento da escola. E isso está se tornando uma rotina da escola e vai constar no Projeto Pedagógico da Escola com a aprovação de toda a comunidade escolar. A exemplo dos países desenvolvidos, esta escola, com o Projeto CriAre, está modificando a cultura do que é o público. As crianças gostam de auxiliar os outros e de serem úteis, elas gostam de fazer o que os adultos fazem, pois se tornam parte desse mundo de gigantes. Antes de termos feito uma reunião com as professoras do projeto e as professoras da escola, eram as merendeiras que lavavam a louça. Após a reunião, as próprias diretoras colocaram dois meninos para secarem a louça e eles adoraram, uma menina que estava passando pela cozinha gostou tanto que pediu para participar da atividade também. São trabalhos simples, mas de um valor e ganho enorme para a criança. A professora regente do 3º ano relata o que observou neste período de Projeto:

os alunos relataram que gostam muito, se divertem, aprendem muitas coisas e gostam de permanecer na escola nos dois turnos, principalmente almoçar na instituição. Em uma reunião com os pais, na entrega de pareceres, os que compareceram relataram que estão muito felizes por seus filhos terem a oportunidade de estarem aprendendo algo diferente. Percebem que as crianças estão mais centradas, mais calmas e apresentam satisfação em participar. A partir de observações na sala de aula, percebe-se que alguns alunos estão melhorando no modo de agir com os colegas, nas atitudes em relação ao comprometimento com os estudos e autonomia na tomada de decisões. Outros necessitam mais tempo para desenvolver tais habilidades, pois nota-se falta de incentivo das famílias em mostrar a importância de o aluno participar do projeto. A parceria entre escola e o projeto CriAre que estimulam a criança a participar de forma lúdica em atividades que oportunizam desenvolver habilidades e competências, sensibilidade e respeito a si mesmo e ao próximo, observar o mundo a sua volta e

modificar comportamentos a partir de experiências no dia a dia, nos dá a certeza de que estamos no caminho e que é possível desenvolver protagonistas de sua própria história.

Nas atividades propostas, trabalhamos para ampliarem sua visão de mundo, para aprenderem a como fazer pesquisa sobre seus interesses em revistas, na *internet* e, quando assistem a vídeos internacionais, para saberem mais sobre sua cultura e de outras existentes no mundo. Isso desperta a pensarem sobre seus objetivos e ambições de vida. Eles mesmos pesquisam nos materiais e buscam responder a seus questionamentos, sendo estimulados em seu protagonismo e capacidades únicas. O estímulo à leitura também foi trabalhado com as crianças do 1º e 2º anos. Nessa fase, algumas crianças não conseguem realizar bem a leitura, porque ainda não estão alfabetizadas. Então, fizemos a leitura inteligente com as crianças do segundo ano, para auxiliá-las a construírem textos mais longos derivados de suas pesquisas. A atividade foi realizada da seguinte forma: o professor lia um pequeno trecho, ou até a vírgula ou ponto, e a criança deveria dizer o que entendeu resumidamente e escrever no caderno o que foi entendido. No geral, eles conseguiram aprender rápido e já colocaram em prática, organizaram um texto com coerência e de fácil entendimento para eles.

É dada à criança a responsabilidade pela sua vida e pelos seus atos. Como, por exemplo, ter responsabilidade pelos próprios materiais, pelas suas relações sociais com os amigos e pelos materiais da escola e do projeto. Sempre guardando nas caixas os respectivos objetos, com todos colaborando e auxiliando. Quando falamos em responsabilidade pelas suas relações sociais, falamos das amizades que, por sua vez, geram várias brigas e desentendimentos entre as crianças. Elas aprendem a resolver esses problemas entre elas, sem a interferência das educadoras, pois é uma vitória para elas conseguirem resolver seus próprios problemas. A criança tem capacidade para isso estando em posição de autor das suas próprias atitudes, aprendendo que estas têm consequências e que é necessário sempre haver respeito uns com os outros. Deixamos as crianças livres para exporem suas opiniões, para levarem atividades de que gostam para ensinar aos colegas. Os alunos sentem-se muito estimulados com os desafios (perguntas de lógica, que estimulam o pensar), para exemplificar, em uma oficina, um aluno levou seu próprio desafio para a sala de aula, deixamos que ele ditasse aos colegas para que eles

resolvessem. Com isso, entenderam que todos somos capazes e que podemos também criar nossas próprias formas de aprender e de ensinar. Ele ditou, e realmente era um desafio de lógica muito bem pensado, eos colegas tiveram que raciocinar bastante. Isso fez com que esse menino tivesse um conhecimento e amadurecimento único, mostrando para si e aos outros do que é capaz.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trabalhando com a Pedagogia Ontopsicológica, começamos a pensar e a agir com a criança de modo provocativo ao invés de impositivo, instigando-a a descobrir por si mesma. Demonstramos como realizamos práticas que levam as crianças a fazerem por si mesmas e não serem substituídas pelos adultos, como no caso da confecção de todo o material didático, incluindo os jogos matemáticos e os textos. Para as turmas de primeiro e segundo anos, trabalhamos a alfabetização de forma lúdica, fazendo com que as crianças confeccionassem as letras de tecido – costura - e também os desafios de lógica que fazem as crianças saírem da sua zona de conforto e se colocarem em posição de pensar e expandir seu conhecimento. Cultivamos, constantemente, as atitudes de respeito com o aprendiz, como protagonista responsável. O foco da ação pedagógica é evidenciar seu potencial sem desestimular ou ferir a dignidade e a sua inteligência, por isso trata-se de conduzir a criança a se auto perceber como capaz, mas precisa querer e fazer. Procuramos, ainda, evitar que os aprendizes sejam, no contexto das interações, substituídos por nós ou pelos seus colegas em seus afazeres. Observamos as transformações na vontade de aprender, no empenho em realizar as tarefas escolares bem como no respeito por si, pelos colegas e adultos (professores, bolsistas, equipe da escola). Do ponto de vista da aprendizagem, notamos uma significativa evolução nos processos de leitura, interpretação e produção textual bem como no raciocínio lógico matemático. Notamos também as transformações que ocorreram em nós. Ficamos mais centrados no potencial das crianças e passamos a ter maior atenção e cuidado ao nosso mundo interior e também com o mundo interior das crianças. Começamos a ser mais congruentes com o que somos enquanto projetos únicos do ser transcendendo aos estereótipos histórico-culturais que não são úteis e funcionais à nossa identidade original. Consideramos que, ainda, existem muitos desafios para serem superados, especialmente no

que diz respeito à nossa qualificação pessoal no sentido de seguirmos minuto a minuto as informações do nosso Em Si ôntico. Esse projeto tem sido um excelente laboratório que tem mudado nossa forma de pensar, sentir e agir conosco e com os outros.

REFERÊNCIAS

MENEGHETTI, A. **Pedagogia ontopsicológica**. 3.ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica. Editora Universitária, 2014.

MENEGHETTI, A. **Uma nova pedagogia para a sociedade futura: princípios práticos**. Recanto Maestro: Ontopsicológica. Editora Universitária, 2014.

MENEGHETTI, A. **Dicionário de ontopsicologia**. 2.ed. Recanto Maestro, RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012.

CULTURA & EDUCAÇÃO: **uma nova pedagogia para a sociedade futura**. Recanto Maestro, RS: Ontopsicológica. Editora Universitária, 2015.

PROJETO APRIMORAR: FORMAÇÃO DE EQUIPES DE OPERADORES DE TELEMARKETING ATIVO¹

Tainá Moreira da Silva

Vera Lúcia Rodegheri

1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo descrever e avaliar um projeto de formação de habilidades desenvolvido semanalmente dentro da empresa Explorer Call Center aos operadores de *telemarketing* ativo para melhorar as suas performances de vendas. Derivado de minha prática profissional na Empresa Explorer Call Center, atuo como gerente operacional, responsável por equipes de operadores de *telemarketing* ativo. Nela observei a necessidade de oportunizar uma continuidade ao desenvolvimento de habilidades para funcionários após efetivação do contrato de experiência de 90 dias. Ocorre frequentemente que o operador de *telemarketing* ativo, após ser efetivado em regime de contratação por tempo indeterminado, ao receber *feedbacks* de produção, percebe que os conteúdos abordados no processo de desenvolvimento de habilidades iniciais são insuficientes e não abarcam a complexidade de situações-problema que a realidade do dia a dia proporciona.

Quando os operadores de *telemarketing* ingressam na empresa, são submetidos a processos de formação inicial de habilidades e atitudes, em média com carga horária de 40 horas, dividida, na maioria das vezes, em 10 dias. O processo inicial de formação objetiva proporcionar as noções básicas para que o novo colaborador possa realizar as operações de *telemarketing*. O conteúdo trabalhado visa à integração de grupo, ao conhecimento de produtos e regras operacionais, sempre a partir de uma abordagem teórica. A lógica do processo de formação inicial do operador de *telemarketing* ativo é, de modo geral, a seguinte: transmitir conhecimento de produto por meio de recursos audiovisuais, explicar técnicas de vendas, regras operacionais e, após uma prova de avaliação, informar se o operador está apto ou não para a função. Esta formação

1 Trabalho de conclusão do Curso de MBA Business Intuition – Identidade Empresarial na Faculdade Antonio Meneghetti. Recanto Maestro-Restinga Seca/RS, 2018.

é ofertada para o público de operadores com experiência, seja ela em vendas de qualquer natureza, como presencial ou via Call Center, juntamente com operadores sem experiência, por exemplo, primeiro emprego. Isso implica que, embora os participantes possuam percursos de experiências diferenciadas, são submetidos ao mesmo tipo de formação inicial quando ingressam na empresa.

Neste percurso de formação inicial, os operadores de *telemarketing* conseguem executar sua função, seguindo o *script* de forma correta, porém, apenas seguindo esta lógica, eles ainda não aprenderam a interagir com os clientes para concretizar a venda. Esses aspectos de ordem menos técnica e mais humanas no cotidiano do seu trabalho se tornam o grande gargalo e adquirir essas habilidades pode dar um grande diferencial à equipe de vendas.

Durante os encontros de *feedback*, realizados após o período de 90 dias, são frequentes as queixas dos operadores de *telemarketing* ativo em relação à necessidade de incluir, não apenas na fase inicial de experiência do novo colaborador, um processo de continuidade de formação para tratar especificamente de suas dificuldades, com carga horária adequada e de forma recorrente. Tal necessidade se verifica visto que as equipes são compostas por colaboradores com *performances* diferentes, bem como tempo e trajetórias de experiência e formação. A diversidade que os perfis do *telemarketing* requerem, não obstante as mesmas funções e escopos, necessitam de processos cada vez mais personalizados, a fim de garantir a alta *performance* também da equipe de vendas. Um dos valores da empresa é o *life long learning*, visto que, cada vez mais, em função das especificidades das demandas dos clientes, a empresa de *telemarketing* enfrenta com criatividade seus desafios.

O objetivo, neste artigo, é descrever o Projeto de Formação para a equipe de operadores que possuem mais de 90 dias de contratação de *telemarketing* ativo e que realizam vendas de produtos financeiros na Empresa Explorer Call Center. Essa formação objetiva promover a competência competitiva do time de vendas, estimular a educação continuada dos colaboradores, focando no conhecimento específico para atingir os indicadores estipulados pela empresa contratante, bem como incentivar a motivação e o sentimento de pertencimento dos operadores. A referida formação foi nomeada “Projeto Aprimorar”. Estabelecemos, como objetivos específicos deste estudo: a) identificar os principais desafios que o Projeto Aprimorar possui no processo de formação dos colaboradores

da Empresa Explorer Call Center; b) descrever como o Projeto Aprimorar funciona em suas etapas e como está alinhado aos valores e competências descritos nos norteadores da Empresa Explorer Call Center; c) analisar acerca dos resultados do Projeto até o momento, a fim de perceber a sua importância e rever as ações de capacitação contínua para garantir a entrega das metas contratadas na empresa Explorer Call Center.

Na metodologia, foi realizada a “Descrição de um Produto”, com abordagem qualitativa e com o escopo de elaborar ou formalizar um processo vivenciado na empresa por parte do seu autor. No processo da descrição do Produto, existem algumas etapas e premissas que seguimos. A primeira delas é revelar que cada solução deriva de uma situação problema que a empresa enfrenta e, portanto, no primeiro momento da construção, buscamos evidenciar qual foi o ponto de partida que motivou desenvolver o “Projeto Aprimorar” e, assim, apresentar a solução no interior da empresa. Esta é uma etapa que mobiliza, na empresa, uma tomada de consciência a respeito de situações de necessidades de mudanças ou crises, não necessariamente problemas, mas podem ser aspectos identificados e que possibilitam portar melhorias aos processos vivenciados na empresa. Compõe esta fase a descrição da situação da empresa, contextualizando o “problema”.

O segundo passo é a etapa de descrição de como foi enfrentado o problema e qual a solução encontrada.. Descrevemos o passo a passo e também o sentido desta etapa do processo a fim de demonstrar que o percurso definido no produto, neste caso, “Projeto Aprimorar”, foi a solução encontrada à situação, na qual se identificou a necessidade de intervenção, tornando-se o propósito deste trabalho. Por fim, a última etapa é a de apresentar os resultados desta solução dada ao problema. Esta etapa é reflexiva, pois é baseada em dados: da experiência, de relatos, de observações, de registros internos da empresa. Todas estas formas de colher as informações estão articuladas para demonstrar que o percurso de proposição da solução do problema se efetivou, deixando clara a extensão dos benefícios que esta solução, formalizada pelo produto, trouxe à empresa.

Nste trabalho, temos como motivação encontrar um modo de desenvolver, na equipe de vendas, a competência competitiva. Em minha função, gerenciando a equipe de venda de produto financeiro, percebo que alguns operadores de *telemarketing* ativo conseguem entregar suas metas tranquilamente ou até mesmo produzir a quantidade de três operadores.

O problema em questão é que, cerca de 60% dos demais operadores, não conseguem atingir a meta dentro do prazo estipulado. Daí surgiu a necessidade de manter uma equipe de operadores de *telemarketing* ativo em constante formação para alcançar as metas contratadas.

Devido à complexidade no processo de vendas, é necessário o desenvolvimento e a capacitação dos profissionais responsáveis por esta função. Buscamos garantir que, depois do período de experiência de 90 dias, os novos contratados, que permaneciam sem formação específica, possam sanar esta lacuna por meio do Projeto Aprimorar. Uma vez conduzindo a equipe neste percurso, também tenho a oportunidade de adquirir conhecimento específico. Enquanto desenvolvo a equipe a equipe me desenvolve. O Projeto Aprimorar também contribui para disseminar vários valores da empresa, dentre eles, de forma mais específica, a formação *life long learning*. Além disso, aumentar a rentabilidade do negócio, reduzir reclamações e processos judiciais, pois, quanto mais conhecimento do negócio os operadores absorverem, melhor será sua argumentação com os clientes e sua segurança ao transmitir as informações e menores são as chances de ocorrerem procedimentos incorretos e falhas de comunicação.

2 A EXPLORER CALL CENTER E O DESENVOLVIMENTO DO PRODUTO

Para Mactear (2012), nenhum negócio consegue ser bem-sucedido sem vendedores eficientes, porém a falta de capacitação desses profissionais muitas vezes dificulta o atingimento de metas e impactam negativamente os SLA's² contratados nas organizações. Nessa perspectiva, contribuimos propondo um programa de formação dos operadores de *telemarketing* ativos para aumentar a eficiência e eficácia da equipe de vendas que vai contribuir para atender os SLA's, fortalecer a missão e valores, e garantir a sustentabilidade da Empresa.

A Explorer Call Center³ é uma empresa conceituada como sinônimo de excelência em relacionamento com o cliente e foco em resultados,

2 Service Level Agreements (SLA) são os meios pelos quais duas partes comunicam entre si para estabelecer as suas responsabilidades em relação ao fornecimento de um serviço, num período de tempo.

3 Disponível em: <http://www.explorercallcenter.com.br/quem-somos/>. Acesso em: 31 jul. 2017.

atua no mercado nacional desde 2009. Tem como missão prestar serviços de venda e atendimento com qualidade, usando como instrumento o Call Center, gerando resultados que garantam a sustentabilidade do negócio. Situada em Porto Alegre, sua infraestrutura é composta por 450 posições de atendimento com disponibilidade integral, 7 dias por semana, 24 horas por dia. A empresa tem como principal objetivo ser parceira estratégica de seus clientes.

Para atender a mercados tão diversificados, possui profissionais qualificados e em constante aprendizado. A empresa tem, como valores centrais, o empreendedorismo, relação personalizada, prioridade voltada ao resultado, educação e transparência. Para atender a esses valores, investe diariamente em capacitação contínua e programas cujo objetivo é desenvolver as competências: ambição, flexibilidade, conhecimento específico, foco, capacidade de relacionamento, profissionalismo, visão sistêmica, disciplina, capacidade de comunicação, capacidade de discernimento e comprometimento (O LIVRO, 2017)⁴.

Para atender ao valor organizacional “Educação”, da empresa em questão, seu sócio proprietário, André Fraga, em 2011⁵, desenvolveu um método de aperfeiçoamento diário de vendedores denominado “Primeira Hora do Dia” (PHD) que é aplicado em todas as operações de vendas, diariamente, com duração de 30 minutos. Este programa é realizado sempre na primeira hora de cada turno, focado na aprendizagem. A Empresa Explorer Call Center prioriza a importância da capacitação contínua por meio de uma formação do tipo *Life Long Learning*. Segundo Meneghetti:

A velocidade das mudanças socioeconômicas impõe uma atualização contínua das competências e das habilidades. É necessária, portanto, uma formação do tipo *life long learning*. Para ser líder no contexto global não se pode mais permanecer esclerosados em papéis, funções e modalidades operacionais que necessariamente

4 “O Livro” é uma ferramenta de gestão, um documento elaborado pelo Planejamento Estratégico da Empresa, conduzido pela Azione Consultoria.

5 FRAGA, André. **O método de capacitação Contínua (*Life Long Learning*) para Equipes Comerciais na Primeira Hora do Dia (PHD)**. Faculdade Antonio Meneghetti. MBA Gestão de Negócios e Intuição: O Empreendedor e a Cultura Humanista, 2011.

e quotidianamente devem confrontar-se com cenários mutáveis (normativos, tecnológicos e científicos). [...] No futuro próximo, a diferença fundamental entre uma pessoa e outra, não será apenas a bagagem de conhecimentos e experiências que soube acumular, sistematizar e renovar, mas, sobretudo, o método com o qual saberá continuamente capitalizá-los em adaptação e evolução (MENEGHETTI, 2013, p. 29).

Essa busca de formação contínua do líder da Empresa Explorer Call Center originou a motivação de criar o Projeto Aprimorar como continuidade para atender ao valor organizacional “Educação” em que gestores e operadores de *telemarketing* ativo tornam-se comprometidos com sua capacitação. Na formação das equipes de venda, segundo Mactear (2012, p. 31), “o aprendizado tem de ser contínuo, e o treinamento formal é, com frequência, a abordagem mais eficaz”. Para Fraga (2011, p. 5), “O *Life Long Learning*, proposto pela FOIL⁶, requer uma atitude constante e progressiva de revisão da consciência, a fim de que esta seja capaz de possibilitar a reversibilidade entre o real e a sua representação”. Portanto, este conceito é central para formação do líder que está em constante transformação e é o principal motor criativo da empresa.

Sendo assim, a formação do operador de *telemarketing* ativo é o momento de aquisição de conhecimentos, habilidades, integração de equipe, regras operacionais e conceitos. Desse modo, o Projeto Aprimorar é considerado um processo de longo prazo para aperfeiçoar as capacidades dos operadores, estimular a motivação e desenvolver as competências para prepará-los para um plano de carreira.

Uma *organização de aprendizagem* constrói relações colaborativas no sentido de dar força aos conhecimentos, experiências, capacidades e maneiras de fazer as coisas que as pessoas devem utilizar. Melhorar os processos de comunicação que levam as pessoas a articular e refinar suas aspirações e objetivos para melhor alcançá-los. (SENGE, 1999, *apud* CHIAVENATO, 2000, p. 450).

6 Formação Ontopsicológica Interdisciplinar de Liderança (FOIL).

Entendemos que esta formação não pode ser vista dentro da empresa como uma série de cursos e eventos. Nosso objetivo é contribuir para a capacitação do colaborador, visando a um aumento de eficiência, eficácia, de produtividade e melhoria do ambiente de trabalho. Nesse sentido, descrevemos, a seguir, o contexto em que ocorreu a formalização do Projeto Aprimorar em nossa empresa.

Dentre as empresas clientes da Explorer Call Center, está um renomado banco multinacional, que contrata nossos serviços para vender um produto financeiro de crédito pessoal em sua carteira de correntistas. Para atender à necessidade deste banco, a Explorer Call Center se estruturou da seguinte forma: são 30 posições de atendimento de 12 horas, denominado como parque de posições de atendimento (PAs). Nessa PAs,, um operador possui carga horária das 9 às 15 horas e outro das 15 às 21 horas, de segunda a sexta-feira. Aos sábados, 30 operadores trabalham das 10 às 16 horas, enquanto os outros 30 participam da formação contínua na empresa, dentro do Projeto Aprimorar. A formação aos sábados ocorreu após a criação do Projeto Aprimorar, antes cerca de 30 operadores eram liberados para gozar folga neste dia, mesmo sem entregarem a meta proposta na semana. Portanto, são 60 operadores de *telemarketing* ativo que realizam as vendas para esse banco multinacional, denominado como contratante, na Empresa. O contratante fornece listas de clientes, isto é, correntista do banco e a equipe de vendas da Explorer liga através do Call Center para vender o produto de crédito pessoal. A necessidade de desenvolver esses 60 operadores inspirou a criação do Projeto Aprimorar.

O processo de vendas é complexo e exige o desenvolvimento e capacitação dos profissionais responsáveis por esta função. Na equipe de vendas dos produtos financeiros, por exemplo, as metas de produção são contabilizadas hora a hora, o que exige uma equipe de alta *performance* e operadores de *telemarketing* formados para neutralizar objeções apresentadas pelo cliente. Além da empresa Explorer Call Center mais seis empresas de Call Center's são contratadas pelo banco, o que gera um sentimento de competição e concorrência ainda maior por parte da equipe, pois caso a venda não seja concretizada no momento do contato, outra empresa poderá concretizá-la na semana seguinte. Segundo Porter (1989, p. 1):

A concorrência está no âmago do sucesso ou do fracasso das empresas, determinando a adequação das atividades

que podem contribuir para seu desempenho, como inovações, uma cultura coesa ou uma boa implementação. A estratégia competitiva é a busca de uma posição competitiva favorável [...].

Devido a essa concorrência direta e tão acirrada entre as empresas de *telemarketing*, observamos a necessidade de propor novas soluções que contribuam para o incremento do resultado e consolidem a empresa como referência no segmento. Com uma proposta inovadora, o Projeto Aprimorar instiga os participantes a pensarem “fora da caixa”, isto é, pensar sem estar amarrado a ideias convencionais. Entendemos que, se fizermos as mesmas coisas e sempre do mesmo jeito, obteremos os mesmos resultados, os quais nem sempre são suficientes para manter a empresa em vantagem competitiva. Conforme Porter (1989):

A vantagem competitiva não pode ser compreendida observando-se a empresa como um todo. Ela tem sua origem nas inúmeras atividades distintas que uma empresa executa no projeto, na produção, no *marketing*, na entrega e no suporte de seu produto. Cada uma destas atividades pode contribuir para a posição dos custos relativos de uma *empresa*, além de criar uma base para a diferenciação. [...] A diferenciação pode originar-se de fatores similarmente diversos, inclusive a aquisição de matéria-prima de alta qualidade, um sistema ágil de atendimento a clientes ou a um projeto do produto superior (PORTER, 1989, p. 31).

Portanto, o profissional de vendas é o ponto de relevância para o sucesso da empresa e sua base de diferenciação.. Conforme Fraga (2011), “foi possível observar, durante esses anos de trabalho de vendas, que o resultado dos nichos de negócios em que atuávamos não dependia somente do produto, serviço ou preço. O fator mais relevante de todo o processo de vendas é a ‘pessoa do vendedor’”.

Percebemos que, além de investir nas melhores listas de clientes potenciais, nas principais tendências tecnológicas de Call Center, de produto, serviço e preço, é de suma importância considerar a atitude do profissional de vendas. Conforme Meneghetti (2013, p. 260), “isso significa

que, na sua essência, o mercado é personalidade: *se compra e se vende personalidade, identidade*” (grifo do autor). Esta profissão requer certas características naturais associadas à preparação técnica adequada e ao desenvolvimento destas competências, principalmente a competência competitiva que, segundo Meneghetti (2013):

Significa que se tem toda a cognição, a prática, a experiência e o conhecimento sobre aquilo que se produz, que se faz: é um competente, portanto, alguém que pode ensinar aquilo que se está fazendo. É verdadeiramente um profissional especialista, por isso sabe tudo e conhece tudo: ninguém é superior a ele no saber e no fazer aquilo que ele produz ou vende. Também a competência, portanto, é um contínuo tirocínio técnico dialético que deve transformar-se em competição. *Competitividade* significa que o supercampeonato do empresário se mensura continuamente com os melhores no mundo e do seu ambiente. A competência é uma qualidade, é uma capacidade de saber conhecer e fazer; a competitividade é a capacidade de superar e de ser melhores no mercado sobre as coisas no próprio ambiente. (MENEGHETTI, 2013, p. 457).

Desse modo, a globalização exige que os profissionais sejam, cada vez mais, competentes e competitivos. Ser competente é ter a capacidade de saber fazer melhor que os outros, saber por inteiro, criar fascínio por parte dos outros, saber fazer de modo superior, servir melhor que os outros. Meneghetti (2013, p. 133) entende que “uma produção competitiva distinta significa que oferece um serviço qualitativamente, economicamente, distinto; distingue-se, é o melhor”. Ser competitivo é a arte de saber servir o cliente em antecipação, com economia e qualidade. Em síntese, para Meneghetti (2016, p. 84), “competência competitiva: sabe fazer e é o melhor no seu campo”. Sendo assim, o Projeto Aprimorar, por meio do desenvolvimento da competência competitiva de cada membro da equipe de vendas, busca a excelência na entrega dos resultados contratados e visa a garantir a rentabilidade do negócio. Entendemos que, com a implementação do projeto de formação continuada, ajudamos no desenvolvimento do capital humano da empresa.

3 O PROJETO APRIMORAR: FORMAÇÃO DE EQUIPES DE OPERADORES DE TELEMARKETING ATIVO

Minha inspiração para criar o Projeto Aprimorar aconteceu quando tive contato pela primeira vez com o texto “Saber amar o próprio jogo”, do professor Antônio Meneghetti, no início do MBA⁷. Nesse texto, Meneghetti (2013) define o adjetivo distinto como um termo de prestígio e de alta filosofia: distinto, denota sempre um significado de superioridade, posto que sempre tem relação com algo nobre, qualificado e com termos liderísticos, como capaz, potencial, ação no sentido de qualificação, mérito, e reconhecimento no sentido de serviço, resultados.

O trecho “Eis o ponto: conhecer bem, com arte total o seu produto, a sua exposição, a sua oferta ou demanda; você deve ser hipercompetente em tudo aquilo que se refere ao objeto do seu trabalho [...]” (MENEGHETTI, 2011, p. 51) tocou-me profundamente, pois, de fato, traz uma responsabilização imensa ao indivíduo. Nesse momento, perguntei-me: “eu sou hipercompetente? Minha equipe é hipercompetente? Conhecem bem o produto que vendemos? Possuem a arte total sobre as técnicas de vendas para fechar um negócio?”

Após essa reflexão, decidi criar um projeto de formação para me aperfeiçoar e aprimorar o conhecimento existente na equipe e proporcionar um ambiente de criatividade, integração e inovação. Aprimorar significa primoroso, que apresenta primor. Etimologicamente, a palavra “primor”⁸ se originou do latim *primor* ou *primoris*, que tem um significado semelhante à expressão “o que ocupa o primeiro lugar”. O Projeto Aprimorar foi pensado para trazer distinção ao processo da capacitação de supervisores e operadores de *telemarketing* ativo. O Projeto ocorre em uma periodicidade semanal, sendo realizado impreterivelmente todos os sábados do mês. Possui carga horária definida de 4 horas semanais/16 horas mensais, sendo que os responsáveis pela preparação e execução da formação são os supervisores e gerente de negócio.

A participação do colaborador no Projeto Aprimorar funciona da seguinte maneira: o responsável pela capacitação, após avaliar os resultados

7 Trata-se do texto de MENEGHETTI, A. Saber amar o próprio jogo. In.: MENEGHETTI, A. **Psicologia Empresarial**. São Paulo: FOIL, 2013, p. 133-135. Este texto foi trabalhado na disciplina Performance Empresarial: do líder ao *core business*, ministrada pelo professor Wesley Lacerda.

8 Disponível em: <https://www.significados.com.br/primor/>. Acesso em: 24 out. 2017.

individuais dos operadores de *telemarketing*, elenca os principais ofensores da semana que impossibilitaram atingir as metas contratadas. Em seguida, escolhe o tema central a ser abordado e desenvolvido naquela semana; baseando-se nessa escolha, elabora a lista de participantes conforme nível de dificuldade no tema. Por acontecer uma vez por semana e trabalhar as dificuldades dos operadores, o mesmo tema poderá ser abordado de forma recorrente até ser sanado por completo, do mesmo modo que, a cada encontro, poderá ser contemplado um tema totalmente novo. Dessa forma, o que definirá se o operador participará ou não do projeto naquela semana, ou a quantidade de vezes em que participará ao longo de sua contratação, é o resultado individual entregue por ele no período de avaliação dos ofensores. Em ocasiões em que todas as metas são atingidas e por todos os operadores que constituem a equipe em questão, o Projeto Aprimorar serve como formação de alta *performance* para que os excelentes resultados perdurem.

O modelo de formação de cada encontro é composto por cinco etapas : 1) abertura: momento direcionado para disseminação da cultura organizacional; 2) ferramentas operacionais: etapa destinada para um convidado especial de outro setor da empresa; 3) radar: etapa indicada para tratar os ofensores semanais, focando no conhecimento específico atrelado às técnicas de vendas; 4) qualidade: momento destinado para o desenvolvimento do operador no indicador que avalia a experiência do cliente; 5) encerramento: etapa de conclusão do projeto em uma esfera motivacional.

A abertura é o momento de trabalhar a cultura organizacional para disseminação dos norteadores da Empresa. Nessa etapa, o responsável pelo desenvolvimento realiza a leitura de “O Livro”, onde constam informações relativas ao negócio, missão, visão, valores e competências que consolidam os norteadores estratégicos da Empresa Explorer Call Center. Essa etapa é fundamental para promover a cultura organizacional. Conforme Lacombe (2011, p. 275), “uma cultura bem definida garante consistência e coerência nas ações e decisões, proporcionando, em média, melhores condições para alcançar as metas aprovadas”. “O Livro” foi produzido pelo comitê do planejamento estratégico da Empresa Explore Call Cente, juntamente com a Consultoria Empresarial Azione Consultoria em 2017. Serve como uma poderosa ferramenta de gestão para aplicação de *feedbacks*, criação de planos de ações e contribui para condução das equipes. Este documento, para uso interno na organização, tem por objetivo apresentar a todos os colaboradores o modo de pensar, fazer negócios, atender, vender, desenvolver e gerir a empresa (O LIVRO, 2017).

Na primeira parte de “O Livro”, Fraga (2017) relata sobre sua trajetória profissional e o quanto um sonho a realizar poderia mudar para sempre sua vida. Compartilha que tudo se originou de um profundo desejo de comprar uma moto e que o segredo para o concretizar foi manter uma foto da moto na escrivaninha de seu quarto. E ainda sugere que cada colaborador da empresa tire uma foto de seu sonho e coloque num local que possa ser visto todos os dias pela manhã. (O LIVRO, 2017). Não é raro chegar na empresa e ver fotos espalhadas por quase todas as posições de atendimento, desde imagens de carro, casas, diplomas, viagens, símbolos de dinheiro e eletrodomésticos. Nos parágrafos seguintes, o autor relata que tempos depois descobriu por que a imagem da moto dava tanta motivação, pois a palavra imagem, segundo o Dicionário de Ontopsicologia (MENEGETTI, 2012, p. 131), vem do latim e significa “*in me ago* – age em mim. Como a forma age em mim ou em outro”. Portanto, podemos relacionar este conceito de modo análogo ao que Fraga chama de “o combustível” necessário para avançar na realização do sonho. (O LIVRO, 2017).

Neste contexto, o palestrante convida os participantes a criarem um “quadro dos sonhos”, em que cada participante escolhe uma figura representando um sonho que realizará em curto prazo, normalmente em 30 dias. Esta atividade, além de corroborar com a cultura da empresa, serve como “quebra gelo”, isto é, promove a interação entre os participantes e o palestrante. Após a leitura de “O Livro”, o palestrante escolhe uma das competências organizacionais da empresa e começa a desenvolvê-la abordando o conceito e como usá-la no dia a dia do operador de *telemarketing* ativo. Desse modo, “a gestão por competências visa substituir o tradicional levantamento de necessidades de treinamento por uma visão das necessidades do negócio e como as pessoas poderão aportar valor à empresa” (CHIAVENATO, 2007, p. 97). O objetivo nessa etapa, é ampliar a compreensão de cada competência do contexto do dia a dia do operador e, assim, desenvolvê-las para assegurar os valores, realizar a missão, alcançar a visão e garantir o negócio.

Na segunda etapa, de Ferramentas Operacionais, convidamos um funcionário de outro setor para explicar a respeito de suas atividades e como funciona o setor. Entendemos que essa aproximação entre setores da empresa facilita a comunicação no dia a dia e gera empatia entre os funcionários. A participação de outros setores no projeto colabora para que o operador crie uma visão sistêmica do negócio, ele passa a

entender, por exemplo, a complexidade para gerar, importar e filtrar a lista de clientes que ele utilizará como ferramenta de trabalho, o processo que o profissional analista de Planejamento executa para que ele receba em linha um cliente com a maior propensão de compra.

O setor de Qualidade da empresa, que também participa do projeto, enriquece a visão do operador com dicas sobre suas ligações de vendas, como melhorar sua linguagem, sondagem, argumentação e procedimentos. Alinha informações e dissemina novas regras do produto, além de aplicar *feedbacks* construtivos que aperfeiçoam cada vez mais o operador. Este setor ainda visa sempre a identificar oportunidades que permitam melhorar o desempenho da operação, auxilia na redução de reclamações de clientes no SAC, Ouvidoria, PROCON, Bacen, Reclame Aqui, redes sociais e demais órgãos responsáveis, além de prevenir e tratar fraudes e auxiliar na prevenção da segurança da informação.

Outro setor que também participa do projeto é o RH, que contribui com novidades sobre novos e antigos benefícios fornecidos aos funcionários. Informa os objetivos, as políticas, as normas, as práticas, bem como quem é quem na empresa, como funcionam os serviços de apoio, o que é permitido e o que não é, que atitudes e comportamentos são adequados dentro da empresa, reforço às funções e responsabilidades, reforço do institucional, como, por exemplo, a utilização do crachá e qual a importância desta atitude e divulgação de processos seletivos internos. Para Lacombe (2011, p. 115), “programas que aceleram a socialização tendem a reduzir a rotatividade, [...] contribuindo para otimizar o aproveitamento do pessoal”.

O terceiro momento, do radar é o ápice da formação, pois o responsável deverá trazer insumos para desenvolver no grupo o principal ofensor da semana. Para tal, deverá monitorar as ligações e acompanhar os operadores lado a lado para coletar informações importantes, identificar os ofensores a serem desenvolvidos e as principais objeções apresentadas pelos clientes e que os operadores não conseguem contornar. Cobra e Tejon (2007, p. 33) afirmam que “o vendedor que age da maneira antiga tende a prolongar desnecessariamente o fechamento da venda, o que pode deixar o cliente em dúvida e levá-lo a postergar a compra. Na venda moderna, o fechamento é simples e rápido, impedindo o surgimento de objeções que inibam a compra”. Portanto, entendemos que, quanto mais conhecimento sobre as características e benefícios dos produtos, aliado a perguntas corretas de sondagem para identificar a real

necessidade do cliente, impostadas por uma voz entusiasmada, menor será a chance de o cliente apresentar uma objeção. Em vendas de um modo geral, e principalmente por *telemarketing*, onde o cliente não consegue tocar o produto ou ver a expressão e postura do vendedor, quanto mais conhecimento técnico sobre o serviço ou produto, maior o grau de confiança que se estabelece entre o vendedor e o comprador.

Para Rackham (2009, p. 134), “pessoas hábeis recebem menos objeções porque aprenderam a evitar objeções e não a lidar com elas”. É, nessa etapa, que ocorre o desenvolvimento do conhecimento específico do vendedor e o qualifica para agir de modo apropriado para a máxima eficiência ao neutralizar uma objeção do cliente ou até mesmo evitá-la. Conforme Meneghetti (2011, p. 51), “o mercado não é baseado nas necessidades primárias [...], as pessoas compram para serem superiores, portanto as empresas e os operadores mais válidos são aqueles que sabem dar uma prestação competitiva e distinta”. Portanto, se o vendedor conseguir identificar e ultrapassar as necessidades primárias do cliente e satisfazer as necessidades secundárias, então a venda atinge um nível de excelência. Nessa etapa do Projeto Aprimorar, abordamos conteúdos para ajudar o vendedor nesta tarefa, como, por exemplo, assuntos sobre perfis de clientes, estratégias de vendas, como fidelizar clientes, argumentos de vendas, meios de não cometer erros graves nas vendas, bem como assuntos para o desenvolvimento pessoal do vendedor sobre educação financeira, sobre como cuidar da voz, autoestima para vender mais, entusiasmo na voz, a importância da ergonomia no ambiente de trabalho. Para Meneghetti (2005, p. 208), “o verdadeiro vendedor deve ser alguém vital; ele não vende porque tem a mercadoria boa, mas porque é ele mesmo que coenvolve: é a pessoa que faz o comércio, não o objeto”. Nessa mesma perspectiva, Gitomer (2011, p. 29) afirma que:

Vendas não é uma simples questão de direção, visitas e fechamentos. Não é nem mesmo uma questão de qualidade da resposta de seu produto ou serviço. Vendas é uma questão de quem você é, qual a sua atitude e quanto você se dedica à sua excelência pessoal. É uma questão de quão responsável você é pelas ações que toma e quão sincero você é sobre ajudar os outros a ganhar por conta própria para que você, no final, possa sair ganhando.

Assim, o Projeto Aprimorar busca estimular a alegria e a vitalidade do profissional de vendas. São vários os modos de transmissão de conhecimento, aconselhamos a utilização de uma técnica de venda e, após, devemos solicitar que os operadores criem fraseologias e adaptem o roteiro, conforme a técnica abordada, mas preservando a sua forma de dialogar. Nessa fase, é possível realizar dinâmicas de vendas, simulações, leitura de livros de vendas, assistir a vídeos, escutar ligações de *case* de sucessos e outros meios usualmente utilizados em capacitação.

A etapa qualidade - experiência do cliente - está dividida em dois momentos, uma parte ministrada pelos supervisores e outra pela área da Qualidade. Esses dois momentos são trabalhados concomitantemente a partir das informações das *performances* de vendas levantados pelos supervisores. Os supervisores semanalmente monitoram as ligações dos operadores registradas como “não-venda” por meio de escutas *on-line* ou por gravações, o objetivo destas monitorias é identificar se os operadores estão repassando ao cliente todas as informações imprescindíveis da negociação, verificar se o motivo da recusa do cliente condiz com o registro que o operador gravou no sistema, analisar o motivo pelo qual o operador não concretizou a venda e utilizar todo o conhecimento adquirido pelo supervisor ao longo de sua carreira, para auxiliar o operador a contornar as objeções do cliente.

Na etapa de encerramento, inicia a leitura de um texto, frase ou visualização de um vídeo motivacional para fechamento do Projeto Aprimorar. Este é o momento em que as equipes ecoam o grito de guerra que fazem identificação ao seu time de vendas, pode ser uma palavra motivacional, frase, música, paródia ou refrão. Para tal momento, vale observarmos o que é motivação. Motivação refere-se aos fatores que provocam, canalizam e sustentam o comportamento de um indivíduo (STONER; FREEMAN, 1999 *apud* CAVALCANTI et al., 2009, p. 86). Nesse contexto, Vergara (2003 *apud* Cavalcanti et al., 2009, p. 86) salienta o seu caráter intrínseco, “tendo em vista nascer de necessidades interiores, de modo que o que os líderes podem fazer é estimular, incentivar, provocar a motivação de seus funcionários”. Portanto, o papel do supervisor, nessa etapa, é atuar de forma que o potencial de cada operador de *telemarketing* ativo se torne ação, em utilidade e funcionalidade dos objetivos da empresa Explorer Call Center.

4 RESULTADOS DO PROJETO APRIMORAR

Após as primeiras aplicações do Projeto Aprimorar, percebemos uma melhora significativa na entrega de resultados de todos os operadores que participaram do projeto. O tema mais recorrente nos relatos dos participantes do projeto foi sobre o quanto se sentiram valorizados pela empresa, pois esta, ao invés de apenas cobrar o resultado em atingir as metas estabelecidas, oportuniza situações de aprendizado para o aperfeiçoamento dos colaboradores. Ao se sentir mais valorizado, conseqüentemente, a maioria dos operadores passou a valorizar mais as regras e normas de conduta da empresa. Percebemos que os indicadores de assiduidade e pontualidade melhoraram e que a rotatividade de pessoal (*turnover*) diminuiu consideravelmente no período avaliado.

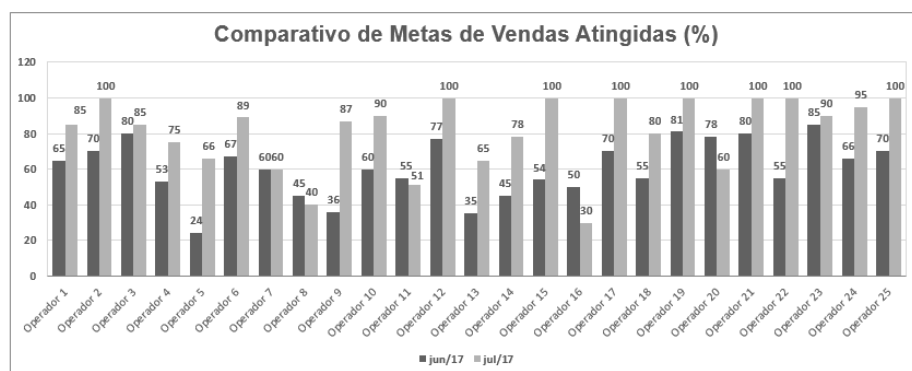
Ao longo dos meses de realização do projeto, a prática do modelo de capacitação resultou em *feedbacks* de desempenho mais práticos e assertivos entre gestores e operadores, eliminando possíveis desculpas por parte dos operadores quanto ao domínio total do produto, regras operacionais e técnicas de vendas. Em pouco tempo, os operadores se mostraram mais responsáveis pelo próprio resultado, não terceirizando a dificuldade em fechar uma venda, citando situações externas com frases do tipo “ninguém quer comprar devido à crise”, “a lista de clientes não é adequada”.

Analisando a postura dos operadores, percebemos, em sua maioria, uma mudança significativa na forma de se vestir, desenvoltura ao falar em público e maior receptividade a novos conhecimentos. Não podemos afirmar se tal fato está relacionado ao Projeto Aprimorar ou não, mas ao estimular a capacitação continuada por meio de estudos constantes, muitos colaboradores se matricularam em cursos profissionalizantes, técnicos e de ensino superior. Isso ocorreu especialmente com os gestores, pois de cinco gestores imediatos, quatro deles matricularam-se em cursos superiores.

Quanto aos supervisores, instrutores operacionais e gerentes que ministram e ajudam na organização do projeto, verificamos que, ao se verem partícipes do processo de capacitação dos operadores e não somente condicionados a cobrar resultados, sentem-se mais importantes, mais influenciadores e com maior credibilidade perante o grupo de liderados. Em relação ao aumento de produtividade, a maioria dos participantes e organizadores do projeto demonstraram um ganho de performance e incremento em suas remunerações variáveis, isso foi reflexo imediato do aumento da produtividade.

Para poder fazer a análise dos resultados, optamos por um recorte de tempo de 60 dias, comparando o resultado final entre os meses de junho/julho do ano de 2017, visto que no mês de julho, ocorreram cinco encontros e que, neste período, também houve maior participação e maior frequência de operadores que nos meses anteriores. Para avaliar o impacto de o Projeto Aprimorar com os operadores, escolhemos dois critérios de desempenho: a) percentual de metas de vendas atingidas e b) percentual de qualidade. Com relação ao percentual de metas de vendas atingidas, constatamos que a maioria dos operadores apresentou uma evolução positiva, conforme Figura 1:

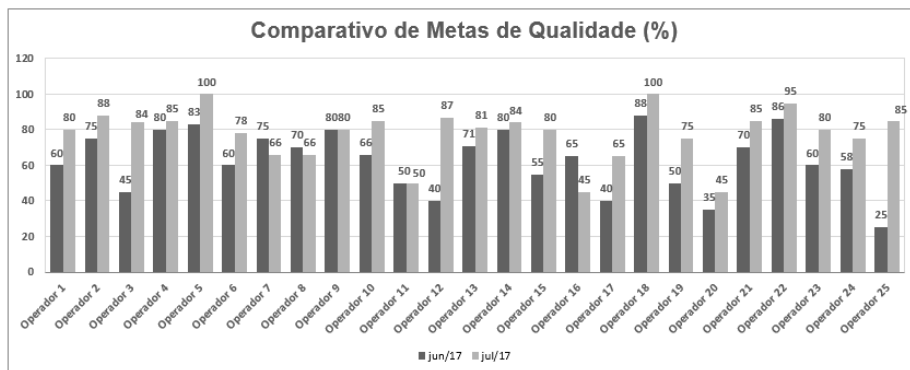
Figura 1: gráfico comparativo de metas de vendas dos operadores



Fonte: Setor de Planejamento Explorer Call Center (2017).

No gráfico, podemos observar que, no mês de junho/17, nenhum dos 25 operadores avaliados havia entregue 100% da meta em vendas, sendo que 5 operadores atingiram percentual abaixo de 50% da meta estipulada. Porém, no mês de julho/17, após participarem dos cinco encontros do Projeto Aprimorar, 8 operadores atingiram 100% da meta contratada e 2 participantes se mantiveram com percentual abaixo de 50% da meta estipulada. De modo geral, 20 operadores evoluíram o percentual de meta atingida, 1 operador se manteve estável e 4 operadores não evoluíram. Já, no que se refere à qualidade, verifica-se que 20 operadores apresentaram evolução na meta de qualidade, 2 operadores se mantiveram estáveis e 3 operadores não evoluíram. A Figura 2 apresenta o comparativo entre os meses de avaliação:

Figura 2: gráfico dos operadores - Qualidade após participarem do Projeto Aprimorar:



Fonte: Área da Qualidade Explorer Call Center (2017)

Neste gráfico, podemos avaliar que, no mês de junho/17, 2 operadores atingiram a meta de 85% de qualidade, sendo que, no mês de julho/17, 5 operadores atingiram a meta de 85% de qualidade, inclusive 2 operadores apresentaram máxima eficácia no critério qualidade, atingindo 100% de excelência. De 40% que apenas atingia a meta, após o projeto Aprimorar, analisando o quadro de desempenho no mês de julho, 71% dos operadores de *telemarketing* ativo cumprem as metas. Embora 29% do total ainda não atingiram as metas estabelecidas, demonstram ter evoluído significativamente sua performance individual.

Quanto ao nível de satisfação de participação no Projeto, a maioria dos colaboradores relatam que foi satisfatório e que as informações passadas no percurso da formação continuada tiveram aplicabilidade em sua rotina de trabalho. Ao serem questionados se possuem alguma sugestão de melhoria para o projeto, a maioria sugere que seja estendido para todas as equipes que constituem a Empresa Explorer Call Center.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisando os resultados e respondendo aos objetivos do presente trabalho, evidenciamos que, em relação às etapas do projeto de desenvolvimento dos operadores de *telemarketing* ativo, as mesmas passam por diversos aspectos do dia a dia do operador e que, se bem executadas, o Projeto Aprimorar possibilitará as seguintes melhorias

na organização: a) disseminar os norteadores estratégicos, pois tem seu conteúdo programático todo desenvolvido conforme os norteadores da empresa; b) assegurar os valores da empresa, de forma mais específica à formação *Life Long Learning*; c) por meio da capacitação continuada, melhorar os resultados dos operadores com baixa *performance* os auxilia a absorverem com mais facilidade as informações, pois é ministrado de forma interativa e por pessoas diferentes, porém com discurso alinhado; d) garantir um aumento na rentabilidade do negócio, uma vez que mais operadores atingirão as metas propostas dentro do prazo estabelecido; e) promover a integração com outros setores da empresa, melhorando, assim, a comunicação entre departamentos; f) estimular a motivação e sentimento de pertencimento ao grupo, pois, durante esta ação, são compartilhados, entre todos os níveis hierárquicos, a missão, visão e valores da empresa; g) desenvolver as competências essenciais da organização, outro ponto que consta em “O Livro” e também constantemente abordado durante os encontros do Projeto Aprimorar; h) diminuir a rotatividade de pessoal (*turnover*) da operação, o que reflete consideravelmente na redução de custos no setor de recursos humanos; i) nivelamento de informação, uma vez que há muita diversidade no Call Center de profissionais com trajetórias e experiências de formação, o que acarreta operadores com diversos tipos de vícios de linguagem e nos processos. Com esta ação, certamente, o conhecimento se torna nivelado ao longo dos encontros.

O Projeto Aprimorar pressupõe a capacidade de dar veemência ao conhecimento, às competências, às habilidades, à responsabilização do profissional de vendas e, conseqüentemente, à ação. Isso maximiza os resultados humanos que conduzem a resultados financeiros tornando a empresa mais lucrativa e formando colaboradores mais comprometidos consigo mesmos e com a empresa em que atuam. Este projeto, inicialmente, foi pensado para a formação dos operadores de *telemarketing* ativo e, após os resultados analisados, percebemos que também se tornou uma ferramenta para a formação dos gestores. O gestor, para poder promover a formação, precisa estar atento, analisar os resultados individuais e do grupo e saber o que não funcionou, precisa escutar as ligações, sem isso ele não consegue aperfeiçoar as competências da equipe e neutralizar os ofensores.

Então, quando os gestores não estiverem atingindo a meta proposta pela empresa, o Projeto Aprimorar possibilitará uma intervenção efetiva, uma vez que estabelece os pontos de medidas intermediários e faz

a avaliação, controlando o resultado durante a vigência de produção dentro do próprio mês. Portanto, no final, evidenciamos que o Projeto Aprimorar pode vir a ser um método de formação de gestores e não somente dos operadores de *telemarketing* ativo. Enfim, concluímos que o resultado positivo aconteceu, porque a primeira e grande mudança foi da autora, como gestora, que escolhe se responsabilizar pelo seu desempenho, uma vez que entende que o resultado anterior era bom, mas poderia ser muito melhor. Da atitude de mudança do líder, notamos a mudança positiva da equipe, da empresa e dos demais colaboradores.

REFERÊNCIAS

CAVALCANTI, V. et al. **Liderança e motivação**. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2009.

CHIAVENATO, I. **Introdução à teoria geral da administração**. 2. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

CHIAVENATO, I. **Treinamento e desenvolvimento de recursos humanos: como incrementar talentos na empresa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

COBRA, M; TEJON, J. L. **Gestão em vendas: Os 21 segredos do sucesso**. São Paulo: Saraiva, 2007.

FRAGA, A. C. de. **O método de capacitação Contínua (*Life Long Learning*) para equipes comerciais na Primeira Hora do Dia (PHD)**. 2011. 29 f. Trabalho acadêmico. Faculdade Antonio Meneghetti. MBA Gestão de Negócios e Intuição: O empreendedor e a cultura humanista, Recanto Maestro, 2011.

FRAGA, A. C. de. Trajetória profissional. In: O LIVRO. Documento interno. Empresa Explorer Call Center. Porto Alegre, 2017. p. ...

GITOMER, J. **A bíblia de vendas: o livro definitivo de vendas**. São Paulo: M. Books, 2011.

LACOMBE, F. J. M. **Recursos humanos: princípios e tendências**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2011.

MACTEAR, J. **Vendas: conceitos essenciais que fazem a diferença.** São Paulo: Saraiva, 2012.

MENEGHETTI, A. **A riqueza como arte de Ser.** Recanto Maestro, São João do Polêsine, RS: Fundação Antonio Meneghetti, 2016.

MENEGHETTI, A. **Dicionário de Ontopsicologia.** 2. ed. Recanto Maestro, RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012.

MENEGHETTI, A. **O aprendiz líder.** São Paulo: Foil, 2011.

MENEGHETTI, A. **Residence Ontopsicológico.** 3. ed. Recanto Maestro, RS: Ontopsicologica Editrice, 2005.

MENEGHETTI, A. **Psicologia da organização.** São Paulo: FOIL, 2013.

PORTER, M. E. **Vantagem competitiva: criando e sustentando um desempenho superior.** Rio de Janeiro: Elsevier, 1989.

RACKHAM, N. **Alcançando excelência em vendas: SPIN Selling.** São Paulo: M. Books do Brasil Editora Ltda, 2009.

Falta:

O LIVRO. Documento interno. Empresa Explorer Call Center. Porto Alegre, 2017 (não publicado).

RELAÇÕES ENTRE DIREITO AMBIENTAL, MEIO AMBIENTE E SER HUMANO: ANOTAÇÕES PROSPECTIVAS PARA UMA ANÁLISE

Mariana Brito Araujo

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho é o terceiro de uma série de artigos elaborados no âmbito do curso de Bacharelado em Ontopsicologia da Antonio Meneghetti Faculdade (AMF). No primeiro trabalho, se buscou analisar a aplicação da lógica formal a uma decisão judicial específica, com o objetivo de demonstrar o papel desviador das ideologias e do superego social sobre os processos puramente racionais na tomada de decisão, acrescentando ao final a questão da funcionalidade ao humano como diretriz para a aplicação da norma. No segundo trabalho, se buscou resolver a dúvida quanto à existência ou não de uma relação entre o fenômeno arte e o fenômeno direito, sob o ponto de partida do homem que busca a realização de seu projeto como indivíduo e sociedade. O trabalho acabou por enveredar no instinto como ordem de vida, do qual emanam as criações humanas em sentido metafísico (ao fim, Ontoarte) e na arte de operar o direito, que pode ainda ser instrumentalizado como garantia de liberdade ao fazer artístico.

Este trabalho é o mais próximo do campo prático jurídico, campo de atuação da autora, especializada em direito empresarial e ambiental e especialmente na aguda questão dos resíduos, temática intrinsecamente vinculada à sustentabilidade da existência humana no ambiente, aqui entendido como meio ambiente natural. É ainda necessário ressaltar que se busca tratar, nesta pesquisa, somente do meio ambiente natural. O meio ambiente artificial (além do cultural e do trabalho) como entende a doutrina, implica o enlace com outras questões, distintas das que se pretende analisar no presente artigo.

Considerando que o tema do deste estudo está ligado à área jurídica, as definições nele usadas, relativas ao meio ambiente natural e ao meio ambiente artificial são aquelas extraídas da doutrina jurídica. Conforme Luís Paulo Sirvinskas:

podemos dividir o meio ambiente em: **a) meio ambiente natural – integra a atmosfera, as águas interiores, superficiais e subterrâneas, os estuários, o mar territorial, o solo, o subsolo, os elementos da biosfera, a fauna, a flora, a biodiversidade, o patrimônio genético e a zona costeira** (art. 225 da CF); b) *meio ambiente cultural* – integra os bens de natureza material e imaterial, os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico (arts. 215 e 216 da CF); c) *meio ambiente artificial* – integra os equipamentos urbanos, os edifícios comunitários (arquivo, registro, biblioteca, pinacoteca, museu e instalação científica ou similar) (arts. 21, XX, 182 e s. e 225 da CF); d) *meio ambiente do trabalho* – integra a proteção do homem em seu local de trabalho, com observância às normas de segurança (arts. 7º, XXII, e 200, VII e VIII, ambos da CF). (SIRVINSKAS; 2016, p. 129-130, grifo da autora).

O Direito é um fenômeno. Não há que falar do “em si” do Direito sem os homens, pois ele deriva dos homens em relação. Sua principal motivação é, portanto, a humanidade: é por ela e para ela produzido (JHERING, 1963). À medida, porém que é produzido, ele também informa e provoca efeitos (MENEGETTI, 2009). Sua elaboração e implementação são lentas, mesmo porque é da natureza da norma a sua abstração e possibilidade de aplicação nos mais diversos fenômenos. A estrutura do Direito deve ser feita para durar, pois o equilíbrio no tempo é seu foco e mais perfeita ela será por quantas situações conseguir abranger e mais harmonia facultar. Daqui deflui o princípio da segurança jurídica. Conforme nos ensina José Afonso da Silva:

A “segurança jurídica” consiste no “conjunto de condições que tornam possível às pessoas o conhecimento antecipado e reflexivo das consequências diretas de seus atos e de seus fatos à luz da liberdade reconhecida”. Uma importante condição da segurança jurídica está na relativa certeza que os indivíduos têm de que as relações realizadas sob o império de uma norma devem perdurar ainda quando tal norma seja substituída. (SILVA, 2005, p. 133).

Os argumentos desse estudo partem da premissa de que o Direito, uma vez produzido pelo homem é de possível vantagem para o homem. No trabalho anterior se analisou quem seria este homem; a saber, o homem autêntico. “Autêntico (significa) ser igual a como o projeto individual prevê (MENEGETTI, 2012, p.29)”. Transparente a si mesmo, este homem consegue enxergar em torno, reconhecer a situação e a estreita relação com o outro, que do extremo de uma relação, se torna simultaneamente parte *com* o outro e *do* todo. No desenvolver do trabalho se verificará como isso é importante.

Também interessa estabelecer, partindo dessas premissas, *como* seria este Direito, especialmente o *novo* Direito Ambiental, ou seja, o que é preciso para elaborar e criar um direito mais funcional para o homem.

Em relação ao meio ambiente, dito natural, é possível fazer o mesmo raciocínio? Parece que não, afinal o meio natural em que se insere o homem, segue sozinho, por si. O ser humano não é indispensável à vida, que segue seu caminho, sua ordem, detendo intencionalidade própria e independente. Um princípio inteligente predispôs uma ordem, a começar pelos quatro elementos fundamentais: o ar, a terra, a água, o sol. Esta independência pode causar a impressão de que o homem pode ser destacado da natureza, está fora dela e conduzir a concepções de negação do próprio homem em relação ao meio ambiente natural. O ser humano, contudo, está inserido nesta ordem e dela faz parte integrante e atuante, por meio de um princípio que o estrutura, seu Em si ôntico (MENEGETTI, 2010).

A natureza tem sua ordem, que se direciona para a sobrevivência, o tornar a si mesmo e contemporaneamente, se diversificar, produzir formas únicas. Esta ordem é inteligível ao ser humano? Por trás desta pergunta está outra, o ser humano é capaz de conhecer? Quando ele impacta o meio ambiente, é capaz de conscientizar a informação que este ambiente lhe comunica?

Meio – encontra-se como um dos significados etimológicos, do latim *medius* = sítio, lugar de encontro e *ambiente* do lat. *ambitus entis* = o cerco ou espaço daquele ente. Colocação de sentido de uma individuação em um inteiro. Meio ambiente seria assim para alguns uma redundância. *Medius*, porém, pode significar também aquilo que ocupa uma posição entre duas ou mais coisas, como metade, como equidistância entre elas. Neste sentido, é um termo usado para indicar também aquilo que “serve para ou permite alcançar um fim” (HOUAISS, 2009). E esta parece ser a acepção mais adequada para “meio” na expressão “meio ambiente”.

Para crescer, realizar seu projeto é necessário um meio ambiente favorável, é como a parábola do semeador (Mateus, 13):

Certo homem saiu para semear. Enquanto semeava, uma parte das sementes caiu à beira do caminho e os pássaros vieram e as comeram. Outra parte caiu no meio de pedras, onde havia pouca terra. Essas sementes brotaram depressa pois a terra não era funda, mas, quando o sol apareceu, elas secaram, pois não tinham raízes. Outra parte das sementes caiu no meio de espinhos, os quais cresceram e as sufocaram. Uma outra parte ainda caiu em terra boa e deu frutos, produzindo 30, 60 e até mesmo 100 vezes mais do que tinha sido plantado . (grifo da autora)

O direito ambiental é contemporâneo à sociedade atual e, portanto, não é infenso à sua dinâmica interna: expressa uma rede de interesses, mas pode constituir também inteligência a serviço do homem, ou seja, lhe facultar instrumentos para a realização de um meio ambiente ecologicamente equilibrado, essencial à sadia qualidade de vida, bem como preservá-lo para as futuras gerações.

Hoje vivemos inseridos em uma grande rede social, estruturada e densa, da qual emerge o Estado, que cria as normas e os meios para sua eficácia. A democracia, invenção que buscou permitir ao homem se manifestar livremente e eleger aqueles que constituem o Estado, é fonte direta do direito ambiental. Traz, porém, como dificuldade, o fazer prevalecer a opinião de muitos em detrimento da informação real de natureza. A opinião, a ideia, prevalece sobre o que simplesmente é.

A sociedade já não empresta às normas de origem divina. Pode-se falar, porém, de um direito natural, baseado em uma ideia de justiça que abrigue a multiplicidade e heterogeneidade do ser humano, aplicada segundo princípios de equidade e que se dirija à sua realização existencial e espiritual. Também para os fins deste estudo, se evitará ver a norma como mera racionalização de interesses e instrumento de força de uma classe sobre outra. Não se nega a ocorrência do fenômeno do uso casuístico da norma por intermédio de interesses momentâneos de dominação, nem que ela expresse as contradições no seio de uma sociedade que ainda busca o equilíbrio e a saúde. Evitar, porém, o recurso exclusivo a este entendimento, que empresta ao direito a casca vazia da indiferença ao humano, permite cogitar ser

possível, através deste mesmo direito, retomar a busca de valores perenes, como a justiça, o bem, o belo e reentrar na humanidade como parte de um único grande corpo, em que se reconhece a fonte comum a partir da qual a natureza nos criou, com a mesma finalidade (ROMMEN, 1946).

Com isso, se evita a irresponsabilidade e a excessiva materialidade no tratamento e na condução do fenômeno legal, com a consequente perda do espírito humano e o conceito de finalidade que lhe é ínsito. Se tudo é momentâneo e passageiro, deixemos de refletir e sejamos como as pedras, os animais, através dos quais a natureza age, mas que não refletem, pois se tudo se encerra no momento presente e resulta do aglomerado da soma de forças, sem finalidade que não a proteção egoística infantil e imediata, para que pensar categorias do espírito, como o belo, o bom? Para que lutar pela conquista do direito, como dizia Jhering? O mesmo raciocínio pode ser transposto para o empreendedor que explora o ambiente de forma predatória e indiferente, o que, no fundo, lhe dá uma posição de escravo e não de senhor sobre a terra. “São escravos de uma terra que não compreendem” (MENEGETTI, 2011).

De tudo o que foi dito, não se pode dizer que o fenômeno jurídico seja propriamente “pacífico”. Mas ele *busca a paz* e ainda há muito o que fazer neste sentido, isto é, em relação a este setor do direito (ambiental). Tem-se encontrado imensa dificuldade, tanto no âmbito da criação da norma como da sua aplicação, em alcançar a harmonia e equilíbrio almejados pelo Direito.

2 PREMISSAS DA NORMA AMBIENTAL

O professor Édis Milare em sua obra intitulada Direito do ambiente definiu os seguintes marcos representativos da evolução da norma ambiental, brasileira:

1º marco legal - Lei nº 6.938, de 31 de agosto de 1981 – Institui a política nacional do Meio Ambiente - PNMA;

2º marco legal - Lei nº 7347 de 24 de Julho de 1985 – A AÇÃO CIVIL PÚBLICA;

3º marco legal - CONSTITUIÇÃO FEDERAL de 1988;

4º marco legal - Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998 – LEI DE CRIMES AMBIENTAIS;

5º marco legal - Lei nº 12.305, de 02 de Agosto de 2010 – A PNRS – Institui a política Nacional de Resíduos Sólidos. (MILARE, 2005)

A Lei nº 6.938, de 31 de agosto de 1981 instituiu a Política Nacional

do Meio Ambiente. Esta lei introduziu instrumentos de planejamento ambiental (descentralização); determinou responsabilidades e penalidades para casos de poluição; definiu a política nacional do meio ambiente (que sofreu diversas alterações até a data de hoje); regulou e estruturou o Sistema Nacional do Meio Ambiente – SISNAMA, tal como o conhecemos hoje, o qual é composto por órgãos do poder executivo, pelo CONAMA, pelos órgãos estaduais do meio ambiente e pelos órgãos ambientais municipais. O CONAMA – Conselho Nacional do Meio Ambiente – edita normas essenciais no setor.

Já o segundo marco legal, a Lei nº 7.347 de 24 de julho de 1985, estabeleceu o instrumento da ação civil pública. O Ministério Público, as Associações e Organizações Não Governamentais (ONGs) ganharam um instrumento legal para concretização dos direitos ambientais.

O terceiro marco legal é, sem dúvida, a Constituição Federal de 1988. Pela primeira vez a questão ambiental foi expressamente tratada pela Magna Carta, em seu artigo 225: “Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo às presentes e futuras gerações” (BRASIL, 1988).

Não menos importante é o quarto marco legal, a Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998, que trata da sanção administrativa pela má conduta e do crime contra o meio ambiente.

Finalmente, o quinto marco legal, a Lei nº 12.305, de 02 de agosto de 2010 – a PNRS: Política Nacional de Resíduos Sólidos.

A este ponto, uma breve digressão: não há normas demais? Já foram editadas até o presente momento, mais de 470 Resoluções pelo CONAMA. Ver-se-á que este é um ponto que merece cuidado e exige rigor conceitual para o intérprete da norma no momento de sua aplicação.

Todas estas normas mostram que em matéria de criação normativa o Brasil tem caminhado bem e que sem dúvida existe uma estrutura que prevê a conduta adequada em relação ao meio ambiente, com instrumentos que visam à sua realização, coercitiva ou não.

3 SOBRE A RELAÇÃO HOMEM/NATUREZA E O DIREITO

Que relação pode existir entre Direito e Vida? De que modo, pode a vida em seu dinamismo, bem como em seu constituir-se determinar um dever ser que se completa na construção existencial de cada um?

“O ser humano pertence ao grande projeto da vida, é posto e por ela é sustentado.” (MENEGETTI, 2011, p. 19). Refletindo seu projeto individual, aparece em identidades únicas, como todo projeto de natureza e esta multiplicidade é que permite a harmonia.

Se o homem é também natureza, porque o conflito? Ou ainda, porque o conflito acaba por destruir, ao invés de constituir dialética e criar, fazer crescer, melhorar? O chamado terceiro setor – as Organizações sociais – manifesta seu descontentamento, insatisfeitas quanto à condução de eventos relacionados ao meio ambiente por parte das empresas privadas e do Estado, bem como, o Ministério Público, desde a promulgação da Constituição de 1988, do estabelecimento do marco legal da Ação civil pública e da LOMP – Lei Orgânica do Ministério Público, cresceu em força e poder, em parte pela sua ação decisiva na prevenção e ressarcimento de danos ambientais, ou seja, sobre os litígios que tem como pano de fundo a questão ambiental. Não menos conturbado é o papel do Judiciário e quem milita na área não se surpreende mais com os ataques frontais ao sistema legal e a negativa da aplicação das normas infraconstitucionais em nome de uma principiologia cuja origem não se divisa. Por fim, verdadeiros “memes”: o meme é uma: “[...] ideia que, uma vez colocada em um cérebro que a hospeda, influencia os eventos em modo tal a criar outras cópias de si mesma ou variáveis estruturais. Princípio indemonstrado” (MENEGETTI, 2012, p. 162.). Basicamente, uma informação sem fundamento no real.

Paulo de Bessa Antunes (ANTUNES, 2016) aponta a existência, no que se refere ao direito ambiental, de duas tendências, ponderando que a equidade dá a riqueza e a complexidade do momento e aponta a necessidade de um critério ético comum na aplicação do direito.

O socioambientalismo passou a representar uma alternativa ao conservadorismo/ preservacionista ou movimento ambientalista tradicional, mais distante dos movimentos sociais e das lutas políticas por justiça social e cético quanto à possibilidade de envolvimento das populações tradicionais na conservação da biodiversidade. Para uma parte do movimento ambientalista tradicional/ preservacionista, as populações tradicionais – e os pobres de uma maneira geral – são uma ameaça à conservação ambiental. [...] A vertente preservacionista se encontra

reunida em torno do grupo Planeta Verde e encontra forte base de sustentação no Ministério Público [...] É da própria natureza do Direito Ambiental, que ele seja examinado de forma flexível e maleável. A relevância do chamado socioambientalismo e a sua compreensão jurídica é que, efetivamente, ele busca localizar o Ser Humano no centro do nosso legislador constitucional ao definir o princípio da dignidade da pessoa humana como um dos princípios basilares de nosso ordenamento jurídico. Equivoca-se o socioambientalismo (porém...) ao pretender que, *necessariamente*, as populações tradicionais protejam o meio ambiente (ANTUNES, 2016, p. 12-13, grifos da autora).

Assim, também na doutrina as posições divergem e vão do extremo antropocentrismo ao biologismo exarcebado. A maior parte dela, porém, como seria de se esperar, *ao menos põe na norma a referência para cumprimento e realização do direito*.

A referência ao conflito não cuida aqui do diálogo inerente à multiplicidade e heterogeneidade humanas, mas de um verdadeiro embate entre antagonismos absolutos, que pode deflagrar em degradação ambiental de um lado ou na paralisação de atividades essenciais à economia de outro e por vezes em ambos simultaneamente, com prejuízo à segurança jurídica necessária à estabilidade das relações e à realização pessoal, como indivíduo e como empresa, destruindo investimentos e anulando resultados. São extremos que não se comunicam: a radicalização da sacralização da natureza, *sem o homem* – e o empreendimento consumidor da natureza, também *sem o homem*.

4 A FALTA DE COMUNICAÇÃO: O DESCONHECIMENTO DO CAMPO SEMÂNTICO

No que tange às possibilidades de comunicação entre a natureza e o homem, visto ambos serem aspectos de uma única unidade, a Ontopsicologia, através das pesquisas realizadas por seu fundador, o Acadêmico Professor Antonio Meneghetti, aponto para uma rede comunicativa desta unidade, denominada de campo semântico. O campo semântico:

[...] é a formalização de um vetor entre dois contextos energéticos.

Cada contexto ou campo, embora mantendo o próprio específico “iso”, é posto em correlação informática, de modo tal que um contata e ‘conscientiza’ a forma do outro. [... Indubitavelmente, este conhecimento pode precisar e objetivar infinitas lógicas e, sem dúvida, desmentir qualquer erro científico ou existencial. Isso é possível visto que com o conhecimento do campo semântico se entra na verbalização que a vida usa com as próprias individuações (MENEGHETTI, 2015, p. 56-57).

Conhecer o campo semântico significa reconhecer o que a vida informa. No campo da aplicação da norma ambiental pelo Poder judiciário, a segurança jurídica é ainda um desafio. Há muitas decisões ponderadas, que buscam, sobretudo, a interpretação da norma à luz da legislação infraconstitucional e da Constituição Federal, com a aplicação de equidade, mas ainda há muito desencontro e são muitos os exemplos. Para ilustrar a situação descrita acima, apresentamos aqui um “case”, a mesma decisão que foi objeto de estudo do trabalho elaborado no curso de Bacharelado em Ontopsicologia no final de 2015, desta vez para utilizá-lo com o fim de ilustrar como o desconhecimento do homem sobre si mesmo e suas capacidades impede sua atuação pessoal. Eis um breve resumo do caso:

RELATO DO CASE

Das partes no processo: trata-se de ação promovida por ASSOCIAÇÃO ambiental, que defende direitos ambientais em termos genéricos. A ASSOCIAÇÃO é a *autora*. Não representa uma comunidade determinada. A EMPRESA, por sua vez, opera uma central de tratamento de resíduos perigosos – a única em funcionamento e com capacidade para recepção de tais resíduos na região. Está localizada em zona industrial. A EMPRESA é a ré na ação.

O pleito formulado (pela ASSOCIAÇÃO autora) é o seguinte:

Há cerca de 10 anos, houve um incêndio dentro da área da EMPRESA. A mesma situação se repetiu há cerca de 05 anos, um novo incêndio, dentro da área da EMPRESA. Os fatos foram noticiados nos jornais e o órgão ambiental multou a empresa nas duas ocasiões. Segundo a ASSOCIAÇÃO, mesmo reconhecendo a atuação do órgão ambiental com a imposição de multas, é certo que *devem ter ocorrido danos à comunidade em razão destes incêndios e estes danos devem ser ressarcidos*. Como a ASSOCIAÇÃO representa o lado mais frágil em termos sociais, se deve aplicar o código de defesa do consumidor ao caso e o encargo de efetuar o levantamento dos danos (o denominado ônus da prova) e calcular o valor

do seu ressarcimento deve ser repassado à EMPRESA. Pede assim que o juiz indique um perito e a perícia deve ser paga pela empresa. O objeto da perícia seria levantar os danos, quantificá-los e calculá-los.

Da resposta ao pleito por parte da Ré. A EMPRESA ré, por seu turno, exerce uma atividade intensamente controlada pelos órgãos ambientais. Os incêndios haviam ocorrido há muito tempo, como levantar danos sobre meio já tão modificado pelo tempo? Não existia “comunidade atingida” à época – a planta industrial localiza-se em zona industrial e é vedada a instalação de residências neste tipo de zoneamento. É fato que a autora teve imensa dificuldade de encontrar essa “comunidade”, trazendo alguns depoimentos isolados e desencontrados, alguns deles até contrários à sua própria tese. *Faltou a vítima do dano.* Ressaltando a questão da segurança jurídica, a EMPRESA lembrou já ter respondido juridicamente através da penalização pelo órgão ambiental à época dos fatos, tendo efetuado todos os investimentos necessários às retificações então exigidas. A multa e a adoção de algumas medidas técnicas foram as únicas exigências formuladas pelo órgão de controle, *que constatou expressamente não haverem danos fora da propriedade da EMPRESA.*

Ao contestar o pleito, a EMPRESA esclareceu todos estes pontos e disponibilizou ao Poder judiciário e à própria ASSOCIAÇÃO, os relatórios de monitoramento periódico (a cada seis meses) de água e solo que tinha a obrigação de apresentar ao órgão ambiental e que demonstravam a inexistência dos danos alegados.

A decisão do judiciário. Não se tratam de argumentos vazios. São fatos. Não há fronteiras tênues ou dúbias: a autora pedia algo que não sabia o que era, para satisfazer o direito de não sabia quem, atacando situação já consolidada em que a ré já teria sido responsabilizada nos termos da lei. Nem sempre o que se traz ao Judiciário é tão cristalino assim como foi neste caso: a ação proposta pela ASSOCIAÇÃO se afigurava em evidência uma aventura temerária, contra um estabelecimento qualificado, que atendia tecnicamente à demanda pela destinação adequada de resíduos perigosos da região, a única no Estado capacitada para fazê-lo. Supreendentemente, contudo, o Poder judiciário, através de decisão do magistrado, após extensa motivação, que não vem ao caso repetir aqui, aceitou o pedido da ASSOCIAÇÃO e determinou o levantamento dos danos (quais?).

ANÁLISE DO CASE

O que aconteceu no caso em tela? O magistrado adotou como premissas

que a empresa, por ser uma empresa de tratamento de resíduos *é má*, explorando e prejudicando o meio ambiente, sendo certo que inevitavelmente deve ter errado e que a organização social *é boa*, porque é uma associação sem fins lucrativos e protege o meio ambiente. Ao decidir, o magistrado se conduziu segundo ideias fixas, pré-determinadas, indiferentes à realidade: adotou estereótipos, ignorando fatos documentados e comprovados nos autos do processo que contrariavam tais premissas.

O estereótipo é: “um comportamento típico, aprovado e reconhecido, mas indemonstrado. Um comportamento caracterial apreendido do externo” (MENEGETTI, 2012, p. 99). Em si, ele é neutro. A dificuldade começa na sua absolutização: se tornar resposta a toda e qualquer situação – mesmo quando ele à evidência não se aplica ao caso concreto e isso dentro de um contexto em que é socialmente aprovado. Viu-se acima que o conhecimento do campo semântico permite atuar vida. Não conscientizado traduz-se no sujeito em formas mecânicas e repetitivas de comportamento.

O estereótipo se apreende por campo semântico em efeito trigger. Por campo semântico em trigger entende-se uma informação com efeito póstumo: o emitente insemina a informação no dependente (1ª fase); a informação procede e permanece incubada, ou seja, o passivo não reage (2ª fase); quando se realizam as coordenadas histórico-temporais, a informação se atua, ainda que o emitente não exista mais (3ª fase). O efeito do campo semântico em trigger surge quando o sujeito, histórica ou organicamente, atinge o nível de maturidade necessário para a atuação da dinâmica (MENEGETTI, 2015, p. 114).

É uma memória que é acionada em momento posterior à sua constituição. O estereótipo em si, como dito acima, é neutro e pode ser sabiamente utilizado pelo homem sadio.

Chegou ao conhecimento das partes que o magistrado era um sincero amigo da natureza: desde criança partilhava do seu convívio e tinha como lazer pessoal o campismo. Como poderia favorecer uma empresa que recebia lixo? Assim, na melhor das intenções, absolutizou um hábito (comportamento repetitivo) apreendido na infância e aplicou-o a um caso concreto atual, para circunstâncias diferentes.

Porém, não se tratava da relação epidérmica e lúdica de uma criança com o frescor da natureza, o que em si é muito simpático, mas de um empreendimento – o único existente no Estado, que tratava em conformidade com a técnica e com a lei, os resíduos perigosos nele gerados. Quando o assunto é *política urbana*, a solução ambientalmente adequada para a produção diária de toneladas de resíduos perigosos, a *memória* de uma relação individual, pessoal e imediata com o meio natural não funciona, pois se trata de uma questão macro, difusa entre milhões de habitantes, que pede uma solução *atual*. *A equidade pede o ajustamento dos interesses envolvidos e seu balanceamento sum cuique*. No caso em questão, a atividade de disposição deveria ser protegida, já que necessária à economia e desenvolvimento em ambiente sadio da sociedade daquele grupo, daquela comunidade (no caso, de toda uma unidade federativa, um Estado). Do outro lado, alguém pede indenização por eventual dano decorrente dessa atividade – se reconhecido tal direito, deve sê-lo a ponto de equilibrar a necessidade de continuidade do serviço e satisfazer de alguma forma o prejuízo sofrido, sempre em conformidade ao direito posto como garantia de civilidade.

O estereótipo foi tão forte, que implicou inclusive no desvio da lógica racional no processo de tomada de decisão, conforme premissas constantes dos autos do processo. Bloqueou até mesmo a norma em si. *A norma cedeu lugar aos princípios que deveriam ser seus informadores*. Tomou lugar da norma o princípio geral da precaução, do poluidor - pagador e ainda um novo, subtraído do direito penal: *in dubio pro ambiente*.

Mas afinal, o que são princípios? O judiciário tem por vezes utilizado princípios vagos e de difícil determinação, especialmente na área ambiental, para dar fundamento às suas decisões, porém seu valor *como única forma de alcançar a realidade do direito* é questionável e facilmente açambarcada por estereótipos:

Quanto à sua função dogmática, deve-se dizer que embora se apresentem como enunciados *lógicos* e, nessa condição, pareçam *anteriores* aos problemas que, afinal, ajudam a resolver, em verdade e quase sempre os princípios da interpretação funcionam como *fórmulas persuasivas*, das quais se valem os aplicadores do direito para justificar pré-decisões que, mesmo *necessárias* ou convenientes, se mostrariam arbitrárias sem o apoio de cânones interpretativos (COELHO, 2003, p. 36).

Os princípios jurídicos não são, assim, *novas normas*, bem como, não podem ser delas isolados, como se fosse possível aplica-los desconsiderando justamente o que pretendem interpretar. Sobre a arte de interpretar, nos ensina Vicente Ráo, em seu clássico *O Direito e a Vida dos Direitos*:

Se nem a norma positiva do direito legal ou costumeira, examinada segundo todos os processos de interpretação, nem a analogia, fornecerem a regra aplicável à situação de fato, cumpre, então, ao intérprete, abrir o caminho da investigação, dentro da esfera dos princípios gerais do direito (RÁO, 2013, p. 497).

Ou seja, um princípio geral pode ser utilizado como único fundamento para aplicação do direito, quando é ausente a norma escrita e até mesmo a norma costumeira não sendo possível o preenchimento da lacuna por analogia. E não é só: para que seja adequado ao caso concreto, deve ser abstraído inicialmente: 1) sobre o sistema jurídico positivo; 2) sobre as leis científicas do direito; 3) por último, na esfera da filosofia do direito (RAO, 2013).

Por que tal modo de interpretação e decisão não é aceito?

Como dito acima, o ser humano não se comunica do íntimo de si ao íntimo do outro (seja este “outro” um ser humano ou o meio natural), mas segundo regras fixas estabelecidas em sua tenra infância, internalizadas e tornadas inconscientes no sentido de que o homem as aplica mecanicamente, de forma indiferente ao real. É como se as regras se alojassem e atuassem no humano de *per si*. *Há um efeito rede de informações fixadas em milhares de indivíduos* em razão da cultura e da história, que emprestam à realidade a sua interpretação baseada na fé do momento. O campo semântico em rede é como uma bomba de efeito retardado, prestes a explodir.

[...] em tal circuito a ação é uma, mesmo se dividida em várias pessoas. Cada uma das pessoas (‘A’, ‘B’, ‘C’, ‘D’ etc.), aparentemente autônomas, é sincronizada por um programa único: cada uma é somente uma passagem de ‘internet’. Nesta terceira hipótese, o sujeito executa um momento da semântica em rede. É impossível sair dela, a menos que se individue a causa (MENEGETTI, 2015, p. 112-113).

Assim, de vez em quando nos defrontamos com perdas humanas, tais como a perda da solução ambiental e tecnicamente desejável para disposição dos resíduos e com menos degaste para o meio ambiente e para a população.

Em nome da moral imposta pela sociedade, informação da qual o magistrado é expoente executor e que se encontra em suas memórias infantis, esta mesma sociedade vai ou produzir dano ambiental efetivo de grande monta, pois não haverá local apropriado para destinação dos resíduos perigosos, ou pagará o preço por uma destinação mais cara, em outro local. E o fará sem ter consciência do erro cometido.

De outro modo, perguntamos: pode-se falar em vítima do sistema? Uma pesquisa honesta, porém, pede que se observe também o lado do empreendedor responsável pela unidade de destinação de resíduos. Pode-se dizer que ele é vítima passiva dos eventos?

Inicialmente há que se considerar um aspecto extrínseco ao empreendedor: a novidade da norma ambiental. Como acima relatado, o direito ambiental é um ramo ainda recente do direito e a questão ambiental vinha sendo tratada de forma esparsa, acidental. No Brasil, pode-se considerar que sua consolidação teve início com a criação da SEMA: Secretaria Especial do Meio Ambiente, em 1973 e com a promulgação da Política Nacional do Meio Ambiente, em 1981.

Trata-se, portanto, de um direito ainda em formação, em que certa dose de arbitrariedade e desacerto acontece pela ausência de certeza e confusão de alguns conceitos. É comum que o magistrado não tenha enfrentado o tema enquanto estudante. Acresça-se a isso e talvez por causa disso mesmo, há um grande número de normas, por vezes contraditórias entre si e as esferas federal, estadual e municipal, em que pese à competência concorrente estabelecida pela Constituição, digladiam pela proeminência no estabelecimento das regras e pela relevância de seus respectivos órgãos de controle e fiscalização.

Voltando ao aspecto subjetivo da questão, pode-se lamentar a decisão do magistrado, mas seria possível evitá-la? O conhecimento do campo semântico possibilita a visão de como se dá a atividade psíquica (trocando em miúdos, *o processo de formalização*), para onde ela está intencionando. A causa que surtirá determinado e inevitável efeito. Para além das manchetes de jornal e dos noticiários, que espelham a dinâmica da imensa rede de estereótipos sociais, há a semântica da situação e se assim é, porque ela não foi captada e compreendida pelo empreendedor?

No caso concreto, a empresa em exercício de autocrítica, olhando para si mesma e revendo com honestidade suas ações, advertiu negligência no reconhecimento da força política de uma organização não governamental, que alimentava a discórdia em outra localidade e que, em vias de esgotamento, precisava de novo títere em que apoiar a causa de sua existência.

Já se tratou acima do campo semântico em efeito trigger e do campo semântico em efeito rede. É possível que, se estivesse consciente do que o meio lhe informava no momento, de forma direta (campo semântico direto), o empreendedor pudesse ter captado a dinâmica ainda em gestação e talvez tivesse formalizado atitudes mais produtivas e evitado o embate, como por exemplo, com o estabelecimento de uma parceria com a *associação* para atuação comum em prol do meio ambiente. É possível que a informação do que de fato acontecia tenha sido desviado pela superficialidade que normalmente se empresta aos eventos, ou por seleção temática, o mundo que nos permitimos ver, conforme o apreendemos, com nossos estereótipos e mecanismos de defesa arraigados e absolutizados, ou até mesmo pela ação diuturna do monitor de deflexão – um *mecanismo* fornecedor gratuito de memórias, que foi inserido na infância e que pode desviar a informação proveniente do real à consciência, se não conscientizado (MENEGETTI, 2015). São elementos que impedem o conhecimento do campo semântico. Infelizmente, não há dados para inferir o que poderia ter ocorrido em relação ao empreendedor, que não conseguiu evitar o mal maior, *uma ação indenizatória de consequências imprevisíveis, com grande possibilidade de, em efeito rede – se exitosa ao final - impedir ou destruir atividades semelhantes.*

Há que considerar ainda que o ambiente às vezes é tão inamistoso que, voltando à parábola do sementeiro, não há como germinar a semente em campo rochoso. Para saber se esta é a realidade do momento (ambiente hostil), é preciso partir para outra análise, desta vez olhando a jurisprudência na área ambiental e seus efeitos para o empreendedorismo.

5 RECUPERAÇÃO DO CRITÉRIO DE NATUREZA: ANOTAÇÕES SOBRE O “GENIUS LOCCI”

O presente estudo refere-se à questão ambiental como essencial à jornada do homem. O entorno, o ambiente, a natureza, são elementos importantes cujo resgate para o homem implica em harmonia, equilíbrio, crescimento e novas diferenciações.

Recuperando a si mesmo, o homem recupera sua relação com a natureza e se comunica com ela. A relação com a natureza é de respeito, não por dever moral, não vem de fora, por mandamento social, mas por lógica de inteligência. É preciso retornar ao conceito de *genius loci*, em que se reconhece a intencionalidade de cada lugar, onde o ser humano dialoga com o meio natural.

[...] o “como estamos no lugar” será a questão mais pertinente e que está associada à identidade do Lugar, ao seu carácter, ou seja, ao seu *Genius Loci*. É fundamental a compreensão que os lugares são possuidores de um Espírito, de uma Identidade e que isso os torna únicos e onde o indivíduo também é único [...] Para Norberg-Schulz o ato mais básico da arquitetura é o de compreender a “vocação” do lugar. Desta forma protegemos a terra e tornamo-nos nós mesmos parte de uma totalidade compreendida. A arquitetura é a concretização do *Genius Loci* aplicado (PAIVA, 2009, p. 27).

A decisão trazida à análise não é muito animadora: o magistrado está longe do fato; a organização não governamental almeja realização de direito não respaldada na norma, o empreendedor é surpreendido, ficando sem saída e por fim, a sociedade paga o preço, sem ao menos ter consciência das consequências do evento.

A instalação da central de tratamento de resíduos pode não ter sido precedida dos ritos como aqueles que seriam conduzidos pelos gregos ou romanos na escolha do lugar, estes povos conheceram o *genius locci*, mas foi rigorosamente licenciada, sendo precedida de estudos técnicos que admitiram a adequação do lugar ao fim almejado.

É possível buscar a vocação do lugar. Para tanto, é necessário retomar esta forma de conhecimento e recuperar a percepção do campo semântico, pois através dele é possível conhecer o que um lugar, seja ele qual for, informa. Como se está hoje, apenas se sofre a semântica externa e a informação por ela conduzida é executada pelo sujeito passivo, inconscientemente. Para tanto é preciso recuperar a si mesmo, se autoconhecer profundamente, em si, para poder a partir de si conhecer o outro.

O direito ambiental, dada sua intrínseca relação com o meio natural, com o ecossistema, pode se revelar um instrumento facilitador a esta retomada.

Concluindo, é possível adotar um critério de análise que permita averiguar se o direito ambiental, como norma e aplicação da norma, é saudável em sua relação meio ambiente/ser humano ou não.

Este critério é conferido ao homem pela natureza e está no interior do ser humano, em seu princípio constituinte que é parte com o ser. O direito gerido por aquele que atua conforme a natureza o põe, é um facilitador da existência humana em sociedade, que faculta a realização transcendental de seus indivíduos, do projeto individual de cada um, conforme direito que lhe é natural e plenamente realizado. Neste sentido atua a Ontopsicologia:

A Ontopsicologia encontrou o caminho que leva a consciência ao ponto que opera e atua o saber verdadeiro: primeiro foram descobertos os meios de acesso à causalidade vital, partindo da percepção do *campo semântico*, que dá a informação transacionada de uma vida a outra; a seguir foi descoberta uma grelha oculta por trás dos complexos, que altera as informações à consciência psicológica. Esse parasita mecânico, denominado monitor de deflexão filtra as informações do organismo e impede o acesso da consciência à essência original da vida humana. Por fim, foi descoberto o agente primeiro do mundo-da-vida, o Eu originário ou Em si, onde os Eus originários estão em comunhão e fazem encontro. Só esse é fundamento de critério e de verdade. Para ter acesso a esse ponto onde ser e saber são idênticos (o Em si ôntico), é indispensável autenticar o Eu, visto que o Eu foi manipulado pelo monitor de deflexão e ficou comprometido com os modelos fixos da cultura e da sociedade (VIDOR, 2013, p. 75-76).

É preciso que o homem recupere a si mesmo, se liberte dos estereótipos culturais fixadores que o mantêm longe da realidade atual impedindo-o do conhecimento pleno da informação mais positiva para o momento, aquela que é conforme ao seu princípio ôntico, de identidade.

6 DISCUSSÃO DO ESTUDO

É possível evoluir o direito ambiental no âmbito de suas fontes, de sua criação e de sua aplicação. Para se chegar a esta conclusão é necessário

o recurso àqueles que pensaram o direito tendo subjacente o amor ao humano, reconhecendo seu papel essencial *no* e *para* o meio ambiente e sua responsabilidade.

De acordo com Jhering (2006, p.2) “A defesa do direito é um dever do interessado para consigo próprio e de um modo mais abrangente, é também um dever para com a sociedade”. Para o autor o direito busca a paz, fazendo-o por *intermédio da luta*. Ou seja:

A vida do direito é uma luta: luta dos povos, do Estado, das classes, dos indivíduos. O direito não é uma pura teoria, mas uma *força viva* (...) a Justiça sustenta numa das mãos a balança em que pesa o direito, e na outra a espada de que se serve para o defender. A espada sem a balança é a força brutal; a balança sem a espada é a impotência do direito (JHERING, 2006, p. 2, grifo da autora).

O homem trabalha não *porque*, mas *para que*, para realizar um propósito. Há uma impulsão determinante, imanente à ação daquele que opera e que constitui o motivo prático de sua vontade.

Quando em natureza a vida se manifesta por um desenvolvimento psíquico, revelam-se imediatamente o amor pela existência, pela espontaneidade e pela conservação pessoal, ou, em outros termos, a vontade e o fim da volição. Em presença de si mesmo todo o ser vivo é o seu próprio protetor e guarda, o encarregado de sua própria conservação. Esse fim lhe descobre a previdente natureza e revela-lhe os meios de não falhar na sua consecução (JHERING, 1963, p. 14-15, grifo da autora).

Para este autor, só acontece que muitos homens caminham juntos para o mesmo fim, quando o interesse de todos vai dar no mesmo resultado final. Pode ser até que nenhum deles pense no fim como tal; todos têm o espírito ocupado com o seu próprio interesse; mas esses interesses concordam com o fim comum, e, trabalhando por si só, cada um na realidade trabalha ao mesmo tempo pelos outros.

Igino Petrone, em sua obra intitulada Filosofia Del Diritto, porém, nos alerta que não se deve nunca esquecer o princípio geral do processo

de ascensão gradual das formas e dos seres, um rigoroso processo de continuidade e evolução ideal.

A autonomia máxima e verdadeiramente adequada está no homem, o qual é provido de conhecimento racional e de poderes espirituais, com os quais pode subtrair-se às solicitações e às necessidades do instinto e traçar para si fins ideais a alcançar (PETRONE, 1959, p. 9, tradução livre).

A partir daí Petrone estabelece a questão da liberdade do homem e de seu livre arbítrio, conferindo aos poderes superiores de seu espírito, a possibilidade dele promover para si próprio metas melhores e submeter sua ação a uma norma, a um tipo ético e estético de virtudes e deveres (PETRONE, 1959).

O arquiteto que constrói a casa segundo o plano que tem em mente, o escultor que molda a estátua de acordo com sua concepção artística, a semente que atualiza o projeto que lhe é ínsito. Aristóteles, ao tentar compreender a mudança, o desenvolver-se, o tornar-se, descobre que a essência, a perfeita expressão da individualidade, é também “*telós*”, está na finalidade. A forma é causa eficiente e final simultaneamente. *A suprema norma é: realiza sua forma essencial, sua natureza.* O natural é ético e a essência, única, inalterável (ARISTÓTELES, 2009). Mais tarde São Tomás de Aquino irá desenvolver, aprofundar e sofisticar estes conceitos, para uma filosofia natural que traz a mais profunda e genuinamente natural tendência de nosso intelecto em suas elementares apreensões e sua tendência nata em direção à verdade (ROMMEN, 1943).

O direito pode ser sempre um facilitador da vida humana. O direito ambiental em destaque, por origem, forma e vocação contém elementos que facilitam este posicionamento. O fato de proteger eventos futuros, bens difusos e de se referir mais do que qualquer outro à relação do homem com a natureza, impele a esta troca, que pode ser profícua. O conhecimento do campo semântico, contudo, é fundamental para um posicionamento favorável ao projeto homem. Se em sua criação e aplicação o direito ambiental estiver contaminado pelos estereótipos absolutizados, pelos complexos sociais, constituindo estes a única informação que chega ao homem, este a atuará sem consciência, constituindo-se esta fonte de discórdia e de guerra, não de equilíbrio e harmonia.

7 METODOLOGIA

Existem várias formas de classificar as pesquisas, a depender da natureza, da abordagem (assunto), do propósito (objetivo) e dos procedimentos efetivados para alcançar os dados (meio).

Do ponto de vista de sua natureza, o presente trabalho pode ser classificado como uma pesquisa aplicada: objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática, dirigida à solução de problemas específicos. Envolve verdades e interesses localizados.

Do ponto de vista da forma de abordagem do problema, é uma pesquisa qualitativa, pois lida com fenômenos em um âmbito particular e subjetivo e o número ou a estatística não são utilizados como fonte de prova, nem constituem informações a serem interpretadas. (VERGARA, XX)

Tem cunho interpretativo e busca uma regra, um princípio que reflita a uniformidade daquilo que é estudado. Do ponto de vista de seus objetivos é uma pesquisa exploratória: objetiva a maior familiaridade com o problema, tornando-o explícito e construindo hipóteses. (AUTOR, ano)

Fontes: Envolveu levantamento bibliográfico a partir de material já publicado, constituído principalmente de livros, citações e entrevistas publicadas e ainda dicionários.

Para fundamentação teórica dos trabalhos foram utilizados textos extraídos das obras de Alécio Vidor, especialmente *Fenomenologia e Ontopsicologia*; Antonio Meneghetti, em especial, o *O Critério Ético do humano*, *A Crise das democracias contemporâneas*, *O Campo Semântico*, dentre outros. Também foram utilizados textos produzidos por juristas, especializados na área do Direito Ambiental, especialmente Paulo de Bessa Antunes e Édis Milaré. Além destes, também foi essencial a abordagem de Rudolf von Hjerling e Igino Petrone, juristas que escreveram suas obras entre o final do século passado e a primeira metade deste século, além de Vicente Ráo, com seu fundamental *O Direito e a Vida dos Direitos*.

A coleta destes textos em parte se direcionou exclusivamente à pesquisa, mas parte deles já estava no cotidiano de trabalho e elaboração de peças jurídicas.

O método de análise partiu das premissas de que o direito como produção humana tem uma finalidade que é o *próprio homem* e que o homem está perdido, à procura de um caminho, confuso entre tantas regras a que deve atender. A partir de uma decisão judicial, se buscou analisar em base às premissas estabelecidas segundo a Ciência Ontopsicológica

e ao que ensinam os práticos e estudiosos do direito que se pode designar como humanistas, a qualidade desta decisão e sua funcionalidade. Qualidade e funcionalidade para a realização do direito enquanto bem necessário à civilidade humana e a sua transcendentalidade, a qual lhe permite ir além da *contingência e tocar e se reconhecer com o Ser; que é bom, belo e uno, tendência natural do projeto homem*.

Como amostra, a decisão serviu para verificar que existe uma distância considerável do homem em relação à realidade da vida. Embora haja decisões similares, é viável apontar um caminho, através da utilização de um critério que respeite a intrínseca finalidade do direito, que é constituir garantia de civilidade ao proteger a realização pessoal de cada um em sociedade.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O direito é percebido pelas pessoas de forma arbitrária e inconsequente. Escapa ao leigo a lógica das normas e as decisões de seus operadores e aplicadores, que apresentam para aquele que o desconhece um tom oportunista e acidental. Esta desordem, contudo, não reflete exclusivamente um sentimento superficial. Ela é real, pois não há comunicação *entre os homens* e *entre o homem e seu meio ambiente*. Neste trabalho se busca perquirir porque a relação entre meio ambiente, direito ambiental e ser humano ainda é tão problemática e que conhecimentos e instrumentos podem ser utilizados para compreender as dificuldades e ultrapassá-las, oferecendo-se a hipótese de retomar os conhecimentos tornados inconscientes. Não foi objetivo fornecer um diagnóstico atual da situação, mas oferecer instrumentos para fazê-lo e permitir, em futuras pesquisas, um aprofundamento especialmente através conhecimento do campo semântico, que permita impactar a intencionalidade informática do momento, bem como reconhecer a informações que são negativas à dignidade e à realização do projeto homem neste planeta.

9 AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer à professora doutora Claudiane Weber pela gentil cessão de seu trabalho *As particularidades da vida no campo: jovem e ambiente*, utilizado como diretiva e fonte de inspiração; também agradeço de coração à Dra. Camile Costa, pela oportunidade de conhecer o trabalho do jusfilósofo Heinrich Rommen, essencial ao tratamento das questões voltadas ao direito natural.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, P.B. **Direito ambiental**. 18. ed. São Paulo: Atlas, 2016.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. 3. ed. com tradução e notas de Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2009.

BRASIL. **Constituição Federal de 1988**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm.> Acesso em: fev-2017.

COELHO, I.M. O novo Código Civil e a interpretação conforme a constituição *In : Estudos em Homenagem ao Professor Miguel Reale*. 2. ed. São Paulo: LTR, 2003.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. **Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa**. Elaborado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

JHERING, R.V. **A evolução do Direito**. Lisboa, Antiga Casa Bertrand, José Bastos & C. a editores, 1963.

JHERING, R. V. **A Luta pelo Direito**. Rio de Janeiro: Forense editora, 2006.

MENEGHETTI, A. **A crise das democracias contemporâneas**. Recanto Maestro, RS: Ontopsicologica Editrice, 2007.

MENEGHETTI, A. **Dicionário de Ontopsicologia**. Recanto Maestro, RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2001.

MENEGHETTI, A. **Direito, consciência, sociedade**. Recanto Maestro, RS: Ontopsicologica Editrice, 2009.

MENEGHETTI, A. **Manual de Ontopsicologia**. 4. ed. Recanto Maestro, RS, Editora Universitária Ontopsicológica, 2010.

MENEGHETTI, A. **O critério ético do humano**. Porto Alegre: Ontopsicológica Editrice, 2002.

MENEGHETTI, A. *O projeto homem*. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2011.

MILARÉ, E. **Direito do ambiente**. 10. ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2015.

PAIVA, D.F.B. **Genius loci - o lugar como construção humanística**. Dissertação para obtenção do grau de Mestre - Universidade Lusíada de Lisboa - Faculdade de Arquitectura e Artes - Paiva - Lisboa, 2009
Disponível em: <<http://gloci.blogspot.com.br>> Acesso em: 12 fev 2017.

PETRONE, I. **Filosofia del Diritto**: con l'aggiunta di vari saggi su diritto, etica e sociologia. Milão-IT: Milano A, Gauffre editore, 1959.

RÁO, V. **O Direito e a vida dos direitos**. 7. ed. anotada e atualizada por Ovídio Rocha Barros Sandoval. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2013.

ROMMEN, H. A. **The natural law**. Indiana-EUA: Liberty Fund Indianapolis. 1946.

SILVA, J.A. **Comentário contextual à Constituição**. São Paulo: Malheiros, 2005.

SIRWINSKAS, L.P. **Manual de direito ambiental**. 14. ed. São Paulo: Saraiva, 2016.

VIDOR, A. *Orientação para elaboração de monografia*. Recanto Maestro: RS 2013. Entrevista concedida a Almir Francisco Foletto. Em:

PARCERIA ENTRE UMA EMPRESA BRASILEIRA E UMA HOLANDESA NO SEGMENTO DE LAVANDERIAS INDUSTRIAIS¹

Vagner Backes²

Noemi Boer³

1 INTRODUÇÃO

Num mundo cada vez mais globalizado e em constante mudança, a progressiva liberação dos negócios internacionais e a forte concorrência mundial fazem com que as empresas saiam do mercado nacional à procura de outras oportunidades de negócios.

A globalização não só exige presença nos mercados-chaves mas também aumento da produtividade, redução de custos, melhoria da qualidade dos produtos, investimentos na qualificação dos funcionários e desenvolvimento de novas tecnologias; entretanto, muitas vezes, o incremento da competitividade e a onipresença em diversos mercados são atividades muito onerosas para a maioria das empresas. Poucas delas têm a capacidade de duplicar as suas cadeias de valores em tão diferentes lugares. Isso faz com que atividades de colaboração com outras empresas tenham de ser levadas em consideração, ou seja, a utilização de atividades de parceria é a maneira encontrada pelas empresas não só para sobreviverem no mercado, como também para aumentarem a sua competitividade.

Nesse aspecto, Meneghetti (2013a, p. 15, grifo do autor), pontua que “a empresa inteligente faz relações segundo o seu escopo, *não perde tempo com aqueles que estão fora*”. Para alcançar o escopo no ramo dos negócios, o autor explica que, “ao evoluir o *business* que está em nosso coração, é preciso procurar sempre aquelas relações que dão aumento, preparação, destaque, incentivo, crítica, que dão necessidade de aperfeiçoar a própria técnica, o próprio posicionamento” (2013a, p. 215).

1 Este capítulo é decorrente do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do primeiro autor. Programa de Pós-graduação, MBA *Business Intuition*, Antonio Meneghetti Faculdade.

2 Administrador e empresário do ramo de máquinas industriais para lavanderia.

3 Doutora em Educação Científica e Tecnológica, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Mestre em Educação, Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

As citações de Meneghetti (2013a) são importantes nesse contexto, porque contêm princípios orientadores que respaldam a prática profissional do primeiro autor deste estudo, empresário do ramo de negócios de máquinas industriais para lavanderia. Para estruturar o relato de fatos que permearam o desenvolvimento da empresa que o autor-pesquisador administra, buscaram-se elementos que respondam ao seguinte problema de pesquisa: quais aspectos do campo empresarial e da legislação foram decisivos na ampliação de parcerias de uma empresa de máquinas de lavanderia industrial, até a tomada de decisão para chegar à constituição de uma nova empresa com a incorporação de um sócio estrangeiro?

Para responder ao problema de pesquisa, determinou-se, como objetivo geral, relatar um *case* que envolve a parceria entre uma empresa holandesa e uma brasileira, ambas fabricantes de máquinas para lavanderias industriais. De modo específico, busca-se narrar a experiência adquirida no processo de organização e parceria com a referida empresa, constituindo-se em apoio mútuo para entrar no mercado de forma rápida e, principalmente, visando a benefícios econômicos. Trata-se, portanto, da constituição de uma nova empresa com a incorporação de um sócio estrangeiro, ou seja, uma *Joint Venture*.

DESCRIÇÃO DO DELINEAMENTO METODOLÓGICO

A pesquisa é de abordagem qualitativa e de natureza narrativa de um *case* que envolve a parceria entre a Maltec, empresa situada no município de Farroupilha, RS, e uma empresa holandesa, ambas fabricantes de máquinas para lavanderias industriais.

A abordagem qualitativa está ancorada em Minayo (2013) e, segundo essa autora, este tipo de pesquisa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

A pesquisa narrativa é uma forma de entender a experiência individual e social. Compreende a descrição do contexto, temporalidade, pessoas e ações. Isto é, envolve um contexto particular, em um determinado momento, cuja narrativa está relacionada ao fazer e ao seu andamento (CLANDININ; CONNELLY, 2011). Portanto, considera-se que o pensamento narrativo é adequado para a apresentação e análise de um *case* da área empresarial.

O estudo de caso, segundo Yin (2005, p.32): “[...] é uma investigação empírica de um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto da vida real, sendo que os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos”. Nesse sentido, de acordo com o autor, o estudo de caso configura-se como uma estratégia adequada, quando surge a necessidade de responder a questões do tipo “como” e “por que” dos eventos pesquisados.

Como técnica analítica específica, optou-se pela construção da explanação, na forma de narrativas, cujo objetivo é analisar os dados do estudo, construindo uma explanação sobre o caso, ou seja, buscando explicar os fenômenos estudados por meio da estipulação de elos causais em relação a eles (YIN, 2005). As proposições teóricas que fundamentam as análises referem-se, basicamente, ao conhecimento de Ontopsicologia, aplicada ao campo empresarial.

APRESENTAÇÃO DO CASE

Neste *case*, descreve-se o passo a passo da experiência vivida em fazer uma parceria com uma empresa estrangeira, detentora de uma tecnologia muito avançada no segmento de lavanderias industriais. Esta empresa é reconhecida internacionalmente por produzir e comercializar equipamentos de alta eficiência e qualidade em seus produtos, vendidos para o mundo inteiro.

GÊNESE DO CASE

A empresa brasileira envolvida nesse estudo é a Maltec, fabricante de máquinas para lavanderias industriais, sediada no município de Farroupilha/RS. A Maltec iniciou suas atividades no ano de 2003 e, atualmente, é líder em seu segmento no Brasil, fabricando lavadoras, secadoras e calandras. Mesmo sendo líder em seu segmento, antes da constituição da parceria internacional, a Maltec complementava sua linha de produtos importando equipamentos de automação do mercado chinês.

Por outro lado, a empresa Vega Systems, sediada na cidade de Oss, na Holanda, fundada em 2001, tem uma grande linha de produtos focados na automação de lavanderias industriais, presente em mais de 50 países. Possui cooperação com países como a China, Tailândia e Alemanha, estruturada de forma semelhante ao relatado neste texto.

A Maltec cresceu rápido no mercado brasileiro, com grande representatividade no mercado de lavanderias industriais. Mesmo sendo uma

empresa com pouco mais de 14 anos, a gerência/administração sempre buscou inovações no parque fabril, como também nos produtos. Entretanto, as empresas europeias se sobressaem por vários motivos. O principal deles é que, nesse segmento, existem empresas com mais de 100 anos de atuação e, por isso, estão muito à frente em tecnologia, se comparado aos equipamentos e produtos nacionais.

A busca por novas tecnologias na Maltec acontece por meio de várias viagens internacionais, com visita a futuros parceiros e às feiras no ramo de negócio de máquinas de lavar. Foi, em uma dessas viagens, em outubro de 2014, que a Maltec teve a oportunidade de conhecer a empresa Vega, que expunha seus produtos numa feira chamada Expodetergo, sediada na cidade de Milão, Itália. Nessa oportunidade, estabeleceram-se as primeiras tratativas e a oportunidade de explanar o interesse em concretizar uma cooperação entre as duas empresas no mercado brasileiro.

Em 2013 e 2014, a economia para o segmento de lavanderias estava muito acelerada. Foram dois anos com os melhores resultados da história da empresa. Entretanto, não se conseguia entrar em grandes lavanderias em função de a Maltec não ter equipamentos para ofertar a esses clientes, pois os produtos chineses ainda sofrem com a desconfiança de não serem bons. Em função disso, identificou-se a necessidade de uma cooperação fundamental para a manutenção do negócio, crescimento e injeção de novas tecnologias na empresa, de forma muito rápida.

Na sequência, são narradas todas as tratativas referentes à parceria, desde as reuniões exaustivas com o sócio estrangeiro, para tentar explicar a tributação no Brasil, até a concretização do negócio. Também se apresenta uma análise de comparativos entre importar esta tecnologia e os benefícios em produzir no Brasil.

CONTEXTO HISTÓRICO DA EMPRESA MALTEC E PARCERIAS

A Maltec, Indústria e Comércio de Máquinas Ltda, foi fundada no dia 10 de junho de 2003, por três grandes amigos: Lídio Signoratti, Zeferino Chiele e Sidnei Boakoski. Inicialmente, Signoratti era técnico assistente de máquinas para lavanderia da maior empresa deste segmento na época. Detentor de largo conhecimento técnico, aliava a esta característica o carisma, conquistando os clientes a quem prestava serviço. O Rio Grande do Sul representava a maior demanda no país, o que facilitou para que os amigos tomassem a decisão de constituir uma empresa para fabricação de máquinas para lavanderia.

Sócios, os três amigos fundaram a empresa Maltec com o intuito de iniciar a fabricação própria desses equipamentos. A empresa foi constituída com um capital inicial restrito e registrada na Rua Natali Valentini, número 642 – fundos, no bairro centro em Farroupilha, no Rio Grande do Sul. A passos lentos, mas com muita dedicação e persistência dos sócios, a empresa foi criando a sua “identidade”, fabricando a primeira máquina para lavanderia: secador de roupas 30 quilos, instalado em uma lavanderia no município de Gramado, RS. No decorrer dos meses, iniciou-se a fabricação de outros equipamentos: lavadoras de 20 e 30 quilos e mais um secador. Essas máquinas foram instaladas no Hospital Beneficente São Carlos e na Lavanderia Lavare Bene, ambos em Farroupilha.

As primeiras vendas foram efetuadas a clientes já conhecidos por Signoratti. Esses primeiros consumidores merecem destaque, porque apostaram na capacidade da Maltec. A propagação da marca deu-se de forma natural, por meio de clientes satisfeitos com os produtos adquiridos. No período inferior a dois anos, apesar de a empresa não possuir a linha completa de equipamentos e nem todas as capacidades, os sócios notaram um grande crescimento na procura pelas máquinas.

Esse relato encontra respaldo teórico em Meneghetti (2016a, p. 80, grifo do autor) ao afirmar que “os melhores clientes nos informam, são *radares de bom gosto*, de qualidade, de bom senso e, portanto, um profissional – de um médico a um contador, a um político – deve ouvir, não todos, mas apenas aquele grupo dos melhores, ou aqueles que crescem socialmente e sobretudo economicamente”. Nessa passagem, o autor reforça que as pessoas, no caso os melhores clientes, “[...] junto com o líder estão qualificando a riqueza no contexto social onde ele opera (p. 80)”. Logo, é importante ouvir os clientes, porque depois eles trazem também os amigos, ou seja, a divulgação “boca a boca” ainda pode produzir um eficiente mercado.

O CRESCIMENTO INICIAL DA EMPRESA MALTEC

Em 2005, a empresa passou a planejar o crescimento e investiu em um pequeno espaço, conforme demonstrado na Figura 1a, para expor seus produtos na Feira Equipotel, realizada nos Pavilhões do Anhembi, em São Paulo. Com a exposição na maior feira do segmento, a empresa começou a efetuar vendas para os demais estados brasileiros. Essa participação fez com que a empresa fosse “vista” por proprietários de lavanderias, hotéis, motéis, dentre outros segmentos. A partir daí, aumentaram

as solicitações de visitas e de cotações dos produtos.

Percebeu-se que, pela demanda de vendas e consequente aumento produtivo, o espaço físico locado tornava-se pequeno. Como a empresa já estava fabricando lavadoras, centrífugas, secadores e calandras, solidificou-se, no mercado, como fabricante de máquinas para lavanderia. No mesmo ano, a organização criou o setor de engenharia, responsável pelo desenvolvimento de novos projetos e melhorias naqueles já existentes. Naquele momento, a empresa transferiu-se para um espaço físico maior, proporcionando um melhor *layout* produtivo.

Em 2006, a Maltec solidificou-se ainda mais no mercado, incrementando as vendas dos equipamentos para outros estados brasileiros. As vendas aumentaram significativamente e a linha de produtos expandiu. Novamente, a empresa investiu na divulgação da marca e de seus produtos, expondo na Feira Equipotel, realizada nos mesmos padrões do ano anterior. Nesse ano, uma quantidade maior de equipamentos foi exposta em um espaço físico maior, conforme ilustrado na Figura 1b, o que fez com que a empresa se evidenciasse no mercado.

Figura 1: Fotos do estande da Maltec na Feira Equipotel, SP, 2005 e 2006.



Fonte: Arquivo da Empresa

Devido ao notável desenvolvimento da empresa, o espaço físico tornou-se insuficiente. Em 2007, transferiu-se de endereço novamente. Nesse mesmo ano, algumas mudanças societárias aconteceram: Sidnei Boakoski retirou-se da sociedade, mantiveram-se Lídio e Zeferino, e ingressaram Cristiano Felipe Lamb e Antonio Patrício Zini. Este último é o fundador da empresa Máquinas Sazi. Ainda, em 2007, a empresa

permaneceu firme na exposição dos equipamentos e, mais uma vez, participou da Feira Equipotel. Dessa vez, com a divisão do espaço com a nova parceira de indicação de produtos, a Delav, que é fabricante de mesas para passadoria. Pode-se visualizar o estande na Figura 2a.

Em 2008, houve um grande crescimento, obtiveram-se vendas em quase todos estados brasileiros bem como a primeira venda para o exterior, por meio de uma grande construtora. O aumento no número e volume de negócios se reflete também na contratação de funcionários que passaram a 32. A Figura 2b mostra o estande da Maltec na Feira Hospitalar, realizada em São Paulo.

Figura 2: *Fotos do estande da Maltec na Feira Equipotel, SP, 2007 e 2008.*



Fonte: *Arquivos da Empresa*

No ano seguinte, a empresa seguiu com seu processo de solidificação. O momento difícil fica por conta do falecimento de um de seus sócios fundadores: Zeferino Chiele. Nesse momento, a empresa passou a ser administrada por Lídio Signoratti e Cristiano Felipe Lamb. Este último, em 2010, deixou a sociedade.

Apesar dos acontecimentos que ocorreram em 2010, a empresa permaneceu estável e não perdeu o foco no mercado. Seguiu participando das duas maiores feiras do segmento, a Feira Equipotel e Feira Hospitalar, conforme as Figuras 3a e 3b, respectivamente.

Figura 3: Fotos do estande da Maltec na Feira Hospitalar e Feira Equipotel, em 2010.



Fonte: Arquivos da Empresa

A figura 3a ilustra o estande da empresa na Feira Hospitalar 2010, com o lançamento da lavadora extratora hospitalar automatizada. Nesta feira, os expressivos resultados são devidos ao lançamento da linha hospitalar. A Figura 3b mostra o estande montado para a apresentação da empresa na Feira Equipotel, ocorrida no mês de setembro, de 2010. Nela, demonstraram-se os produtos com um novo *design*. Essa feira foi importante para a empresa, pois foi marcada pelo diferencial do *design* dos equipamentos da Maltec e pelo aumento considerável das vendas e da produtividade (Figura 4).

Figura 4: Foto, visão geral da produção da Maltec, 2010.



Fonte: Arquivos da Empresa

Na figura 4, há a demonstração do setor de montagem da empresa, no ano de 2010, com visível quantidade de equipamentos na linha produtiva. O bom resultado se deve ao trabalho de toda equipe, bem como das exposições da empresa nas feiras e, principalmente, pela mudança no *design* dos equipamentos.

NOVAS MUDANÇAS E A CONSOLIDAÇÃO DA EMPRESA NO MERCADO

O momento é de mudanças na estrutura da Maltec. Antônio Patrício Zini, proprietário majoritário da empresa Máquinas Sazi, e Miriam Chiele, viúva de Zeferino (*in memoriam*), irmã de Antônio e sócia minoritária da Máquinas Sazi, são os detentores do maior percentual da administração da Maltec. Eles decidiram que a empresa passaria a integrar o Grupo Sazi. Essa decisão foi tomada mediante o consentimento do sócio-fundador, Lídio Signoratti.

Essa alteração, efetuada somente na marca da empresa, foi decisiva para solidificar a Maltec no mercado, fortalecendo-a e impulsionando as vendas. Com isso, a empresa permaneceu no mesmo local e a administração teve continuidade. Não houve alteração junto ao Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ), nem de qualquer outro dado comercial ou financeiro.

Meneghetti (2016a) explica que:

Na empresa de grupo, o empresário é a mente que preside cinco, seis colaboradores psicológicos, que constituem um pequeno corpo onipresente na empresa. É como se o empresário multiplicasse a sua personalidade, o seu intuito, a sua ambição em poucos estreitos colaboradores capazes, amigos convictos que trabalham e ganham. Basta um homem para dirigir um aparato de cem ou um milhão de pessoas, por isso é suficiente um desses colaboradores, coligado à mente do chefe, para levar adiante a empresa. Certamente, com estes existe uma relação de confiança e confidência, mas também de capacidade. Portanto, trata-se de pessoas que têm fidelidade ao sucesso do projeto da empresa. Criar uma empresa desse tipo é uma arte, é um trabalho e uma fortuna (p. 65-66).

Com a efetivação da integração, a empresa assumiu a assinatura

“Maltec/Grupo Sazi” e ganhou um grande referencial, que é a tradição de mercado pela tecnologia oferecida aos clientes por meio de seus produtos. Nesse período, mediante novos investimentos no setor de engenharia e *design*, a produção voltou-se às máquinas mais modernas, com alto padrão de tecnologia e qualidade.

O novo *design* nos equipamentos em 2010 foi um grande impulso para a empresa, pois diferenciou-os dos demais fabricantes nacionais, que mantêm o mesmo padrão de equipamento. Com toda essa inovação, os equipamentos tornaram-se mais fáceis para operação, baixou-se o custo de energia consumido e diminuiu-se a necessidade de manutenção. Em alguns equipamentos, a empresa conseguiu reduzir o tempo de operação por ciclo, o que resultou no aumento da produtividade dos clientes. Com o investimento, a empresa notou a necessidade de inovar por meio do *merchandising* e *marketing*. A percepção levou à contratação de uma empresa de *design*, responsável por imprimir uma nova identidade para a empresa e para seus estandes nas feiras. Houve, ainda, a contratação de uma garota propaganda para efetuar as campanhas publicitárias. O investimento foi significativo, mas os resultados financeiros foram compensadores.

Neste mesmo ano de 2011, a empresa realizou a 1ª Convenção Técnico-comercial nas dependências do grupo Sazi. O evento surgiu da necessidade de integrar toda equipe comercial, composta por 21 representantes oriundos de todos estados brasileiros. O objetivo principal dessa convenção foi a apresentação dos grandes lançamentos desenvolvidos por meio de uma parceria com uma empresa chinesa. A Maltec, em 2011, colocou no mercado as Lavadoras Extratoras como uma grande novidade, pois, até então, só se tinha acesso a esses produtos através de importações, o que, por sua vez, inviabilizava uma compra por conta dos altos impostos. Esses lançamentos foram fruto de uma cooperação com uma empresa chinesa a qual cedeu componentes para que a Maltec conseguisse desenvolver o restante no Brasil. Além das Lavadoras Extratoras, a Maltec também começou, em 2011, a complementar a sua linha importando, dessa mesma empresa chinesa, dobradores de lençol e de toalhas. A figura 5 mostra os representantes comerciais, alguns técnicos, engenheiros e diretores da empresa participando do evento.

Figura 5: Foto, 1ª Convenção Nacional Técnico-comercial, Farroupilha, RS, 2011.



Fonte: Arquivos da Empresa

A 1ª Convenção demandou um alto investimento, mas os resultados positivos surgiram em curto prazo, visto que o evento proporcionou à equipe maior conhecimento do processo produtivo e dos diferenciais da Maltec, em relação a outras empresas fabricantes de equipamentos similares. Outro aspecto positivo é que o encontro proporcionou integração, motivação e consequente dedicação, resultando, naturalmente, aumento no volume de vendas da empresa.

Em outra passagem, o autor de referência neste estudo explica:

O líder é dotado de orientação, de acesso à realização do megaprojeto. Ele deve ter o talento, a contínua especificação diversificada por produto e clientela para alcançar as variáveis do mercado e da sociedade, contemporaneamente. Essas, de fato, não o precedem, ele até mesmo as antecipa, sabe que estão para acontecer e, portanto, as preordena a seu favor (MENEGETTI, 2013a, p.328).

A Figura 6 apresenta a nova identidade da empresa divulgada no estande da Feira Equipotel 2011. Nesse evento, a Maltec fez uma série de lançamentos, como as lavadoras extratoras frontais de 16, 25 e 50 kg, e a dobradeira de lençóis. Mais uma vez, os investimentos, em grande escala, geraram resultados em curto prazo.

Figura 6: Foto do estande da Maltec na Feira Equipotel, São Paulo, 2011.



As mudanças tiveram objetivo claro: crescimento para obter liderança de mercado no segmento, com políticas definidas pela missão, visão e valores. Para Meneghetti (2016b, p. 210), “líder é aquele que sabe entrar com intimidade na relação com o objeto” A esse respeito, o autor acentua que, na prática, é necessário conhecimento do problema específico e identificação do estilo estético de um lugar, de uma cidade, isto é, a orientação do cliente.

Nessa passagem, Meneghetti (2016b) reforça a necessidade de se dar atenção ao serviço voltado ao homem, porque, quanto mais exigente, mais específico e mais intelectual é o ser humano, mais seguro será ele pagar o preço necessário, mas, em contrapartida, querer ser servido em nível máximo, porque a beleza é uma referência de poder. Quando o homem procura estética, ele promove esse tipo de comportamento para exercitar, de modo superior, o seu sentido de valor.

AVANÇOS DA EMPRESA NOS ÚLTIMOS ANOS

No dia 20 de dezembro de 2012, a empresa deu um passo muito arrojado, inaugurou sua sede própria, novas instalações administrativas e industriais para seus clientes, mais de 5.000m² de área construída para poder escoar sua produção, como demonstra abaixo a Figura 7.

Figura 7: *Vista geral do novo parque fabril da Maltec, Farroupilha, RS.*



Fonte: *Arquivo da Empresa*

Em 2013 e 2014, a Maltec começou a traçar seus planos através da implantação do Planejamento Estratégico, em que a ação principal era a concretização de uma cooperação com uma empresa estrangeira para fabricar no Brasil os dobradores de toalhas, de lençol e introdutores, aumentando a sua gama de produtos e, principalmente, estampando a sua marca como fabricante, cuja ação tinha como objetivo alcançar uma empresa da Europa e não do mercado Asiático.

Nesse sentido, Falconi (2013, p. 54) afirma que:

Existe um processo de planejamento e ele é único, independentemente do tamanho e do tipo do problema. Existem alguns princípios que devem reger o processo de planejamento: O planejamento deve ser sempre feito dos fins para os meios (de jusante a montante), por meio da análise e da síntese, até que se apresente uma solução satisfatória. No caminho de jusante a montante deve ser utilizada priorização (o critério de priorização deve ser estabelecido para cada caso, mas sempre obedecendo à prioridade maior).

Ao finalizar os estudos de viabilidade do projeto de cooperação internacional, começou a segunda etapa: identificar qual parceiro poderia

ser atraído para construir a ideia de fabricar, no Brasil, os equipamentos. Foi visitando uma feira na Itália que o negócio começou, a passos lentos. Logo no primeiro dia de feira, avistou-se um estande que chamava atenção, cheio de máquinas operando, com meninas introduzindo lençóis e toalhas nos equipamentos, o que motivou a viabilidade de se trazer essa novidade para a Maltec no Brasil.

Entende-se que a capacidade de perceber uma oportunidade está relacionada ao espírito do líder que, “[...] se distingue de todos os outros pela posse natural da intuição” (MENEGETTI, 2013b, p. 91. Grifo do autor). Nas palavras do autor, “a intuição consciente opera a escolha ótima na conjuntura de diversos problemas ou diversas soluções. A intuição dá imagens, impressões, experiências, campo semântico” (p. 91).

Nas tratativas de negócio com a empresa holandesa, as conversas se deram com o Sr. Ad Van Geffen, fundador da Vega Systems. Inicialmente houve a apresentação das empresas do grupo Sazi e Maltec e, na sequência, a demonstração do vídeo institucional que mostra a tecnologia presente nos parques fabris da empresa: robôs trabalhando, máquinas modernas, fábrica extremamente limpa, toda tecnologia de ponta, etc. O holandês olhava o vídeo concentrado, não falava nada. Após uns cinco minutos, quase ao final do vídeo, disse que, com tamanha tecnologia, a produção no Brasil seria viável.

Nesse sentido, Bernabei (2013) explica que:

No *business*, para continuar competitivo no mercado, para obter um sucesso durável, para estar com o passo em dia em uma globalização que reduziu aos mínimos termos as coordenadas espaço/tempo, para decidir a direção a tomar a empresa, para vencer a concorrência, para escolher um sócio ou um colaborador, para decidir um investimento ou uma diversificação do produto, um dos instrumentos que se considera importante é a intuição (BERNABEI, 2013, p. 345).

Teve-se, nesse momento, a certeza de se ter usado a ferramenta certa: o vídeo transmitiu o que se queria e deu o efeito de que se precisava. O caminho estava certo. O estande estava com muitos visitantes, e o Sr. Ad Van Geffen era muito requisitado, um chamava aqui, outro ali, na verdade não era o melhor momento e lugar para se tratar de um negócio

como se estava propondo, mas, de certa forma, ele entendeu o que se queria e também não se poderia perder esta oportunidade.

Como nos próximos quinze dias havia a programação de visitar uma feira na Alemanha, chamada Euroblech, finalizou-se a reunião com o compromisso de dar continuidade ao assunto na fábrica da Veja, na Holanda, ou seja, aproveitaria a ida à Alemanha para também visitar a fábrica na Holanda para avançar as tratativas sobre a cooperação, mas também o Sr. Ad Van Geffen assumiu o compromisso de, no máximo em sessenta dias, realizar uma visita à Maltec, no Brasil.

Ao visitar a empresa Vega, na Holanda, percebeu-se uma grande quantidade de máquinas sendo montadas. Tratava-se de uma empresa de grande porte, com muitos projetos a serem lançados e com diretores motivados. A companhia, naquele momento, estava finalizando uma cooperação com uma empresa chinesa nos mesmos formatos que se queria, enfim, tudo estava andando melhor do que se esperava.

O retorno da equipe da Maltec para o Brasil foi acompanhado de motivação e de esperança, pois nascia uma boa oportunidade, visto que ambas as empresas teriam ganhos. Até aquele momento, a Vega atuava discretamente no mercado brasileiro, pois vendia apenas para clientes que compravam em feiras. Em contrapartida, a Maltec ganharia um incremento de produtos. Motivação, segundo Meneghetti (2013b), significa como ou onde vai mover-se, o porquê da ação. É a causa ou razão que ativa o resultado. A motivação junto ao programa do Em Si ôntico tem o escopo de realizar a plenitude de realização do potencial.

Faltava agora somente a visita do o Sr. Ad Van Geffen ao Brasil para conhecer as nossas fábricas e avançar nos planos. Assim que a equipe da Maltec chegou ao Brasil, começou a mapear os primeiros passos da cooperação, acreditando plenamente no sucesso da parceria, pois seria a primeira empresa no Brasil a fabricar estes equipamentos. Passados sessenta dias da reunião na Holanda, não se obteve nenhum retorno, então se tomou a iniciativa de enviar um e-mail, pedindo se já havia algum agendamento para a vinda ao Brasil. O retorno ocorreu alguns dias depois e afirmaram que não seria possível viajar em 2014, visto que o projeto da China estava demandando enorme tempo.

Decorrido quase um ano após o encontro na Holanda, a Maltec recebeu um e-mail do do Sr. Ad Van Geffen informando que este era o momento de iniciar o projeto no Brasil. Em 10 dias, a Maltec recebia o Sr. Ad Van Geffen na seda da empresa. Iniciado o encontro pelo sábado de manhã,

visitaram-se as fábricas. O primeiro questionamento do Sr. Ad Van Geffen foi sobre quantas máquinas a Maltec estava importando da China e de quem estava comprando. Prontamente, respondeu-se que a compra era de 20 a 30 máquinas por ano e que o fornecedor era a Sealion. Rapidamente respondeu que, caso a parceria se concretizasse, a Maltec teria que imediatamente encerrar o relacionamento de compra de máquinas chinesas, no que imediatamente houve concordância. Aproveitou-se o momento para relatar que o mercado brasileiro não via com bons olhos os produtos chineses e que seria um grande diferencial produzir os equipamentos.

A segunda pergunta foi: por quanto a Maltec conseguiria vender uma dobradeira de lençol que vinha da China? Informou-se o preço médio praticado em cada equipamento e que, em algumas situações, poder-se-ia dar descontos, pois se tinha uma margem considerável de lucro. O Sr. Ad Van Geffen pensou alguns segundos e explicou que as suas máquinas não poderiam ser comparadas às máquinas chinesas, tendo em vista a desproporção com qualidade, tecnologia, etc.

Embora houvesse o entendimento do que ele estava propondo, explicou-se que o mercado não pagaria mais que isso, pois a Maltec já tinha clientes que compravam pelo preço informado e sabia que aumentar o valor não era uma boa estratégia. Nesse momento, a decepção se instalou junto com a insistência, pois se queria provar a ele de que se precisava fabricar máquinas com tecnologia europeia, mas com preço melhor do que as chinesas.

De forma enfática, o Sr. Ad Van Geffen insistiu: *“Meu produto não pode ser vendido pelo preço menor do que um produto chinês, minha marca irá desvalorizar, não é essa a estratégia que quero fazer com a Maltec. É necessário mostrar ao cliente que ele pagará mais, entretanto terá muitos benefícios com o nosso equipamento, é preciso demonstrar ao cliente o quanto ele irá economizar comprando o nosso equipamento e não quanto ele irá gastar”*. Assim, no campo empresarial, segundo Meneghetti, os empreendedores “trabalham pelo escopo do dinheiro [...] são um pouco materialistas, porque não possuem cultura, filosofia, música, estética, charme, etc. São os grandes ‘ilusionistas’ de sucesso, mas se contentam com o dinheiro” (MENEGETTI, 2016b, p. 256).

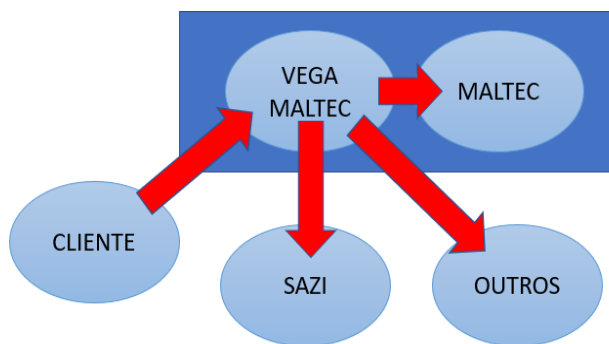
Mais uma vez o Sr. Ad Van Geffen foi ouvido, mas ele não estava conseguindo convencer a equipe da Maltec de que esta era a melhor estratégia. Entretanto, para não frustrar o andamento da negociação, sugeriu-se passar para o próximo assunto. Começou-se, então, a avaliar de que forma se iniciaria o negócio, explanou-se a ele de que a ideia era constituir uma

nova empresa, alugar um pavilhão, colocar algumas pessoas para montar, algumas pessoas para o administrativo, enfim, um novo negócio e uma nova estrutura. Nesse momento, o Sr. Ad Van Geffen fez uma interrupção: *“Não faço negócios com empresas nesses moldes, não posso gerenciar a distância custos, processos, retrabalhos, etc. Então o objetivo é um negócio simples onde não se tenha custos fixos, somente custos variáveis, ou seja, se vender tem despesas, se não vender não tem nenhuma despesa”*.

Esse foi um dos pontos que mais tomou tempo no encontro, avaliaram-se as possibilidades e chegou-se à conclusão de que o negócio seria possível, com a crença de se ter atingido o ponto, ou seja, uma nova empresa seria criada e esta iria operar quase de forma virtual, sem processos, sem despesas fixas, sem funcionários. Terceirização é a palavra-chave utilizada em todas as empresas do grupo Vega Maltec.

A Figura 8 resume o organograma do negócio.

Figura 8: Organograma estabelecido entre o grupo Vega - Maltec e outros.



Fonte: Criada por Backs, 2017.

O fluxo representado, na figura 8, pode assim ser traduzido: a Maltec utiliza toda a sua estrutura administrativa e produtiva e cede esta estrutura para a *joint venture* Vega Maltec, ou seja, compartilha sua estrutura desde o comercial até o faturamento. Assim, ficou acertado que a *joint venture* Vega Maltec pagaria à Maltec por máquina montada e o valor acertado incluiria também os custos administrativos. Foi acordado também que os primeiros equipamentos a serem fabricados seriam dobradores de lençol, dobradores de toalhas e introdutres, conforme Figuras 9, 10 e 11.

Figura 9: *Dobradeira de toalhas modelo Vega Maltec MULTIFOLD SUPER.*



Fonte: *Arquivo da Empresa*

Figura 10: *Dobradeira de toalhas modelo Vega Maltec APD.*



Fonte: *Arquivo da Empresa*

Figura 11: *Dobradeira de Lençóis modelo Vega Maltec FOLD.*



Fonte: *Arquivo da Empresa*

Definidos os primeiros equipamentos a serem fabricados, traçaram-se algumas estratégias de mercado, como a participação em feiras, criação de Web Site, catálogos, política de vendas, preços, etc. O último acordo, antes de finalizar o encontro, foi de que, em 30 dias, seriam enviados para a Holanda dois engenheiros, um mecânico e outro elétrico, para que pudessem receber os treinamentos nos equipamentos que seriam produzidos no Brasil. Finalizou-se a reunião com todos os compromissos firmados e também de que seria feita a importação de quatro equipamentos para expor na feira de setembro de 2015, em São Paulo.

Assim, contratou-se uma consultoria jurídica para fazer todas as tratativas da cooperação, e a empresa holandesa contratou um escritório no Brasil para apoiar toda a questão burocrática. Começou-se, por ambas as empresas, o processo de *Due Diligence*, ou seja, uma investigação cruzada de ambas as empresas e sócios para identificar possíveis riscos ou passivos que poderiam interferir na futura cooperação. Esse processo foi o mais lento e talvez o mais cansativo, pois são inúmeros os documentos, informações, relatórios, etc.

Passada essa fase, preparou-se o evento para anunciar a cooperação, lançar os equipamentos para o mercado, organizar uma convenção em São Paulo com a presença de todos os vendedores e também com representantes da empresa holandesa. O evento foi excelente, pois ali estavam sendo apresentados equipamentos com uma tecnologia, até então, não existente no Brasil. Em seguida à convenção, todos foram à feira Equipotel (Figura 12) que aconteceu nos pavilhões do Anhembi. O estande da Vega Maltec foi um sucesso, reproduziu-se o modelo holandês, contrataram-se algumas funcionárias para introduzirem lençóis e toalhas nas máquinas. Isso chamava muita atenção e, com certeza, foi o estande mais visitado da feira.

Figura 12: Fotos do estande Vega Maltec em São Paulo, setembro 2015.



Fonte: Arquivo da Empresa

O evento foi um sucesso pelos inúmeros clientes que chegavam para parabenizar a equipe pelos equipamentos apresentados e, acima de tudo, pelas vendas realizadas durante a feira. O sucesso alcançado excluiu, em definitivo, o estereótipo criado em relação aos preços dos equipamentos.

O negócio foi andando muito bem e a passos rápidos, pois os equipamentos já estavam sendo produzidos e as vendas estavam dando sinal de que o negócio estava no caminho certo. Conseguiram-se clientes importantes, ao mesmo tempo que se passava ao mercado uma imagem de que a excelente qualidade dos equipamentos justificava o valor cobrado.

Em 2016, mais um grande desafio foi traçado. Produzir os introdutórios de lençóis, um equipamento totalmente automatizado que dispensa mão de obra e que tem um valor agregado considerável. Para isso, os engenheiros viajaram novamente à Holanda para buscar a nova tecnologia. Como foi feito nas primeiras máquinas, também se aplicou, nesse momento, a decisão de importar os dois equipamentos que, em seguida, seriam produzidos aqui.

DISCUSSÃO DO CASE

Como descrito nesse texto, o estabelecimento de parceria, principalmente com uma empresa estrangeira, exigiu a observação rigorosa e a análise de toda a legislação nacional para chegar à conclusão da viabilidade ou não do negócio. Vencida esta etapa, constatou-se que a lei era favorável, ou seja, fabricando esses equipamentos no Brasil, nenhuma empresa poderia fazer importação de máquinas usadas de qualquer país do mundo.

Essa observação é reforçada pela explicação de que “a lei hoje é prioritária em relação ao dinheiro e, antes de iniciar qualquer coisa, deve ser sempre controlada. Ela é de produção democrática, sobretudo nos dias de hoje” (MENEGETTI, 2013b, p.139). O autor reforça a necessidade de o empresário apoderar-se totalmente do conhecimento diante do *business* social e afirma: “O especialista legal é prioritário em qualquer contexto, com maior razão naquele empresarial, no qual são criadas relações múltiplas também de natureza diversa, e é necessário saber qual é o *vade-mecum*, a ‘tangente’ que a lei privilegia” (2013b, p.140).

Importante destacar que, no segmento de máquinas para lavanderia, ainda há uma grande dúvida e enorme rejeição dos produtos chineses. Há registros de que muitas empresas chinesas venderam diretamente máquinas para lavanderias no Brasil, mas o problema veio no pós-venda, ou seja, na assistência técnica e nas peças de reposição que não atenderam às

necessidades de mercado. Sobrinho (2008, p. 57) considera que “a satisfação que um produto proporciona não é relacionada apenas ao produto, e sim à prestação de serviço como um todo”. A função do pós-venda é garantir essa satisfação, ajudar a fidelizar o cliente e perpetuar pontos positivos da empresa no mercado, para atrair novos clientes.

Cabe destacar que, por meio da rede de contatos pessoais da Maltec, um profissional, que presta serviços há anos na área de assistência técnica e referência no assunto, fez o seguinte comentário: *“Eu tenho visto muitas máquinas chinesas em lavanderias, porém eu estou enfrentando muitas dificuldades em encontrar peças de reposição, o proprietário da lavanderia que adquiriu o equipamento chinês quer o mesmo rendimento de um equipamento nacional, entretanto na prática não é isso que acontece. Um conserto pode levar de alguns minutos a várias semanas ou até meses, pois o fabricante chinês prefere vender outra máquina do que enviar peças de reposição”*.

Analisando esse depoimento, pode-se perceber que, de fato, os equipamentos chineses estavam com seus dias contados da forma como estavam sendo comercializados, sem estrutura de pós-venda, mas o maior agravante é que o mercado já havia criado uma imagem negativa desses produtos em função de não haver peças de reposição no Brasil. Isso reforçava ainda mais a estratégia da Vega Maltec em produzir, no Brasil, equipamentos e não mais importá-los, pois geraria segurança ao cliente.

A fabricação de produtos no Brasil tem uma série de vantagens, mas a mais importante é que o produto pode contar com os financiamentos do governo, desde que este item fique dentro do índice de nacionalização exigido pela regra. A avaliação dá-se de duas formas: em valor e em peso. O índice representa a relação entre o valor (ou peso) dos componentes importados e o preço final de venda (ou peso total) do produto fabricado. De acordo com as políticas do governo, apenas produtos fabricados no país e com índice de nacionalização mínimo de 60%, em valor e em peso, são passíveis de financiamento pelas linhas e programas do Banco Nacional de Desenvolvimento (BNDES).

O programa do BNDES concede juros mais baratos para a compra de máquinas e equipamentos, mas exige 60% de conteúdo nacional como já mencionado acima. Como se trata aqui de produtos de valor agregado, ter um financiamento pode fazer grande diferença para viabilizar o negócio, enquanto que produtos importados não são aceitos pelo BNDES.

O autor deste estudo estava, a partir desse momento, decidido,

determinado e motivado a colocar a ação do planejamento estratégico em execução, pois estava convencido de que este era o caminho, pois os ganhos e velocidade seriam enormes para a empresa, os sócios também estavam alinhados de que uma parceria daria força ao *core business*⁴ da empresa.

Embora não se soubesse como iniciar a ação que exigia a aproximação de uma empresa estrangeira para tentar uma cooperação, aprofundou-se o estudo sobre as vantagens e desvantagens que se teria em concretizar a cooperação para fabricar os equipamentos de automação para lavanderias industriais no Brasil.

O primeiro grande ponto que surgiu após iniciar o estudo foi que, além dos chineses, também se teria um outro concorrente, o mercado de máquinas de segunda mão, ou seja, máquinas usadas da Europa que entram no Brasil por preços extremamente baixos, pois os europeus atualizam seus equipamentos geralmente após 15 anos de uso, assim existem empresas de porte expressivo na Alemanha, Itália, Bélgica que comercializam estes equipamentos para o Brasil.

A norma que trata das regras administrativas para as importações de material usado é a Portaria SECEX, nº 23, de 14 de julho de 2011 (BRASIL, 2011). As regras gerais são as mesmas aplicadas às demais operações de importação, as quais são tratadas no seguinte endereço na página eletrônica do MDIC⁵. As regras específicas para as importações de material usado estão baseadas principalmente na Portaria DECEX, nº 08, de 13 de maio de 1991 (BRASIL, 1991).

A grande dúvida era como conseguir produzir, no Brasil, equipamentos com tecnologia competindo com máquinas usadas vindas da Europa. Consultou-se um escritório especializado em comércio exterior para verificar as possibilidades nesse sentido: na maioria dos casos, a única condição para se importar uma máquina ou um equipamento usado é a de que não haja produção nacional desses bens ou que esses mesmos itens não possam ser substituídos por outros fabricados no Brasil (BRASIL, 2017). Era a boa nova de que se precisava no momento.

4 O *core business* é a centralidade que motiva o interesse, a ação, a técnica e a racionalidade da empresa. É o ponto de interesse, de valor, o ponto que motiva e que dá problema, amor, paixão e convicção. Portanto, é o ponto que especifica a ambição do empresário, o específico que motiva toda a operação managerial. *Core business*: o coração do negócio, o coração do trabalho (MENEGHETTI, 2013a, p.456 -457).

5 Disponível em: <http://www.mdic.gov.br/comercio-exterior/importacao/dicas-de-importacao/informacoes-gerais-de-importacao>. Acesso em: 12 dez. 2017

Para importar um equipamento usado, o interessado deve preencher uma Licença de Importação (LI) no Sistema Integrado de Comércio Exterior (Siscomex), obrigatoriamente, indicando que se trata de um material usado. O acompanhamento é feito no próprio Siscomex, por técnicos do governo brasileiro e, após análise, o importador será informado, por intermédio de exigência na LI, em que consulta pública seu equipamento foi publicado. A consulta pública, para verificar a existência de produção nacional, que até o ano passado era feita apenas por meio de publicação no Diário Oficial da União, foi modernizada e passou a ser divulgada eletronicamente, na internet, na página do MDIC. Essa foi uma maneira que o MDIC encontrou para dar mais transparência ao processo. Com essa mudança, houve benefícios não apenas para o importador, que pode acompanhar de maneira on-line todo o processo, mas também e principalmente para o produtor nacional, que passou a ter acesso eletrônico às consultas de produção nacional (BRASIL, 2017). Uma vez identificada a produção nacional de um produto, o fabricante doméstico tem 30 dias para se pronunciar junto ao Decex, com toda a documentação necessária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo relatar um *case* que envolve a parceria entre uma empresa brasileira e uma holandesa, ambas fabricantes de máquinas para lavanderias industriais. As narrativas da criação, desenvolvimento e parcerias estabelecidas entre as empresas em questão permitiram a elaboração das constatações apresentadas.

Ao longo dos relatos, o leitor pôde acompanhar as inúmeras conquistas e resultados alcançados pela empresa. Além desses, podem-se citar outros, tais como: a formação de preços, os ganhos, as primeiras retiradas de dividendos, a estrutura de assistência técnica. A empresa se tornou reconhecida por possuir equipamentos diferenciados, cuja equipe, motivada e continuamente em busca de novos desafios, gera um reconhecimento nacional e seguro à empresa. Importante evidenciar também que, nesse projeto, foi fundamental a aplicação de conhecimentos de que a Ontopsicologia trata, como também fonte de inspiração para que a cooperação da Vega com a Maltec continue evoluindo e crescendo cada vez mais no mercado.

Portanto, ressalta-se que participar dessa experiência, desse projeto de concretização da parceria, foi um grande aprendizado ao longo da caminhada profissional e empresarial. Pode-se garantir que a empresa

está pronta para atender à demanda do mercado, e os resultados, até o momento, demonstram que a nossa competência competitiva está no caminho certo, pois, com a parceria, administram-se vantagens que incluem, principalmente, a partilha de custos e riscos que estariam além do alcance de uma só empresa.

REFERÊNCIAS

BERNABEI, P. Intuição e racionalidade. *In*: MENEGHETTI, A. **Psicologia empresarial**. São Paulo: FOIL, 2013a. p. 345 -352.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Secretaria de Comércio Exterior. Portaria DECEX nº 8 de 13 de maio de 1991. Dispõe sobre o Registro do Importador, aos interessados em atuar como importadores, e revoga os normativos que menciona. Disponível em: <https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=181250>. Acesso em 9 jul. 2017.

BRASIL, Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Secretaria de Comércio Exterior. Portaria nº 23, de 14 de julho de 2011. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 19 jul. 2011. Seção 1, p. 65-92. Alterada pelas Portarias SECEX nº 24.

BRASIL Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços Secretaria de Comércio Exterior. Resolução CAMEX nº 53, de 5 de julho de 2017. Estabelece critérios para alocação de cotas para importação. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 10 jul. 2017.

CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F. M. **Pesquisa narrativa: experiências e história na pesquisa qualitativa**. Uberlândia, MG: EDUFU, 2011.

FALCONI, V. **O verdadeiro poder**. 2. ed. Nova Lima: Falconi, 2013.

MENEGHETTI, A. **Psicologia empresarial**. São Paulo: FOIL, 2013a.

MENEGHETTI, A. **A psicologia do líder**. 5. ed. Recanto Maestro/RS. Ontopsicológica Editora Universitária, 2013b.

MENEGHETTI, A. **A riqueza como arte de ser**. Recanto Maestro, São João do Polêsine, RS: Fundação Antonio Meneghetti, 2016a.

MENEGHETTI, A. **Residence Ontopsicológico**. 4. ed. Recanto Maestro, São João do Polêsine, RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2016b.

MINAYO, M. C. de S. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 33. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

SOBRINHO, C. **O Serviço pós-venda como diferencial disponível**. 2008. Disponível em: <http://www.ifd.com.br/marketing/o-servico-pos-venda-como-diferencial/>. Acesso em: 29 out. 2017.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2005.

Décimo nono capítulo

APRENDIZAGEM TÉCNICA E O DESENVOLVIMENTO DA *FORMA MENTIS* COM ESTUDANTES DE ADMINISTRAÇÃO: UM ESTUDO INTRODUTÓRIO

Karine Cristina Scherer

Patrícia Wazlawick

1 INTRODUÇÃO

De acordo com os dados do Censo da Educação Superior do ano de 2016 ¹, o Curso de Bacharelado em Administração possui 793.564 alunos no Brasil, esse número representa 12% do universo de alunos matriculados em Instituições de Ensino Superior (IES) do país. Esse dado demonstra a relevância do Curso de Administração no mercado de trabalho no Brasil.

Tratando-se de uma pesquisa realizada com os alunos do Curso de Graduação em Administração, a Resolução nº 4 de 13 de julho de 2005, que aborda os Conteúdos de Formação Profissional, aprovado pelo Conselho Nacional de Educação, definiu e institucionalizou as disciplinas de formação técnica do Bacharelado em Administração, contendo conteúdos de formação profissional relacionados com as áreas específicas, envolvendo teorias da Administração e das organizações e a Administração de recursos humanos, mercado e marketing, materiais, produção e logística, financeira e orçamentária, sistemas de informações, planejamento estratégico e serviços. De acordo com os conteúdos existentes nessa Resolução é possível identificar a predominância de disciplinas técnicas nos Curso de Graduação em Administração, com insuficiência e falta de disciplinas Humanistas. (BRASIL, 2005)

Nesse sentido, percebe-se que é preciso permanecer desenvolvendo e elevando o nível as disciplinas de formação técnica, do Curso de Graduação em Administração, de forma que estas passem também a estar alinhadas aos valores humanistas. Na IES evidenciamos que a formação técnica é necessária ao profissional, mas desenvolver a formação

1 Censo dos Cursos. Disponível em: <<http://www.cfa.org.br/servicos/formacao-profissional/censo-dos-cursos-de-bacharelado-em-administracao-e-dos-cursos-superiores-de-tecnologias-nas-diversas-areas-da-administracao>>. Acesso em: 29 out. 2017.

humanista como complementação à formação técnica é o diferencial da formação da Faculdade Antonio Meneghetti (AMF). Considerando que a graduação habilita o profissional com qualidade técnica, a mesma já é um pré-requisito de todos os profissionais. O diferencial é conseguir aplicar o conhecimento técnico na trajetória da profissão, identificando o problema e a partir disto o direcionamento, a resolução do mesmo, sabendo servir ao êxito máximo de um objetivo.

Dessa forma o presente estudo possui como objetivo geral investigar a aprendizagem técnica e o desenvolvimento da *Forma Mentis* dos alunos de 7º semestre do Curso de Administração, para atuação profissional fundamentada em valores humanistas. Os objetivos específicos ficaram assim delineados: a) Analisar o desempenho dos alunos do curso de administração no desenvolver das disciplinas de Administração Financeira e Orçamentária I para Administração Financeira e Orçamentária II, no que diz respeito a suas médias de notas no semestre; b) Identificar a formação humanista nas disciplinas de Administração Financeira e Orçamentária I e Administração Financeira e Orçamentária II; c) Estudar o desenvolvimento das categorias de responsabilidade, autonomia, vontade, espírito de iniciativa e relação funcional nos alunos estudados.

Esta pesquisa ocorre no desenvolver das disciplinas de Administração Financeira e Orçamentária I e a II, nos semestres 2015/01 à 2017/01 respectivamente, no período de dois anos. Os jovens participantes da pesquisa responderam o Teste Forma Mentis em dois momentos em 2015/2 e 2017/1, além do instrumento quantitativo eles descreveram um relato da disciplina a próprio punho. Como forma de avaliação qualitativa também foi analisada as médias das disciplinas técnicas do semestre. O Estudo realizou Análises Estatísticas e Análises de Conteúdo.

O interesse nesta temática nasce da ideia de realizar uma avaliação do percurso como educadora, desta pesquisadora, com o intuito de melhorar tecnicamente a formação dos alunos do Curso de Graduação em Administração sem deixar de mensurar a aplicação dos valores humanistas, valores os quais os discentes irão aplicar em sua vida e na sociedade. Após a conclusão dessa pesquisa podemos comparar os valores humanistas da disciplina de Administração Financeira e Orçamentária I para a II. A pesquisa certamente é de grande relevância na vida profissional acadêmica da pesquisadora. Relevância esta identificada a partir das conclusões desse trabalho, que serão minuciosamente analisadas e implantadas melhorias para os próximos semestres.

2 PILARES DA FORMAÇÃO DE JOVENS NA AMF E NO RECANTO MAESTRO

Para Buss e Reinert (2009), a formação vai além do que a preparação técnico-científica. Segundo os autores, infelizmente o que é válido atualmente é o pragmatismo pedagógico, ou seja, o preparo técnico-científico, fundamentalmente voltado para a ditadura do mercado.

Nesse mesmo sentido da procura pelo treino técnico-científico Freire (1996, p. 33), descreve que “transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de mais fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador”. Não se trata de reduzir a importância do treino técnico-científico, mas entender que existem outras habilidades que devem ser desenvolvidas no aluno como a apresentação oral e a convivência em grupo.

Do contrário, e de acordo com Schaefer (2017), a formação no Recanto Maestro é baseada em algumas dimensões como: estudo, trabalho, alta moralidade, ciência e internacionalidade.

Na dimensão estudo, os professores que atuam na instituição devem possuir além de uma formação acadêmica de qualidade, maturidade pessoal e eficiência de ganho financeiro em suas atividades profissionais. Alinhando a técnica à prática da profissão, os mesmos devem ser referências em suas áreas de atuação (SCHAEFER, 2017).

Para os alunos que estudam na Faculdade Antonio Meneghetti são ofertadas as disciplinas de formação empreendedora e liderança que utilizam a metodologia FOIL (Formação Ontopsicológica Interdisciplinar Liderística), “nessas disciplinas se trabalha a técnica de personalidade e se desenvolve a *Forma Mentis* dos jovens, entendida como a adequada mentalidade, a adequada atitude que um jovem deve ter para se desenvolver no mercado de trabalho” (SCHAEFER 2017, p.4 e 5).

Como resultado de toda essa formação integral evidencia-se que “[...] gradualmente, como resultado do estudo e desta formação integral se começa a verificar que os melhores alunos estão alcançando altos postos de trabalho em diversos setores, organizações e empresas, em nível regional, estadual e nacional, tonando função social” (WAZLAWICK 2016, p.52).

Toda essa formação integral ocorre gradativamente ao longo do curso, sendo possível comparar a diferença que existe de um semestre para outro nos alunos.

Quanto à dimensão do trabalho, já se sabe que a excelência profissional é alcançada pelo exercício repetitivo do saber fazer, mas os jovens

que estão no Recanto Maestro, são adolescentes em formação, não são profissionais com alta intelectualidade. Para que alcancem a nobreza profissional há a necessidade de fazerem as pequenas coisas também com excelência, qualidade e perfeição. Essas pequenas tarefas evoluem para atividades com mais responsabilidade, fazendo com que todo o percurso do jovem perpassasse por decisões de qualidade baseadas em valores (SCHAEFER, 2017).

No que diz respeito ao *trabalho*, como já visto no aspecto da *formação prática*, destaca-se o valor ontológico do trabalho, a formação por meio do trabalho (de modo dialético), a lógica do desenvolvimento profissional e a capacidade de serviço em relação ao saber fazer e ao saber servir, e também o desenvolvimento da própria ambição, da competência competitiva e do estilo de vida por meio do trabalho. Neste ponto, na contínua formação por meio do trabalho também, é fundamental salientar a lógica e a postura ética em relação ao trabalho, de que, não se faz as coisas apenas para servir, se faz para se lembrar constantemente do próprio potencial (WAZLAWICK, 2016, p. 52).

No Recanto Maestro e na AMF, a formação se dá por meio do desenvolvimento integral da pessoa. Ou seja, o indivíduo é um ser integral, ele necessita de uma hierarquia entre as atividades em que realiza, primeiramente com atividades mais simples partindo assim para as mais desenvolvidas. Mas nunca deixar de realizar as mais primitivas, pois essas são atividade de uma certa forma reconstrutivas da pessoa. Nesse sentido:

Os jovens participam das atividades dos centros por meio de diversos trabalhos, sempre de acordo com sua possibilidade operativa atual. Iniciam fazendo pequenas tarefas caseiras ou rotineiras: limpeza geral, auxílio na cozinha, jardinagem, carpintaria, etc. Além disso, todos são responsáveis pela ordem e higiene de suas áreas privativas. Um jovem não pode pretender ser líder se antes não souber tomar conta do pequeno ambiente onde vive, onde dorme (SCHAEFER, 2017, p. 7).

Todo este aspecto de cuidado do próprio ambiente dá ao jovem a capacidade de ação encaminhando para o saber fazer, em uma ordem de hierarquia, primeiramente com seu espaço individual, em seguida para seu trabalho, sua região e assim por diante.

Para Meneghetti (2013, p.17), o líder é aquele que melhor sabe servir: “pode comandar somente aquele que sabe servir e conhece mais do que os outros, para os outros. Para desenvolver a liderança, portanto, o jovem deve desde cedo aprender a arte do saber servir, das pequenas às grandes coisas”.

Na dimensão da Alta Moralidade, são alguns detalhes que podemos verificar no percurso formativo do aluno que vão sendo alterados gradativamente, quando em contato de pessoas e locais que auxiliem a exaltar o seu verdadeiro modo de ser. O sujeito vai se modificando de acordo com o local em uma relação mútua de troca entre o ambientes e o ser. Dessa forma:

Compreendemos que envolve disciplina, organização, estilo de vida, convivialidade sadia e ambiente (homem e natureza em recíproca vantagem – o que é dado pelos princípios da ecobiologia), as posturas de estética como ética, a retomada da Cultura e Arte Humanista, enfim, tantos pequenos detalhes no estilo de vida, no modo de ser, de fazer e de saber a si mesmo, que permitem ir construindo uma estrada de valor e de dignidade a si mesmo. Organizar-se através de pequenas coisas SCHAEFER (2017, p.10).

No que tange à dimensão da ciência “temos a importância da Ontopsicologia como a capacidade de individual do nexo ontológico; a formação global e integral da pessoa; o uso dos instrumentos e das aplicações da Ciência Ontopsicológica; a importância da formação existencial à técnica da intencionalidade da intuição e as pesquisas de ponta em áreas de intervenção humanista- profissional” (SCHAEFER, 2017). Utilizando esse método “é possível fazer uma pedagogia que consinta o desenvolvimento do projeto de natureza, e obtém-se como resultado um indivíduo, antes de tudo sadio e, depois, capaz de realizar a própria existência de modo criativo” (MENEGETTI, 2014b, p. 235).

Na Dimensão da Internacionalidade:

Oportuniza um outro escopo fundamental da formação

humanista integral: o contato com outras culturas e a relativização dos próprios estereótipos e modelos fixos. A partir da convivência de valor com outras culturas, aprende-se a relativizar tantos estereótipos e tantos absolutos da própria monocultura. Esse relativismo leva a uma curiosidade positiva e abertura de novos horizontes sobre os diversos modos de ser do humano, tolerância e respeito pelos hábitos e valores de outros sistemas culturais (WAZLAWICK, 2016, p. 53).

E por fim, na dimensão da liderança, que perpassa todos os demais pilares de formação da AMF e do Recanto Maestro. O aluno é desenvolvido durante a graduação que, para um conjunto de possibilidades existente, tome a decisão da escolha ótima, a decisão que rume ao sucesso da organização.

Para desenvolver a liderança, portanto, o jovem deve desde cedo aprender a arte de saber servir, das pequenas as grandes coisas. E para chegar a excelência do saber servir aos clientes, à excelência da própria atuação e prestação profissional, o jovem é estimulado no Projeto Recanto Maestro, por meio do trabalho, a desenvolver competências e habilidades começando por tarefas basilares (SCHAEFER 2017, p. 7).

Todos esses aspectos descritos são relevantes na formação do aluno no Recanto Maestro, pois a cada percurso formativo que o aluno perpassa vai galgando conhecimentos das disciplinas de Formação Empreendedora e Liderança, assim como os conhecimentos adquiridos nas disciplinas técnicas. Todo esse conhecimento e experiência direcionam para profissionais de qualidade.

Trabalhando a *forma mentis* dos jovens em paralelo à formação técnica específica, busca-se progressivamente desenvolver neles uma competência competitiva em suas áreas de atuação profissional. Competência competitiva enquanto capacidade de saber fazer algo específico que permite inicialmente a criação de uma base econômica e de autossustento, até se chegar ao “primado de saber e fazer uma profissão específica” (MENEGETTI, 2016, p. 74).

Todo o jovem nasce com um potencial e uma ordem natural, uma força interior em consonância com o Em Si ôntico e o Eu lógico-Histórico. Os

jovens costumam consumir, ao consumismo materialista da sociedade, mas um consumismo de personalidade, de vida, de experimentação excessiva, desperdiçando essa força interior liberando-a de modo incorreto. Há tantas outras formas de experimentação sadias e construtivas como: a música, a arte, o cinema, enfim, culturas gerais de experimentação e elevação do potencial natural. Vivemos em uma sociedade que está à mercê do próximo *Iphone*, pela liberação do próximo computador, a nova TV. É preciso termos bem conceituado de maneira clara, o que é máquina e o que é a pessoa. A ordem natural é que as pessoas sejam usuárias da máquina, não o contrário.

3 OS VALORES DO HUMANISMO

Segundo Buss e Reinert (2009), o Humanismo é conhecido como movimento intelectual que germinou durante o século XIV e no final da Idade Média, e alcançou maturidade no Renascimento. Buscava construir uma nova imagem do mundo a partir da permanência dos valores da arte e cultura greco-romano.

O Humanismo objetiva o desenvolvimento das qualidades do homem, considerando que todas as pessoas têm dignidade e valor, devendo fazer jus ao respeito dos outros. O homem é o centro de seu estudo e, através dessa concepção de mundo, pode-se considerar o Humanismo a origem do pensamento moderno (PAVIANE; DAL RI JR, 2000).

Para Meneghetti (2014) o resgate da Cultura Humanista torna-se um objeto de grandeza de um jovem e, conseqüentemente, de civilização e de progresso social. O autor enfatiza o Humanismo Histórico Civil em quatro principais valores: a vida ativa, a sociabilidade, a liberdade e a dignidade do homem.

a) Vida ativa: o homem é aquele que produz, que faz, não aquele que sonha, que somente pensa, porque a sociedade possui tantas necessidades. Ação em conformidade com aquela intencionalidade de natureza intrínseca ao projeto em situação.

b) Sociabilidade: o sujeito faz parte da sociedade à medida que se relaciona com outros, sua existência deve ser sempre um fazer juntos aos outros. O indivíduo é extraordinário, mas é um ser social, por isso, na sua atividade e existência deve sempre fazer evolução em conjunto com os outros, também estes empenhados em caminhar para construir a dignidade.

c) Liberdade: há uma autonomia, podemos escolher quais outros, qual contexto, qual cultura. Esse valor era fundamental, de fato, o tirano

era considerado o primeiro fora da lei e o pior inimigo da comunidade.

d) Dignidade do homem: o homem deve respeitar o outro homem e sobretudo a si mesmo. O dever de respeito, sacralidade, transcendência, superioridade que todo homem tem defronte, a um outro homem ou a uma outra autoridade qualquer.

De acordo com o artigo publicado no portal do MEC “Reforma da Educação Superior Brasileira”, descreve a preocupação crescente em atender o mercado, não com profissionais especialistas conhecedores de uma determinada atividade, mas com profissionais com características mais humanas. Pois, para Sartor (2004, p. 146) “consiste em salvaguardar o saber e, por isso mesmo, defender o homem do abuso da técnica, bem como do uso inescrupuloso pelo inculto”.

O jovem que paga a própria cultura se responsabiliza: fá-lo para não ser objeto de outros e paga o que escolheu, que o identifica, não o que o torna massa. Por isso, pagar para si a cultura escolhida é uma oportunidade e uma capacidade que depois produz privilégio de si mesmo no mundo (MENEGHETTI 2014, p. 51).

Nesse sentido, percebe-se que a faculdade forma profissionais com qualidade técnica para o trabalho e com capacidade de apreender diante das dificuldades diárias no mundo do trabalho. Acima de toda a qualidade técnica entendemos que a universidade forma pessoas com princípios e valores para si mesmo, com valores humanos, com o objetivo do progresso social do indivíduo.

Por fim, após as reflexões expostas sobre os valores do humanismo, é importante salientar a aplicação desses princípios também nos jovens, os participantes dessa pesquisa, pois esses princípios transcendem a idade do indivíduo. Não são princípios aplicados em uma idade, mas sim princípios que devem ser lembrados e revisitados periodicamente.

4 METODOLOGIA

Esta pesquisa é de abordagem qualitativa exploratória. De acordo com Gil (2007) o objetivo de uma pesquisa exploratória é familiarizar-se com um assunto ainda pouco conhecido, pouco explorado. Ao final de uma pesquisa exploratória, conheceremos mais sobre determinado assunto.

O procedimento de coleta de dados utilizado na pesquisa foi Teste *Forma Mentis*, que é um teste objetivo, com perguntas fechadas. Compostos por 21 questões de múltipla escolha, em sua versão reduzida na língua portuguesa, com três opções, dentre as quais deve - se escolher apenas uma, sendo a maioria das questões relacionadas à situação da vida profissional, e algumas delas em relação a aspectos pessoais. Este teste analisa cinco dimensões de desenvolvimentos em relação à *forma mentis* (ou mentalidade) a saber: a) *responsabilidade*; b) *autonomia*; c) *vontade*; d) *espírito de iniciativa e problem solving*; e) *relação funcional*. A primeira etapa do teste foi aplicada nas disciplinas de Formação Empreendedora, realizados através do sistema educacional da IES no ano de ingresso de cada aluno. A segunda etapa do teste foi aplicada na disciplina de AFO II, presencialmente, no dia 14/06/2017 com 19 alunos. Desses, somente um aluno não havia realizado o teste da primeira etapa, por se tratar de um aluno transferido de outra IES.

Os relatos pessoais foram aplicados nos 19 alunos participantes da pesquisa, no período de aula na disciplina de Administração Financeira e Orçamentária II do Curso de Administração da Faculdade Antonio Meneghetti. Para esta finalidade, utilizamos um texto padrão impresso em folha tamanho A4 onde os alunos deveriam responder o seguinte questionamento: “Elabore um relato pessoal avaliando como estão suas competências e habilidade técnicas nas disciplinas como: Matemática Financeira, Administração Financeira e Orçamentária I, Administração Financeira e Orçamentária II, Introdução à Contabilidade, Custos, enfim, as disciplinas de formação técnica do Curso de Administração?”.

Os sujeitos da pesquisa foram 19 alunos do 6º semestre do Curso de Graduação em Administração no ano de 2017, desses 9 alunos são do sexo masculino e 10 do sexo feminino. Em torno de 80% dos alunos, realizam alguma atividade profissional ou empresarial, concomitantemente com a graduação.

Os participantes da pesquisa assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de acordo com as normas do Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Faculdade Antonio Meneghetti, firmando desse modo o interesse em participar da pesquisa.

Quanto aos procedimentos de análise das informações utilizamos, a análise de conteúdo. Enquanto método, torna-se um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens (BARDIN, 2009).

5 ESTATÍSTICAS DESCRITIVAS E RESULTADOS DO TESTE *FORMA MENTIS*

O questionário *Forma Mentis* é um teste criado pela autora italiana Chiara Mencarelli (2005), em sua pesquisa no curso de Especialização na Universidade Estatal de São Petersburgo- Rússia, com caráter objetivo e com perguntas fechadas. O respondente do questionário depara-se com situações de vida pessoal ou profissional devendo escolher entre elas a alternativa que mais se identifica, dentre as 21 questões existente (na versão reduzida).

Tabela 1: *Resultados do Teste Forma Mentis*

Resultados Teste <i>Forma Mentis</i>	1º Momento Pesquisa			2º Momento Pesquisa			%		
	Baixo	Médio	Alto	Baixo	Médio	Alto	Baixo	Médio	Alto
Responsabilidade	5	7	6	3	9	6	-40%	29%	0%
Autonomia	6	9	3	4	10	4	-33%	11%	33%
Vontade	3	10	5	4	10	4	33%	0%	-20%
Espírito de Iniciativa	6	10	2	3	12	3	-50%	20%	50%
Relação Funcional/ <i>Problem Solving</i>	10	5	3	6	7	5	-40%	40%	67%

Fonte: *Dados Coletados na pesquisa*

Os resultados encontrados no sentido de responsabilidade no primeiro momento da pesquisa os 18 acadêmicos que responderam o questionário 7 alunos tiveram o grau médio, 6 alunos o grau alto e 5 alunos o grau baixo, segundo essa metodologia. No segundo momento dos 18 acadêmicos que responderam o questionário 9 alunos tiveram o grau médio, 6 alunos o grau alto e 3 alunos o grau baixo, segundo essa metodologia.

Considerando as informações expostas na Tabela 1, 50% dos alunos (9) obtiveram uma nota considerado grau médio, seguidos de 33% dos alunos (6) obtiveram uma nota grau alta e 17% dos alunos obtiveram uma nota grau baixo (3). Considerando esses dados é possível verificar que grande parte da turma está enquadrada em grau médio ou alto 83% (15 alunos), e 17% dos alunos esta inserido no grau médio (3 alunos), o que denota que ao longo da formação acadêmica técnica- humanista no Curso de Administração da AMF, têm desenvolvido o seu senso de responsabilidade notadamente.

Para caracterização do Sentido de Autonomia no primeiro momento da pesquisa dos 18 acadêmicos que responderam o questionário 9 alunos tiveram o grau médio, 3 alunos um grau alto e 6 alunos um grau baixo.

No segundo momento da pesquisa dos 18 acadêmicos que responderam o questionário 10 alunos tiveram o grau médio, 4 alunos um grau alto e 4 alunos um grau baixo. Analisando as informações da tabela acima denominado Sentido de Autonomia, 56% dos alunos (10) obtiveram uma nota considerado grau médio, seguidos igualmente de 22% dos alunos (4) obtiveram uma nota grau alta e grau baixo. Considerando os dados apresentados acima é possível verificar que grande parte dos alunos está enquadrada em grau médio e alto 78% (14 alunos), e 22% dos alunos está inserido no grau médio (4 alunos), o que demonstra que a formação no ensino Superior da AMF tem auxiliado no desenvolvimento da autonomia ao longo desses 2 anos.

Já para a caracterização do Sentido de Vontade no primeiro momento da pesquisa dos 18 discentes que responderam o questionário 10 tiveram o grau médio, 5 um grau alto e 3 um grau baixo. No segundo momento da pesquisa dos 18 discentes que responderam o questionário 11 tiveram o grau médio, 6 um grau alto e 1 um grau baixo.

Avaliando as informações da tabela acima que apresenta as respostas caracterizadas de acordo com o Teste *Forma Mentis* como Sentido de Vontade, temos que 61% dos alunos (11) obtiveram uma nota considerado grau médio, seguidos de 33% dos alunos (6) obtiveram uma nota grau alta e 6% dos alunos (1) obteve uma nota de grau baixo. Considerando os dados apresentados acima é possível verificar que a maioria dos alunos está enquadrada em grau médio e alto 94% (17 alunos), e 6% dos alunos está inserido no grau baixo (1 alunos). Considerando essa informação é possível identificar que um percentual significativo dos alunos no que diz respeito ao Sentido de Vontade.

Também para a caracterização do Espírito de Iniciativa/*Problem Solving* no primeiro momento da pesquisa dos 18 discentes que responderam o questionário 10 alunos tiveram o grau médio, 2 alunos um grau alto e 6 alunos um grau baixo. No segundo momento da pesquisa dos 18 discentes que responderam o questionário 12 alunos tiveram o grau médio, 3 alunos um grau alto e 3 alunos um grau baixo.

Analisando as informações da tabela acima denominado como Espírito de Iniciativa/*Problem Solving*, na amostra da pesquisa 66% dos alunos (12) obtiveram uma nota considerado grau médio, seguidos igualmente de 12% dos alunos (3) obtiveram uma nota grau alta e grau baixo. Avaliando os dados apresentados acima é possível verificar que grande parte dos alunos está enquadrada em grau médio e alto 78% (15 alunos),

e 12% dos alunos está inserido no grau médio (3 alunos), o que denota um alto nível caracterizado como espírito de iniciativa/*problem solving* dos alunos estudados.

Por fim a caracterização da Relação Funcional com a equipe de trabalho no primeiro momento da pesquisa dos 18 alunos que responderam o questionário 5 tiveram o grau médio, 3 um grau alto e 10 um grau baixo. No segundo momento da pesquisa dos 18 alunos que responderam o questionário 7 tiveram o grau médio, 5 um grau alto e 6 um grau baixo.

Ponderando as informações do gráfico acima denominado Relação Funcional com a equipe de trabalho, 39% dos alunos (7) obtiveram uma nota considerado grau médio, seguidos igualmente de 33% dos alunos (6) obtiveram uma nota grau alto e 27% dos alunos (5) obtiveram uma nota grau baixo. Todas as demais análises realizadas acima mantiveram-se com os percentuais de grau médio e alto com os maiores valores. No caso da avaliação da Relação Funcional com a equipe de trabalho é possível perceber que as respostas estão mantendo-se de forma homogênea não ocorrendo uma diferença significativa entre eles como os demais, ou seja a quantidade de alunos que apresenta índice baixo, médio e alto é proporcional.

Analisando as respostas do Teste *Forma Mentis* é possível identificar que nas 5 dimensões a maioria das respostas permaneceu entre os índices o médio e o alto. Isso é a constatação da evolução do aluno, vivenciada diariamente em sala de aula pelas pesquisadoras.

6 RESULTADOS DOS RELATOS DOS JOVENS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Avaliando os resultados obtidos através do Teste *Forma Mentis* que utiliza respostas fechadas em seu questionário, a pesquisadora juntamente com a orientadora desse trabalho, consideraram significativo que além dos questionários cada participante realizasse um depoimento, a próprio punho, descrevendo um relato pessoal. O seguinte questionamento: “Elabore um relato pessoal avaliando como estão suas competências e habilidades técnicas nas disciplinas como: Matemática Financeira, Administração Financeira e Orçamentária I, Administração Financeira e Orçamentária II, Introdução à Contabilidade, Custos, enfim, as disciplinas de formação técnica do Curso de Administração?”.

Considerando as respostas dos participantes da pesquisa foi possível identificar alguns pontos em comum que reforçam os resultados obtidos nos Testes *Forma Mentis*, as principais respostas correlatas com as

dimensões do teste: Responsabilidade, Vontade, Autonomia, Espírito de Iniciativa e Relação Funcional, estão descritas abaixo. Além dessas dimensões foi possível verificar outros dois itens recorrentes das respostas: “Facilidade em disciplinas técnicas”, “Dificuldade em disciplinas técnicas”, os relatos por serem realizados de forma “aberta” possibilitaram as respostas com os mais diversos retornos, muitos avaliando o percurso como educadora, seu desempenho como instrumento de aprendizagem, todos devidamente avaliados e analisados visando melhorias nas disciplinas. Dessa forma descreveremos cada um dos relatos com as categorias.

As respostas que identificamos na categoria de **Responsabilidade** que de acordo com o Mencarelli (2005) “responsabilidade está relacionada com a palavra em latim *respondere*, que significa ‘responder, prometer em troca’”. Desta forma, uma pessoa considerada responsável por uma situação ou por alguma coisa, terá que responder se alguma coisa ocorre de forma desastrosa. O discurso dos relatos nos quais identificamos os essa dimensão seguem:

“[...]foi depois que eu montei minha loja que eu comecei a entender mais de todas essas disciplinas. Pois, comecei a colocar em prática, e em números reais, que eu conseguia ver de onde vinham”.(Sujeito 5)

É possível identificar o que a partir de um novo negócio e um aumento de responsabilidade dos alunos que ocorre a mudança de mentalidade. Em outro relato o aluno descreve:

“No novo emprego, cargo de assistente financeiro, estou me descobrindo na área. Posso por em prática o que aprendi e aprender e ser melhor praticando”.(Sujeito 7)

Na mesma linha de raciocínio do relato anterior é possível perceber que a cada novo passo dado o aluno sente a responsabilidade de um novo desafio, mas é evidente no relato que além do aumento de responsabilidade os alunos vislumbram o aumento pessoal que ocorre devido a esse aumento de responsabilidade através do trabalho.

Para a categoria de **Vontade** que de acordo com o Dicionário Michaelis, 1998 é a “faculdade que tem o ser humano de querer, de escolher, de livremente praticar ou deixar de praticar certos atos. Ou a força

interior que impulsiona o indivíduo a realizar algo, a atingir seus fins ou desejos; ânimo, determinação, firmeza”.

Identificamos o discurso a seguir:

“Com o aprendizado estou me desenvolvendo e me aprimorando nas diversas áreas que o curso possibilita, [...]” (Sujeito 8)

“Minhas notas sempre foram boas quando se fala em cálculo pego as coisas fáceis e tenho agilidade com os número, sempre fui de exatas.” (Sujeito 13)

Com isso podemos identificar que quando alinhamos à vontade com o aprendizado o resultado é o aprimoramento do conhecimento. Muitos alunos atribuem a facilidade de conhecimento em exatas, mas como o bom desempenho depende de muita vontade e determinação por parte do aluno, pois essa facilidade descrita seria superficial.

A **Autonomia** de acordo com Meneghetti (2010, p. 161), “significa fazer lei segundo a própria identidade específica”. Para Mencarelli (2005, p. 33) refere-se à capacidade da pessoa de agir livremente e autonomamente, fazendo referência somente ao próprio critério interno. A pessoa com uma *Forma Mentis* justa, é autônoma no sentido que age sem fazer-se influenciar por pessoas ou situações, ou sem que seja necessário a sustentação ou a assistência de um chefe ou de uma pessoa amiga: demonstra de ter autonomia no operar, e isto é relacionado também à autoestima e a maturidade.

Nesse sentido é possível identificar nos relatos pessoais as seguintes frases:

“Mas a cada mês, semestre e ano em que tínhamos disciplinas de formação técnica, fui me descobrindo e vendo que não é um “bicho de 7 cabeças” e sim eu sou capaz de aprender e compreender e repassar para outras pessoas tudo isso” (Sujeito 2).

Também nesse mesmo sentido identificamos o seguinte relato:

“Hoje já tenho 3 anos de estudos e me considero um ser com pensamentos e ações totalmente aprimoradas”. (Sujeito 3)

Com esses dois relatos podemos identificar que a partir do momento que o jovem se dispõe ao aprendizado nas disciplinas em seu curso de Graduação e encara o desafio e descobre que consegue, isso começa a produzir uma autonomia no alunos, os prepara para desafios cada vez maiores seja no contexto da faculdade, que da vida e do mercado.

No Espírito de **iniciativa/problem solving**: a pessoa com espírito de iniciativa sabe ser criativa diante das situações, propondo soluções idôneas aos problemas. Coloca-se em direção ao problema de maneira sintética e resolutive, isto é, sabe impostar o problema e, portanto, a sua busca não é “ao vazio”. Não perde tempo, não é dispersiva, mas concreta em relação ao resultado: é orientada aos resultados, portanto, sabe reconhecer as prioridades e as adequá-la a uma resposta funcional, sem ser influenciada nem por questões morais, sentimentais ou de tradições. Vê o problema como um obstáculo diante do qual permanece passivo, e também como ocasião para estimular a própria inteligência (MENCARELLI, 2005).

O relato do Espírito de Iniciativa identificado foi o seguinte:

“apesar de não ter total domínio sobre o assunto, com certeza evolui muito especialmente nesta última disciplina de Administração Financeira Orçamentária II onde pude colocar em prática a matéria”.(Sujeito 4)

O aluno entende da dificuldade que existe nos conhecimentos das disciplinas, mas com o espírito de iniciativa aliada a vontade foi possível adquirir o conhecimento da disciplina assim como aplicar no dia a dia nos negócios.

Capacidade de relação funcional com os outros significa a capacidade de gerir as relações é uma das qualidades estratégicas no mundo do trabalho e no viver social. A palavra “funcional” especifica que o modo no qual se orquestram as relações no contexto histórico, deve ser funcional, isto é, em vantagem de alguma coisa, em sustentação e referência a um escopo (MENEGETTI, 2005).

Foi possível identificar esse aspecto no relato a seguir:

“A matemática financeira hoje é a que eu mais pratico na minha atuação profissional, pelo fato de ser em uma instituição financeira, mas claro que não devemos desprezar as outras que também tem sua grandeza de aptidão”.(sujeito 10)

Isso tudo são quantificações do saber que foram identificados nos relatos, os aspectos que levam a esse tipo de resposta são muitos, dentro os quais podemos destacar a preguiça, desinteresse, falta de atenção, entre outras. Além das falhas de aprendizado de períodos anteriores, como professora, é possível perceber que alguns alunos possuem um bloqueio a esse tipo de aprendizado/conhecimento por qualificá-lo com dificuldade. Não disponibilizando interesse pelo assunto.

6 RESULTADOS DA MÉDIAS DAS NOTAS DOS ALUNOS NO SEMESTRE

Para o cálculo desse índice utilizamos os dados das médias das notas dos alunos no momento da realização da disciplina de Administração Financeira e Orçamentária I no ano de 2015 com a médias das disciplinas no momento em que os alunos estavam cursando a disciplina de Administração Financeira e Orçamentária II do ano de 2017. Os resultados estão descritos na tabela a seguir:

Tabela 2: *Comparação das Notas*

Nº	1º Momento	2º Momento
1	7,9	8,1
2	8,4	8,9
3	7,9	8,8
4	8,6	8,2
5	8,9	8,3
6	8,7	8
7	8,4	8,5
8	8,9	8,7
9	8,8	8,4
10	0	8,6
11	8,3	8,1
12	7,5	8,3
13	8,6	7,7
14	6,5	7,6
15	8,1	8,4
16	8,7	8,9
17	7,6	8,3
18	7,8	7,9
19	7,4	8,4

Fonte: *Dados coletados na pesquisa*

Avaliando os números que estão apresentados no 2º Momento da pesquisa da tabela anterior que estão grifados, são os alunos que tiveram aumento nas médias das notas do momento em que cursaram a disciplina de Administração Financeira e Orçamentária I (2015), para a Administração Financeira e Orçamentária II (2017). Do total de 19 alunos da amostra, 12 deles aumentaram a média das notas na disciplina e em contrapartida 7 deles diminuíram a média das notas. Considerando esses dados é possível afirmar que 63% dos alunos aumentaram a médias de suas notas, e 37% reduziu a média das notas no decorrer da disciplina de AFO I para AFO II.

Um fato importante é que se ponderarmos as reduções das médias das notas eles reduziram suas médias em casas decimais, sendo que em nenhum dos casos essa redução representou um ponto na média dos alunos. No primeiro período analisado a nota de maior valor é de 8,9 e a menor nota é 0, considerando que esse aluno com a nota zero, não cursou a disciplina de AFO I, e a nota média dos alunos desse período é de 7,7. Já para o segundo período a maior nota é também 8,9 e a menor média é de 7,6 e a média geral desse período é de 8,3.

Verificando e analisando as informações apresentadas nessa pesquisa que integram os valores do Humanismo, que compreendem: vida ativa, socialidade, liberdade, e a dignidade do homem; juntamente com as informações coletadas e produzidas no trabalho: Teste *Forma Mentis*, relatos e as notas dos alunos. Esses dados analisados em conjunto representam características e mentalidades dos alunos que alteraram em decorrência do estudo na AMF.

Acompanhando os alunos do ingresso na Faculdade até o momento onde foi aplicada a pesquisa é possível visualizar os valores Humanismo aplicados no dia a dia do aluno. No momento que ele ingressa na Faculdade passa a entrar em contato com inteligências brilhantes, seja de seus colegas ou professores, esse contato faz com que o aluno viva o primeiro valor do Humanismo a Vida Ativa, que para Meneghetti (2014, p. 57) “fato a verdade se faz agindo agora, não é algo que se crê, espera ou sonha”.

Para a sociabilidade o aluno realiza em conjunto com o grupo de convívio, falo grupo de convívio, pois o aluno além de estar em contato com seus colegas em sala de aula também está em contato com professores, funcionários e grupos de pesquisa da AMF, dessa forma ele faz evolução em conjunto com os outros.

Quanto à liberdade esse aspecto faz referência ao fato do aluno escolher todo o dia durante o período necessário estar na AMF na busca de

um título, que irá lhe servir durante sua existência.

Por fim temos a dignidade do homem Meneghetti (2014, p. 59) descreve “o dever de respeitar a sacralidade, transcendência, superioridade de cada homem ou a uma outra autoridade qualquer” nesse sentido a AMF premia os melhores através de várias competições e disputas realizadas no semestre como a Competição Ambição onde o aluno precisa criar uma empresa em uma semana.

Nesse mesmo sentido dos valores do Humanismo temos as informações coletadas e produzidas pelo aluno através do Teste *Forma Mentis*, dos relatos e das notas já amplamente desenvolvidos e apresentados nessa pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Examinando o período das aulas dentre os dois momentos de aplicação dos testes da pesquisa é possível observamos a diferença no empenho, atitude, formação, postura profissional e pessoal dos alunos. Nota-se a evolução ocorrida nesse período nos 19 alunos da turma. Muitos destes alteraram suas atividades profissionais, desenvolvendo e iniciando novos negócios ou melhorando e adaptando os já existentes. Identificamos essas mudanças em decorrência ao acompanhamento individual que a AMF realiza com seus alunos. Primeiramente foi possível identificar essas mudanças acima, mas o intuito dessa pesquisa foi de investigar “além do que os olhos possam ver”, mas sim o que as estatísticas, testes e relatos descrevem. Através dessas informações chegou-se ao resultado através dos pontos descritos abaixo nessas considerações finais.

Considerando o objetivo geral da pesquisa que é de investigar o aprendizado técnica e o desenvolvimento da *forma mentis*, dos alunos de Administração para atuação profissional fundamentada em valores humanistas, foi possível, primeiramente através da revisão de literatura estudar artigos e textos que trataram da formação dos alunos na Faculdade Antonio Meneghetti. Após a revisão de literatura foi possível identificar *in loco* como acontece uma parte do aprendizado em duas disciplinas técnicas da IES, no curso de Administração. Através dos resultados obtidos é possível identificar a evolução do aprendizado dos alunos, levando em consideração os resultados dos Testes *Forma Mentis*, dos relatos descritivos pelos alunos e evidenciado através do crescimento da média dos alunos em suas notas nas disciplinas

Realizando a pesquisa para levantamento dos objetivos específicos propostos nesse trabalho ficaram assim delineados: 1) Analisar o desempenho dos alunos do curso de Administração no desenvolver das disciplinas de Administração Financeira e Orçamentária I para Administração Financeira e Orçamentária II, no que diz respeito a suas médias de notas no semestre. Através do quadro com as informações das médias dos alunos é possível identificar que ocorreu um aumento da média de 63% dos alunos; 2) Identificar a formação humanista nas disciplinas de Administração Financeira e Orçamentária I e Administração Financeira e Orçamentária II; através dos relatos descritos pelos alunos é possível identificar a evolução em termos de formação humanista alcançadas nos valores do Humanismo: a vida ativa, a sociabilidade, a liberdade e a dignidade do homem; 3) Estudar o desenvolvimento das categorias de responsabilidade, autonomia, vontade, espírito de iniciativa/*problem solving* e relação funcional nos alunos estudados; de acordo com as informações apresentadas nos Testes *Forma Mentis* onde grande partes das categorias apresentou resultado significativo de aumento considerando o primeira para a segunda aplicação.

Um resultado de transformação é possível ser identificado nas mudanças profissionais e postura empreendedora no desenvolver dos semestres da graduação em Administração, o aluno ingressa como uma “joia bruta”, sendo “lapidada” a cada disciplina, a cada novo conhecimento adquirido em sala de aula. Depois de alguns semestres já é possível identificar as diferenças, primeiramente essa diferença é evidenciada na fisionômica do aluno. Existe uma ordem estética em sua aparência refletida através de escolhas assertivas em seu cabelo, roupa, sapato, etc. Após, é possível verificar que essa ordem primeiramente estética é entendida como uma ordem interior dentro dele. Sabe escolher da melhor forma, e ainda sabe colher a correta mensagem interior que lhe dá vida.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, 2009.

BEUREN. I. M. **Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade**: teoria e prática. São Paulo: Atlas, 2003.

BUSS, R. N.; REINERT, J. N. **O humanismo na formação do**

administrador: 2009 caso UFSC. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/aval/v14n1/a11v14n1.pdf>.> Acesso em: 20 out. 2017

CORDENONSI, A. Z.; GOEBEL, M.. **Proposta de autômato finito determinístico para a glosa português-libras**. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE INFORMÁTICA NA EDUCAÇÃO, 12., 2001. Vitória (ES). Anais **eletrônicos...** Vitória (ES): UFES, 2001. Disponível em: <<http://www.inf.ufes.br/~sbie2001/figuras/artigos/a168/a168.htm>.> Acesso em: 21 set. 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

MENCARELLI, C. **Test “Forma Mentis” as na E cient Tool for Selection and Recruitment**^[1]_{SEP}]. Tese de Conclusão de Curso, Especialização em Psicologia, com abordagem em Ontopsicologia, Faculdade de Psicologia, Cátedra de Ontopsicologia, da Universidade Estatal de São Petersburgo, Rússia, 2005.

MENEGHETTI, A. **Cinologia “Educação”** (conferência em vídeo). Recanto Maestro, RS: 2011^a. Acervo Audiovisual Fundação Antonio Meneghetti. Acesso em 07 out 2017.

MENEGHETTI, A. **A feminilidade como sexo, poder, graça**. 5. ed. Recanto Maestro, RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2013a.

MENEGHETTI, A. **Projeto Homem**. 2. ed. Florianópolis: Ontopsicológica Editrice, 1999.

MENEGHETTI, A. **Pedagogia Ontopsicológica**. 2. ed. Recanto Maestro, RS: Ontopsicológica Editrice, 2005b.

MENEGHETTI, A. **Manual de Ontopsicologia**. 4. ed. Recanto Maestro, RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2010b.

MENEGHETTI, A. **Os jovens e a ética ôntica**. Recanto Maestro, RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2013b.

MICHAELIS: **moderno dicionário da língua portuguesa**. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998-(Dicionários Michaelis). 2259p

RODRIGUES, W. C., **Metodologia científica**. Disponível em: http://www.ebras.bio.br/autor/aulas/metodologia_cientifica.pdf. Acesso em: 26 jun 2017.

SARTOR, V.V.D.B. **Humanismo e dos compromissos intergeracionais**. Repensando as Organizações: da formação à participação. Florianópolis: Imprensa Universitária da UFSC, 1981.

SELLTIZ, C.; WRIGHTSMAN, L. S.; COOK, S. W. **Métodos de pesquisa das relações sociais**. São Paulo: Herder, 1965.

SCHAEFER, R. et al. (Orgs.). *Identidade Jovem: a formação humanista de jovens como garantia de sustentabilidade, identidade e protagonismo civil*. PRONAC no 098244/Associação Brasileira de Ontopsicologia. Recanto Maestro: Associação Brasileira de Ontopsicologia, 2011.

SCHAEFER, R. *Formação integral para o protagonismo responsável: as dimensões da formação do jovem no Recanto Maestro*. Disponível em: <<https://saberhumano.emnuvens.com.br/sh/article/view/222>>. Acesso em: 21 jun 2017'.

WAZLAWICK, P. *Para engendrar a técnica de personalidade: resultados da pedagogia ontopsicológica aplicada na formação pessoal e profissional de jovens no ensino superior universitário*. 2014. Monografia: Especialização em Gestão do Conhecimento e o Paradigma Ontopsicológico – Antonio Meneghetti Faculdade, Recanto Maestro, 2014.

WAZLAWICK, P. *Ambiente formativo do Centro Internacional de Arte e Cultura Humanista Recanto Maestro*. Disponível em: < <https://saberhumano.emnuvens.com.br/sh/article/view/169> Acesso em: 21 out 2017'

A TRANSFORMAÇÃO DIGITAL E O MERCADO DE TRABALHO

Tereza Cristina Melo de Brito Carvalho

1 INTRODUÇÃO

As Tecnologias Digitais têm sido adotadas de modo contundente nos mais diferentes setores da economia, criando um impacto enorme nas profissões do mercado: algumas profissões deixam de existir, outras estão sendo criadas e outras estão sendo modificadas.

Como exemplos, pode-se citar o caso das profissões vinculadas ao transporte público: o cobrador e o motorista. Os cobradores estão sendo dispensados dos ônibus públicos brasileiros, pois os pagamentos podem agora ser feitos com cartões magnéticos ou dinheiro, diretamente com os motoristas ou a partir de máquinas ATM. Da mesma forma, tem-se a previsão da substituição dos ônibus atuais por ônibus autônomos, dirigidos por robôs, que não precisariam de motoristas. Se essas profissões são banidas no transporte público convencional, o que esses profissionais farão?

Ainda no mesmo setor de transporte público, o mercado de taxi tem sido ameaçado por iniciativas como a da Uber, 99 Taxis, Easy Taxi, Cabify e outras. Aqui no Brasil, primeiro surgiram a 99 Taxi e Easy Taxi que permitiam aos passageiros chamarem taxi a partir de aplicativos via telefone celular. Essas empresas foram adquirindo cada vez mais clientes devido à conveniência e à maior segurança, pois o passageiro recebia as informações sobre o motorista de taxi antes de aceitar a corrida. Isso levou os motoristas de taxi a adotarem esses aplicativos no seu dia-a-dia para poderem ter acesso aos passageiros que agora não chamam mais taxi via telefone convencional ou na rua. Contudo, muitos dos motoristas são analfabetos digitais e começaram a ter dificuldade de conseguir passageiros por não saberem instalar, usar e mesmo atualizar os aplicativos.

Ao mesmo tempo, chegou no Brasil o Uber que gerou muita polêmica. Trata-se de uma plataforma digital que viabiliza a prestação de taxi por qualquer pessoa que tem um carro e carteira de motorista. Essa plataforma teve uma resposta muito rápida no mercado brasileiro em função da crise e da necessidade das pessoas completarem sua renda (Hoje, o mercado Brasileiro é segundo mais importante no mundo para o Uber). Seguindo essa onda, a 99 Taxis e outras empresas também criaram esse

tipo de serviço. Os protestos dos taxistas e cooperativas de taxi foram muitos, porque consideravam uma competição desleal em virtude das taxas, que os taxistas pagam, além do alto custo do alvará municipal que também precisam ter. Hoje a atuação do Uber e empresas equivalentes está sendo regulamentada, mas os taxistas tradicionais tiveram queda significativa de renda (média de 30%) além de terem que melhorar o padrão de atendimento. Criou-se, assim, um mercado informal de pessoas que se credenciam para prestar serviço de transporte público individual ou compartilhado (várias pessoas podem compartilhar o mesmo transporte numa mesma corrida utilizando tais aplicativos).

De uma forma ou de outra, todas as pessoas, especialmente aquelas que vivem nas grandes metrópoles, participam ou até sofrem impacto dessas mudanças no setor de transporte público urbano devido à introdução das tecnologias digitais nas práticas do dia-a-dia desse setor. A curto prazo, os cobradores deverão mudar de profissão; a médio prazo os motoristas de ônibus e de taxi deverão incorporar na sua prática do dia-a-dia de trabalho o uso de tecnologias digitais e aplicativos; a longo prazo a profissão de motorista de ônibus e taxi deverá desaparecer. O passageiro, por sua vez, terá também que adotar tais aplicativos para ter acesso a qualquer transporte público. Neste cenário, como ficam as pessoas analfabetas digitais?

De modo geral, muitas atividades humanas a médio e longo prazos serão executadas cada vez mais por robôs. No setor industrial, as cadeias produtivas incorporarão de maneira gradual as premissas da Indústria 4.0, em que as tarefas repetitivas serão executadas por robôs. Ficará a cargo dos seres humanos, atividades que demandarão cada vez mais criatividade. A sociedade está preparada para essa realidade? Como a educação está se adequando para preparar esse novo profissional para o mercado?

O principal objetivo desse trabalho é discutir o impacto da adoção cada vez mais contundente das tecnologias digitais nos mais diversos setores da economia nas profissões e a necessidade de retomada da criatividade do humano como fator de competitividade no mercado de trabalho.

Esse trabalho está organizado em cinco seções principais. Esta primeira seção de Introdução traz a motivação e o objetivo do presente trabalho. A Seção 2 discute o Mercado das Tecnologias Digitais no Brasil e no Mundo tendo como base informações estatísticas de diversas fontes. A Seção 3 discute o impacto da Transformação Digital no mercado de trabalho, envolvendo as profissões e a forma de atuação da própria

empresa. A Seção 4 apresenta algumas respostas iniciais aos desafios trazidos por essa Transformação Digital, como base para pesquisas vindouras. A Seção 5 tece considerações finais sobre as oportunidades e os desafios trazidos pela Transformação Digital e sobre a possibilidade de trabalhos futuros correlacionados ao tema.

2 MERCADOS DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS

Essa seção traz uma visão sobre a adoção das Tecnologias Digitais pela Sociedade Brasileira, tanto do lado das empresas como dos domicílios familiares, e mostra o posicionamento do Brasil no Cenário Mundial.

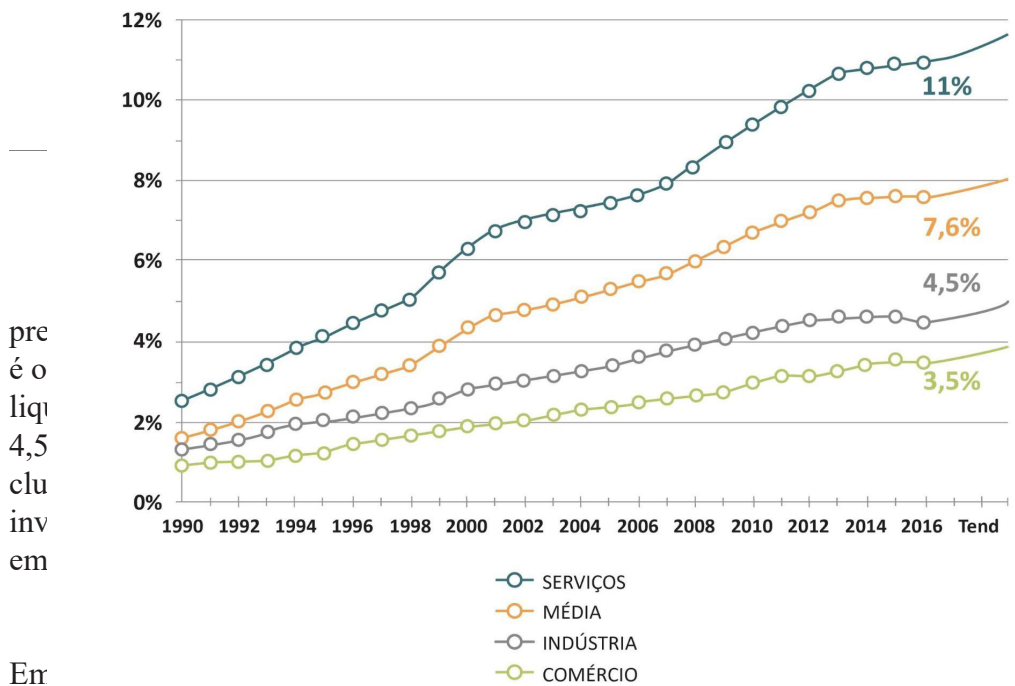
2.1 CENÁRIO BRASIL

No caso do Brasil, serão mostrados dados estatísticos de duas importantes fontes de pesquisa Brasileiras: a FGV (MEIRELLES, 2017) e o CGI (Comitê Gestor da Internet) do Brasil (CETIC 2016 e 2017). Tais dados mostram a digitalização crescente das empresas Brasileiras e o maior acesso do Brasileiro às Tecnologias Digitais seja no escopo das empresas seja no escopo dos domicílios.

De acordo com pesquisa da FGV, em 2016 foram vendidos 12 milhões de computadores, tendo ocorrido um decréscimo de vendas de 15% sobre o ano anterior (Figura 2). Segundo tais estatísticas, ultrapassamos 50 milhões de unidades em uso em 2008 (1 computador para cada 2 habitantes) e ultrapassaremos os 210 milhões em 2020/2022 (1 computador por habitante) (MEIRELLES, 2017). Vale observar que o tempo de vida médio de um microcomputador varia de 3 a 4 anos. No caso de telefones celulares em uso em 2016, o Brasil atingiu 244 milhões de assinantes (cerca de 1,2 aparelhos por habitante), o que representa uma queda de 5,3% em relação a 2015, de acordo com os dados divulgados pela Anatel (Agência Nacional de Telecomunicações). O número de assinantes deve continuar caindo até 2020, quando se estima que haverá cerca 224,6 milhões de assinantes (queda 8% em relação ao final de 2016) (ANATEL, 2016). Segundo (MEIRELLES, 2017), o número de *smartphones* (celulares inteligentes) deve atingir 208 milhões em 2017 (1 celular por habitante). Há uma mudança de hábito de consumo, pois o público mais jovem dá preferência à aquisição de *smartphones* do que de computadores.

Gastos e Investimentos em TI

% Faturamento Líquido - Médias e Grandes Empresas por Setor



Fonte: MEIRELLES, 2017.

Uma outra pesquisa desenvolvida pelo CGI (Comitê Gestor da Internet) no Brasil (CETIC, 2016) mostra que as empresas brasileiras de todos os portes tem investido cada vez mais em redes locais e acesso à Internet. A Tabela 1 apresenta o perfil da amostra realizada.

Tabela 1 – Perfil da Amostra da Pesquisa

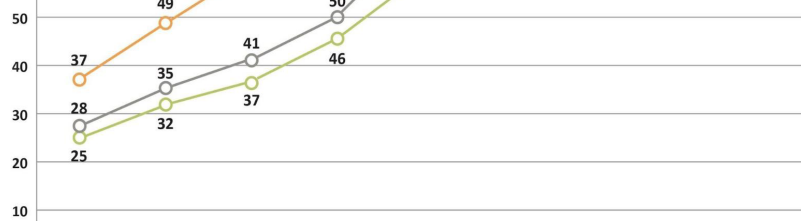
Porte	Número de Pessoas Ocupadas	Número de Empresas
Pequenas	De 10 a 19	2129
	De 20 a 49	1766
Médias	De 50 a 249	1747
Grande	>=250	1358
	Total	7000

Fonte: CETIC, 2016.

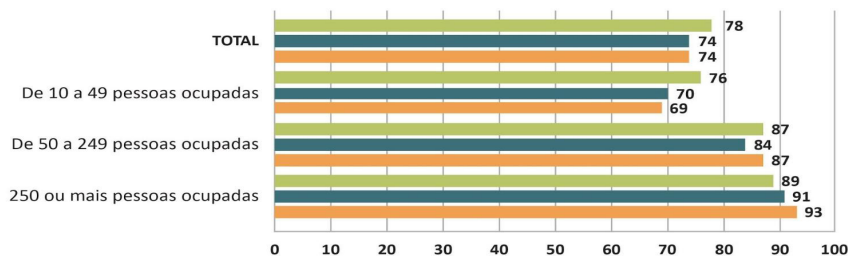
A partir da Figura 3, observa-se que a porcentagem de empresas com rede sem fio vem crescendo paulatinamente de 28% em 2007 a 79%

em
em
cre
to :

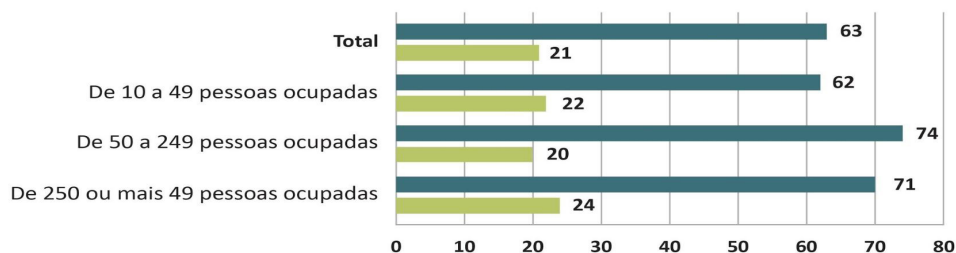
(20



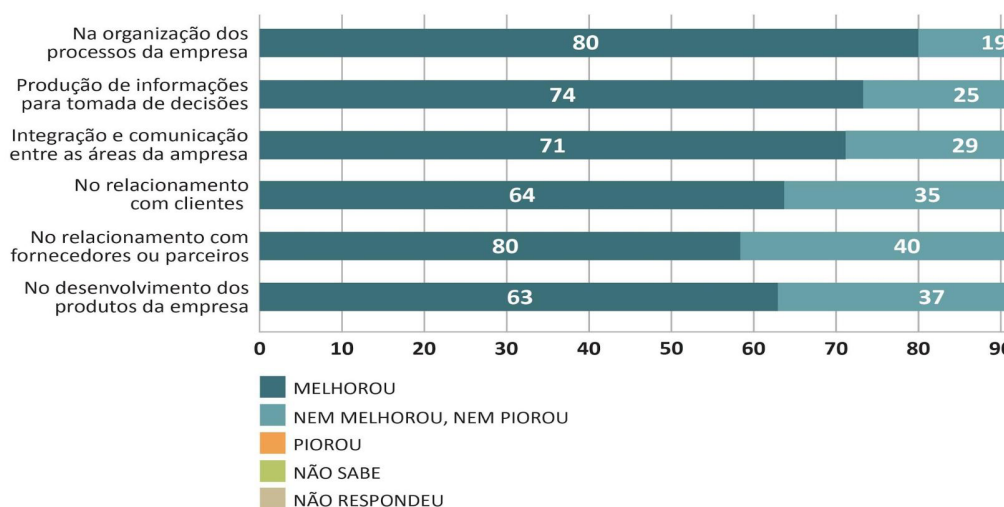
Proporção de Empresas que oferecem Acesso Remoto à Internet (2013-2015)



Proporção de Empresas Brasileiras que Vendem ou Compram na Internet em 2015



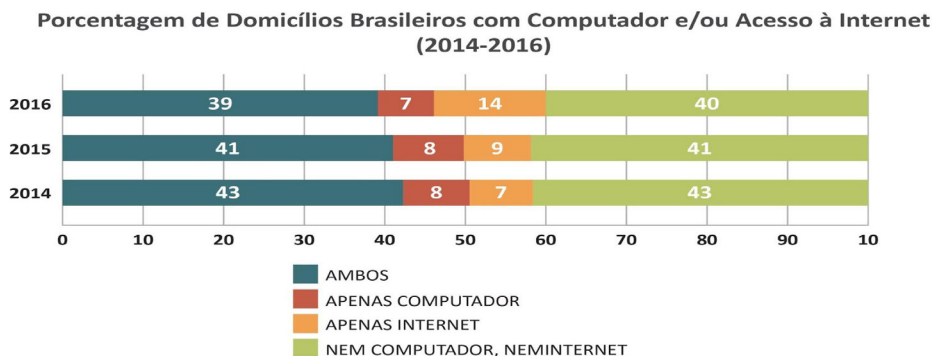
Avaliação do Resultado da Introdução de Softwares Novos ou da Sua Atualização



Fonte: CETIC Brasil, 2016.

Brasil - Domicílios

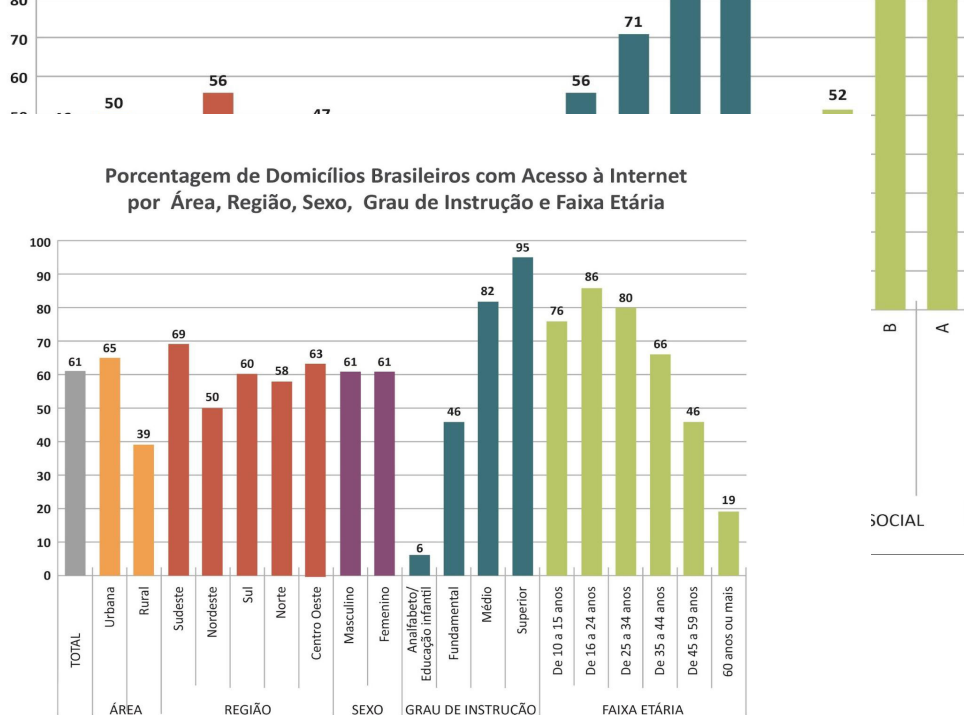
O Brasil. apesar de estar mundialmente bem posicionado em relação



Fonte: CETIC Brasil, 2017

Em relação aos domicílios com computador, na área urbana é muito maior a porcentagem de domicílios com computador do que na área rural, sendo essa porcentagem de 50% contra 20%. Das diversas regiões Brasileiras, aquela com maior porcentagem de domicílios com computador é a Sudeste que desponta com 56%, seguida pelas regiões Sul (47%), Centro-Oeste (45%), Nordeste (33%) e Norte (32%). A Faixa de Renda Familiar superior a 10 SM (Salário Mínimo) é aquela que tem maior porcentagem de domicílios com computador igual a 96%. Isso corrobora com o fato das Classes Sociais B (93%) e A (99%) serem aquelas com as maiores porcentagens de domicílios com computador (vide Figura 8).

A porcentagem de Domicílios com acesso à Internet segue tendência similar à porcentagem de Domicílios com computador. Assim, na área urbana predomina-se a porcentagem de domicílios com acesso à Internet com 65% contra 39% da área rural. Das cinco principais regiões Brasileiras, aquela com maior porcentagem de Domicílio com Computador é a Sudeste (69%), seguida da Centro-Oeste (63%), Sul (60%),



Fonte: CETIC Brasil, 2017.

Segundo (CETIC, 2016), uma porcentagem significativa de 72% da população nunca se conectou à Internet. Os principais motivos são: Falta de habilidade (72%), Falta de interesse (62%) e Falta de necessidade (50%). Outros fatores importantes para a falta de acesso são o alto custo da conexão Internet (45%) e a inexistência de local apropriado (38%). As classes DE são as mais vulneráveis economicamente e tem mais dificuldade de acesso à Internet.

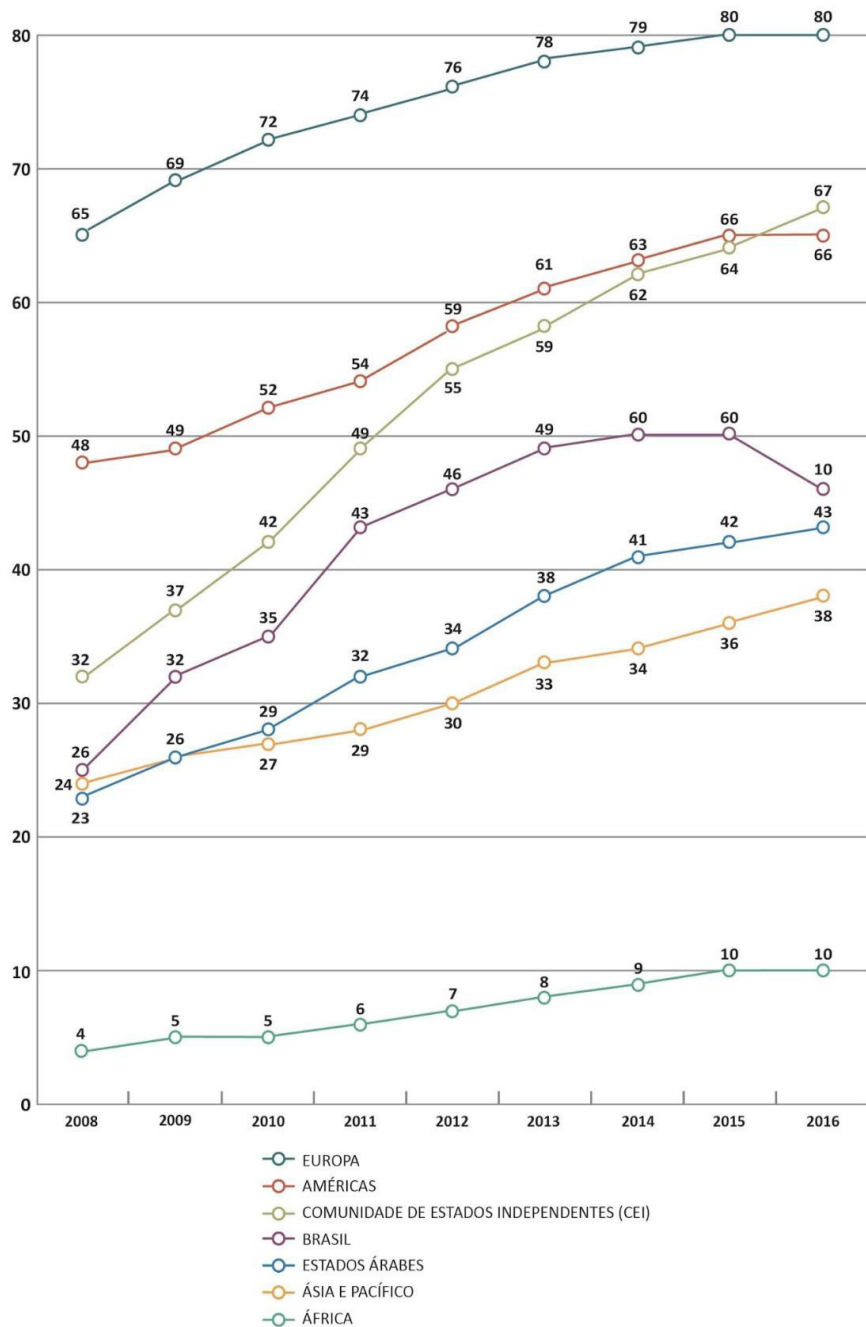
Brasil e Cenário Mundial

Brasil e Cenário Mundial - Empresas

A Figura 10 mostra a porcentagem de Empresas Europeias e Brasileiras que realizam compras na Internet no período de 2009 a 2014. Observa-se que no caso do mercado europeu essa porcentagem está em torno de 40% e no Brasil em torno 20%. Segundo (CETIC, 2016), um fator importante para não-presença na Internet é a inexistência de produto ou serviço adequado para esse meio de comercialização. Outro fator apontado foi a inexistência de funcionários capacitados para atualizarem o *site* e incluir funcionalidades.

Domicílios com computador e no Brasil (2008-2016)

leir

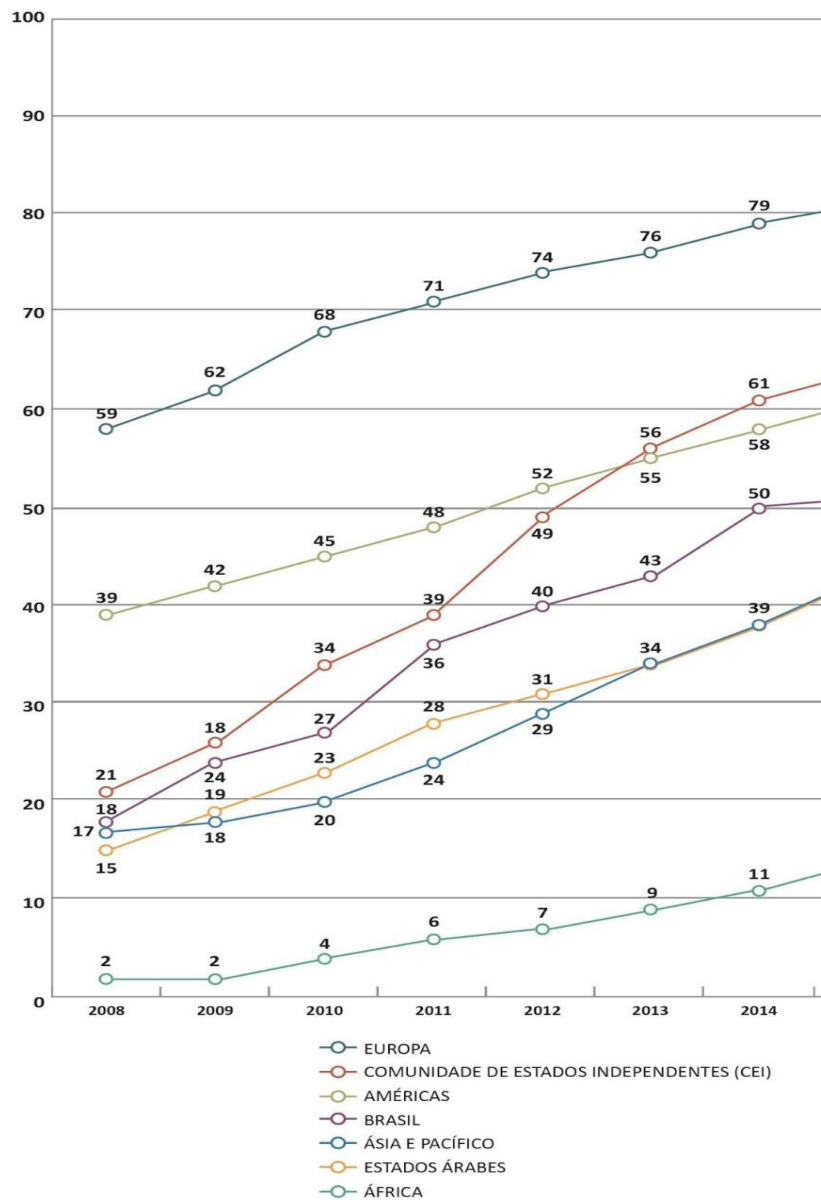


(20

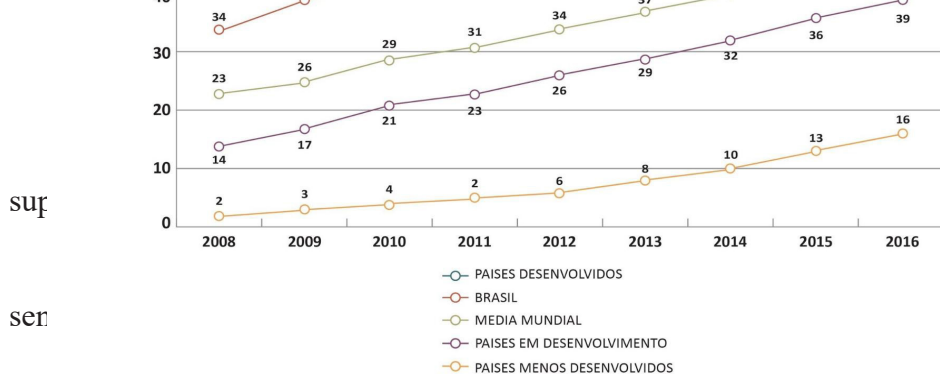
Fonte: CETIC Brasil, 2016.

Figura 13 – Domicílios com Acesso à Internet no Mundo e no Brasil

Domicílios com Acesso à Internet no Mundo (2008-2016)



(2008-2016)



Fonte: CETIC Brasil, 2016.

Transformação Digital e Mercado de Trabalho

Nesta Seção será realizada uma análise sobre os impactos da Transformação Digital tanto nas profissões como nas empresas, discutindo-se as oportunidades e desafios decorrentes desse processo.

Transformação Digital e as Profissões

De acordo com (COOPER, 2002), a digitalização da sociedade cria oportunidades para todos, inclusive para a população mais pobre, por meio de seu empoderamento e possibilidade de gestão de seu próprio negócio. Para isso, contudo, faz-se necessário o seu treinamento e educação:

Nós, como sociedade e como indivíduos, podemos escolher como pensar e agir em relação à revolução digital. Mas uma coisa é certa: para lucrar com os potenciais abertos pela TI - sejam eles quais forem -, precisamos participar dela. Isto é especialmente verdadeiro para os pobres, que já estão excluídos do mainstream econômico, social e cultural. Eles devem ser ajudados a participar do mundo digital de várias maneiras. Na esfera econômica, os pobres devem ser incluídos na economia informacional - como empregados ou como empreendedores. Eles devem receber uma educação melhor, para a qual a TI oferece potencial importante na forma de usos educacionais da Internet, comunicação por e-mail entre professores e alunos e educação em ritmo eletrônico. Na esfera social, também, TI oferece aos pobres urbanos um novo conjunto de oportunidades por causa de duas características únicas - ou seja, seu potencial interativo e natureza descentralizadora. Ao contrário da televisão e do rádio, a TI oferece a oportunidade de interação entre o computador e seu usuário, criando as condições necessárias para o aprendizado

e gerando a confiança e o auto-empoderamento. Computadores, se usados com empatia, podem reduzir o sentimento de incapacidade do pobre e dar-lhe a confiança necessária para o aprendizado contínuo. Da mesma forma, sua natureza descentralizadora oferece aos pobres uma oportunidade de serem empreendedores. Ao contrário das ondas anteriores de inovação tecnológica, como a revolução industrial, a TI se presta a múltiplas variações locais e aos exercícios de múltiplas formas de controle local. Com a World Wide Web, todo usuário tem o potencial de se tornar um grande emissor. Além disso, a nova tecnologia de rede abre potenciais de comunicação até então não realizados. Cada indivíduo tem o potencial para descobrir e fazer conexões com outros indivíduos de interesse e mente similares.

Ao mesmo tempo que a TI cria inúmeras oportunidades, traz, também, diversos desafios. Há uma mudança rápida ocorrendo no tipo de competências tecnológicas exigidas dos mais diversos níveis de profissionais sem uma resposta rápida de capacitação desta mão de obra. Os profissionais não-qualificados são tipicamente analfabetos digitais e veem gradativamente seus postos de trabalho serem substituídos por máquinas ou aplicativos. Por outro lado, os profissionais qualificados começam a fazer uso de TI para automatizar parte de suas tarefas (Por exemplo, gerenciamento de redes de computadores) e sentem a pressão por conhecimento cada vez maior sobre Tecnologias Digitais e sua aplicabilidade na solução de problemas do dia a dia, na criação de produtos e serviços para empresa e, portanto, na geração da inovação. Há tendência de redução de quadro de profissionais qualificados em função da automação parcial de suas atividades. Os gerentes, por sua vez, de posse de ferramentas de suporte a decisão sentem-se mais empoderados pelo fato dessas ferramentas possibilitarem a tomada de decisões mais complexas com menor chance de erro. Tornam-se mais visíveis, também, os resultados sejam eles positivos ou negativos em relação a decisões tomadas e projetos executados. Há tendência de redução de quadro de média-gerência. Os dirigentes, sejam eles proprietários ou não, fazem uso cada vez maior de TI no suporte a decisões e na Governança de TI e da empresa a partir de indicadores de desempenho, que passam a ser cada vez mais visíveis. A Tabela 2 resume segundo diferentes níveis de gestão (Estratégico, Tático e Operacional) os principais impactos de TI.

Assim, torna-se cada vez mais contundente a chamada Divisão Digital, pois os profissionais não-qualificados vão perdendo postos de trabalho e, também, o acesso a novas posições pela falta de capacitação e profissionais considerados qualificados hoje devem continuamente procurar aperfeiçoamento de suas competências tecnológicas para se manterem no mercado. Conforme (SCHEERDER, 2017) mostra, o conceito de Divisão Digital vem se alterando no decorrer do tempo à medida que surgem novas tecnologias e a exigência sobre seu conhecimento vai se tornando cada vez mais alta. Foram definidos 3 níveis de Divisão Digital: o primeiro está relacionado a ter ou não acesso à Internet; o segundo refere-se às competências digitais mais em nível operacional, que permitem o uso mais eficaz da Internet; e o terceiro inclui as habilidades de navegação, i.é, de encontrar, selecionar e avaliar informações na Internet; habilidades sociais, i.é, capacidade de relacionar-se na Internet e adquirir capital social, e, por último, habilidades criativas, i.é, de criar conteúdo de qualidade e compartilhá-lo na Internet.

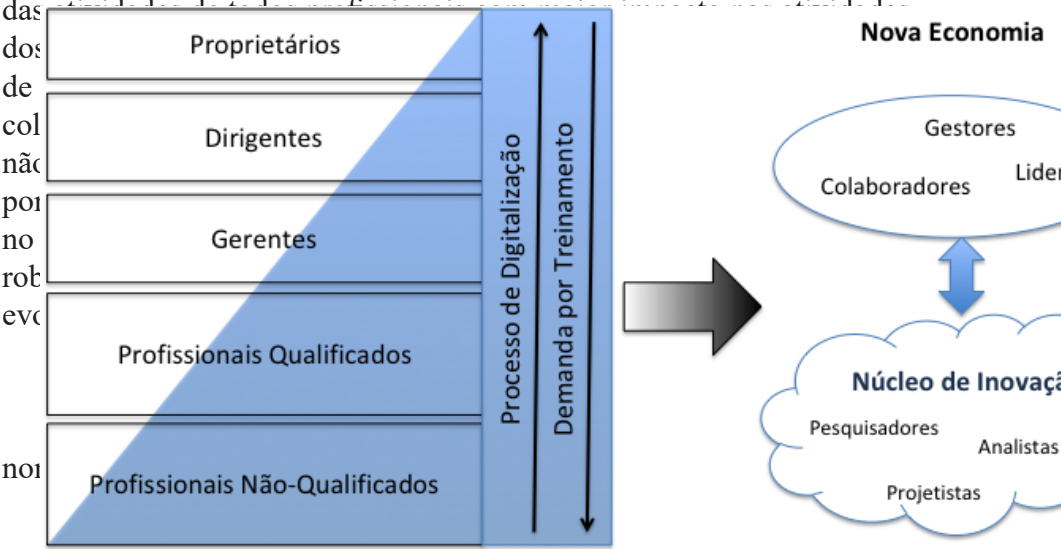
Tabela 2 – Impacto de TI nos Diferentes Níveis de Gestão da Empresa

Função	Nível	Atividades	Papel de TI
Proprietários	Estratégico	● Estabelecimento de Estratégia	● Suporte de Sistemas de Decisão. ● Governança por meio de Acompanhamento de Indicadores.
Dirigentes	Estratégico	● Estabelecimento de Estratégia ● Decisões Estratégicas	● Suporte de Sistemas de Decisão ● Governança por meio de Acompanhamento de Indicadores.
Gerentes	Tático	● Coordenação de Equipes ● Decisões Operacionais Complexas	● Suporte de Sistemas de Decisão ● Visibilidade de Resultados

Profissionais Qualificados	Operacional	• Coordenação e Supervisão de grupos • Decisões Operacionais Básicas • Realização de Atividades Criativas e Repetitivas	• Sistema de Decisão Automatizado. • Uso de Máquinas e Aplicativos para Atividades Repetitivas
Profissionais não-Qualificados	Operacional	• Realização de Atividades Repetitivas	Uso de Máquinas ou Aplicativos

Transformação Digital e as Empresas

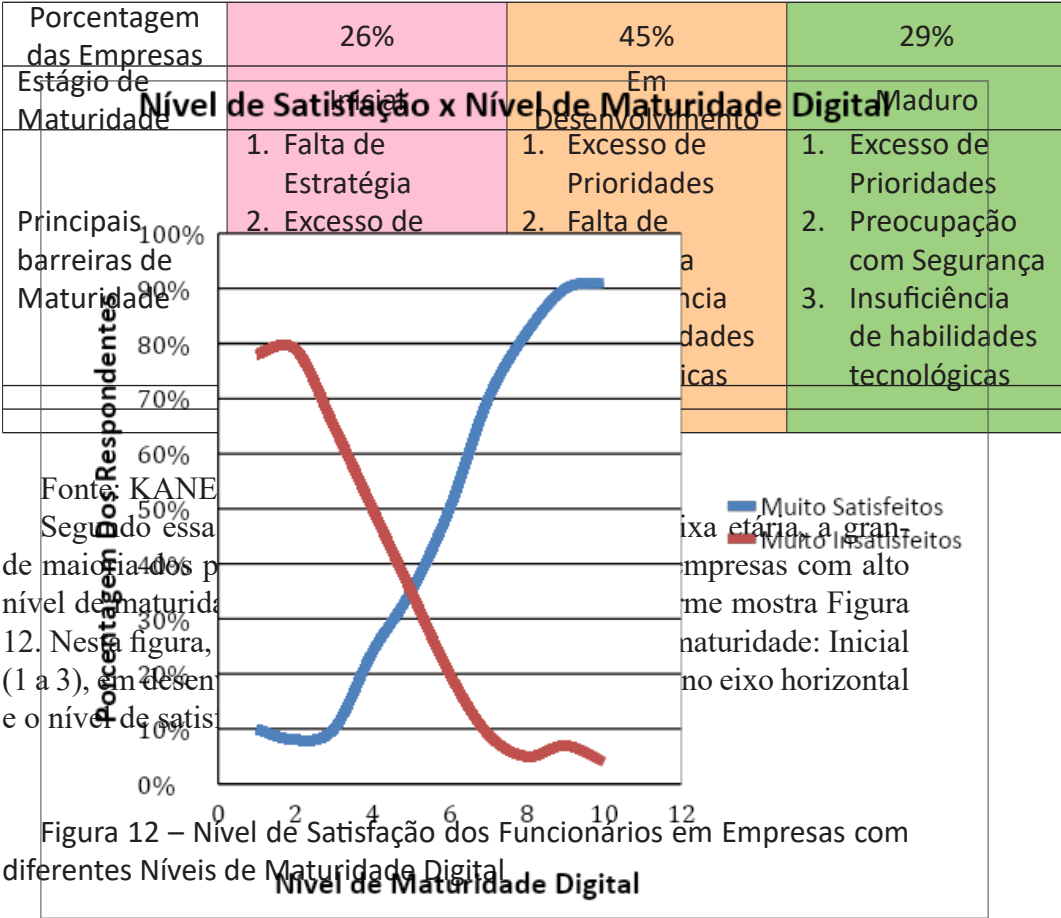
Nas empresas, vem ocorrendo um processo de digitalização crescente



No final de 2014, o MIT realizou uma pesquisa sobre o papel da Transformação Digital nas empresas, envolvendo 4800 executivos, gerentes e analistas de 129 países, incluindo o Brasil, e 27 indústrias (KANE, 2015). Tais empresas foram classificadas segundo diferentes níveis de maturidade de Transformação Digital: inicial, em desenvolvimento e

madura. Foram consideradas empresas com alto nível de maturidade aquelas que possuem uma estratégia digital clara e coerente, desenvolveram a cultura do trabalho colaborativo mais propicia para assumir riscos e trabalham com quatro tecnologias: sociais, mobilidade, computação em nuvem e analytics. Constatou-se, também, que para as empresas em estágio inicial faltam estratégia e alinhamento da liderança com a importância da Transformação Digital. Como mostra a Tabela 3, as empresas em diferentes níveis de maturidade enfrentam barreiras diferentes para implementar a Transformação Digital.

Tabela 3 – Principais Barreiras para Maturidade das Empresas em Transformação Digital



Fonte: KANE, 2015.

De modo geral, pode-se dizer que com a Transformação Digital as empresas se tornam mais eficientes e competitivas em função da maior visibilidade das suas ações e seus resultados ao mesmo tempo em que há maior pressão sobre os colaboradores sobre suas competências tecnológicas e entrega de resultados. Isso é corroborado por outra pesquisa do MIT (WEILL, 2006), que mostra que as empresas com melhor desempenho no mercado são aquelas que tem Governança e visibilidade de resultados.

Resposta aos Desafios da Transformação Digital

De acordo com (MENEGETTI, 1999), aqueles na sociedade que podem fazer dialética para todos são os empresários e políticos. Conforme já discutido, a sociedade estará dividida em dois grandes grupos formados, respectivamente, por pessoas não-qualificadas nas tecnologias digitais e as qualificadas. Essa Divisão Digital deve se agravar com o passar do tempo, pois a cada dia novas habilidades serão requeridas para se inserir no mercado de trabalho, e deve contribuir cada vez mais com as desigualdades sociais (SCHEERDER, 2017).

O grupo de pessoas não-qualificadas, que, em geral, são das classes sociais mais pobres, precisa ter suporte do governo, que poderá criar políticas públicas para garantir a esses cidadãos o acesso à Internet e ao aprendizado de ferramentas que permitam mais facilmente que essas pessoas sejam inseridas no mercado de trabalho. O acesso ao ensino superior e a melhoria da qualidade de ensino em geral são apontados como fatores que devem ser endereçados por essas políticas (PICK, 2015).

Segundo (MENEGETTI, 1999), as classes pobres devem ser mais responsabilizadas que assistidas:

É preciso deixar de privilegiar a pobreza. Por dignidade humana é necessário ajudar e dar toda assistência a quem é pobre, porém, contemporaneamente, é necessário responsabilizar e não gratificar, infantilizando-o, como faz a mídia.

Das pessoas qualificadas será exigida a constante atualização sobre

as tecnologias digitais e seus desdobramentos. A auto-realização dependerá cada vez mais da criatividade necessária para participar dos processos de inovação tecnológica e de negócio das empresas ou de seus próprios negócios. Segundo (MENEGETTI, 2005), criatividade é o atributo de andar além do habitual, comum e natural:

“Criativo” é o homem que produz evolução e funcionalidade futura, pequena ou grande, o indivíduo que, de comum social, começa a ascender a novas funções de outros modelos de sociedade, de solução, de perspectivas, seja no campo da imagem como no campo do real em si.

O homem criativo é aquele autêntico, saudável e exato, que tem como critério de vida o próprio Em Si Ôntico. O homem preso às exigências sociais e culturais, aos estereótipos e aos complexos tem como critério de vida a fixidez do Monitor de Deflexão.¹ Faz-se necessário então a retomada da educação voltada para o Humanismo, em que o homem retoma a verdade de si mesmo como norteador de suas ações (MENEGETTI, 2014).

Esse homem deve ser o líder e o criador para tantos outros indivíduos. Segundo (MENEGETTI, 2005):

O criativo tem necessidade de fazer-se, de experimentar-se, não tem necessidade de gratificações, porque tem necessidade de devir, de concretizar a ação que virtualmente é: esta é sua sede derogável. Ele deve dar fisionomia, identidade histórica àquele potencial que lhe é inerente; se não se desenvolve, não tem resposta.

A inteligência e a intuição desse líder devem sobrepujar qualquer conhecimento advindo da Internet. Na Internet disseminam-se informações não necessariamente verídicas a todos, desde grandes cientistas, famílias ricas até ladrões, que não podem ser ponto de partida para nenhuma empresa e indivíduo que busca o real da vida. A sociedade precisa produzir líderes autênticos que garantirão sua própria sobrevivência e a evolução e crescimento de outros indivíduos e empresas.

Considerações Finais

1 O Em Si Ôntico e Monitor de Deflexão são duas descobertas da Ciência Ontopsicológica (MENEGETTI, 2010)

A penetração das Tecnologias Digitais é uma realidade tanto do Brasil como no mundo em geral. No Brasil, cresce o número de empresas e domicílios que possuem computador e estão conectados à Internet em todas as regiões e em quase todas classes sociais independentemente do gênero. Esses números são expressivos e fazem frente ao mercado Europeu e das Américas, como foi mostrado na Seção 2.

Contudo esses números não garantem a acessibilidade ao mundo informático por todos de maneira igualitária. Existe uma parte da população não-qualificada, que tem capacitação para operações básicas nos meios informáticos. É justamente essa parte da população que realiza atividades repetitivas e passíveis de serem facilmente automatizadas por máquinas e por aplicativos e que aos poucos vai sendo retirada do mercado de trabalho.

A Transformação Digital implica, portanto, na extinção de postos de trabalhos e profissões, mas também na criação de novos tipos postos de trabalhos e profissões que requerem criatividade e capacidade para inovação e trabalho colaborativo. É esse cenário que vivemos hoje e que requer a reeducação e o treinamento da população não qualificada e qualificada para um aprimoramento constante.

Precisamos mais do que nunca de líderes autênticos e criativos, capazes de encabeçar esse processo de Transformação Digital, captando recursos e conduzindo pessoas e empresas ao sucesso.

Trabalhos em Andamentos

Para endereçar os desafios identificados, existem diversas iniciativas em andamento no mundo todo. Mais especificamente no LASSU (Laboratório de Sustentabilidade) da Escola Politécnica da USP tem sido desenvolvido alguns projetos de inclusão digital.

O primeiro deles, denominado Eco-Eletro, ocorreu de 2011-2016 e foi desenvolvido em parceria com Instituto GEA e financiamento da Petrobras. Teve como objetivo treinar os catadores de materiais recicláveis

da grande São Paulo em tratamento de REEE (Resíduos de Equipamentos Eletroeletrônicos) e em noções básicas de microinformática, visando a maior segurança no trabalho do catador e o aumento de renda. Um resultado expressivo obtido foi em relação ao aumento de renda: no início do projeto os catadores ganhavam entre R\$0,25 a R\$0,30 por quilo de REEE e, depois do treinamento, passaram a ganhar R\$3,00 a R\$ 6,00 por quilo (PORTELA, 2015).

Dando continuidade a esta iniciativa, o projeto Descarte Legal, também desenvolvido em parceria com Instituto GEA e financiado pela Caixa Federal, permitiu estender esse treinamento para 11 estados Brasileiros.

Além disso, iniciou-se em 2017 o Programa Paideia, cujo objetivo é treinar jovens do 2º. ou 3º. anos do segundo grau em Programação e Microinformática e aumentar sua empregabilidade. Uma das dificuldades pedagógicas encontradas na execução do conteúdo programático foi o ensino de lógica de programação, que requer conhecimento mais profundo principalmente de lógica matemática. Isso está mobilizando os professores do programa no sentido de complementar a formação dos jovens com as chamadas disciplinas de sustentação: matemática e português. Contudo, outros ajustes no programa são necessários para aumentar o nível de aprendizado dos alunos.

Trabalhos Futuros

Como foi explicado no decorrer deste trabalho, a digitalização das atividades humanas tem criado um grande impacto nas profissões tanto do mercado formal como informal. Como decorrência, não haverá mercado para os analfabetos digitais e daqueles alfabetizados serão exigidos cada vez mais criatividade e postura colaborativa para atividades de co-criação e desenvolvimentos compartilhados. Dentro deste contexto, surgem algumas questões de pesquisa:

Qual é o papel das políticas públicas como facilitador de ações de inclusão digital?

Quais os métodos pedagógicos mais eficientes para alfabetização digital de pessoas de diferentes faixas etárias e classes sociais?

Como fomentar o desenvolvimento da criatividade nas diferentes

fases do processo educacional de um indivíduo durante sua vida?

Essas são algumas questões de pesquisa a serem endereçadas. O uso de estudos de caso pode ajudar a tornar tangíveis todos problemas pertinentes aos desafios identificados.

REFERÊNCIAS

ANATEL. **RA16 – Relatório Anual 2016**. Agência Nacional de Telecomunicações. Brasília – DF, Brasil, 2016. Disponível em: <http://www.anatel.gov.br/Portal/>. Acesso em:

CETIC.br. **TIC Domicílios 2016: Pesquisa sobre o Uso da Tecnologias de Informação e Comunicação nos Domicílios Brasileiros**. Comitê Gestor da Internet no Brasil. São Paulo, SP, Brasil, 2017.

CETIC.br. **TIC Empresas 2015: Pesquisa sobre o Uso da Tecnologias de Informação e Comunicação nas Empresas no Brasil**. Comitê Gestor da Internet no Brasil. São Paulo, SP, Brasil, 2016.

COOPER, MN. **Inequality in the digital society: Why the digital divide deserves all the attention it gets**. Cardozo Arts & Ent. LJ, 2002 – HeinOnline.

CRONIN, B. **Information Professionals in the Digital Age**. The International Information & Library Review. Volume 30, Issue 1, March 1998, Pages 37-50. Disponível em: <https://doi.org/10.1006/iilr.1998.0082>. Acesso em:

KANE, G. C.; PALMER, D.; PHILLIPS, A. N.; KIRON, D.; BUCKLEY, N. **Strategy, not technology, drives digital transformation**. MIT Sloan Management Review, Cambridge – MA, EUA, July, 2015. Disponível em: <https://sloanreview.mit.edu/projects/strategy-drives-digital-transformation>. Acesso em:

PORTELA, F. **O catador eletrônico**. São Paulo, SP: Loqui, 2015. Disponível em: http://ecoeletrofase2.com.br/ecoeletro2/wp-content/uploads/2016/01/2016.01.06_LIVRO_GEA_FINAL_ISBN.pdf. Acesso em:

MEIRELLES, F. S. **Pesquisa anual do uso de TI (Tecnologia da Informação) nas Empresas**. São Paulo, SP: Escola de Administração de Empresas de São Paulo (EAESP), FGV, 2017. Disponível em: <http://eaesp.fgvsp.br/sites/eaesp.fgvsp.br/files/pesti2017gvciappt.pdf>. Acesso em:

MENEGHETTI, A. **O nascimento do eu**. Porto Alegre: Associação

Brasileira de Ontopsicologia, 1993.

MENEGHETTI, A. **Economia e política hoje: Brasil 2000**. Florianópolis: Ontopsicologica Editrice, 1999.

MENEGHETTI, A. **Pedagogia Ontopsicológica**. Recanto Maestro, RS: Ontopsicologica Editrice, 2005.

MENEGHETTI, A. **Manual de Ontopsicologia**. Recanto Maestro, RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2010.

MENEGHETTI, A. **Do humanismo histórico ao humanismo perene**. Recanto Maestro, RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014.

MENEGHETTI, A. **Jovens e a realidade cotidiana**. Fundação Antonio Meneghetti, Recanto Maestro – RS, Brasil, 2017.

PICK, J. B.; NISHIDA, T. **Digital divides in the world and its regions: A spatial and multivariate analysis of technological utilization**. Technological Forecasting & Social Change 91 (2015) 1–17.

SCHEERDER, A.; DEURSEN, A. Van; DIJK, J. Van. **Determinants of Internet skills, uses and outcomes: a systematic review of the second- and third-level digital divide**. Telematics and Informatics. São Paulo: Elsevier, 2017. Disponível em: www.elsevier.com/locate/tele. Acesso em:

WEILL, P.; ROSS, J. W. **Governança de TI (Tecnologia da Informação): como as empresas com melhor desempenho administram os direitos decisórios de TI na busca por resultados superiores**. São Paulo, SP: MBooks, 2006.